

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E SOCIEDADE

MARLON MESSIAS SANTANA CRUZ

**MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE: CONSTRUÇÃO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA CIDADE DE GUANAMBI NA ORALIDADE
DE SEUS PROFESSORES (1950 A 2000)**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
JUNHO DE 2023

MARLON MESSIAS SANTANA CRUZ

**MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE: CONSTRUÇÃO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA CIDADE DE GUANAMBI NA ORALIDADE
DE SEUS PROFESSORES (1950 A 2000)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, como
requisito parcial e obrigatório para obtenção do título
de Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da
Memória

Linha de Pesquisa: Memória Cultura e Educação

Projeto Temático: Memória, Cidade e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta

**VITÓRIA DA CONQUISTA –BA
JUNHO DE 2023**

C963m

Cruz, Marlon Messias Santana.

Memórias de formação e atuação docente: construção da educação física escolar na cidade de Guanambi na oralidade de seus professores (1950 a 2000). / Marlon Messias Santana Cruz, 2023.

184f.

Orientador: Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2023.

Inclui referência F. 173 – 180.

1. Educação Física - Professores. 2. Práticas Docentes. 3. Memória. I. Marta, Felipe Eduardo Ferreira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. III. T.

CDD: 372.86

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Memories of formation and teaching performance: construction of school physical education in the city of Guanambi in the orality of its teachers (1950 to 2000)

Palavras-chaves em Inglês: Physical education; Teachers; Teaching Practices; Memory

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade

Banca Examinadora: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (Presidente), Prof. Dr. Cláudio Eduardo Felix dos Santos (titular), Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves, Profa. Dra. Ester Liberato Pereira, Prof. Dr. Cristiano de Sant'ana Bahia.

Data da Defesa: 16 de junho de 2023

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARLON MESSIAS SANTANA CRUZ

MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE: CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA CIDADE DE GUANAMBI NA ORALIDADE DE SEUS PROFESSORES (1950 A 2000)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade

Local e Data da defesa: Vitória da Conquista/BA, 16 de junho de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta -
Presidente
Instituição: UESB

Ass.: 

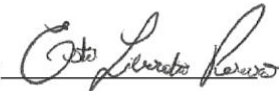
Prof. Dr. Cláudio Eduardo Félix dos Santos
Instituição: UESB

Ass.: Cláudio Eduardo Félix dos Santos

Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves
Instituição: UESB


Ass.: Ana Elizabeth S Alves

Profa. Dra. Ester Liberato Pereira
Instituição: Unimontes

Ass.: 

Prof. Dr. Cristiano de Sant'ana Bahia
Instituição: UESC

Ass.:

 Documento assinado digitalmente
CRISTIANO DE SANT ANNA BAHIA
Data: 19/06/2023 13:21:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

DEDICATÓRIA

Para Letycia, Eduardo e Helena. Obrigado pelo amor, companheirismo e pela paciência. Obrigado por compreender os momentos de ausência e por todo o apoio nos momentos mais difíceis.

“Então eu vou bater de frente com tudo por ela
Topar qualquer luta
Pelas pequenas alegrias da vida adulta
Eu vou
Eu vou pro frente como guerreiro
Nem que seja pra enfrentar o planeta inteiro
Correr a maratona, chegar primeiro
E gritar é por você, amor”

Sim, foi por vocês!

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, que possibilitaram a minha formação em nível de doutorado.

À Universidade do Estado da Bahia – UNEB, pela disponibilidade em tempo integral, e financiamento dos estudos.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, em especial aos colegas da turma de 2019, obrigado pelo incentivo e pelos conhecimentos compartilhados. Ao companheiro Jonatan dos Santos Silva, às companheiras Leila Sala Prates Ferreira, Nádia Cristina Moraes Sampaio Gobira e LÍlian Gleisia Alves dos Santos, que estiveram presentes nesse período de estudos, compartilhando conhecimentos, sentimentos, experiências, emoções.

Ao meu orientador, Professor Doutor Felipe Eduardo Ferreira Marta, pela confiança e pelo acolhimento. Obrigado pelo respeito e pela paciência nesse processo de orientação.

Aos meus professores do curso de Educação Física da UNEB DEDC – Campus XII, Sebastião Carvalho, Mariângela Ribeiro, Marcius Gomes, Francisco Sales, Osaná Macedo, Jorge Adilson, Warley Kelber, Cristiano Bahia, Manoela Barreto, José Antônio Leão, Margarete Conrado, Neuber Leite, Cláudio Bispo, Ricardo Franklin Mussi, Patrícia Mitsuka, vocês são os grandes responsáveis por esta conquista.

Aos Professores e às Professoras de Educação Física, aqui chamados de pioneiros e pioneiras, José Teixeira, Vladimir Borges, Maria Soledade, Vânia Selma, Vandir Leão, Lourival Rodrigues, Mariângela Ribeiro, João Arruda, bem como ao Professor Jorge Adilson Gondim Pereira, obrigado pela confiança e disponibilidade em contribuir, servindo de fontes orais para esta pesquisa, prestando narrativas e, assim, reavivando em suas memórias as histórias de vida e de atuação profissional que viabilizaram o desenvolvimento desta tese.

Aos Professores Cristiano de Sant’ana Bahia, Cláudio Eduardo Felix dos Santos e às Professoras Ester Liberato Pereira e Ana Elizabeth Santos Alves que aceitaram compor a banca deste trabalho, obrigado pela disponibilidade e pelas contribuições para o avanço da qualidade da pesquisa.

Aos colegas Professores e Professoras da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Guanambi, da Escola Municipal Professora Herogina Ferraz, do Colégio Estadual Anísio Honorato Godoy, pelos momentos de aprendizados sobre a profissão.

Estas experiências construíram a minha identidade como Professor, e carrego comigo um pouco de cada conselho e ensinamentos proferidos pelos colegas.

Aos atuais professores do curso de Graduação em Educação Física da UNEB Campus XII, meus colegas de trabalho, em especial a Professora Doutora e amiga Ana Gabriela Alves Medeiros, ao Professor Doutor Nadson Santana Reis, obrigado pelos conselhos e momentos de desabafos, sem dúvidas contribuíram sobremaneira para a consolidação deste trabalho. E a Professora Rosilene Vilanova Cavalcante, obrigado pelo alerta sobre o edital de seleção do doutorado, sem seu aviso, não estaria concluindo essa etapa tão valiosa.

Aos meus Professores e Professoras de Educação Física da minha jornada como estudante da Educação Básica, em nome da Professora Adolísia (Professora no Ensino Médio), agradeço por me fazer ficar encantado pela profissão e pela área.

Aos meus pais, Moisés e Madalena, incluo aqui Almira e Bené, que me acolheram em sua família, obrigado pelo apoio incondicional em continuar minha formação acadêmica.

Ao Centro Espírita Luz no Caminho, sua diretoria e espiritualidade amiga, por me amparar quando precisei de um espaço apropriado para estudos e acolhimento.

A Pedro Alves, ex-aluno, hoje colega de profissão, e mais do que isso, um amigo que a jornada acadêmica me proporcionou, obrigado pela parceria e pelo companheirismo, logo será sua defesa de doutorado também.

A todos e todas que de alguma maneira contribuíram para a realização deste trabalho.

...E a gente chegou muito bem, sem desmerecer a
ninguém
Enfrentando no peito um certo preconceito e muito
desdém...
...Por isso vê lá onde pisa, respeite a camisa que a
gente suou
Respeite quem pôde chegar onde a gente chegou
E quando pisar no terreiro procure primeiro saber
quem eu sou

Respeite quem pôde chegar aonde a gente chegou...

(Flavio Cardoso / Jorge Aragão / Paulinho Rezende)

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar as memórias das ações pedagógicas dos professores e professoras de Educação Física que atuaram em escolas públicas de Guanambi-Bahia, na segunda metade do Século XX. A análise das memórias destes professores e professoras tornou possível vislumbrar os meandros da implantação da Educação Física no município, seu desenvolvimento, os desafios enfrentados pelos pioneiros desta disciplina nas escolas públicas de Guanambi, culminando com a criação do curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade do Estado Bahia - Campus XII. Contextualizar a implementação do referido curso, a partir das memórias, configurou-se em uma importante chave para a compreensão de como a Educação Física estruturou-se no município de Guanambi como área do conhecimento e de intervenção profissional. A abordagem metodológica utilizada ampara-se na pesquisa qualitativa e, por isso, agrega pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Utilizamos a metodologia da História Oral para realizar entrevistas, e por meio delas investigar as tensões e disputas que forjaram as práticas de ensino dos Professores e Professoras participantes da pesquisa. A opção pela história oral como método de pesquisa, neste trabalho, se dá em função de ela permitir uma abordagem sobre experiências diretamente ocorridas durante a vida dos entrevistados e os seus relatos orais, ao propor um diálogo com a Memória coletiva e individual relacionada com o campo de estudo da Educação Física. Como resultado, verificou-se que os depoimentos dos professores e professoras possibilitaram compreender as conexões entre educação, Educação Física, cultura corporal e política e como essas se entrelaçavam com suas histórias pessoais e suas jornadas como docentes na Educação Básica. Esses pioneiros e pioneiras discutiram seu envolvimento com esportes, jogos, brincadeiras e as demais práticas corporais, como esse envolvimento contribuiu efetivamente na escolha da profissão e em suas práticas docentes.

Palavras-chave: Educação Física; Memória; Práticas Docentes.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the memories of the pedagogical actions of Physical Education teachers who worked in public schools in Guanambi-Bahia, in the second half of the 20th century. The analysis of the memories of these male and female teachers made it possible to glimpse the intricacies of the implementation of Physical Education in the municipality, its development, the challenges faced by the pioneers of this discipline in the public schools of Guanambi, culminating in the creation of the Full Degree in Physical Education course at the Bahia State University - Campus XII. Contextualizing the implementation of the aforementioned course, based on memories, was an important key to understanding how Physical Education was structured in the municipality of Guanambi as an area of knowledge and professional intervention. The methodological approach used is supported by qualitative research and, therefore, combines bibliographical, documental and field research. We used the methodology of Oral History to conduct interviews, and through them investigate the tensions and disputes that forged the teaching practices of the Professors participating in the research. The option for oral history as a research method, in this work, is due to the fact that it allows an approach to experiences directly occurring during the lives of the interviewees and their oral reports, by proposing a dialogue with the collective and individual memory related to the field of study of Physical Education. As a result, it was found that the teachers' testimonies made it possible to understand the connections between education, Physical Education, body culture and politics and how these intertwined with their personal stories and their journeys as teachers in Basic Education. These pioneers discussed their involvement with sports, games, games and other bodily practices, how this involvement effectively contributed to their choice of profession and their teaching practices.

Keywords: Physical Education; Memory; Teaching Practices.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABHO	– Associação Brasileira de História Oral
APAE	– Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
BNCC	– Base Nacional Comum Curricular
CEE	– Conselho Estadual de Educação
CEEP	– Centro Estadual de Educação Profissional
CNE	– Conselho Nacional de Educação
CONSU	– Conselho Superior Universitário
DEDC	– Departamento de Educação
DEF	– Departamento de Educação Física
DEFEBA	– Departamento de Educação Física, Recreação e Esportes
DIREC	– Diretoria Regional de Educação
DOE	– Diário Oficial do Estado
DNER	– Diretório Nacional de Estradas e Rodagens
ENEFD	– Educação Física na Escola Nacional de Educação Física e Desportos
EsEFEx	– Escola de Educação Física do Exército
ENPEFES	– Encontro Regional de Professores de Educação Física
FACED	– Faculdade de Educação
FAEG	– Faculdade de Educação de Guanambi
FNDE	– Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
LEPEL	– Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer
OSP	– Organização Social e Política do Brasil
PARFOR	– Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PCN	– Parâmetros Curriculares Nacionais
PTDSS	– Plano de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário do Território Sertão Produtivo
PROESP	– Programa de Formação de Professores em Exercício na Rede Estadual de Ensino
PROGRAD	– Pró-reitora de Ensino de Graduação
REDA	– Regime Especial de Direito Administrativo
UCSAL	– Universidade Católica de Salvador
UFBA	– Universidade Federal da Bahia
UEFS	– Universidade Estadual de Feira de Santana

UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz
UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Inauguração do Colégio Estadual Governador João Durval Carneiro (1984)	44
Figura 2 – Professor José Teixeira Freire.....	58
Figura 3 – Professor José Teixeira Freire.....	58
Figura 4 – Colégio Estadual Governador Luís Viana Filho (1974).....	61
Figura 5 – Professor Vladimir Borges.....	68
Figura 6 – Professor Vladimir Borges.....	68
Figura 7 – Localização geográfica do município de Guanambi.....	138
Figura 8 – Mapa dos municípios do Território de Identidade Sertão Produtivo	140

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Considerações iniciais	19
1.1.1 Abordagem Metodológica	26
2 “O ESPORTE ME LEVOU A SER PROFESSOR...” PERCURSO DE VIDA E A ESCOLHA PELA DOCÊNCIA DOS PIONEIROS E PIONEIRAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	34
3 “MESMO NÓS NÃO SENDO FORMADOS... NÓS DÁVAMOS AULA, NÃO É COMO HOJE...” PRÁTICA PEDAGÓGICA, AÇÕES DOCENTES E A VIDA ESCOLAR DOS PIONEIROS E PIONEIRAS SEM FORMAÇÃO SUPERIOR EM EDUCAÇÃO FÍSICA	54
4 “NÃO É POR QUE VOCÊ É FORMADA QUE É MELHOR QUE NÓS...” MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS DOCENTES DOS PIONEIROS E PIONEIRAS LICENCIADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	96
5 CONTEXTO HISTÓRICO, IMPLICAÇÕES E DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB – CAMPUS XII	137
5.1 “... eu arriscaria dizer que o curso de Educação Física saiu em função desta disputa política...” Circunstâncias políticas e institucionais que viabilizaram a implementação do curso.....	142
6 CONCLUSÃO.....	165
REFERÊNCIAS	173
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	181
ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO	184

1 INTRODUÇÃO

Cada vida é composta por uma sequência de experiências emblemáticas, desafios, aventuras e muitas realizações que contam tanto para o plano individual como para o plano coletivo. A ideia de desenvolvimento desta pesquisa nasceu quando tive conhecimento da publicação do edital 005/2019, que tornou pública a abertura das inscrições para a seleção de candidatos ao curso de Doutorado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Logo, organizei os documentos solicitados no referido Edital e submeti minha inscrição.

Essa história acadêmica começa em abril de 2002, quando iniciei os meus estudos no curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (Campus XII – Localizado na cidade de Guanambi) – momento de grande felicidade, pois tinha a certeza de que ali era o meu lugar e o curso era o que eu queria. Inicialmente fui bem acolhido pelos meus colegas de turma, bem como pelos professores e funcionários do Campus XII, o que criou uma atmosfera ideal para que meus estudos se desenvolvessem.

A minha postura acadêmica perpassava pela prioridade dada aos estudos, de modo que tive algumas experiências de trabalho no decorrer da graduação. Sempre fui apoiado por minha Mãe, que estimulava a me esforçar nos estudos. Durante o curso, sempre estive aguçada em mim a possibilidade de ser professor e estudioso da área da Educação Física, adotando como base de aprofundamento de estudos iniciais as questões referentes à Educação Física Escolar e aos elementos da Cultura Corporal. Este desejo se deu a partir de convites do Professor Sebastião Carlos dos Santos Carvalho a assistir a algumas de suas aulas no Ensino Fundamental e Médio no então Colégio Estadual João Durval Carneiro em Guanambi, hoje Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde e Gestão (CEEP – Guanambi). Isso ocorreu logo quando ingressei na universidade, ou seja, no primeiro semestre acadêmico. Assim, tive contato direto com a escola, e a Educação Física Escolar, trabalhando em jogos escolares e participando como ouvinte das aulas do referido componente curricular. Dessa forma, desenvolve em mim o encanto pelo ambiente escolar.

Além do encanto em atuar no magistério, o período de graduação ficou marcado pelas experiências extra classe vividas de forma intensa, buscando sempre um aprendizado especial em cada momento vivido e espaço ocupado, pois “em educação, nenhuma oportunidade deve ser perdida, tanto para aprender, quanto para ensinar, como para sentir” (MATOS, 2001). Deste modo, tive o primeiro contato com a pesquisa iniciei as primeiras atividades acadêmicas na pesquisa como voluntário, a convite e sob orientação da Prof.^a Dr.^a Patrícia Maria Mitsuka.

Ingressei no Grupo de Pesquisa GAMA (Grupo de Apoio ao Meio Ambiente), o qual desenvolvia estudos e atividades de pesquisa na área de Educação Ambiental. Após um período como voluntário, passei na seleção interna para compor o grupo de bolsistas em pesquisa do referido Grupo. Participei da equipe que desenvolveu o projeto de pesquisa: Levantamento do conhecimento e atuação dos alunos do Ensino Fundamental e Médio sobre a preservação dos recursos naturais (água) do município de Guanambi (BA). A Pesquisa desenvolvida sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Patrícia Maria Mitsuka buscava contribuir para a preservação de recursos naturais – no caso a água.

Outro grande momento de aprendizado foi o período em que ingressei no movimento estudantil, Diretório Acadêmico de Educação Física, Diretório Central dos Estudantes da UNEB e Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física. Estes foram espaços de vivências críticas e formação política, contemplando assim um dos pilares que sustentam a universidade pública, além da vivência no ensino e na pesquisa – esse momento é a vivência na Militância.

Para enriquecer ainda mais a formação profissional, no último ano de graduação prestei a seleção, e fui aprovado para ser monitor do curso pré-vestibular Universidade Para Todos, projeto de extensão desenvolvido pelas universidades públicas do estado da Bahia. Desta forma, contemplei a minha formação inicial com os quatro pilares da formação universitária: ensino, pesquisa, extensão e militância. O entendimento da militância como um pilar da formação universitária é essencial, pois entender a política como uma "construção da realidade social" é enfatizar que a realidade é construída por meio da ação de sujeitos sociopolíticos, situados em determinados lugares e tempos. Terminei minha graduação em agosto de 2006 e continuei meu vínculo com a Universidade, pois ainda participava do programa Universidade Para Todos.

Em 2007, logo após o término da minha graduação, fui convidado para atuar como professor na Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Guanambi. Esse foi um período de crescimento pessoal e profissional, foi a minha primeira experiência profissional como Professor de Educação Física, quando aceitei o desafio de reger aulas em turmas compostas por alunos com deficiência e permaneci no ano letivo de 2007 e início de 2008. Nesse período, cursei a especialização na qual minha experiência profissional foi o baluarte para a pesquisa que culminou na monografia de conclusão de curso. Em maio de 2007 prestei seleção e passei no curso de Especialização em Metodologia do Ensino e Pesquisa em Educação Física, Esportes & Lazer oferecido pela Linha de Pesquisa LEPEL (Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer) na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – momento único de formação profissional e pessoal.

No curso de especialização, tive contato com grandes nomes da Educação Física do Brasil como: Celi Taffarel, Lino Castellani Filho, Roseane Soares Almeida, Cláudio Lira dos Santos Júnior e Michele Ortega Escobar (*in memorian*) – esta última foi orientadora da minha monografia de conclusão do curso – e também professores de outros países como Reiner Hildrandt-Stramann.

Na Especialização, construímos coletivamente – a partir da avaliação da conjuntura, da problematização do ensino, da pesquisa e da explicitação do debate em torno do projeto histórico superador – a unidade teórico-metodológica necessária para consolidar a pesquisa matricial do curso, em torno da qual se reúnem os especialistas para dar respostas em conjunto a problemas científicos vitais, necessários e significativos para a escola e os movimentos de luta no nordeste do Brasil, na área da Educação Física.

Em dezembro de 2007, prestei concurso público para compor o quadro de servidores efetivos da Secretaria de Educação do Município de Janaúba, estado de Minas Gerais. Fui aprovado e logo convocado para exercer o cargo de Professor da Educação Básica nível II (disciplina de Educação Física). Em março de 2008, ingressei no quadro de funcionários públicos da Prefeitura Municipal de Janaúba, atuando na Escola Municipal Professora Herogina Ferraz. Desta forma, tenho meu primeiro contato com alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, 1º ciclo (1º ao 5º ano), desenvolvendo um trabalho fundamentado em uma proposta de Educação Física com um caráter lúdico, com base no eixo temático jogos e brincadeiras e demais elementos da cultura corporal.

O Tio Marlon, como eu era chamado pelas crianças que compunham o quadro discente da escola, sempre procurou despertar valores de solidariedade, cooperação, respeito ao próximo sem deixar de alertá-las para sua realidade no intuito de transformá-la. Não era o “tio” despolitizado, sem entendimento de sua própria realidade, como critica alguns autores no meio acadêmico.

Ainda em 2008, atuei como professor designado (contrato temporário de serviço) no Colégio Estadual José Gorutuba, em Janaúba-MG, substituindo uma professora que estava de licença para tratamento de saúde. Apesar do pouco tempo de atuação, a experiência foi válida, pois tive um contato direto com alunos do Ensino Médio. O município de Janaúba foi o local onde tive as experiências básicas para o ingresso, como professor, no Ensino Superior. No início do ano de 2011, fui convidado pela Coordenação de Pós-Graduação da Faculdade Promove de Janaúba para atuar como Professor no curso de Especialização em Psicomotricidade Relacional. Nessa oportunidade atuei como professor responsável pela produção de apostilas das disciplinas: Desenvolvimento biopsicossocial, Desenvolvimento Psicomotor Inclusão Escolar,

Introdução à Psicomotricidade, Jogos Recreativos e Psicomotricidade e Relações Familiares e Interpessoais. No mesmo curso ministrei aulas das disciplinas: Inclusão Escolar, Jogos Recreativos e Psicomotricidade e Laboratório em Psicomotricidade. Essa experiência foi rica e produtiva, pois ao ter contato com estudantes de pós-graduação, fui instigado a aprofundar os estudos e, como consequência, tive novas oportunidades na área.

Ainda em 2011, fui aprovado em primeiro lugar para o quadro efetivo de professores da Rede Estadual de Ensino da Bahia, no qual fui nomeado e convocado para iniciar as atividades no mês de outubro do mesmo ano – lotado na Diretoria Regional de Educação e Cultura - DIREC¹ 26, e em exercício no Colégio Estadual Anísio Honorato Godoy no município de Serra do Ramalho. Um novo desafio a ser vencido, uma nova cidade, uma nova escola e mais uma vez regendo aulas para alunos do Ensino Médio, onde permaneci até o ano de 2012.

Em janeiro de 2012 surge uma oportunidade para atuar no Ensino Superior, em uma universidade pública. Inscrevo-me na seleção para professor substituto da Universidade do Estado da Bahia, Campus XII em Guanambi. Concorri para ministrar os componentes curriculares: Laboratório de Vivências e Reflexões de Práticas Corporais (Ginástica), Laboratório de Vivências e Reflexões de Práticas Corporais (Esportes Coletivos) e Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Capoeira. A seleção foi realizada em fevereiro do mesmo ano em que fui aprovado em primeiro lugar, minha designação para o cargo de Professor Substituto sob o Regime Especial de Direito Administrativo (REDA) foi publicada no Diário Oficial do Estado da Bahia em 06 de março de 2012. Assim começo minhas atividades como docente em uma Universidade Pública no semestre letivo 2012.1, retornando como professor, dez anos depois, à casa que me recebeu como estudante e me fez ser o profissional que sou.

Em julho de 2013 realizo o Concurso Público para o Cargo de Professor Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia, Campus XII, para os mesmos componentes curriculares aos quais fiz a seleção para Professor Substituto no ano anterior – processo desgastante e dispendioso, porém, muito gratificante. Fui aprovado em segundo lugar e nomeado para o cargo de Professor Auxiliar segundo a portaria de nomeação publicada no Diário Oficial da Bahia em 31 de outubro de 2013. Iniciei minhas atividades como professor auxiliar em novembro de 2013.

¹ Diretoria Regional de Educação e Cultura, órgão do governo do estado, vinculado à Secretaria de Educação, responsável pela gestão da educação nas microrregiões do estado da Bahia. Uma política de governo implementada pelo atual grupo político que governa o estado da Bahia reorganizou as DIREC's e as transformou em NRE's (Núcleo Regional de Ensino).

Em 2015 ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, curso sediado na Universidade do Estado da Bahia (CAMPUS I), onde desenvolvi a pesquisa de Mestrado sob orientação da Professora Dr.^a Maria Olívia de Matos Oliveira. Defendi a dissertação intitulada **Formação docente em Educação Física na UNEB Campus XII: análise de um currículo em ação**, em julho de 2017. A formação em nível de mestrado proporcionou uma aproximação sólida e consistente com a iniciação à pesquisa, pois desenvolvi os estudos do Mestrado ao mesmo tempo em que trabalhava, o que me impossibilitou explorar os campos formativos com mais afinco. Deste modo, foi um período de grande aprendizado, no qual a aproximação com as referências do curso me proporcionou uma melhoria substancial da minha atividade docente.

Também em 2015, um novo desafio na jornada profissional. Após eleição realizada em novembro de 2014, fui eleito e tomei posse como Coordenador do Colegiado do curso de Educação Física – novo momento de aprendizado em que pude me inserir na gestão de um curso universitário. A experiência como Coordenador durou até o mês de agosto de 2019, foram 4 anos e 8 meses de experiência na gestão acadêmica.

A atuação docente é um elemento fundamental para a construção do lugar social do professor, assim, ela deve sempre ser problematizada, analisada e ressignificada de acordo com os sujeitos que dela usufruem e as demandas sociais. A atuação profissional, em especial para o exercício docente, deverá sempre revisitar as suas bases teórico-práticas. Portanto, a educação escolarizada é um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento dos processos de aprendizagem – do conhecimento e da vida – além do auxílio à construção das relações sociais. As ações que visavam ao aprimoramento das diversas aprendizagens foram sendo adaptadas ao longo do tempo, junto a isso, a percepção sobre os estudantes, a educação, assim como o próprio processo de formação dos professores e dos movimentos de profissionalização docente foram alvos de reflexões e de reconhecimento da sua importância perante um contexto geral – econômico, cultural, educacional, social.

Portanto, esse breve resumo da minha trajetória, até o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, para o desenvolver a pesquisa **Memórias de formação e atuação docente: construção da educação física escolar na cidade de Guanambi a partir da oralidade de professores e professoras (1950 a 2000)** vem para situar como a história da minha trajetória profissional converge para a organização desta pesquisa. O seu desenvolver culmina com as experiências formativas ao longo do curso de Pós-Graduação, as contribuições advindas das disciplinas cursadas, das orientações e das contribuições da banca no exame de qualificação convergiram para esse tema e para esta organização final da tese.

1.1 Considerações iniciais

Educar para a emancipação humana é despertar no indivíduo uma forma de compreender e mudar a sua realidade. Assim, considera-se que a produção humana e, conseqüentemente, a produção do conhecimento são orientadas e, em última instância, determinadas por fatores históricos, político-econômicos e sociais. Portanto, a escolha pelo objeto de estudo desenvolvido nesta tese se justifica pela necessidade de aprofundamento de estudos que possibilitem o desenvolvimento de instrumentos do pensamento que nos permite constatar, compreender, explicar e intervir concretamente na realidade.

Assim, considerando que esses conhecimentos podem ser objeto de aprendizagem nos cursos de formação docente, o debate percorre no sentido de que a formação e atuação de professores parte da perspectiva de que a escola é uma instância privilegiada para o desenvolvimento humano. Saviani (1996) aproxima-se dessa visão ao entender que a atividade educativa é imprescindível para a transformação social com base na filosofia da *práxis*. Nesse contexto, a atividade pedagógica da Educação Física assume a característica de inacabada, vinculada à história de vida dos sujeitos em permanente processo de formação, que proporciona a preparação profissional e o estabelecimento da identidade, esta, por sua vez, dar-se-á com o convívio do indivíduo nos mais variados espaços, bem como na busca pelo conhecimento e pela renovação de seus saberes.

Ao se aproximar as assertivas dos parágrafos anteriores com a área da Educação Física, entende-se que o caráter de corpo, e somente corpo, difundido no processo histórico da Educação Física é o fator primordial para a difusão dos inúmeros preconceitos que circundam a referida área no que diz respeito a sua contribuição intelectual, considerando e sendo julgada em seu aspecto meramente prático, sem contribuição e formação completa do sujeito através dessa prática. A esse respeito, Medina (1996) traça um diálogo relevante sobre o dualismo entre corpo e mente, pois apresenta um contexto histórico do ser humano em sociedade, bem como as diferentes formas de produção vividas pelo mundo.

O corpo falado por Medina (1996) nos leva a crer e a afirmar que todos os padrões de beleza e a busca incessante desta são em avaria ao padrão que move tanto o mercado quanto a manipulação do ser ou não ser belo. Portanto, o projeto histórico vigente utiliza de todos os meios possíveis para a conservação das relações existentes – assim o autor fala sobre o corpo associado a essa dominação imposta, e dificilmente compreendida. Para isso, compreende-se que o objeto de estudo da Educação Física é “O conjunto de práticas corporais construídas historicamente pelo homem em tempos e espaços determinados historicamente, sistematizadas

ou não, que são passadas de geração em geração” (TAFFAREL *et al.*, 2005, p. 03), ou seja, a cultura corporal, sendo a Educação Física “Uma disciplina escolar destinada ao ensino de conteúdos selecionados no universo da cultura corporal e ou, esportiva da humanidade, orientada pela teoria pedagógica que procura as regularidades ou o que há de comum no ensino das diversas disciplinas escolares” (TAFFAREL *et al.*, 2005, p. 09). Assim, fazem-se imprescindíveis a realização de análises mais rigorosas e radicais da atuação docente em Educação Física e o estabelecimento de um diálogo com uma teoria pedagógica que reconheça a Cultura Corporal como objeto de estudo da disciplina Educação Física, sem perder de vista os objetivos relacionados com a formação corporal e física dos estudantes, mas também os situando no âmbito da vida real de uma sociedade de classes.

Isso é uma demonstração de compromisso social que propõe superar o atual modelo de organização da sociedade e mobilizar um coletivo fortalecido para romper paradigmas, crenças e convicções previamente estabelecidas e segmentadas que discriminam as pessoas, o que é um desafio não só para as universidades públicas e para os professores de Educação Física, mas também para os demais membros da sociedade e da escola pública que acreditam na necessidade da mudança e da transformação social (CRUZ e BARBOSA NETO, 2010).

O presente estudo se insere entre os que investigam as relações Educação-Sociedade e Práxis Pedagógica. Almeja-se com esta pesquisa o oferecimento de subsídios para uma melhor compreensão a respeito do desenvolvimento da Educação Física enquanto possibilidade pedagógica na região de Guanambi, um conhecimento que pode e deve vir a fazer parte dos planos de ensino dos professores da região. Promover-se-ão assim novas possibilidades a serem desenvolvidas nas aulas de Educação Física, pois professores da área, ao se apropriarem dos conhecimentos disponibilizados nesta pesquisa, poderão refletir sobre suas ações pedagógicas no processo de ensino-aprendizado dos seus estudantes, entendendo-os como sujeitos históricos que se apropriam dos conhecimentos acumulados pela sociedade, para constituir sua própria história com o auxílio do professor e das relações sociais e culturais estabelecidas. Isso faz relação com a concepção de ensino da Educação Física que estabelece a cultura corporal como base para o desenvolvimento pedagógico da Educação Física na escola. Para isso, indica-se a

abordagem Histórico-cultural ² apresentada na abordagem Crítico Superadora ³ como interessante na perspectiva de pensar o estudante em seu processo de desenvolvimento e aprendizado, indicando uma proposta pedagógica historicizadora dos processos psicológicos tipicamente humanos.

Contudo, no desenvolvimento histórico das ações pedagógicas da Educação Física, não é consensual considerar a educação numa perspectiva de formação humana, ou seja, as propostas de organização e seleção dos conteúdos para suas aulas são compostas por uma diversidade de bases epistemológicas conduzindo suas ações. Portanto, a concepção biológica do ser humano (sem uma compreensão mais aprofundada sobre as influências das atividades culturais do sujeito) ainda está presente em ações curriculares da Educação Física na escola. Entretanto, para pensar uma ação docente na Educação Física, em uma perspectiva transformadora, é inevitável não considerar que as pessoas aprendem e reproduzem o que é determinado pelas condições naturais e culturais em que estão inseridas.

Assim sendo, entende-se que uma geração controla cultura e costumes de outras gerações, existindo hegemonias de ideias, que hoje se expressam como crise de consciência, identidade e pertencimento de espaços sociais de exploração e explorados na sociedade. Portanto, a aula de Educação Física na escola não pode ser engessada em uma prática descontextualizada de mundo, deve haver um processo contínuo de reflexão sobre as transformações do contexto que as ações práticas produzem. Assim se reconstruem as percepções, edificando novas teorias sobre as práticas (FRANCO, 2005) e fornecendo as bases para o que chamamos de *práxis*, aqui entendida como atividade teórica e prática, a qual transforma a prática na medida em que a teoria orienta a atividade, e teórica na medida em que esta ação é pensada.

Diante disso, compreende-se que a relevância social do presente estudo pode ser reconhecida pela necessidade de se construir argumentos, como respostas coerentes e consistentes para a defesa da Educação Física como bem cultural e social indispensável ao desenvolvimento da comunidade baiana, especialmente àquela residente em Guanambi. Isso implica a sedimentação de um debate amplo e comprometido [ética e politicamente] com vistas

² É importante notar que a psicologia de Lev Semenovitch Vigotski (1896-1934) está enraizada no marxismo. Para construir uma psicologia voltada para “os processos psicológicos como processos que se produzem histórica e socialmente”, segundo Duarte (2004, p. 13), Vigotski ancorou-se na globalidade do método de Marx. Isso foi feito para afirmar que uma pessoa só pode se desenvolver e se tornar humana quando aproveita o conhecimento que historicamente foi produzido por sua natureza social.

³ A perspectiva defende que, por meio das práticas corporais, podem se desencadear mudanças de hábitos, ideias e sentimentos. Afirma-se a ressignificação do movimento humano como meio de formação e secundarização da transmissão de conhecimentos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

a apanhá-la como necessidade humana.

Como objetivo, esta pesquisa buscou investigar às experiências advindas do desenvolvimento das ações pedagógicas dos professores e professoras de Educação Física que atuaram nas escolas públicas de Guanambi-Bahia entre os anos de 1950 e 2000. Analisa, especificamente, quais relações os professores estabeleceram entre os conhecimentos apropriados no seu período de formação (pessoal e profissional), e a sua atuação profissional no âmbito escolar.

Para isso, mergulhamos nas memórias das ações pedagógicas dos professores e professoras de Educação Física que atuaram em escolas públicas de Guanambi-Bahia na segunda metade do Século XX. Buscou-se edificar uma narrativa histórica sobre a Educação Física escolar, exposta a partir das narrativas de seus protagonistas, aqui chamados de pioneiros e pioneiras da Educação Física escolar em Guanambi. Apesar de se tratar de um extenso período de tempo, tratamos esses atores sociais como pioneiros e pioneiras em função das características expostas em suas ações, ou seja, as ações que envolvem os relatos orais concedidos datam desde o início da década de 1950, até o final da década de 1990, apresentam elementos inerentes de pioneirismo em ações pedagógicas e, até mesmo, no perfil dos professores. Podemos citar como exemplo o primeiro professor licenciado em Educação Física, que começou a atuar no início da década de 1980, quase trinta anos depois da inserção da Educação Física escolar no município.

Para colaborar na resposta do objetivo traçado, elaboramos objetivos específicos que balizaram a análise das narrativas de professores e professoras que contribuiram para a pesquisa. Identificar o perfil pedagógico destes professores e professoras de Educação Física; Mapear as manifestações esportivas, artísticas, culturais, intelectuais e de práticas corporais que formataram a prática pedagógica destes professores e professoras; Analisar os processos de apropriação e ressignificação dos conhecimentos disponibilizados na formação dos professores participantes da pesquisa; Investigar qual a relação que a constituição das abordagens pedagógicas da Educação Física estabeleceu com a prática pedagógica na escola; Conhecer quais as motivações que professores(as) buscaram para atuar no espaço escolar.

Contemplar os objetivos traçados neste estudo requer utilizar a memória dos participantes como uma fonte privilegiada de informação e, também, como um recurso metodológico. Isso tem relação com o fato de que a memória é um dos esteios das identidades, das singularidades e das particularidades de cada sujeito. Estas são, portanto, suportes do ser no mundo – nos países, nos estados, nas cidades, nas comunidades rurais, nas ruas – ou seja, são referenciais que tornam os homens, e as mulheres, sujeitos de seu tempo e de seu espaço, de maneira que não há como aniquilar a relação entre o espaço e a memória.

Delgado (2006) assegura que tempo e memória constituem-se em elementos de um único processo, são pontos de ligação, elos de uma mesma corrente, que integram as múltiplas extensões da própria temporalidade em movimento. A memória, por sua vez, como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram essa temporalidade que marca suas vidas. Tão logo, perceber como estas experiências implicam diretamente nas atividades cotidianas, bem como, supõe olhar com cuidado para essa memória que preserva elementos da experiência coletiva, particular e individual.

Sobre a noção de memória coletiva, Halbwachs (2013) destaca diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a insere na memória da coletividade a que pertencemos. Dentre esses pontos, destacam-se os monumentos (lugares da memória), o patrimônio arquitetônico (que nos acompanham por toda a vida), as paisagens, as datas e personagens históricos (de cuja importância somos incessantemente lembrados), as tradições, os costumes, as regras de interação, o folclore, a música, e, também, a culinária. É nesse contexto que a relação dos sujeitos e das coletividades sociais vividas no seu percurso profissional como professores, bem como as diferentes formas como desenvolveram suas atividades docentes cotidianas, fazem parte da memória socialmente compartilhada, historicamente desenvolvida e coletivamente alimentada.

Nesse sentido, Halbwachs (2013) defende que a memória coletiva reforça a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo. Tal fato o leva a considerar a existência, via memória compartilhada por diferentes grupos sociais, de uma espécie de comunidade afetiva. Essa ideia de comunidade afetiva supõe formas de convivência, interação e relacionamentos inclusive no cotidiano das ações docentes, em especial para fins deste trabalho, na Educação Física Escolar.

Pollak (1989) reconhece a memória como uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações de experiências do passado que se quer salvaguardar, e se integrar, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertença social, e o estabelecimento de fronteiras sociais entre coletividades diferentes. É, portanto, nesse sentido que a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.

Portanto, a relevância do presente estudo também pode ser reconhecida no âmbito da legitimação da Educação Física na escola, ampliando a compreensão das transformações que ocorreram historicamente na área, e os ajustes a que estão sujeitos os professores. Acredita-se que são necessárias mudanças significativas no cenário pedagógico, social e político da

Educação Física como área de conhecimento e intervenção, e diante dessa situação, a formação de profissionais com posturas críticas e reflexivas, em relação aos conceitos que se têm do conhecimento em torno dos campos de atuação da Educação Física se torna ainda mais imperiosa.

Para o desenvolvimento da pesquisa, traçamos como problema: Quais as representações e concepções de Educação Física foram desenvolvidas e propagadas pelos professores e professoras na época? A partir desta questão, interessou-nos indagar também: Quais intervenções pedagógicas foram realizadas? Quais aproximações podem ser feitas entre a ação docente, a conjuntura política e social, e as abordagens metodológicas da Educação Física surgidas nesse período? Portanto, para estimular as reminiscências de professores e professoras sobre suas práticas docentes, buscamos em seus relatos orais as respostas referentes a tais questionamentos.

Acredita-se que a busca pelas respostas ao problema de pesquisa empreende uma compreensão histórica de contradições, conflitos e tensões que demarcaram o desenvolvimento das ações pedagógicas da Educação Física em Guanambi, nos períodos relatados pelos depoentes, pois possibilita a ampliação do campo de conhecimentos, e assim, permite compreender com mais afinco, um movimento contrário ao processo de desinvestimento pedagógico da Educação Física na escola. Porém, é necessário frisar que esse movimento não é exclusividade da Educação Física e sim da educação como um todo, e de uma forma mais aguda na educação pública. Portanto, alerta-se para a necessidade de reflexões permanentes sobre as inúmeras possibilidades de experiências escolares, no tempo e no espaço das aulas de Educação Física, principalmente no que diz respeito aos seus objetivos, à problematização das práticas corporais, à variedade dos conteúdos, às abordagens metodológicas, aos processos de avaliação, dentre outros aspectos, que buscam qualificar e legitimar o referido componente curricular.

Compreende-se que, ao analisar a atividade docente destas professoras e destes professores, permitiu-se nos debruçar na reflexão sobre a formação e atuação docente, isto se torna necessário porque a posição que o professor e a professora assumem a esse respeito tem repercussões imediatas em três âmbitos fundamentais da sua prática pedagógica: do trato com o conhecimento, da formação do pensamento teórico-científico dos estudantes e da avaliação do seu rendimento. Também, o reflexo dessa prática pedagógica pode resultar na ampliação do espaço de contestação à função social da escola, ou no fortalecimento da reprodução do *status quo*, que determina a forma e o conteúdo dessa instituição.

A delimitação do problema desta pesquisa exigiu um procedimento investigativo para reconhecer a área de interesse, distinguir produções significativas na área e identificar onde se

encontra a fronteira do conhecimento. Após delimitar o problema, levantamos pressupostos que foram contrastados com dados teóricos e dados da realidade que levantamos no decorrer da pesquisa. Logo, o estudo em questão centrou o seu olhar sobre os processos de apreensão e recuperação de memórias das experiências pedagógicas de professores e professoras que nos concederam suas entrevistas e assim compartilharam conosco suas memórias

A abordagem que se adotou no trato com as entrevistas tem seu esteio nos estudos de Soares e Crusoé (2017), ampliam o conceito de memória no sentido de abarcar elementos que constituem as lembranças e os fragmentos. Para as pesquisadoras, o uso da memória constitui importante instrumento metodológico no sentido de incorporar a versão dos sujeitos que até então estavam desprivilegiados, marginalizados e alijados da história oficial. Tais sujeitos, lamentavelmente, continuam amargando a invisibilidade na avaliação dos serviços públicos e no planejamento das ações das políticas públicas. Esses processos guardam relação, entre outras coisas, com a desvalorização da memória, da experiência, das identidades, das territorialidades – uma questão que a história oral⁴ e os estudos da memória tentam reparar.

A Memória é um fenômeno multimodal, portanto vislumbra possibilidades de pesquisas que tratam da atuação docente como objeto de análise. Para compreendê-la, busca-se referência em pensadores que desenvolvem e desenvolveram seus estudos neste campo teórico. Pautados nos estudos da memória, os relatos de memória dos professores e professoras tratam de uma memória social, por estarem relacionadas às experiências que cada um viveu em seu grupo social determinado, atribuindo isso às recordações partilhadas.

O historiador Pierre Nora (1993) pondera nesse sentido que a memória é atribuída aos lugares, nesse sentido indica uma diferença fundamental entre memória e história. Para o autor, a história se configura enquanto reconstrução daquilo que não existe mais, sendo artificial e sem sentido de continuidade do presente em relação ao passado. Em contrapartida, a memória trata das vivências cotidianas relacionadas aos hábitos que sobrevivem ao longo do tempo e não desaparecem de forma radical por ter continuidade e constantes reinvenções.

Dessa forma, os estudos de Nora (1993) contribuíram no sentido de considerar os vestígios de memória que vão desaparecendo de forma acelerada devido ao ritmo da vida contemporânea. Caso eles, os vestígios de memória, deixem de existir, os locais de memória vão fazer com que ela não desapareça, já que, para este autor, a memória verdadeira é abrigada no gesto, no hábito, nos ofícios que se transmitem pelos saberes do silêncio e nos saberes do corpo.

⁴ Esse tema será abordado com mais detalhes na sequência do texto.

Segundo Halbwachs (2013), a memória coletiva é determinada pela indissociabilidade do tempo e do espaço na memória, portanto o tempo da memória só se materializa em um determinado espaço de resistência na memória. Deste modo, a ação corporal desenvolvida na Educação Física, em especial na Educação Física escolar, é uma atividade corporal consciente, dotada de sentido e significado.

Desta forma, a concepção de Educação Física exclusivamente voltada para as atividades de práticas corporais, difundida no seu percurso histórico, circunda a referida área, conseqüentemente no que diz respeito a sua contribuição “intelectual”, vem sendo subjugada em seu aspecto meramente prático, sem contribuição e formação completa do sujeito através dessa prática. Nessa perspectiva, a atividade teórica da Educação Física, por si só, não se materializa, não sendo, pois, *práxis*. Por outro lado, a prática também não fala por si mesma, ou seja, teoria e prática são indissociáveis como *práxis*. Assim, destaca-se a importância da tríade ação-reflexão-ação, tendo em vista a necessidade de o docente refletir na e sobre sua prática, o que lhe permite construir os saberes necessários, e uma postura crítico-reflexiva para uma atuação profissional qualificada.

Ainda segundo Halbwachs, a memória coletiva se relaciona com fenômenos e ideias coletivas por meio de significados e acontecimentos de diversos grupos da sociedade chamados de quadros sociais da memória, que englobam características de interesses de diferentes grupos. Existem os quadros gerais, que são o tempo, o espaço e a linguagem e também os quadros específicos, como a família, a religião e as classes sociais (HALBWACHS, 2004).

Portanto, analisar e desenvolver as ações pedagógicas da Educação Física no campo da Cultura Corporal como seu objeto de estudo, não significa perder de vista os objetivos com a formação física, corporal, dos estudantes, mas recolocá-lo no âmbito espaço-temporal, por intermédio de uma reflexão crítica da realidade. É nesse contexto que a relação dos sujeitos e das coletividades sociais com o esporte e o lazer, bem como as diferentes formas de cuidar e se relacionar com o corpo, fazem parte de uma memória socialmente compartilhada, historicamente desenvolvida e alimentada comunitariamente.

1.1.1 Abordagem Metodológica

No que tange à abordagem metodológica, destacamos que foi um estudo de natureza qualitativa composta por uma robusta fundamentação bibliográfica, leitura de documentos e pesquisa de campo, esta última considerada como uma etapa essencial da pesquisa qualitativa, que a rigor não poderia ser pensada sem esta etapa (MINAYO, 2003).

Sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (2003) diz que se trata de uma atividade da ciência que visa à construção da realidade, bem como que se preocupa com a apresentação da realidade estudada em um nível que não pode ser somente quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros constructos profundos das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Para isso, utilizamos a metodologia da História Oral para compreender as tensões e disputas que forjaram as práticas de ensino de Professores e Professoras participantes da pesquisa.

Segundo Antunes (2008), a essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito às versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais ou como as vozes – exatamente iguais. (PORTELLI, 1997).

Pensar a História Oral como recurso metodológico em pesquisas acadêmicas implica em uma série de características e especificidades a serem observadas pelo pesquisador. No desenvolver do tempo, as narrativas orais, como fonte para as pesquisas, ganharam espaço e forma nas pesquisas no campo da Memória. Nas pesquisas em Educação Física, este método pode trazer uma compreensão mais elaborada da especificidade da área e as nuances da atuação docente no contexto escolar, bem como da atuação profissional no campo não escolar. Isso significa demonstrar de forma mais clara a compreensão que os professores têm sobre as manifestações da cultura corporal que formatam a sua atuação profissional.

Lançar mão da História Oral como método pressupõe abordar o uso da oralidade como ponto fundamental na elaboração da trajetória da memória social como objeto de investigação, que possibilita, em última instância, uma nova inteligibilidade do passado recente, uma vez que:

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história, ao romper com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer, de forma inequívoca, que o passado é construído segundo as necessidades do presente, chamando a atenção para os usos políticos do passado. (ALBERTI, 1990, p. 16).

Assim, a opção pela história oral como método de pesquisa neste trabalho se dá em função de ela permitir uma abordagem sobre experiências diretamente ocorridas durante a vida dos entrevistados. Os seus relatos orais, ao se propor um diálogo com a Memória coletiva e

individual, relacionado com o campo de estudo da Educação Física, permitiram discussões teóricas relevantes para a pesquisa. Portanto, ao resgatar aspectos da narrativa de vida dos indivíduos acerca da sua formação pessoal e profissional, e do seu percurso profissional como professores de Educação Física, consente fortalecer a base teórica deste estudo e criar subsídios para novas investigações a partir dessa temática.

É importante esclarecer que a técnica utilizada não tem a intenção de afirmar de forma conclusiva os resultados, mas desenvolver um processo de compreensão para o problema aqui estudado, com o propósito de contribuir positivamente para a formação e consolidação de um debate que tem como marco referencial a crítica à realidade atual, e a busca de elementos superadores na perspectiva da formação humana emancipatória.

As entrevistas realizadas foram gravadas por um gravador de voz no intuito de captar todos os detalhes dos depoimentos prestados. Segundo Gil (2009), a entrevista é provavelmente a mais importante dentre as técnicas utilizadas para o levantamento de informações da pesquisa. Ainda em Gil (2009), existe a necessidade em ressaltar que, neste tipo de delineamento, os resultados das entrevistas só são fidedignos quando são contrastados com os decorrentes da utilização de outros instrumentos complementares, como a observação e a análise de documentos.

Tal método é bastante comum em estudos da História Oral, uma vez que os questionamentos planejados previamente para as entrevistas possibilitam novas hipóteses, surgidas a partir das respostas dos informantes. Dessa forma, o investigador tem um estudo em constante evolução, pois as questões iniciais das entrevistas surgem apenas como uma proposta inicial de diálogo – uma vez que novas ideias e possibilidades podem surgir à medida que a entrevista se desenvolve. Porém, essas questões iniciais também objetivam evitar a fuga do assunto proposto.

A entrevistas foram realizadas conforme as recomendações dos órgãos de saúde pública, em função da pandemia causada pela Covid 19, prezamos pelo distanciamento e todos os cuidados necessários para evitar um possível contágio. Apenas uma das entrevistas foi realizada por intermédio de uma plataforma digital, a Microsoft Teams. As demais foram realizadas presencialmente, com uso de máscaras por todas as pessoas participantes e higienização dos equipamentos.

Sendo assim, a entrevista “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade” (TRIVIÑOS, 2007, p. 152), além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações. Desta forma, a exposição dos dados obtidos deverá contemplar as exigências de uma reflexão

filosófica, isto significa a consideração da totalidade, com radicalidade e conjunto.

A Associação Brasileira de História Oral (ABHO) promove discussões contínuas sobre a ética em pesquisa da História Oral. Segundo a ABHO (2022), inscrever um corpo de princípios e valores referenciados social e historicamente em seus usos, práticas, experimentos e vivências na prática acadêmica é o papel da ética como eixo norteador dos princípios com maior validade e capacidade de resposta na história oral. A ética não se limita a procedimentos de regulação burocrática de base institucional que não levam em conta a história de como essa metodologia foi desenvolvida. Ética em pesquisa na história oral serve como um meio neutro para qualquer pesquisa preocupada com a catalogação e interpretação da memória coletiva sem referência a um conjunto formal de regras (ABHO, 2022).

Ao orientar pressupostos éticos para o desenvolvimento dos estudos em pesquisa da História Oral, a ABHO reconhece que a ética é utilizada na narração oral da história, além dos fatores que contribuem para sua criação e seu desenvolvimento como metodologia no estudo das ciências humanas e sociais, em diálogo com os saberes que a fundamentam. Ela é, assim, mediadora de seu próprio trabalho científico e se engaja nas transformações sociais e científicas mencionadas, sem ter que se submeter acrimoniosamente a qualquer corpo de procedimentos propostos por sujeitos, instituições ou organizações fora de seus próprios meios disciplinares. Na História Oral, a ética ainda se caracteriza pelo desenvolvimento de conhecimentos fundamentais para a defesa dos direitos humanos, da democracia e da cidadania (ABHO, 2022).

Portanto, a presente pesquisa atende aos requisitos éticos, porque apresentou os documentos que respondem às demandas de segmentos acadêmicos e burocráticos que compreendem as pesquisas em História Oral no campo das ciências humanas. Quanto aos cuidados éticos, foi disponibilizado para os entrevistados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual apresentava as informações da pesquisa, bem como a autorização para a sua gravação. Foi disponibilizado também o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimento, os respectivos documentos foram assinados por todos os entrevistados e as entrevistadas, disponibilizados em duas vias – uma ficou de posse dos entrevistados e entrevistadas, e a outra via com o autor da pesquisa. Após realização das entrevistas, foram feitas as devidas transcrições. Estas foram enviadas para cada entrevistado para conferência e autorização de uso no presente trabalho.

Ao desenvolver o estudo com base na História Oral, que, segundo Porteli (1997), possibilita ao pesquisador obter informações detalhadas advindas das experiências, vivências e narrativas de vida dos entrevistados, propomos aproximar a discussão do campo teórico da memória, mais especificamente, nas ideias de memória coletiva, categoria desenvolvida por

Halbwachs (2013) para explicar aspectos sociológicos da memória. As narrativas de vida dos professores e professoras de Educação Física, atores principais da pesquisa, tornam-se de grande importância para a compreensão do tempo e momento em que determinados fatos aconteceram, até mesmo aqueles anteriores à formação profissional, já que é necessário deslocar as lembranças mais significativas para recomposição das memórias individuais e coletivas dos indivíduos.

No debate teórico que desenvolvemos neste estudo busca-se, trilhando o caminho da abordagem de pesquisa qualitativa, o diálogo com os temas inerentes a formação e atuação docente em Educação Física, para assim analisar as nuances e implicações das atividades docentes dos professores e professoras de Educação Física que atuaram em Guanambi.

Estudo de cunho qualitativo, assim a pesquisa qualitativa, trata-se de uma atividade da ciência, que visa à construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros construtos profundos das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2003).

Estas análises buscaram evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores. Em síntese, a elaboração da análise, propriamente dita, segundo Marconi e Lakatos (2010) é realizada em três níveis:

1. Interpretação. Verificação das relações entre as variáveis independente e dependente, e da variável interveniente (anterior à dependente e posterior à independente), a fim de ampliar os conhecimentos sobre o fenômeno (variável dependente).
2. Explicação. Esclarecimento sobre a origem da variável dependente e necessidade de encontrar a variável antecedente (anterior às variáveis independente e dependente).
3. Especificação. Explicação sobre até que ponto as relações entre as variáveis independente e dependente são válidas (como, onde e quando).

Essas possibilidades derivam do uso da memória e sua relação direta na organização, experiência e desenvolvimento das ações docentes. Contudo, este recurso permite que o pesquisador compreenda as identidades e memórias compartilhadas, alimentadas e construídas por professores e professoras, colaboradores da pesquisa.

Para melhor compreensão das narrativas, a análise dos relatos destes pioneiros e pioneiras foi selecionada em dois grupos: os professores e professoras que não possuem licenciatura em Educação Física, e o grupo dos que possuem curso superior de Licenciatura em Educação Física. As análises dos relatos dos pioneiros e pioneiras partem, a princípio, de

professores e professoras que não frequentaram o curso de licenciatura em Educação Física, mas, ainda assim, foram fundamentais para a inserção e consolidação da Educação Física como componente curricular nas escolas de Guanambi.

A análise começa com as memórias do professor José Teixeira Freire, pioneiro da Educação Física em Guanambi. O professor José Teixeira Freire atuou em escolas públicas e privadas do município, iniciou suas atividades no início da década de 1950 e se aposentou no final da década de 1990. Em seguida, analisamos as memórias do professor Vladimir Borges e Castro Bastos, primeiro professor de Educação Física do Colégio Estadual Governador Luís Viana Filho – Seu Vladimir atuou até o ano de 2008. Logo após, as memórias expostas são da professora Maria da Soledade Teixeira Fernandes, suas atividades como professora de Educação Física foram de 1975 até o início dos anos 2000, atuou no Colégio Estadual Governador Luís Viana Filho. O professor Vandir Leão Filho apresenta suas memórias como professor de Educação Física do Centro Educacional João Durval Carneiro, escola na qual foi professor de 1984 até 2014, ao se aposentar, a escola já havia reconfigurado seu projeto de ensino, e passou a ser denominada Centro Estadual de Educação Profissional (CEEP – Guanambi). Por fim, entre os pioneiros e pioneiras sem a formação superior em Educação Física, apresentamos as memórias da professora Vânia Selma Fernandes. As memórias apresentadas pela professora Vânia Selma compõem as ações docentes desenvolvidas nas redes municipal e estadual, onde Vânia atuou como professora de Educação Física do final da década de 1980, até meados da segunda década do novo milênio.

Continuamos as entrevistas com o Professor Lourival Rodrigues de Oliveira, que atuou como professor de Educação Física no Colégio Estadual Governador Luís Viana Filho de 1984, até o ano de 2015. A professora Mariângela Ribeiro dos Santos é uma das Licenciadas em Educação Física que apresentam suas memórias neste trabalho, atuou em escolas da rede estadual, municipal e federal de ensino. Ela iniciou suas atividades na educação básica em 1992 no Colégio Estadual Governador Luís Viana Filho, atualmente é professora do curso de Educação Física da UNEB – Campus XII. As memórias da professora Vânia Selma Fernandes também compõem o quadro de análise de pioneiros e pioneiras licenciados em Educação Física, a professora cursa Educação Física durante a sua trajetória profissional. Para concluir as narrativas dos pioneiros licenciados, temos o docente João Genésio Queiroz de Arruda – professor de Educação Física das redes estadual e municipal em Guanambi, João Arruda expõe suas ações docentes e suas influências para a inserção na docência em Educação Física. O quadro de colaboradores da pesquisa é completado pelo Professor Jorge Adilson Gondim Pereira, fundador do curso de Educação Física da UNEB – Campus XII.

O presente texto foi dividido em cinco seções. Assim, a primeira seção apresenta os caminhos que os levaram a se tornar professores e professoras de Educação Física. Os relatos orais concedidos pelos professores e pelas professoras demonstram como as representações das suas vivências pretéritas influenciaram as suas ações como docentes, principalmente suas vivências relacionadas às práticas corporais. Nas análises dos relatos orais, foi possível identificar como essas vivências das práticas corporais, anteriores ao início das suas atividades profissionais na docência, foram em grande medida, responsáveis pela opção do magistério como profissão, mas ainda assim, não a única influência para tal escolha. As lembranças dos professores e professoras apontam, com muita ênfase, que as condições sociais em que estavam imersos na infância e adolescência, as relações familiares e, para alguns, as relações profissionais antes da docência, constituíram uma relação de fatores que implicaram nas suas decisões profissionais, e posteriormente, nas suas intervenções pedagógicas.

A segunda seção apresenta os aspectos das atividades docentes desenvolvidas pelos pioneiros e pioneiras sem formação superior em Educação Física, com base nos relatos orais dos mestres que desenvolveram suas trajetórias a partir da década de 1950. Seguindo os apontamentos de Portelli (1997), a segunda seção do presente texto versa sobre as memórias dos pioneiros e das pioneiras, em uma análise das ações pedagógicas destes docentes de Educação Física em Guanambi. Esta análise das ações é feita desde a implantação da Educação Física nas escolas no município até a inserção dos primeiros professores licenciados em Educação Física nas referidas unidades municipais. Assim, o estudo da construção histórica da Educação Física na cidade de Guanambi permite uma compreensão singular da organização e do desenvolvimento das práticas corporais desenvolvidas na atualidade.

A terceira seção é composta pela análise das memórias das ações docentes dos professores e professoras licenciados em Educação Física, estes tiveram sua inserção na docência após a conclusão da licenciatura. Portanto, buscamos conhecer as motivações que estimularam a optar pela formação em Educação Física e, assim, identificar as concepções de Educação Física que foram apropriadas por esses professores e professoras durante o seu período de formação, e o desenvolvimento das concepções pedagógicas nas escolas.

A opção pelo estudo das ações pedagógicas dos professores e professoras de Educação Física em tal temporalidade se justifica pela relevância de resgatar o histórico do componente curricular Educação Física, uma vez que é igualmente relevante retomar a memória dos professores e professoras de Educação Física, para assim observar e problematizar as reminiscências das vivências e ações em períodos distintos da história política do Brasil, bem como da história, temporalidade e peculiaridades da Educação Física e Educação Física Escolar

no Brasil.

Em seguida, a quarta seção trata do contexto da implementação do curso de Educação Física no Campus XII da Universidade do Estado da Bahia. Busca-se, a partir do relato do fundador do curso, Professor Jorge Adilson Gondim Pereira, narrar e analisar as tensões e disputas geradas no período de implementação do curso. O texto traz a discussão sobre os conflitos provocados pelas disputas e tensões durante o processo de implantação do curso, com a possibilidade de compreender esse processo de implantação a partir das memórias apresentadas pelo seu fundador e do processo político da instituição na época.

Contextualizar a implementação do referido curso se faz necessário neste trabalho para compreender como a Educação Física se estruturou no município de Guanambi como área do conhecimento e de intervenção profissional – como esse novo curso contribuiu para dar um novo sentido para as práticas corporais na cidade. Assim, essa seção implica em uma expectativa de contribuições para investigações futuras. As evidências identificadas na presente pesquisa permitem sugerir a continuidade de pesquisas que busquem analisar perfis pedagógicos de professoras e professores de Educação Física, e assim mapear as diversas manifestações esportivas, artísticas, culturais, intelectuais e de práticas corporais que compõem a prática pedagógica destes professores e destas professoras. Isso também permite analisar os processos de apropriação e ressignificação dos conhecimentos disponibilizados na formação inicial destes professores e as influências em suas ações pedagógicas.

A conclusão trata da discussão sobre os contextos de atuação e a formação docente dos pioneiros e pioneiras, como as narrativas tiveram suporte nas memórias, e as possíveis contribuições e os reflexos na atuação profissional destes docentes. Portanto, compreende-se que a atuação profissional docente é composta por inúmeras facetas, as quais têm em sua essência a característica de ser dinâmica e guiada por fatores que influenciam diretamente o pensar e o fazer pedagógico. Para isso, a conclusão apresenta uma síntese dos resultados obtidos no trabalho, bem como uma reflexão própria final, a título de conclusão sobre o resultado final ou o que foi identificado de mais relevante no corpo do estudo.

2 “O ESPORTE ME LEVOU A SER PROFESSOR...” PERCURSO DE VIDA E A ESCOLHA PELA DOCÊNCIA DOS PIONEIROS E PIONEIRAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

As buscas por conhecimento pelos sujeitos durante o percurso de vida são plurais e diferenciadas. Assim como as aprendizagens, estas são imersas no contexto da instituição familiar, educacional, e nas mais variadas redes de relações sociais, imbricam para um encaminhamento no que diz respeito à sua atividade profissional. As fontes de conhecimento dos professores são plurais, e cada vivência real do seu cotidiano, antes mesmo da inserção na docência, é apenas uma destas fontes de conhecimentos. Estas fontes de conhecimentos vivem uma relação complexa e forjam as representações de mundo de cada pessoa, e como uma destas representações de mundo, a escolha pela atividade profissional a seguir.

As reflexões extraídas nos relatos orais concedidos convergem para a investigação das memórias de um grupo, pois essas narrativas refletem os valores das suas vivências e registram no presente sua forma de ver o passado.

Para fins desta pesquisa, é relevante ponderar que o componente essencial da história oral não parte da oficialidade histórica, mas do entendimento entre as relações estabelecidas entre o ser social, colaborador da pesquisa, e o seu pertencimento a um determinado grupo – e ainda, como essas relações se dão em um processo de acontecimentos narrados a partir da memória. Ao buscar as narrativas orais dos professores e professoras pioneiros em uma determinada prática docente, seja esta vivenciada por eles ou pelo seu grupo, é necessário ter um planejamento prévio, pois se trata de uma formação homogênea, e como tal não há uma única forma de ver as experiências sociais, ainda mais os membros desses grupos em especial relatam sentirem-se excluídos da história escrita. Portanto, seus relatos estão no passado, mas não no passado transportado ao presente em sua totalidade, ou seja, no passado sem as incompletudes, mas com silêncios, brechas que o tempo e as concepções de cada sujeito passam a forjar, em suas várias formas de ser visto e relatado, pois “A memória é do passado [...] mas ser do passado se diz de múltiplas maneiras” (RICOEUR, 2007, p. 40-41). Desta forma, entendemos que a produção do conhecimento e a discussão sobre as teorias da memória têm especificidades próprias da área – no caso das produções e do pensamento, isso também se faz presente, atribuindo identidade às contribuições das teorias da memória no debate acadêmico contemporâneo (RICOEUR, 2007). Essa compreensão acerca da memória enquanto objeto de estudo abre novos campos de possibilidade para dialogar com o fazer pedagógico da Educação Física na escola com foco especial no seu agente principal, o professor.

Isso nos faz pensar que a expressão do pensamento de Ricoeur faz compreender, nesse contexto, como a literatura especializada no assunto traz o debate sobre a Memória. Debate este constitui uma tarefa fundamental para a apreensão dos fatores e dos elementos que atravessam a presente pesquisa, pois, para Ricoeur (2007), é necessário dissociar imagem de memória, por entender serem distintas. No entanto, Ricoeur lembra que nada é mais rico que a memória para acervar aquilo que foi vivido, e precisa ser lembrado. Portanto, no campo filosófico, a memória é um fenômeno característico do processo cultural de formação da humanidade. Ao longo de toda a sua história, os seres humanos buscaram sobre diversas formas, a construção e transmissão de seu conhecimento através dos tempos, assim a educação configurar-se-á como o modelo hegemônico, mas não o único, desta busca de transmissão cultural.

Para Ricoeur (2007), o ato de lembrar vem de uma afecção (Memória – lembrança), pois recordar é uma busca constante e ativa. Essa perspectiva explora as relações entre memória e história ao romper com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade, e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer, de forma inequívoca, que o passado é construído segundo as necessidades do presente, chamando a atenção para os usos políticos do passado.

Na compreensão do pensamento de Ricoeur (2007), a polissemia referente à memória apresenta paradoxos, pois quanto ao entendimento da memória, não podemos dispensar do fio condutor que é o tempo, este precisa ser firme. A memória está no singular, as lembranças no plural. Como afirma Sto. Agostinho, as lembranças vêm em cachos, e ratifica Ricoeur (2007) que lembramos daquilo que fizemos, experimentamos ou aprendemos, a memória é experienciável – justamente nesta defesa, o autor rompe a ideia de que memória é imagem ou imaginação. O tempo continua sendo a aposta comum à memória, distinção precípua entre memória e imaginação, pois a recordação sobrevém quando uma afeção (memória) sobrepõe a outra. Assim, é relevante a distinção entre a lembrança e a recordação. Para o filósofo Paul Ricoeur, é evidente que a consciência, a memória e a história são partes de um construto que dá identidade ao ser humano. E como tal, elas são negociáveis ao longo do tempo, e no momento em que as memórias se fixam como conhecimento.

As práticas corporais nas aulas de Educação Física no município de Guanambi iniciaram-se na década de 1950, com a fundação da primeira instituição de ensino secundário do município. O primeiro docente de Educação Física de Guanambi foi o professor José

Teixeira Freire⁵, ele nasceu em 16 de maio de 1927, em Brejinhos das Ametistas, município de Caetité, estado da Bahia. Filho de um casal de lavradores, José Teixeira fez seus estudos secundários no município de Montes Claros, estado de Minas Gerais, onde concluiu o curso técnico em contabilidade e iniciou o curso clássico, preparatório para o curso de Direito. Ao desenvolver seus estudos, José Teixeira foi aproximado das práticas esportivas ainda nos estudos secundários, e assim praticou futebol, handebol, voleibol e basquetebol, em que nos anos finais da década de 1940 e início da década de 1950, integrava as equipes que representavam a cidade de Montes Claros nas competições intermunicipais (Relato Oral concedido pelo Professor José Teixeira Neves, fevereiro de 2021).

Não obtendo êxito no ingresso do curso de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, José Teixeira retorna para a Bahia e fixa residência no município de Guanambi. Em 1953, inicia seus trabalhos como chefe do setor de classificação dos produtos agropecuários do Ministério da Agricultura. Ainda em 1953, Teixeira compôs a equipe que fundou a primeira escola pública do município, o Ginásio de Guanambi, a princípio mantido pela Associação dos Amigos do Município de Guanambi, da qual também era integrante.

Em 1954, em função do seu histórico com práticas esportivas, José Teixeira Neves assume o cargo de Professor de Educação Física no Ginásio de Guanambi, escola a qual anos depois passou a se chamar Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho.

[...] tinha tudo para não dar certo, pois além de eu ter nascido em um lugar escondido do mundo, onde mal passava o carro de boi, com uma distância de cerca de 10 quilômetros do grupo escolar mais próximo, eu ainda tinha a pele mulata, escura, o que significava uma dificuldade a mais pelo preconceito da época. Mas meu pai, que sempre foi muito zeloso conosco, fez a diferença, levou seus filhos no lombo de um burro para estudar. (JOSÉ TEIXEIRA FREIRE, relato oral concedido em fevereiro de 2021).

Segundo Halbwachs (2004), nos grupos sociais de classes, as diferenças se tornam mais evidentes, pois essas classes só existem umas por causa das outras em função dos interesses e das lutas. No percurso histórico dessas classes sociais, sempre existiram as dominantes, devido à sua posição na sociedade que normalmente se mantém devido à prevalência das tradições e das lembranças coletivas de seu interesse. Portanto, o percurso inicial da vida escolar do professor José Teixeira Freire foi marcado por alguns percalços, os quais não o impediram de continuar seus estudos.

⁵ Para a análise deste item na pesquisa, trataremos aqui como Professor e Professora de Educação Física os profissionais que atuaram na docência com o referido componente curricular na educação básica, mesmo sem a devida formação em licenciatura.

Na constituição histórica da Educação Física escolar em Guanambi, iniciada na década de 1950, existiram outros professores e outras professoras. As Professoras Dulce da Silva Meira, Celina Fausta Cotrim e Marieta Cotrim Freire atuaram tanto no Ginásio São Lucas, como no Colégio Estadual Governador Luís Viana Filho, estas já faleceram. Os Professores Delson Magalhães Garcia e Homero da Silva Torres atuaram no Colégio Governador Luís Viana Filho na década de 1970 até os primeiros anos do novo milênio, porém esses docentes não aceitaram conceder entrevista para esta pesquisa. O professor José Raimundo atuou no Colégio Governador Luís Viana Filho na década de 1980 até o ano de 2009, este também já fez a passagem para o plano espiritual. O Professor Vladimir Borges nos recebeu para a entrevista, e suas memórias serão apresentadas neste trabalho.

Em 1954 foi fundado o Colégio São Lucas, escola privada de ensino secundário em que os professores José Teixeira Freire, Homero Torres e as professoras Dulce da Silva Meira e Celina Fausta Cotrim lecionaram Educação Física. Em 1970, com a fusão do Ginásio São Lucas e o Ginásio de Guanambi, surge o Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho. Assim, surge a necessidade de se ampliar o quadro docente da Educação Física no Colégio recém criado.

O professor Francisco Vladimir Borges e Castro Bastos foi o primeiro professor a assumir uma vaga no colégio recém implantado. Professor Vladimir é natural de Guanambi, fez seus estudos primários na Escola Getúlio Vargas na mesma cidade, porém cursou o secundário (equivalente aos ensinos Fundamental e Médio) em Salvador, capital do estado.

Sua infância foi repleta de muitas práticas corporais junto aos seus irmãos e demais familiares, mas foi em Salvador, na escola, que Professor Vladimir teve uma aproximação mais sólida e consistente com a prática esportiva.

Primeiro, é o seguinte, eu, na época eu gostava muito de futebol, era mais dedicado... eu estudava em Salvador. Em todos os colégios que euestudei, então eu participava da seleção, representante, da classe dos seus conhecidos menores, dos médios, dos maiores, todo o colégio. Passei pela seleção do colégio. Então essa seleção desenvolve um pouco. (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

Os testemunhos indicam que, durante a infância e, posteriormente, na adolescência, Professor Vladimir teve uma educação dos hábitos corporais, no sentido da atividade física e das práticas esportivas, bem como na compreensão do que era a Educação Física. Essa visão foi se estabelecendo com as relações entre seus pares, ou seja, na rede de sociabilidade estabelecida nessas fases da vida. Isso nos remete ao pensamento de Norbert Elias (1994); o autor pondera que a constituição de uma individualidade humana, com formas de pensar e agir próprias, dá-

se na relação com outras individualidades.

As práticas corporais vivenciadas pelo Professor Vladimir foram o baluarte para iniciar sua prática profissional como professor de Educação Física,

Naquela época, não tinha professor de educação física, não sabe... tem educação física, sem escolaridade, que sempre era o técnico de futebol. Então o militar, era o colégio dos professores, dos colégios de padre. Tudo. Não tinha um padre para ser professor de educação física, sempre. Botavam de fora, sabe, então com essa maneira, eu peguei vários professores de gostar de gostar do futebol. Aí me dediquei muito ao futebol, joguei no juvenil, joguei lá em Salvador, treinei no Bahia, treinei no Vitória e joguei no Fluminense, o melhor time da Bahia, do velho Arlindo, Fluminense de Brotas. (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

Segundo o relato oral concedido pelo professor Vladimir, os espaços para as vivências das práticas esportivas em Salvador, em especial o futebol, eram diversos, e isso influenciou de maneira efetiva a apropriação de uma cultura esportiva pelo professor. Em seus relatos, o meio social frequentado por ele era propício para as práticas de futebol, voleibol, basquete e natação, e assim ele se destacou com a prática do futebol. A vivência em tal modalidade teria sido a responsável pela escolha da profissão.

[...] na época que saiu até Rui Tanus⁶, isso aí... foi profissional. Eu era colega dele, jogava com ele na época, então eu decidi, vou embora e tal. Eu jogava futebol, não prestava para jogar [risos]. Então com isso tive o desejo. Vim para Guanambi... Aí começou o Colégio São Lucas, Zé Teixeira o primeiro professor do colégio de Guanambi, não tinha ninguém, dona Enedina⁷ em dificuldade, não... Eu vou ser professor! Quer dizer, eu tinha a comunicação lá com os técnicos de bola que... ele foi, o que fazia educação física, então... o esporte me levou a ser professor. (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

Desta forma, há fortes evidências de que as práticas esportivas já se configuravam como atividade cultural bem difundida em Salvador, quando o Professor Vladimir estudou na capital do estado. O relato dele apresenta indícios de que as suas vivências esportivas se desenvolveram permeadas por múltiplas, e diferentes representações sobre seus significados sociais. Isso lhe traz reminiscências das suas práticas conforme elas representavam em seu percurso de vida, pois a Memória é uma maneira de manter vivo o evento, a memória se fixa de acordo com o emocional, a memória resgata, a memória conserva, a memória estimula e alimenta amores e

⁶ Rui Uzeda Tanus, ex-jogador de futebol profissional. Atuou nos times da capital baiana nos anos de 1956 e 1957. Foi contemporâneo do professor Vladimir na divisão de base do Fluminense – BA (Fluminense de Brotas).

⁷ Professora Enedina Costa Macedo, diretora do Colégio São Lucas no período de 1957 a 1970.

ódios, a memória estimula e alimenta vinganças, mas a memória é um dos combustíveis da história – a memória em si é construída com fatores emocionais.

A professora Maria da Soledade Teixeira Fernandes é natural de Guanambi. A aproximação da professora Maria da Soledade com a Educação Física é diferente dos outros professores que antecederam sua prática na escola. Sua infância não foi permeada por práticas corporais, com poucas ações de brincadeiras e uma responsabilidade atribuída ao cuidar da casa com atividades domésticas:

Fui alfabetizada aos seis anos por uma professora, minha tia, por nome de Rosinha Teixeira. Aos sete anos mudei-me para na Guanambi em 1960, quando fui estudar no Grupo escolar Getúlio Vargas, cursando o primeiro ano com a professora Hermosina Lécio. Ficando nesta escola até o quinto ano primário. Em 1966, com 13 anos, ingressei no Colégio Ginásio de Guanambi, hoje Colégio Estadual Luís Viana Filho de Guanambi por meio do exame de admissão, onde cursei a quinta, sexta, sétima e oitava séries do ginásio. Na minha infância, não tive muito tempo para brincadeiras, morei na roça até os sete anos e depois fui para Guanambi, assim sempre tive compromissos com a casa e com meus irmãos, não podia brincar muito e nem deixar de fazer as coisas de casa. (MARIA DA SOLEDADE, relato oral concedido em maio de 2021).

A trajetória da professora Soledade (assim ela é chamada pelos colegas e ex-alunos) até iniciar suas atividades docentes começou no curso de Magistério no Colégio Estadual Luiz Viana Filho, depois se transferiu para o Instituto Anísio Teixeira, tradicional escola de formação de professores no município de Caetité, cidade vizinha a Guanambi:

No ano de 1970, cursei o primeiro ano de Magistério, e no ano seguinte até final do primeiro semestre, curei o segundo ano, quando me transferi para o Instituto de Educação Anísio Teixeira, onde concluí o curso em 1972. Do ponto de vista pedagógico, também não deixavam a desejar. Eu particularmente gostava, e falo isso, com o conhecimento de causa. Os professores eram austeros, cobravam muito de seus alunos, inclusive fazendo – os decorar. Eu não achava ruim. Em minha concepção, os alunos que estudaram antigamente, apreendiam melhor, os conhecimentos eram fixados. Nesta época, os professores não tinham ainda conhecimento da importância da educação física na vida do aluno. Durante o período em que cursei o primário, eram apenas aulas de recreação, no ginásio já tínhamos aula de educação física com aulas três vezes por semana, fazendo exercícios e tínhamos turmas de esporte, eu fazia parte do grupo de handebol, como goleira. (MARIA DA SOLEDADE, relato oral concedido em maio de 2021).

Conforme Walter Benjamin (1984), experiência não é aquilo que acontece, que passa, e sim aquilo que nos acontece, que nos toca, aquilo que nos transforma, aquilo que nos torna diferente. O relato da professora Soledade apresenta uma forma peculiar de como foi

aproximada das práticas corporais, em suas atividades diárias; fora da escola, ela era impedida de desenvolver as atividades corporais com o intuito da brincadeira, porém no período escolar, desde os estudos primários, a professora Soledade teve contato com práticas corporais e práticas esportivas. Contudo, as práticas corporais e esportivas para esta pioneira foram uma vivência que não necessariamente se constituiu em experiência significativa, que impactou suas práticas culturais a ponto de optar por ser professora de Educação Física.

Foram algumas razões que fizeram com o que eu optasse por trabalhar com educação física. Eu precisava trabalhar, gostava de fazer exercício, surgiu a oportunidade, a vaga, eu não pensei duas vezes. O Período em que trabalhei foi ótimo, muito prazeroso, pois o convívio com os alunos era sempre bastante alegre. (MARIA DA SOLEDADE, relato oral concedido em maio de 2021).

Ao se pensar a organização histórica da Educação Física como atividade escolar e como componente curricular, é compreensível que uma grande quantidade de professores pode ter sido influenciada por tal vivência, mas não ao ponto de quererem ser professores de Educação Física em função de suas práticas corporais antes do início da docência. Outras possibilidades emergiam de suas práticas sociais. Porém, para esta pesquisa, o que torna significativo é compreender por que as vivências destes professores e professoras influenciaram suas escolhas profissionais para a Educação Física.

Para Halbwachs (2013), é no tempo que o indivíduo consegue reconstituir suas recordações do passado, a partir de dados do presente, ora manifestadas por imagens alteradas. O tempo deve ser medido levando-se em consideração o aspecto social, visto que, cada indivíduo terá em sua consciência a ideia de que o tempo passaria de formas diferentes, a depender da intensidade que cada um viveria seus momentos. Assim, na escola, a Educação Física articula a relação memória-corpo para atender às demandas das concepções vigentes de realidade social. Portanto, é necessária uma profunda articulação entre a memória social que envolve a Educação Física, para compreender as identidades e as memórias compartilhadas, alimentadas, e construídas, que fazem parte do universo da área. É possível observar como esses fenômenos sociais operam para a construção de um certo sentimento de pertencimento social, uma sociabilidade afetiva e uma comunidade integrada.

No contraste, surge a dupla dicotômica e paradoxal: hábito-memória, que a princípio foi discutida por Bergson (2006). Para Ricoeur (2007), a leitura sai dessa perspectiva e marca a temporalidade de ambos. Tanto a memória, quanto o hábito são definidos por um marco temporal, ou seja, demarcam-se por algo vivido, porém à memória cabe a anterioridade dos fatos: antes e depois; já o hábito se consagra com uma vivência presente. A memória continua

sendo do passado, mas reforça que no hábito a referência de tempo não é a marca referencial.

Assim, torna-se relevante analisar os acontecimentos relatados pela professora Soledade em contraste com outras circunstâncias, e principalmente em escala mais ampla, que se aproxime da sua escolha profissional e posteriormente em suas práticas pedagógicas. Faz-se necessário frisar a tensão entre a forma que o esporte foi dissipado no Brasil, até mesmo em uma proporção internacional, os sentidos e os significados atribuídos a ele. Essa expansão, em determinado momento, foi privada de significados sociais, e assim os sujeitos que desse esporte se apropriam não necessariamente lhe atribuem um sentido social e nem uma perspectiva de projetos futuros, como foi o caso da professora Soledade.

A trajetória de vida do Professor Vandir Leão Filho converge com os relatos dos professores que optaram pela carreira docente na Educação Física porque tiveram contatos diretos com as práticas esportivas na infância e na juventude. Professor Vandir Leão Filho – ou *Din*, como é conhecido na cidade de Guanambi – nasceu em Guanambi em 1964, teve sua infância permeada por práticas corporais, jogos e brincadeiras que faziam parte do seu cotidiano dentro e fora da escola. No entanto, Leão Filho não teve aula de Educação Física no primário, em que suas práticas corporais na infância eram dedicadas aos jogos esportivos em sua casa, e nos momentos de lazer na escola:

Eu já no primário não tive Educação Física, né? Nessa época não tinha, eu fui ter aula de Educação Física já na 5ª série no Luiz Viana que era, então tive professor como, até hoje graças a Deus está vivo ainda, o professor Homero, uma pessoa que eu dou muito valor a ele, entendeu? (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Em sua adolescência, Din foi apresentado às práticas corporais nas aulas de Educação Física na escola, em que suas reminiscências já iniciam a falar como os pioneiros da Educação Física em Guanambi que desenvolviam suas aulas.

Tinha o professor Delson, outra figuraça, Delson, uma pessoa maravilhosa também, um grande professor. Teve o saudoso Zé Raimundo, professor Vladimir trabalhou até pouco tempo também, o professor Vladimir, por gostar da profissão, viu, ele carregou Ceraíma ali, grupo de turmas de esportes, [Telefone do professor Vandir toca e ele desliga] ali em Ceraíma⁸ ele levou mesmo nas costas. Outro também muito ativo foi o professor Zé Teixeira, que ainda é vivo. Quer dizer, na minha época como aluno não deixava de ter assim uma vez uma aula teórica, reunia na quadra mesmo, esparramava, fazia as atividades ali, né? Mandava a gente fazer pesquisa, essas coisas todas, uma vez lá por semestre [risos] que eu me lembre. Mas eram exercícios mesmo, de

⁵ Distrito da cidade de Guanambi, localizado aproximadamente 13 quilômetros da sede.

ordem, era militarismo, entendeu? Era exercícios de ordem mesmo, um, dois, três e vamos ver. (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Esse fragmento do relato do Professor Vandir demonstra que as práticas corporais desenvolvidas na escola no período político denominado como ditadura militar fez circular representações múltiplas sobre os benefícios da atividade física, dentre elas, a melhoria da saúde, a possibilidade de formação de futuros campeões e uma forma de modernização de costumes e práticas corporais. Posteriormente, o movimento de esportivização de práticas corporais na escola ganhou espaço nas aulas de Educação Física.

Então, era um, dois, três, entendeu? O aluno tinha que desempenhar mesmo, ele tinha que esforçava mesmo, era esforço físico mesmo, depois é que veio a mudança, né? A mudança veio em meados de 2000. De 2000 para cá que teve as mudanças nas aulas de Educação Física, agora da década de 2000 para cá. (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

O contexto histórico da Educação Física destaca que o período de mudanças significativas nas proposições das práticas pedagógicas na escola se iniciou na década de 1980 com o chamado movimento renovador da Educação Física. A partir desse período histórico, surgem os debates sobre as diferentes possibilidades de trato pedagógico da Educação Física na escola e, desta forma, foram questionadas as influências militares, tecnicistas e médicas que direcionaram as aulas. Segundo Castellani Filho (1998), com a finalidade de superar a vertente tecnicista, esportivista e biologicista da Educação Física, surgem novas propostas pedagógicas para a área, as quais propõem um olhar crítico para as práticas da Educação Física Escolar, e assim procurar compreender o sujeito em sua totalidade.

As influências destas práticas na escolha pela profissão foram algo que o Professor Vandir trouxe em seu relato, ao ser questionado sobre sua opção pela profissão.

Rapaz, uma boa pergunta! Qual é o cidadão que no passado não queria ser um professor? Todos! E no meu caso, justamente por causa do esporte eu me identifiquei mais nessa área e passei então a participar de alguns cursos técnicos, cursos de pouca duração, né? Na época tinham uns cursos de pouca duração, inclusive o próprio governo do estado. O governo tinha na época o DEF – Departamento de Educação Física do Estado da Bahia, nós fizemos muito curso, cursos de vôlei, basquete, handebol, até para o excepcional tinha curso, fiz inclusive dois cursos para a criança excepcional, né? No caso Síndrome de *down*, muito maravilhoso, e depois disso, por incrível que pareça, eu concluí o segundo grau, né? Para técnico de contabilidade aqui nesse colégio aqui mesmo, Luiz Viana. (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

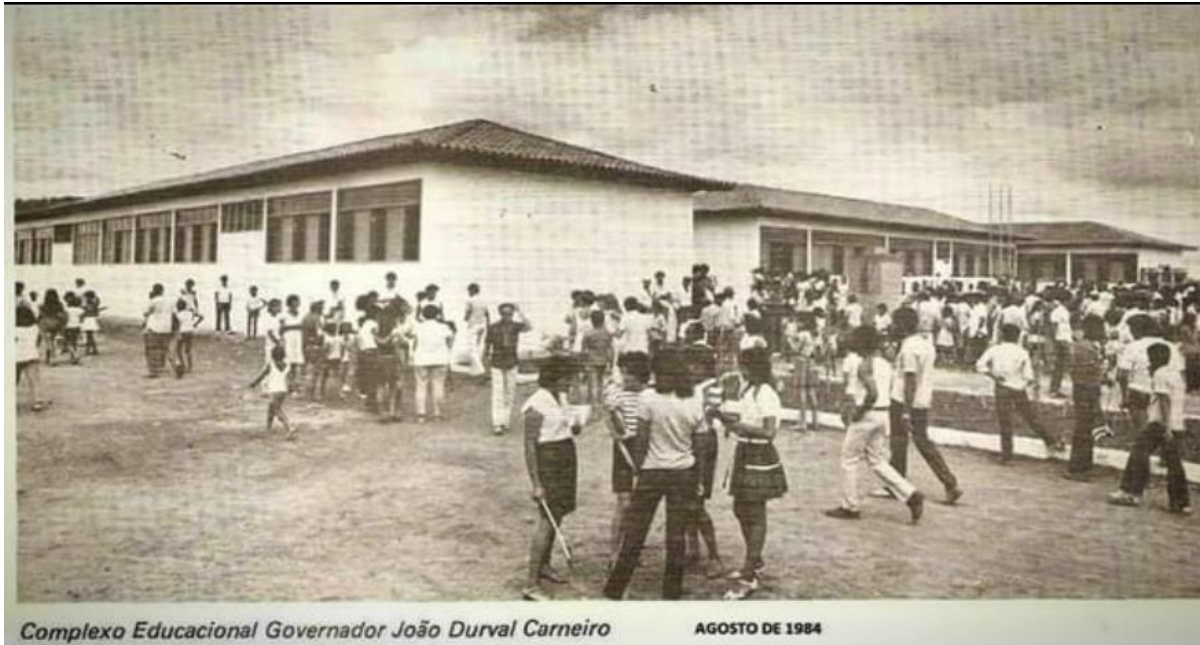
Mediante a necessidade de compreender as memórias dos pioneiros e pioneiras da Educação Física em Guanambi, para assim entender como se dá o fortalecimento da identidade da Educação Física escolar no município, a partir das representações das memórias, a história oral se tornou um caminho de investigação. Afinal, por meio dessa metodologia, as análises iniciam do grupo em si, e de seus sujeitos atores que expressam seus valores e suas tradições. Assim, para elucidar as questões referentes às práticas dos professores e professoras, inclui-se a Educação Física em um debate conceitual, o qual denuncia a demanda por revigoramento dos estudos, especialmente no que diz respeito à organização de alicerces para o desenvolvimento de uma determinada atividade pedagógica. Contudo, uma característica relevante da Educação Física, que se faz imprescindível frisar, e se encontra presente nos relatos concedidos, é a pluralidade de questões temáticas tratadas no seu fazer pedagógico. Ainda assim, destaca-se a necessidade de ampliar as produções, dada a relevância no processo de ampliação e divulgação das teorias da memória como subsídio para as produções científicas e desenvolvimento da atuação docente em Educação Física.

Uma característica relevante expressa na memória dos professores entrevistados é a presença marcante do esporte como possibilidade de conteúdo da Educação Física – atrelados a isso, os resíduos da atividade militar nas aulas, evidenciada na memória individual do Professor Vandir. Entretanto, a sua carreira como Professor de Educação Física não tem influência unicamente pelas práticas corporais realizadas no período de estudante.

Houve uma necessidade, como o colégio Luiz Viana não comportava a quantidade de alunos, a população cresceu, o colégio não tinha vagas, veio a possibilidade da construção desse colégio né, o antigo João Durval Carneiro, hoje o CEEP, que foi por intermédio do atual prefeito, na época o prefeito Nilo Coelho e João Durval como governador, aí construiu esse colégio e tinha que ser algo imediato, não dava tempo nem fazer concurso, porque foi no início do ano, tinha que iniciar as aulas em 1984, aí teve que, como se diz, o pessoal ser convocado para trabalhar, e foi convocado naquela época, não me recordo muito, mas entre 90 a 120 professores. Aí chamava na época sensores, que era pessoal de apoio, diretores, guardas. E aí, rapaz, isso aí pra mim caiu como uma luva, porque era a vontade que a gente tinha, era gostar mesmo da profissão, a gente chegou ao ponto de trabalhar aqui sem quadra, não tinha quadra, uma quadra que era uma lixa, igual asfalto, campo de futebol, então, a aula era ao ar livre, era fora da escola em outro estabelecimento, você tinha que aguardar o aluno, ir com o aluno e voltar com o aluno por causa da distância, turno oposto, uma beleza. O que me levou foi justamente isso daí, foi gostar mesmo, a necessidade, e eu fui convidado na época né, pediu o pessoal que tinha experiência, que tinha curso, algum certificado, e eu tive, tive não, tenho vários certificados inclusive da própria secretaria de educação, antigo

curso do DEF na época. Hoje não existe mais, acho que não existe. (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Figura 1: Inauguração do Colégio Estadual Governador João Durval Carneiro (1984)



Fonte: Memorialista Dário Contrim. (Disponível em: <https://www.instagram.com/historiadeguanambi>
Acesso em: 19 de março de 2022)

Inaugurado em 1984, o Centro Educacional João Durval Carneiro, citado pelo Professor Din, foi o maior estabelecimento de ensino de Guanambi e região em espaço físico, chegou a ter mais de três mil e quinhentos estudantes no início da primeira década dos anos 2000, quando foi estabelecida como escola de porte especial. Legalmente reconhecida pelo MEC por meio da Portaria nº 3348, publicada no Diário Oficial do Estado em 01 de março de 1984, autorizada e reconhecida pelo Parecer nº 481/87, através da Resolução do Conselho Estadual de Educação nº 027/87, publicada no Diário Oficial de 25 de fevereiro de 1988. Atualmente possui nova denominação, Centro Estadual de Educação Profissional – CEEP – Criado pela Portaria nº 8.301/10 D.O. 02/12/2010.

Assim, o início da docência do Professor Vandir aponta que o esporte foi um elemento fundamental para sua formação e atuação na educação básica. Outro fator relevante a ser observado no relato do Professor Vandir é que ele foi o único docente que aceitou nos conceder entrevista que não atuou no Colégio Luiz Viana Filho, seu *lôcus* de atuação foi o Colégio João Durval Carneiro, que passou a se chamar Centro Estadual de Educação Profissional (CEEP – Guanambi) em 2010. Ao imergir no *lôcus* da atuação docente, a escola, o professor Vandir encontra-se mergulhado em um meio cultural, onde as informações são obtidas em inúmeras fontes, e o compartilhamento dos conhecimentos ocorre em diversos locais. Isso ocasiona

mudanças no perfil dos estudantes e professores que desenvolvem suas atividades nos contextos escolares, assim exigindo dos professores a capacidade de refletir e propor ações educativas que atendam às necessidades desses discentes. Legitimando esse pensamento, Paul Ricoeur (2007) direciona um olhar especial que atinge sua atenção, é o olhar sobre a análise dos fenômenos referentes à memória coletiva e de seus desdobramentos no que se refere à produção da narrativa historiográfica.

Desse modo, a Filosofia de Ricoeur se orienta para a promoção do desenvolvimento de competências, como compreender o fenômeno da memória em sua complexidade, a partir de seus fundamentos sociofilosóficos e, sobretudo, refletir sobre a formação da memória do sujeito, bem como seu papel no processo educativo-social e, especificamente, em seu compromisso político, social e de consciência de classes. Dessa forma, o sujeito, desde que respeite a epistemologia própria da memória, poderá rememorar conceitos básicos e desdobrá-los em quantos conceitos específicos forem necessários para o desenvolvimento da vida.

A Professora Vânia Selma Fernandes, hoje com 60 anos, é natural da cidade de Igaporã-Bahia, o seu relato oral apresenta como as suas experiências de vida não a direcionaram para a docência na Educação Física. As práticas corporais desenvolvidas na infância e juventude foram quase restritas às atividades de lazer na roça, as quais não envolviam práticas esportivas sistematizadas ou jogos esportivos em geral, “Na infância eu estudei em Igaporã né! Na escola na roça em Igaporã né! Lá não tinha Educação Física, só tinha o recreio” (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021). Não só na escola, mas nas atividades cotidianas de relações sociais e familiares, as práticas corporais realizadas pela Professora Vânia Selma ficavam restritas às brincadeiras tradicionais. Quando instigada a falar sobre suas experiências familiares, ou seja, experiências fora da escola, e quais as práticas corporais realizadas pela Professora, respondeu: “Não, as brincadeiras que a gente fazia era correr, subir em árvores [risos], tomar banho no rio...” (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021).

A metodologia da história oral, empreendida nesta pesquisa, dialoga com Guimarães Neto (2012), assim é abordada como um caminho para o tratamento de temas contemporâneos ou da história do tempo presente e mesmo de outras temporalidades. Isso se faz devido à história oral pôr um olhar mais aprofundado sobre as fontes orais e suas tradições. Para a análise do relato da Professora Vânia Selma, foi possível perceber a preocupação com a construção de espaços próprios para as práticas corporais na roça, onde passou sua infância. É possível compreender que a construção destes espaços teve o propósito de atender a sua demanda pelas práticas de lazer, pois assim contribuiu efetivamente para a disseminação dos sentidos atribuídos às práticas corporais em sua vida adulta.

Contudo, a construção de lugares de práticas corporais no percurso de vida da Professora Vânia Selma não foi o principal motivo para a sua opção pela docência na Educação Física:

Na verdade, eu gostei sempre da matemática, eu trabalhava com matemática e depois eu, por falta de opção, eu fiz o vestibular de Educação Física, passei, e fui estudar Educação Física. Mas, antes de eu estudar Educação Física quando eu fui pro colégio, eu fui pro colégio aqui, depois eu fiz um estudo, um estudo que tem, estudos adicionais, foi ciências e matemática. Trabalhei com matemática, mas, quando eu entrei na escola em 1985, eu entrei trabalhando com o primário, depois eu fui pro colégio. Lá no colégio quando você chega, é novato, você pega as matérias que forem sobrando. Até hoje ainda é assim. Aí eu dava aula de matemática e dava aula de Educação Física. Na época era professor Vladimir, Delson, Homero, Zé Raimundo, Lourival também já tava lá nessa época. Então eu não tinha assim experiência muito com Educação Física, eu trabalhava, colocava os meninos pra jogarem bola, pra correr, fazer a ginástica né, chamada. E trabalhava com as duas matérias, Educação Física e matemática. Depois eu saí da Educação Física, fiquei só com matemática, isso foi lá pra 1989 que eu fui pro colégio, em 1989. (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021).

É necessário dar uma atenção especial para a construção da análise do relato da Professora Vânia Selma. A Professora inicia suas atividades na docência em 1985, trabalhou com matemática e Educação Física, no fragmento do relato exposto acima, é possível perceber o momento que a professora ingressou no curso superior de Educação Física mediante exame de vestibular⁹.

Em 1999 eu fui da primeira turma de Educação Física, aí fiz o curso de Educação Física, trabalhei com Educação Física, tentei aplicar o que eu aprendi na UNEB, na faculdade, na escola. Mas, como os meninos já vinham com aquela cultura de Educação Física ser só jogar bola e as meninas não podiam jogar bola também, segundo eles, com os meninos, foi difícil pra gente colocar na cabeça deles que Educação Física é um trabalho com o corpo, não era só jogar bola, a gente tinha que ter a teoria e a prática. (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021).

Para a delimitação da análise do relato da Professora Vânia Selma, fizemos um recorte na transcrição da entrevista. Buscamos, a princípio, estimular a entrevistada a comentar sobre suas ações docentes antes do período de formação universitária, para depois falar sobre suas práticas após a formação.

⁹ A Professora Vânia Selma trabalhou com Educação Física desde a década de 1980, e ingressou no curso de Educação Física da UNEB – CAMPUS XII em 1999, foi estudante da primeira turma de Educação Física do referido curso, que será objeto de análise nos capítulos posteriores desta pesquisa. Portanto, a Professora Vânia Selma será incluída entre as colaboradoras da pesquisa que atuaram como “leigos” na Educação Física, e como egressa do curso, ao relatar, também, suas práticas como professora de Educação Física após ingresso e conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física.

Nesse ponto, para atender ao que a metodologia da história oral propõe como método de pesquisa, compreende-se que os relatos orais são discursos em que o passado é carregado de elementos enunciativos do presente, portanto, as reminiscências expostas no relato concedido podem em determinado momento deturpar, ou até mesmo esconder o que se inclui como fidedigno sobre os acontecimentos passados.

Para Ricoeur (2007), a face cognitiva da análise do objeto e dos fenômenos relacionados com a memória revelou, que um dos desafios a serem suplantados é o do curto-circuito que a tradição filosófica ocidental estabeleceu entre memória e imaginação. Deste modo, imaginar não é lembrar, reforça Ricoeur, pois uma lembrança pode residir numa imagem, mas uma imagem necessariamente não constitui uma lembrança. Uma lembrança levará o sujeito ao passado, se realmente ele tiver ido buscá-la, sendo assim, o processo da obscuridade para a luz.

Portanto, a partir da análise do relato oral da professora Vânia Selma, busca-se nas suas histórias de vida, bem como nas memórias relatadas dos professores e professoras de Educação Física, como seu percurso de vida, anterior a sua inserção na docência, lhes conduziu a serem professores e professoras de Educação Física.

Ricoeur (2007) anuncia que a disposição de narrar sobre si mesmo permite a mudança, dando ensejo ao sujeito de se constituir continuamente. Ainda em Ricoeur (2007), a fala sobre a história de uma vida é sempre moldada pelas histórias verídicas ou reminiscências não fidedignas que se contam sobre si mesmo. Sendo assim, para o sujeito, narrar a sua história gera reflexão e permite situar a identidade em movimento. Portanto, as narrativas dos grupos de professores e professoras que colaboraram com esta pesquisa compartilham características em comum, porém contêm também algumas distinções.

Assim, as memórias são referenciais que tornam homens e mulheres sujeitos ao seu próprio tempo e espaço, que não há como desembaraçar ou aniquilar a relação entre espaço e memória. Isso coloca o uso da oralidade como ponto fundamental na elaboração da trajetória da memória social como objeto de investigação que possibilita, em última instância, uma nova inteligibilidade do passado recente. Ademais, os relatos orais, as narrativas e as histórias sobre o passado ajudam a compreender os processos que permeiam a vida das pessoas, das comunidades, das coletividades, permitindo desvelar a complexidade que marca a vida cotidiana e as contradições inerentes às relações de poder incorporadas aos processos sociais vigentes.

No início da década de 1980, temos o ingresso do Professor Lourival Rodrigues de Oliveira como professor de Educação Física em Guanambi. Professor Lourival tem 70 anos, é natural de Caetité – Bahia. As reminiscências do Professor Lourival corroboram as memórias

da maioria dos professores e professoras que contribuíram para esta pesquisa, ou seja, seu desejo em cursar Educação Física vem das práticas corporais desenvolvidas na infância e juventude, em especial as práticas aproximadas a ele nas aulas de Educação Física na escola. O professor Lourival foi o primeiro professor licenciado em Educação Física a atuar em Guanambi, as reflexões contidas no relato do professor apresentam uma característica especial para este trabalho, pois demonstram como a ambiência esportiva contida no processo de formação influencia diretamente o desenvolvimento das suas práticas pedagógicas.

É o seguinte, como era uma cidade do interior, tinha sempre aula de educação física, aquilo, ninguém tinha bola, quem tinha bola era o colégio, então davam a bola para a gente, então eu passei a gostar, eu comecei a gostar, eu gostava de futebol, eu praticava futebol e gostava de futebol. Aí, o que que acontece, eu fui para Salvador, foi logo que começou o curso de educação física, falei: “vou fazer educação física, certo!”. Meus pais nem sabiam, eu tava em Salvador, passei no vestibular, e falei: “Passei, o senhor vai pagar”, porque era uma escola particular, né? E aí me formei. (LOURIVAL RODRIGUES DE OLIVEIRA, relato oral concedido em abril de 2021).

Em um contexto específico de inserção nas práticas corporais desde a sua infância, é necessário problematizar as circunstâncias que influenciaram as suas escolhas em relação ao ingresso no curso de Educação Física, para entender a escolha do Professor Lourival pela licenciatura em Educação Física, pois ao discorrer sobre suas experiências na Educação Básica, é claro como as características da Educação Física no período vivenciado pelo professor confirmam as suas experiências narradas, e assim traça uma influência direta com suas memórias desde o ambiente universitário até o desenvolvimento das suas aulas no período da atuação profissional.

A produção do conhecimento e as intervenções pedagógicas da Educação Física têm especificidades próprias, porém as propostas metodológicas construídas na Educação Física ao longo do tempo resgatam um sentido de identidade da área. Nesse sentido, é preciso refletir sobre os códigos e significados das práticas corporais, para estabelecer um diálogo com a Educação Física. Para tanto, é necessário levar em conta os fatores históricos, socioeconômicos e políticos que levaram ao estabelecimento da Educação Física como campo de estudos e área de intervenção profissional.

O desafio em utilizar a história oral como metodologia nesta pesquisa é mais intenso quando a tarefa de analisar as narrativas dos atores sociais parte da perspectiva de que esses relatos estão imbricados de determinadas circunstâncias, e assim emergem como fragmentos de

memória, tanto dos depoentes, como dos grupos sociais aos quais estiveram associados. O Professor Lourival leva consigo para a formação profissional uma concepção de Educação Física arraigada de fortes influências de teorias educacionais oriundas de concepções pedagógicas das escolas clássicas – Tradicional, Escolanovista e Tecnicista –, pois a Educação Física, como componente curricular da Educação Básica, acompanhou o movimento da história e da política educacional, produziu e reproduziu métodos, teorizações e proposições pedagógicas (SOARES, 2001), cujas concepções de ensino e aprendizagem objetivam o desenvolvimento de determinadas habilidades humanas e, mais recentemente, de competências para a formação do sujeito, em específico para o aluno em processo de escolarização, como estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Naquela época, os professores, eles ensinavam você para ser professor de Educação Física no colégio de escola pública, de escola, certo? Que que era, você tinha aula de basquete, voleibol, atletismo, ginástica rítmica... Aí você tinha as aulas complementares, ginástica de reabilitação, fisiologia... Você tinha essas matérias também, português, didática, pedagogia... Você tinha essas matérias também, mas o professor direcionava você para a prática como professor de Educação Física na escola pública... de escola... Ginástica, a gente tinha três tipos de ginástica, I, II, III e IV, você tá entendendo, então três tipos de ginástica, e era aquela ginástica antiga e tal, ginástica de calistenia, ginástica de militar. (LOURIVAL RODRIGUES DE OLIVEIRA, relato oral concedido em abril de 2021).

A opção pela história oral desenvolvida neste estudo parte da tarefa de analisar as narrativas dos depoentes, os pioneiros e as pioneiras da Educação Física em Guanambi, a partir da perspectiva de que esses relatos compõem finalidade e circunstâncias que direcionam para as práticas das ações do público pesquisado, práticas estas que emergem das memórias dos colaboradores, as quais surgem transversais aos discursos do passado ao do presente.

A Professora Mariângela Ribeiro dos Santos, 54 anos, é natural de Barreiras (região oeste da Bahia), mudou-se para Guanambi ainda criança em função da transferência de local de trabalho do seu pai, funcionário público do DNER (Diretório Nacional de Estradas e Rodagens).

Ele foi transferido para vários lugares da Bahia. Assim já passei por vários lugares. E aí um dos últimos, digamos assim, foi transferido para Caetité. Eu já morei em Caetité. E aí foi transferido de Caetité. Ele foi transferido para Monte Alto. Ele gostava muito, e aí foi transferido para Palmas de Monte Alto. Quando minha mãe... aí nem sabia da existência de Guanambi, né? Aí, minha mãe foi lá ver de quem tiver, foi ver Monte Alto para mudar para Monte Alto. Quando ela chegou, passou por aqui. Vi um Monte Alto. Ela falou: “não vou para esse lugar, não, eu não vou morar nesse lugar de jeito nenhum”. E aí

passou por aqui por Guanambi, ela, gostou, vamos ficar em Guanambi, é perto de Monte Alto. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

Assim, conforme relato da professora Mariângela, em função do cargo que seu pai exercia no órgão público, sua família morou em algumas cidades, sendo a última em Guanambi, a professora não soube falar a data exata da sua mudança para Guanambi. Desta forma, compreende-se que a memória está atrelada às condições físicas, sociais e biológicas de cada sujeito. Portanto, o que cada sujeito memoriza possui uma relação com a capacidade de que o ser humano tem em ignorar ou atualizar determinadas informações. Deste modo, as reminiscências que são armazenadas na memória não necessariamente dependem das escolhas da própria pessoa.

Na análise das memórias apresentadas neste trabalho, a oralidade permite ao pesquisador compreender as identidades e as memórias compartilhadas, alimentadas e construídas pelas coletividades que fazem parte do cotidiano de cada ser humano. Diante disso, as experiências corporais que a professora Mariângela vivenciou no período escolar foram decisivas para a sua escolha profissional. É possível observar como os fenômenos sociais operam para a construção de um certo sentimento de pertencimento social, uma sociabilidade afetiva e uma comunidade integrada.

Sim. O que foi que me levou a fazer Educação Física foi justamente as minhas práticas na escola. Assim, na escola, só você... Digamos, só tinha. Mais engajamento se você fosse desse turmas de esportes, se você não fizesse esporte na escola. Era considerado aquele preguiçoso, aquele enrolado que fica lá e não quer fazer nada e tal. E aí, assim, só tinha mais de status, não é? Quem participava da... das turmas de esporte, porque tinha muitos jogos, muito campeonato, viajava muito para as regiões vizinhas. Para disputar jogos escolares, torneios, jogos amistosos. Que os professores marcavam. E tinha todo o engajamento assim... Era assim, você era reconhecido... assim? Você é de qual turma? “Ah! eu sou do basquete, outra, eu sou do vôlei, eu sou do handebol”. A sua referência era a modalidade que você praticava. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

Para Primi *et al.* (2000), agregar determinadas experiências de vida pode ser decisivo à escolha profissional, pois a busca pela profissão é algo que deve preencher as expectativas sociais e emocionais de cada sujeito. Esse sentimento de estima pelo esporte, cultivado pela professora Mariângela, agiu como elemento motivador, e a principal influência pela escolha da profissão.

E aí, já voltando para a universidade... Eu era... Eu cheguei na universidade por conta das minhas habilidades que eu aprendi com basquete. Eu era monitora de basquete, passei o tempo que eu passei na universidade, foi como monitora de basquete, né? A partir do segundo semestre, eu já era monitora até... até o último, fiquei o tempo inteiro como... Como monitora da disciplina. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

Os relatos advertem as variadas formas como os pioneiros e as pioneiras foram aproximados das práticas corporais, em cada tempo e locais diferentes. Contudo, é relevante afirmar como a vivência dos esportes em distintas relações sociais, como divertimento e lazer, ou como espaços de vivências esportivas sistematizadas, contribuiu efetivamente para a escolha pela docência na Educação Física pelos pioneiros e pelas pioneiras. Para as finalidades desta pesquisa, tornou-se importante identificar como as relações sociais, atreladas às práticas corporais, foram construídas e ressignificadas nas ações pedagógicas cotidianas do público entrevistado.

O Professor João Genésio Queiroz de Arruda é natural de Surubim, estado de Pernambuco. Hoje, com 56 anos de idade, é o único dos pioneiros que ainda atua na Educação Básica do município de Guanambi. João Arruda se mudou para Guanambi em 1985 em razão da transferência do pai, trabalhador na área da construção civil, “Vim para Guanambi por volta de 1985, meu pai veio trabalhar na Bahia e trouxe a família para cá” (JOÃO ARRUDA, relato oral concedido em junho de 2021). Suas experiências corporais primárias e relações familiares lhe proporcionaram uma aproximação efetiva com as práticas corporais. “Na infância brincava muito na rua... corria... pulava... subia em árvores... não ficava quieto em casa” (JOÃO ARRUDA, relato oral concedido em junho de 2021). Porém é na escola que o Professor João Arruda tem sua aproximação com a prática esportiva sistematizada, bem como outras práticas corporais difundidas nas aulas de Educação Física da época:

Iniciei minha vida escolar em escola pública, escola estadual Severino Farias, logo após completar os estudos primários, fui estudar em uma escola particular – Colégio Marista Pio XII – onde concluí os estudos. Como estudei no período da ditadura militar, a escola era bastante rígida, e os professores muito autoritários, tínhamos que seguir ao pé da letra as lições... As aulas de Educação Física eram no turno oposto ao que estudava, era uma aula que privilegiava a ginástica (calistenia) para as meninas, e os meninos jogavam futebol e jogos tradicionais... Os professores também trabalhavam com primeiros socorros, higiene pessoal, cantavam o hino nacional, regras de esportes como futebol, voleibol, handebol, basquete, etc. Eles tratavam a Educação Física como um meio dos alunos aprenderem a ser atletas”. (JOÃO ARRUDA, relato oral concedido em junho de 2021).

Essa aproximação com as práticas corporais na escola influenciou diretamente a escolha do professor João Arruda pela Licenciatura em Educação Física, porém as relações familiares também o entusiasmaram para essa opção. “Sempre gostei de esportes desde criança, sou apaixonado pela prática esportiva. Jogava futebol de campo, futebol de salão – que hoje é futsal – handebol, baleado, atletismo e um pouco de influência da minha mãe que era professora” (JOÃO ARRUDA, relato oral concedido em junho de 2021). Nesse caso, a escolha da profissão foi direcionada também pelo ponto de vista afetivo. Ao dizer: “Minha mãe era professora”, tem-se uma relação subjetiva na convivência que os sujeitos constituem, e nesse caso em particular, foi incorporado à sua decisão.

Ao observar o desenvolvimento histórico das ações pedagógicas da Educação Física, percebe-se que não é consensual considerar a educação numa perspectiva de formação humana, ou seja, as propostas de organização e seleção dos conteúdos para as aulas de Educação Física são compostas por uma diversidade de bases epistemológicas conduzindo suas ações. Deste modo, a concepção biológica do ser humano (sem uma compreensão mais aprofundada sobre as influências das atividades culturais do sujeito) ainda está presente em ações curriculares em Educação Física na escola.

O relato do Professor João Arruda vem nos afirmar como a Educação Física brasileira foi influenciada por diversas concepções e vertentes pedagógicas. Algumas dessas influências podem ser destacadas: 1) da Pedagogia Tradicional na elaboração dos Métodos Ginásticos Europeus, nos quais a disciplina e a moral eram princípios basilares (SOARES, 2001); 2) do modelo de ensino Escolanovista, no qual seus intelectuais como Fernando de Azevedo criticaram a rigurosidade do Método Francês no Brasil e se colocaram na defesa do Método Sueco, por seu caráter pedagógico (AZEVEDO, 1928); e, por fim, 3) do modelo Tecnicista, amplamente utilizado para o ensino do Esporte no currículo escolar, oficialmente na legislação educacional dos anos de 1970 (MELLO, 2014). Com o advento do período de redemocratização política do país nas décadas de 1980 e 1990, outras concepções e perspectivas pedagógicas da Educação Física surgiram, dentre elas: a Desenvolvimentista, de Tani *et al.* (1988); a Construtivista e Cognitivista, de Freire (1989); a Crítico-Emancipatória, de Kunz (1994); e a Crítico-Superadora, de Soares *et al.* (1992) (COLETIVO DE AUTORES).

As especificidades contidas em cada relato, que apontam as escolhas para a docência na Educação Física, compreendem-se como “o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor” (SACRISTÁN 1999, p. 65), pois cada professor e professora buscou sua afirmação na profissão, e seus percursos de vida os influenciaram para essa carreira no Magistério. As Narrativas dos pioneiros

e das pioneiras explanam experiências únicas, cada história relatada nas memórias demonstra como os sujeitos compartilham elementos comuns que constituem uma coletividade. Os relatos orais concedidos apresentam as experiências de cada sujeito sobre suas vivências com as práticas corporais em tempos e espaços distintos, o que revela como essas interações sociais influenciaram nas suas escolhas profissionais.

As reminiscências são expostas a partir da escolha de cada sujeito histórico, pois conforme Halbwachs, a memória é uma construção social. Para explicar isso, Halbwachs pondera que toda memória é coletiva, pois:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2013, p. 26).

Ainda em Halbwachs (2013), a formação da memória de cada sujeito está diretamente relacionada aos pontos em comum que cada pessoa traz como experiência, pois para lembrar é necessário que os elementos das lembranças de diferentes sujeitos se correspondam. Assim, não existe memória individual sem a memória coletiva, toda memória diz respeito a um grupo, portanto, a memória individual só existe se o ser humano estiver imerso em um meio social (HALBWACHS, 2013).

Adiante, na terceira sessão do trabalho, apresentaremos as memórias de formação e atuação docente em Educação Física dos pioneiros e das pioneiras, bem como a construção dos espaços culturais referentes à Educação Física na escola, e suas influências na constituição pedagógica da Educação Física do município de Guanambi – Bahia.

3 “MESMO NÓS NÃO SENDO FORMADOS... NÓS DÁVAMOS AULA, NÃO É COMO HOJE...” PRÁTICA PEDAGÓGICA, AÇÕES DOCENTES E A VIDA ESCOLAR DOS PIONEIROS E PIONEIRAS SEM FORMAÇÃO SUPERIOR EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Após análise das memórias sobre as influências nas escolhas dos pioneiros e pioneiras para sua prática profissional, a ideia agora é refletir sobre as memórias de atuação docente destes professores e professoras. A reflexão será sobre os aspectos estruturais, as condições sociopolíticas, materiais e financeiras sob as quais os professores e as professoras desenvolveram suas práticas docentes no campo da Educação Física escolar. Denominamos como práticas docentes todas as intervenções pedagógicas realizadas por esses professores e professoras, diretamente relacionadas à Educação Física na escola. Portanto, buscam-se nas memórias deste grupo aproximações e distanciamentos sobre o que desenvolveram nas aulas, atividades culturais das escolas, festivais, eventos esportivos, gincanas, ou seja, práticas escolares que contemplam as manifestações da cultura corporal.

A proposta de analisar as memórias das ações docentes, para além da aula de Educação Física, justifica-se em razão de compreender que os processos de ensino/aprendizagem se dão em todos os espaços escolares, ou seja, atividades de aula e extra aulas. Portanto, trabalhamos com o conceito de que as ações docentes relatadas nas memórias dos professores e professoras contribuíram significativamente para a construção da identidade da Educação Física escolar em Guanambi. O estudo das memórias das práticas docentes dos pioneiros e pioneiras da Educação Física na cidade de Guanambi permite uma compreensão singular da organização e a história das práticas corporais desenvolvidas na atualidade.

O Professor José Teixeira Freire nos apresenta suas memórias de atuação em dois momentos distintos, o primeiro como professor do Colégio São Lucas e depois como docente do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho. Portanto, como é o primeiro professor de Educação Física de Guanambi, objetiva-se aqui, a partir do seu relato, apresentar as contribuições e o legado do Professor José Teixeira Neves para implantação e desenvolvimento da Educação Física nas escolas de Guanambi. Assim, para iniciar as análises das ações docentes, buscam-se as perspectivas de desenvolvimento pedagógico da Educação Física, pela memória das práticas pedagógicas do primeiro Professor de Educação Física da referida cidade.

Em 1954, em função do seu histórico em práticas esportivas, José Teixeira Freire assume o cargo de Professor de Educação Física no Ginásio São Lucas de Guanambi, escola a qual anos depois, após a fusão com o Ginásio de Guanambi, passou a se chamar Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho. A prática pedagógica do Professor José Neves Teixeira esteve associada às práticas corporais as quais o professor teve uma aproximação consistente no

seu percurso de vida. Assim, o esporte foi o principal conteúdo desenvolvido pelo professor em suas aulas:

Ao iniciar a minha profissão como Professor, eu tive que lidar com diversas dificuldades. Para iniciar as aulas eu apresentei os esportes que pratiquei nas escolas em Montes Claros, os alunos queriam aprender mais sobre o Handebol, uma novidade para eles, mas como não tinha quadra, o que deu para fazer foi o futebol. (JOSÉ TEIXEIRA FREIRE, relato oral concedido em março de 2021).

Como já comentado neste estudo, o processo histórico da Educação Física foi permeado por interesses político-militar-burgueses de maneira que essa relação se coadunava quase que perfeitamente – isso não isenta os interesses por parte da classe explorada essencialmente antagônicos – mas quem sai a frente nessa relação segundo, Ghiraldelli Junior (2001), são as elites imperiais ainda na primeira república (1889-1930). Porém, não há consenso, pois segundo Castellani Filho (1988), já durante o final do Império e início da República, a influência militar era muito grande sobre a Educação Física – ressaltando que a Educação Física neste período era chamada de Ginástica.

Portanto, ao associar as memórias de atuação do Professor José Teixeira Freire com as concepções históricas da Educação Física, é possível perceber que há uma inquietação para a busca de consolidação de espaços para as práticas esportivas nas aulas de Educação Física. Nota-se também no relato que o Professor José Teixeira Freire teve a intenção de suprir uma demanda social em expansão, a prática dos esportes, e ao mesmo tempo buscava diversificar as práticas corporais desenvolvidas em suas aulas.

Porém, conforme a conjuntura pedagógica da Educação Física da época, o Professor ajustou suas possibilidades didáticas para desenvolver a ginástica como conteúdo “Tinha meu próprio método natural, ou seja, exercícios que eu achava melhor para os alunos: levantamento de pernas e braços, flexionamento (*sic*), exercícios com os quadris...” (JOSÉ TEIXEIRA FREIRE, relato oral concedido em março de 2021). Essa fala do entrevistado indica uma possibilidade de diversificar os conteúdos para além do esporte desenvolvido em outros momentos.

O relato oral do entrevistado indica também uma preocupação com a participação dos estudantes nas atividades desenvolvidas para além das práticas corporais, pois o Professor pensava em seus alunos como sujeitos históricos e culturais. “Nunca deixei de ensinar nada para nenhum aluno... mesmo se ele não soubesse o básico para jogar, ou executar os movimentos da ginástica, eu o chamava e fazia com ele a parte” (JOSÉ TEIXEIRA FREIRE,

relato oral concedido em março de 2021). A atuação docente implica na capacidade em organizar momentos de aprendizagens, esses momentos buscam compreender que a prática pedagógica destes professores são movimentos de saberes, que no curso do exercício docente desenvolvem espaços de conhecimento em que sua trajetória e suas experiências são pontos essenciais para a qualificação da sua prática. Essas provocações sobre a atuação docente estão presentes em diversos estudos e, portanto, têm se difundido em vários aspectos. Desta forma, isso nos conduz à reflexão de que a atividade pedagógica do professor de Educação Física pode dispor de elementos dinâmicos no processo de ensino/aprendizagem, e assim oportuniza uma atuação coerente com uma proposta educacional transformadora.

Fruto da conjuntura social da época, as aulas desenvolvidas pelo Professor José Teixeira Freire eram separadas por gêneros, meninos e meninas desenvolviam atividades em horários distintos. Outra característica das aulas do Professor, essa em especial dialoga com o início do período esportivista da Educação Física escolar, e assim, as aulas ficaram marcadas por momentos de organização pedagógica que reproduziam, guardadas as devidas proporções, os códigos e sentidos do esporte de rendimento nas aulas de Educação Física. Porém, o Professor não selecionava o conteúdo conforme o gênero, ou seja, as atividades eram desenvolvidas conforme seu planejamento para o período indicado pela escola “O horário das aulas de Educação Física geralmente era das seis às oito da manhã. Mas o basquetebol, o voleibol e futebol eram as vezes praticados fora do horário da aula enquanto treinamento para competição” (JOSÉ TEIXEIRA FREIRE, relato oral concedido em março de 2021). O processo histórico da Educação Física escolar no Brasil é percorrido por diferentes tendências, através das quais se pretende formar um tipo específico de indivíduo consoante aos interesses políticos, sociais e econômicos vigentes em cada época no país. Isso de fato se traduz nas tomadas de decisões dos grupos que estão no poder – seja por meio da implementação de novas políticas, ou adoção de promoções ideológicas capazes de gerenciar correntes de pensamentos.

No relato do Professor José Teixeira Freire, percebe-se que, no período inicial das suas atividades docentes, as condições materiais e estruturais para as aulas eram precárias, isso corrobora a ideia de que já existia uma hierarquia de relevância das disciplinas escolares, mesmo que essa hierarquia em alguns momentos fosse velada, pois existia um movimento na escola em proporcionar materiais e condições efetivas para as aulas das demais disciplinas, o que não acontecia com a Educação Física. Isso fica mais evidente quando o professor relata uma iniciativa própria em construir uma “quadra de terra batida”, trabalho que realizou com a ajuda de alguns estudantes de suas turmas, pois a limitação de espaço e material teria imposto ao professor uma barreira significativa. O espaço para as aulas, construído pelo Professor e seus

alunos, foi adaptado para a prática do basquetebol e voleibol, “... os aros eram feitos de vergalhão e a tabela, com pedaços de madeira que eu conseguia...” (JOSÉ TEIXEIRA FREIRE, relato oral concedido em março de 2021). As reminiscências apresentadas no fragmento do relato indicam um movimento claro de esportivização das práticas corporais na escola, pois cada sujeito sistematiza em si o conjunto de memórias que desenvolve no percurso da vida, e essas memórias esportivas refletem como conteúdo das suas aulas. Desta forma, a história se desenvolve nas atividades conjuntas e coletivas, em um determinado espaço e local, e assim, cada ser representa as suas memórias acumuladas durante sua existência, ou durante um determinado período da vida – memórias essas que são coletivas e, quando desveladas, abordam a história de uma pessoa ou lugar.

As memórias expostas pelo professor José Teixeira em seu relato oral remetem a Bergson (2006), quando diz que, quando queremos relembrar algo, destacamo-nos do presente, através de um salto, para nos localizarmos inicialmente em um passado em geral, e posteriormente numa região específica do passado. Ele explica que a rememoração ocorre em um salto ao passado para atualizar o que se busca rememorar, ou seja, na rememoração vamos do passado ao presente e não o contrário, o ser salta no seio do virtual e atualiza a lembrança presente. Uma vez que o passado se conserva em si, enquanto o presente sempre passa, todo o nosso passado coexiste com o nosso presente. Bergson (2006) explica que os intervalos de coexistência entre o passado e o presente possuem diferentes níveis de profundidade, mas cada um deles compreende à totalidade do passado, que pode estar mais dilatado ou contraído, mais próximo ou mais distante do presente. Dessa maneira, o reconhecimento do passado nas imagens-lembrança e a projeção do presente em imagens-ação fazem de nosso corpo uma máquina capaz de ora lembrar e identificar fatos e acontecimentos, ora produzir e encenar nossa vida sobre as imagens. Desse processo comunicativo, podemos entender nossa memória como passado e presente coexistente.

Desta forma, refletir sobre as reminiscências do Professor José Teixeira, em diálogo com as concepções da filosofia bergsoniana apresentadas acima, concebe a memória em uma concepção não psíquica, e sim ontológica – que a memória não está na matéria, que ela não é um lugar, que, na verdade, memória é tempo. Portanto, a memória é mobilidade e criatividade, é o que une o mundo material e o mundo espiritual, e que entre a percepção e a lembrança não há uma diferença de grau, mas uma diferença de natureza.

A análise das memórias do entrevistado permitiu uma aproximação com compreensão histórica da implementação da Educação Física na cidade de Guanambi, pois diante do cenário social, político e econômico da época, observa-se que a atuação profissional em Educação

Física demandava medidas emergenciais no caminho que pudesse guiar o seu conhecimento, sob bases biológicas, anunciando a prática profissional nas escolas que dialogassem com as suas concepções de ensino, sob o prisma do esporte e da ginástica para a formação do sujeito. O Professor José Teixeira Freire não era licenciado, ou seja, não frequentou o curso superior de Licenciatura em Educação Física, nem qualquer outra licenciatura, porém no seu percurso como professor de Educação Física buscou cursos de formação para auxiliá-lo no desenvolvimento de suas aulas. Teixeira fez alguns cursos promovidos pelo Departamento de Educação Física do estado da Bahia, cursos relacionados ao trato pedagógico da Educação Física na escola, bem como cursos direcionados para o trabalho com o treinamento de práticas esportivas.

Quando estimulado a falar sobre como esses cursos transformaram sua ação pedagógica nas aulas, o Professor nos fala que pouco muda concretamente sua prática, mesmo com a apropriação dos conhecimentos vinculados nos cursos. “... a Educação Física tinha um caráter militarista nesse período, não tinha muito o que fazer, ou mudar” (JOSÉ TEIXEIRA FREIRE, relato oral concedido em março de 2021). Ao relatar que as aulas tinham um caráter militarista, o Professor expõe que os momentos não eram dotados de espaço para reflexão sobre as práticas corporais desenvolvidas. “Só quando surgia algum boato que algum aluno tinha feito isso ou aquilo, aí a gente aproveitava e passava um sabão nele” (JOSÉ TEIXEIRA FREIRE, relato oral concedido em março de 2021). O Professor José Teixeira Freire, ao conceder o relato oral, estava com 93 anos, portanto os estímulos levados pelo pesquisador para buscar as memórias de atuação do professor nem sempre surtiam efeitos, eram constantes os momentos em que o professor não recordava de determinadas situações do seu fazer pedagógico, bem como de suas atividades cotidianas fora da escola.

Figura 2: Professor José Teixeira Freire.....Figura 3: Professor José Teixeira Freire



Fonte: Próprio autor



Fonte: Próprio autor

O professor José Teixeira Freire (Figuras 2 e 3) teve seu período de atuação como professor durante o governo militar. Na gravação do relato oral, buscamos um ponto de questionamento sobre as influências do regime militar nas suas atividades docentes, o professor não respondeu sobre esse ponto, declarou-se apolítico e que o regime militar pouco interferiu nas suas aulas. “Sobre isso aí, não tenho o que falar, ajudou a controlar bem os alunos, mas não teve nada demais na escola e nas aulas” (JOSÉ TEIXEIRA FREIRE, relato oral concedido em março de 2021). Percebendo o incômodo do Professor com esse tema, buscamos outro assunto para continuar a gravação do relato oral.

Diante disso, a história oral empreendida nesta pesquisa expõe mais um dos seus aspectos. Como aspecto metodológico de pesquisa, a história oral tem um ponto inicial, qual seja, o tempo presente, no entanto não deve ser entendida como a voz do conjunto de pioneiros e pioneiras em si. Para as análises dos relatos, busca-se refletir sobre a história oral como um “caminho aberto” pelo qual já se passou, porém sem necessariamente ter uma linearidade oficial da história. Contudo, essa cronologia busca respostas a questões elaboradas no presente, para reconstruir uma imagem do passado. Essa trilha adotada permite ao pesquisador compreender como o passado é transversal ao presente pelas memórias e também como essas memórias no tempo presente repetem, transformam, modulam, até mesmo apagam os episódios anunciativos do passado. Todavia, “as deficiências procedentes do esquecimento [...] não devem ser tratadas de imediato como formas patológicas, como disfunções, mas como o avesso de sombra da região iluminada da memória, que nos liga ao que se passou antes que o transformássemos em memória” (RICOEUR, 2007, p. 40).

Deve-se entender que o relato oral em si, enquanto memória de um tempo passado no tempo presente, não trata apenas de uma informação, ou simplesmente uma narrativa histórica, avaliada pela perspectiva de algo que se pode ver entendido como singular em uma natureza. Em uma análise mais profícua, entende-se o relato oral como um instrumento de concepção mais abrangente do significado das ações humanas (ALBERTI, 1990).

Quanto à avaliação do processo de ensino aprendizagem, o Professor José Teixeira Freire fez questão de frisar em seu relato que nunca reprovou nenhum estudante. “O aluno comigo não era para ser reprovado, porque Educação Física é uma matéria fácil de se aprender, era só aprender a saltar, pular... e eu dava condições para todo mundo aprender... e todo mundo aprendia” (JOSÉ TEIXEIRA FREIRE, relato oral concedido em março de 2021). Em sua concepção de Educação Física, o objetivo do componente curricular na escola é: “Educação Física ajeta o corpo e a mente do aluno... [pausa longa]. Depois de uma aula de esporte, por exemplo, o aluno fica com a cabeça leve... o aluno é outro” (JOSÉ TEIXEIRA FREIRE, relato

oral concedido em março de 2021). A concepção dualista de Educação Física apresentada pelo Professor José Teixeira Freire tem respaldo na conjuntura política e educacional da sua época de atuação docente. Influenciado pelos estudos europeus, a Educação Física no país se intitulava como responsável em cuidar do corpo, fortalecer a população das doenças advindas do crescimento urbano desordenado, que refletia em miséria, doenças, e conseqüentemente epidemias, comprometendo a vida dos segregados e a produção nas fábricas. Fazia-senecessário livrar o povo desses acometimentos.

A Educação Física nesse contexto negava o que de fato prometia à população, seu lado único, o biológico, jamais dialogaria com situações em que não se tinham as condições básicas de sobrevivência. Portanto, fruto de muitas contradições, Educação Física assim é inserida na escola, no entanto tendo como parâmetro unicamente a preparação do corpo, desnecessária para a formação intelectual de seus estudantes.

Seu caráter cívico, disciplinador, fazia-se insignificante na construção de algo que se desprendesse ou contrariasse a lógica, mas se fez necessário na preparação militar, no conservadorismo exacerbado, na construção do estereótipo necessário na época. A Educação Física enquanto ciência, respaldada pelos conceitos médicos higienistas do momento em questão, veio reafirmar o projeto capitalista em ascensão. Portanto, o relato oral das ações pedagógicas do pioneiro ajuda a compreender os procedimentos que permeiam a complexidade da organização histórica da Educação Física na escola. Mesmo fruto de um processo histórico que molda e direciona as ações, as práticas educativas do Professor José Teixeira Freire podem ser compreendidas como um ato político, na medida em que as ações pedagógicas estão vinculadas a determinado projeto de homem, de sociedade e de escola, mesmo sem a consciência efetiva do professor.

Ao analisar uma ação docente em Educação Física a partir de uma perspectiva transformadora, é inevitável não considerar que as pessoas ensinam, aprendem e reproduzem o que é determinado pelas condições socio históricas às quais estão imersas. Fica a reflexão para transformar essa realidade; o professor deve ter consciência de suas responsabilidades como educador, destaca-se a importância de um trabalho coerente com um espaço de reflexão crítica, aberto ao novo fazer pedagógico.

O Professor Francisco Vladimir Borges e Castro Bastos, Seu Vladimir, foi o segundo professor de Educação Física de Guanambi, assumiu uma vaga primeiramente no Colégio Ginásio São Lucas e, anos depois, assumiu uma vaga como professor do Colégio Estadual Luiz Viana Filho:

Então, aí eu fiquei... que eu fui o professor do São Lucas daqui, fui o segundo professor de educação física de Guanambi. Em 1956, não é? Aí... foi aí passou os tempos... aí tempo depois fundiu o Ginásio Guanambi com o São Lucas, aí foi o colégio Luiz Viana Filho, viu? Aí, chega em 1972. Aí eu voltei... “vamos ser professor” Ah! Vamos ser...isso daí foi isso, enfim, tem. O Professor do ginásio aqui lá foi Zé Teixeira, Homero, de Delsinho... Homero foi meu professor no São Lucas. Ou melhor, foi meu aluno no São Lucas, para você ver... ele, foi meu aluno no São Lucas. Depois foi... depois foi meu colega lá no estadual, aí passei a estudar No... Trabalhar no estadual. (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

Figura 4: Colégio Estadual Governador Luís Viana Filho (1974)



Fonte: Memorialista Dário Contrim

(Disponível em <https://www.instagram.com/historiadeguanambi>. Acesso em: 19 de março de 2022)

O relato concedido por Seu Vladimir nos permite uma compreensão mais proveitosa sobre as circunstâncias históricas, bem como os determinantes sociais que implicaram diretamente para a organização inicial da Educação Física escolar em Guanambi. Sua narrativa nos permitiu entender as ações que foram desenvolvidas no âmbito do ensino da Cultura Corporal que favoreceram positivamente a expansão das práticas corporais na cidade.

As reminiscências do Professor Vladimir, em muitos momentos, vão de encontro às memórias do seu colega José Teixeira Freire. Um desses momentos de convergência é quando o Professor Vladimir relata sobre suas condições de trabalho nas duas primeiras escolas em que

ministrou aulas.

Rapaz, é aquilo que eu lhe digo, é você trabalhar com a bolazinha, fazendo educativozinho, de vai lá bater. Não tinha assim... eu ainda fazia no vôlei, fazia iniciativa de pegar o menino, fica a maneira de como pegar, levantar, dar volta de um campo, aquela maneira de estudar, jogava para fazer, para ser, para ter assim, vamos ver... você ensinar um estilo normal de pegar para ver... depois para subir, para levantar, para cortar, levantadora... Eu tinha nas pontas... já foram tudo, a turma minha era muito boazinha de vôlei, viu! Que eu jogava era boa. Agora não era o que foi depois, um toque perfeito, o que foi depois... fez negócio todo ele, era, a coisa era bem diferente hoje. Não tínhamos as condições e a estrutura que podemos ver hoje nas escolas... Veja só, naquele tempo quem fez a quadra para dar aula de esportes foi o Professor Zé Teixeira. Para você ver, nem lugar para dar aulas a gente tinha. (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

Portanto, as condições objetivas para o desenvolvimento das aulas teriam imposto algumas limitações ao trabalho do Professor Vladimir, pois não se tinha um espaço apropriado para as aulas e faltavam materiais didáticos. Ao estimular mais a fala sobre as condições de trabalho, disponibilidade de materiais e espaço para aulas, especulamos se as condições apresentadas na época influenciaram na qualidade da aula, ou seja, se contribuíram para uma possível evasão dos estudantes das aulas.

Rapaz, era muito bom, viu? Muito dedicados, mesmo sem uma boa estrutura física, a gente fazia um aquecimento rigoroso. Do lado, do movimento, todo mundo fazia coisa... trabalhava muito bem os exercícios. Faziam com vontade de adquirir resistência. Trabalhar, não é? Impulsão. Tudo isso, não é? Muito bom mesmo fazer aquele negócio, é muito bom mesmo, viu? Eu procurava fazer assim que dava, e que procurava ver como saia... Aí eu conversava sempre com quem entendia, sabe? (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

As limitações apresentadas pelas condições precárias de trabalho impuseram ao Professor empreender um esforço para além do seu exercício profissional, pois era preciso deslocar os estudantes para outra área, fora da escola, na busca de sanar o problema da falta de espaço, as turmas eram impelidas a utilizar espaços comunitários em torno da escola. No entanto, apesar de a narrativa expor a falta de espaço e a precariedade dos materiais das aulas, o Professor não se sentiu impedido de desenvolver suas atividades docentes – como também se observa no relato que as situações adversas não influenciaram diretamente as opções de conteúdos e estimularam a criatividade do Professor, pois as circunstâncias contrárias foram avaliadas por ele como barreiras que precisavam ser atravessadas, e não o impediram de desenvolver suas intervenções pedagógicas. Na memória apresentada, o Professor Vladimir demonstra um

compromisso profissional com seus estudantes, pois busca as condições necessárias para oferecer às turmas as oportunidades de participação ativa nas práticas corporais que eram conteúdo das suas aulas.

Na trajetória profissional do Professor Vladimir, ele trabalhou inicialmente no Colégio São Lucas, anos depois iniciou sua jornada no Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho. Após alguns anos ele foi transferido para trabalhar na extensão do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, localizada no Distrito de Ceraíma (zona rural do município de Guanambi). Anos depois, a extensão se transformou em uma escola municipal, e o Professor foi cedido para trabalhar na Escola Municipal Colônia Agrícola de Ceraíma. Nesses distintos momentos e espaços de atuação, o Professor Vladimir expôs como foram as formas de organizar o trato pedagógico e a obtenção de materiais para suas aulas.

Com os materiais, o atletismo, em Guanambi... no Luiz Viana... eu conseguia fazer tudo, sabe? Lá em, em negócios, fazia lá... lá... fiz colchão, para pensar, mas era feito para a gente mesmo, no basquete era a bola, o colégio dava a bola, sempre deu bola, sabe? Eu tinha um monte de bola de voleibol. Eu cheguei até a adquirir até 20 bolas, viu? Para dar aula... uma menina tocando de lá para cá... e no basquete também para bater tinha muitas bolas da época! Eu aqui era muito amigo do pessoal que trabalhava na prefeitura, lá era do estado, vai ver que aí chegava aqui e conseguir. Já vai... Me arranjava material para bola e tudo, viu? É, mas era coisa pela amizade. Tinha essa menina daqui, de que é casada com o menino do, dessa lojinha aqui... Casado com um dele é Eder. Ela trabalhava na prefeitura, tinha uma amizade comigo até hoje. Amizade doida, rapaz... Aí eu, naquela que eu trabalhava na prefeitura, levava ela em Ceraíma e tudo, era muito da gente, pra gente. A gente tava aqui para mexer na quadra, pintava a quadra, e tudo! Contei muito com a professora lá. E aqui não, era do estado, eu recebia. A diretora do Luiz Viana recebia o dinheiro para fazer o movimento. Ela que comprava a bola, aí também me dava, ela era muito minha amiga. Eu sempre, Marlon, mantive... tive uma maneira assim de... de ajeitar... de entrar, de conversar, de levar as coisas com mais jeito, até os alunos mesmo. Todo mundo quer ser meu aluno, por causa dessa maneira de ser, de, de aceitar as coisas, de saber falar, não repreender, repreendendo, adulando. (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

O fragmento do relato apresentado acima, a princípio, pode apresentar um pouco de contradição com a fala anterior. Porém, com uma análise mais apurada, é perceptível em sua fala que os materiais e a quantidade elevada das bolas que ele conseguia não eram proporcionados diretamente pela escola, mas sim por outros meios e fontes de financiamentos que sobressaíam aos muros escolares. Mesmo em escolas e redes de ensino diferentes, o problema de aquisição de materiais e ambiente de trabalho desfavorável para uma ação didática persistiam em sua jornada como professor. Na compreensão da narrativa do Professor Vladimir, as situações sobre os materiais e os espaços de aula, em determinadas situações, dificultavam a

organização pedagógica da aula para a efetivação do ensino do esporte, que era tratado como conteúdo.

A história oral nos permite chegar a essa compreensão mais larga da fala do entrevistado, pois a narrativa apresentada pelo colaborador da pesquisa passa pelo olhar do entrevistador e pela recuperação das memórias do entrevistado. Portanto, não é uma percepção única da narrativa, há também um entrecruzamento de concepções e discursos. Além disso, a análise sobre a fala do entrevistado deve sair, além do tempo presente em que foi proferida, da fundamentação do espaço e das “suas condições de produção, meios de circulação e apropriações diversas, interesses que envolvam tanto o entrevistador quanto o entrevistado”, conforme Montenegro (2012, p. 42) afirma.

O período de atuação do Professor Vladimir foi extenso, iniciou suas atividades docentes em 1956 e se aposentou em 2008,

Em 1956 iniciei no São Lucas, depois saí, o colégio fechou. Em 72, iniciei como professor, entrei em 72 no Luiz Viana... Agora eu trabalhei, também em Cearíma era unificação daqui, que não tinha professor, aí era a extensão sim, aí era o estadual em Ceraíma, não é? Depois transformou lá e municipal, e eu aposentei pelo municipal sendo professor do estado. Foi isso! (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

Durante esse período, a Educação Física no Brasil passou por inúmeras transformações, o que promoveu a difusão de diversas concepções pedagógicas como bases para o ensino, porém o Professor Vladimir só nos apresentou duas possibilidades de conteúdos em suas aulas, “Eu fazia Educação Física... Aula normal de Educação Física, e trabalhei com o vôlei, não sabe? Depois trabalhei com basquete, então foi vôlei e basquete” (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021). Nota-se que o futebol não compõe inicialmente as possibilidades de conteúdo das aulas do Professor Vladimir, mesmo ele tendo sua inserção na docência em Educação Física em função das suas práticas com o futebol, pois o Professor foi jogador da divisão de bases de times em Salvador.

Primeiro, é o seguinte: eu, na época, eu gostava muito de futebol, era mais dedicado... eu estudava em Salvador. Em todos os colégios que eu estudei, então eu participava da seleção, representante, da classe dos seus conhecidos menores, dos médios, dos maiores, todo o colégio. Passei pela seleção do colégio. Então essa seleção desenvolve um pouco. (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

A fala do Professor Vladimir, apresentada acima, apresenta uma das suas influências

para a escolha da profissão, contudo essa influência não interferiu diretamente nas opções de conteúdo para as suas aulas – até porque, a perspectiva histórica da Educação Física influencia diretamente na organização didática do professor. Segundo Bracht (1999), a constituição pedagógica da Educação Física, ou seja, a instalação dessa prática pedagógica no ambiente escolar, foi fortemente influenciada pela instituição militar e com respaldo das instituições médicas, a inserção amparou-se no desígnio da instituição militar, que era responsável pelo desenvolvimento da prática de exercícios físicos sistematizados, estes, que foram reorganizados para a sociedade civil pelo conhecimento médico. Portanto, as influências pessoais que implicaram para a escolha da profissão de Seu Vladimir entraram em conflito com as perspectivas didáticas da Educação Física no seu período de atuação docente.

No entanto, percebe-se na fala do Professor Vladimir que ele tenta distinguir o que é aula de Educação Física e o trabalho com voleibol e basquetebol como treinamento de equipes da escola para competições extraescolares. Porém não há uma distinção clara dos conceitos de esporte extraclasse para o esporte como conteúdo das aulas de Educação Física. Isso fica evidente porque o relato como sendo algo vivido no passado, como tudo que o depoente expõe, e frutos das suas memórias, passa a não ter o significado apenas da “perspectiva do indivíduo, pois esta é informada pelo grupo desde os primórdios do processo de socialização. A versão do indivíduo tem, portanto, um conteúdo marcado pelo coletivo ao lado certamente de aspectos decorrentes de peculiaridades individuais”, assim afirma Lang (1996, p. 45). O depoente se concretiza nesse discurso ao expor suas memórias e trata esse discurso como “uma coletânea dos rastros deixados pelos acontecimentos que afetam o curso da história dos grupos envolvidos, e que se lhe reconhece o poder de encenar essas lembranças” (RICOEUR, 2007, p. 129).

Esse conflito de conceitos na Educação Física é fruto do seu histórico. Castellani Filho (1998) pondera que a Educação Física no Brasil, desde meados do século XIX, foi entendida como artifício de singular relevância para a formação de indivíduos fortes e robustos, imprescindível para a efetivação do processo de desenvolvimento do país que – saindo de sua condição de colônia portuguesa, no início da segunda década daquele século – buscava construir sua própria identidade de nação. A Educação Física vem se consolidar, dentro das escolas públicas e privadas, sustentada pela grande ciência na qual se respaldava e impetrava a credibilidade dos setores, análoga aos moldes machistas oriundos da Europa que responsabilizava a mulher no trato com a higiene de toda a família, como também para evitar no meio familiar o aparecimento de vícios ou condutas incorretas que, por ventura, aparecessem. Assim, no período inicial de atuação do Professor Vladimir, a Educação Física passa por uma

crise constante de consolidação de conteúdos, interferindo na formação de sua identidade como disciplina escolar.

A percepção sobre Educação Física do Professor Vladimir começa a mudar quando o Departamento de Educação Física do Estado da Bahia (DEF) proporciona cursos de formação para os professores, e esses cursos chegam a Guanambi. Durante muito tempo, esses cursos funcionaram com uma espécie de paliativo para a ausência de professores formados. Ofereciam algo de aprimoramento técnico aos professores leigos, sobretudo nas cidades do interior da Bahia.

mas naquela Educação Física que é feita de... de... você sabe... que você fazia aquecimento de futebol, era correr, aquela coisinha, aquela besteira, tal... aí tempos depois, aí surgiu Departamento de Educação Física aqui. Aí foi quando nós tivemos relação e conhecimento com a Educação Física, não é? Que todo mundo aí foi liberado para os militares... Zé Teixeira, Homero, Delson, tudo foi formado pelo militar... para ir lá fazia adaptação e vinha para aí. Aí depois, então, passou a ter curso ainda pelo Departamento de Educação Física DEF. Aí você já foi conhecendo o desenvolvimento diferente, mas não tinha o que chegou aí, mas você sabe o que era início de Educação Física? O Barbozinha vinha fazer exercício, corpo, mente... era uma beleza para o curso, aí daquela época fizemos no colégio aqui, nós tínhamos toda a modalidade de esporte, até o Salto de Vara tinha aqui. (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

Destaca-se no relato do professor Vladimir a dedicação que os professores tinham com o desenvolvimento da Educação Física na escola, bem como a relevância que o grupo de professores davam para a maneira de se pensar a Educação Física. Mesmo sob bases de cunho militar, os professores buscavam um suporte teórico e prático para a organização das suas aulas. Pondera-se que as memórias narradas pelo Professor Vladimir, durante os períodos de formação, revelam como os professores se preocupavam com a organização pedagógica da Educação Física, mesmo sem possuírem o curso superior. Independentemente das bases nas quais os professores estavam imersos, o planejamento das atividades docentes se propunha a indicar um processo de formação para além das práticas corporais, ou seja, para uma formação humana. Isso é creditado à participação do grupo de professores nos cursos de formação proporcionados pelo Departamento de Educação Física.

As memórias do professor Vladimir ancoradas no período de oferta dos cursos pelo DEF sinalizam o debate sobre como a formação para a docência pode ir além da formação universitária. Isso é possível perceber ao se refletir sobre as lembranças do Professor sobre as influências dos cursos em suas ações docentes.

O departamento, eles traziam vários. Vou dizer o seguinte, que era muito aproximado um do outro. Tinha a Educação Física Escolar. Tinham vários professores, Dady, tinha o Barbozinha que era a parte de atletismo, tudo completo, tudo era muito bom. Tinha Diógenes Rabello, muito bom também as aulas dele. Então eu dizia, uma turma tão boa, tinha um médico, é Osman. Também, que veio muito bom, então você, quer dizer, ela já vinha mesmo para modificar a sua estrutura, não sabe? Não vinha para você gostar mais de uma, de outro, vinha de ajudar, dar opções e maneira de ver você trabalhar, para mudar sua maneira de trabalhar, sabe, rapaz? Ele, espetacular, tinha um fator psicológico espetacular. E aí desenvolvia a conversa. Ele via um mais chegado a isso, mais a chegada da outra, e no fim era aglomerar, fazer o grupo, era muito bom o curso, muito bom mesmo, viu? Tinha um uns Coelhos. Eram uns 3 coelhos de uma mulher e 2 homens. Era a cabeça de área que era respeitado lá, bichão, isso era a mais esperada, mas muito bons também. Competente. Deixou o nome lá em Salvador, na Educação Física e tinha muito nome, sabe? A turma era muito boa. Departamento de Educação Física, o DEF foi uma maravilha, viu? Daquela época, desenvolvia muito esporte. Vinha a turma toda para ajudar esse campeonato. Participava direto das coisas e tudo. Todos os professores. Muito bom de vôlei e tudo, foi gente que foi alvo. Essa Aurita veio de aula, ela jogou da seleção baiana de vôlei e veio para cá muito boa também. Muito... Muito minha amiga, Aurita. Muito boa, viu? (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

Ressalta-se no fragmento do relato exposto acima o envolvimento e compromisso do Professor com a sua formação para as atividades cotidianas da Educação Física na escola. Torna-se relevante destacar como as escolhas de formação, quanto os cursos oferecidos aos professores, como também outras possibilidades que surgiram no seu percurso profissional, implicam em uma experiência significativa na vida e carreira de cada professor e professora. A formação docente é uma construção inacabada, dinâmica, dialética, flexível, guiada por fatores que influenciam diretamente o pensar e o fazer pedagógico, perpassando pela relação teoria e prática, pela autonomia docente e pela reflexão sobre a prática educativa. Esta última é aqui entendida como uma dimensão ampla e complexa da atuação e da formação de professores, que transcende o ensino burocratizado, linear – e para esses pioneiros e pioneiras, transcende a formação superior, e por isso há de se superar o seu caráter imediatista, ampliando os olhares para os múltiplos aspectos que a envolvem e que, portanto, precisam ser investigados, refletidos e analisados sob uma perspectiva crítica e questionadora.

Ao afirmar que a reflexão é um dos recursos para superar determinados problemas encontrados na prática pedagógica, deve-se, conforme Beltrão (2013), compreender que a reflexão por si só não é capaz de abordar várias questões sociais que vão além da sala de aula. Essa reflexão, na formação do professor, é imprescindível porque “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2011, p. 40). Nesse sentido, a narrativa do Professor Vladimir vai ao encontro das assertivas acima, pois a

busca pela formação durante o período de trabalho como professor demonstra o seu compromisso com a reflexão e crítica ao processo educativo da época. Essa concepção pressupõe uma subordinação da memória individual à organização das memórias coletivas. Conforme Halbwachs (2004), o que rememoramos enquanto sujeito é condicionado ao fato de estarmos e pertencermos a um determinado grupo.

O período de atuação do professor Vladimir compreende também o período dos governos militares no Brasil. Ao ser estimulado a falar sobre as influências e/ou interferências do regime militar nas suas atividades docentes, o professor procurou não associar nenhuma ação do regime militar diretamente a suas aulas, só comentou sobre como a ditadura militar interferia nas ações dos cursos promovidos pelo Departamento de Educação Física.

Não tinha assim... eu de me lembro... daquele tinha a ditadura, não, ele não participava assim, via o pessoal do DEF, que é daquela época, era o DEF, era não, era Departamento de Educação Física. Eles eram um pouco independentes assim da estrutura política, não sabe? Que era livre, assim, você sabe, é, só tinha o seguinte, não tem, não ter liberdade de pensamento que você estivesse agora, você era podado. Então, se a gente ficava bem recolhidos, não, não tinha. Se a liberdade, a ideia de um militar, você sabe disso, nós perdemos aqui as propriedades aqui, desapropriou a área e vai vir a Terra. Você não tinha direito, você não tinha o direito de pedir da justiça requerer nada, né? Perdendo tudo, uma propriedade fantástica, enfim, para desenhar deu 20 mil reais. Ela comprava Guanambi, chegou a achar 200 mil réis aqui na fazenda, era onde é ali onde é Ceraíma, que era o nosso... Então o professor não tinha liberdade assim, não tinha não, ninguém... Você não tinha nenhum direito de falar, então você está procurando? Não era uma coisa, preso não, você não tinha direito, fala política, nada, o que era, era o que tinha determinado, não está acabado, né? Afastado dos alunos, alunos. (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

Figura 5: Professor Vladimir Borges.....Figura 6: Professor Vladimir Borges



Fonte: Próprio autor



Fonte: Próprio autor

Em relação às concepções políticas da época, nota-se na fala do professor que ele busca se apresentar como neutro, e suas lembranças mostram que o regime de uma determinada época não interferiu diretamente em suas aulas na escola. Porém, o professor relata como a falta de liberdade influenciava as atividades dos professores do DEF, impedindo-os de se manifestar abertamente nos cursos. Outro ponto relevante a notar foi a ação do governo militar nas terras da família do Professor Vladimir, uma desapropriação de terras com uma indenização muito abaixo do valor real da propriedade – e dessa forma o professor associa a falta de liberdade imposta pelo regime militar às ações dos professores em geral, porém não comenta nada em relação a suas aulas em especial.

Para Halbwachs (2004), o papel essencial da memória enquanto representações partilhadas do passado, com influências ativas do presente, é gerar proximidade entre os membros de um determinado grupo, pois compartilham de algo em comum no passado. O relato sobre a falta de liberdade que os professores tinham ao desenvolver suas atividades durante o regime militar reflete hoje em suas memórias – e se supõe que isso os impede de tecer comentários diretos das influências do regime militar em suas atividades docentes, assim foi também com o Professor José Teixeira Freire. Ainda assim, percebe-se que ambiência social, a estrutura política da época, a carência de materiais e a estrutura física inapropriada interferiram e influenciaram nas práticas docentes dos referidos professores em alguns aspectos. Dessa forma, essas interferências foram fatores limitantes no campo da sua atuação, implicando em um fazer pedagógico que encontrava barreiras para uma organização de Educação Física que fosse além das práticas esportivas.

A reflexão do parágrafo anterior fica firmada quando uma das dimensões do trabalho pedagógico, a avaliação, é relatada pelo Professor Vladimir. É possível perceber na sua fala que a sua intervenção profissional foi influenciada por algumas concepções teóricas adquiridas nos cursos de formação do DEF, porém a avaliação do processo de ensino aprendizagem não houve avanço.

Não... não existia, assim, uma avaliação. Nenhum, era o que a avaliação? Era a frequência. Você tinha a frequente, é isso? O aluno tinha que frequentar, se você tivesse “X” por cento de ausência, aí você tinha que fazer uma recuperação, aí a recuperação. Você trabalha uma semana fazendo, todo dia tinha, você passava, você é obrigado a fazer a recuperação. Eu não sei quantos dias, você era obrigado todos os dias a fazer. Era cedo a recuperação, 6 horas da manhã. Era um castigo, sabe? Aí fazia, e todo mundo fazia, e um dia um professor não era... Não tinha definido. Definido professor. Segunda era meu, terça, de Homero... tal! Para um só também não, não dava o aluno, professor não pegava pesado por isso, não o professor sozinho dar aula para a

recuperação toda, todapenalizada, não é? (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

Falar do papel do professor dentro da relação de ensino-aprendizagem exige um estudo aprofundado das questões que implicam seu processo de atuação. São fatores relevantes para que cada professor construa sua identidade dentro da conjuntura em que está inserido, levando em consideração o aspecto cultural e as ações docentes durante tal atuação. No entanto, é no processo de formação que o professor toma consciência de seu papel no processo de ensino aprendizagem, que está associado com conhecimento e metodologias de ensino.

Nota-se que a preocupação dos professores não é necessariamente com o aprendizado efetivo dos estudantes, mesmo já com os conhecimentos necessários para organizar o trabalho pedagógico de uma forma diferenciada. Logo, é necessário elucidar o processo de constituição do sujeito, professor, em sujeito ideológico. O desenvolver da prática pedagógica está imbricado entre o discurso, a história e a linguagem do professor. Assim, coloca-se em questionamento a possível relação entre discurso e memória. É relevante trazer a ressalva de que essa relação entre discurso e memória acontece não em um grau de hegemonia, ou seja, um espaço epistemológico neutro e estável, mas acontece dotado de uma correlação de forças que, de um lado, busca conservar o que há de regular já preexistente, entretanto, por outro lado, um sentido de desestabilização para desregular o já posto (PÊCHEUX, 1999).

Diante dessa ideia, a concepção de avaliação do Professor Vladimir está incidida na materialidade e historicidade das práticas de Educação Física da época. Assim, é necessário que se considerem três aspectos que envolvem esse processo crítico-reflexivo: a disponibilidade para a mudança, o caráter político da prática educativa e a relação entre teoria e prática.

O primeiro ponto a ser discutido é a disponibilidade para a mudança a partir da reflexão sobre o próprio fazer pedagógico, permitindo que o docente reveja e repense suas ações. É a partir da reflexão daquilo que se faz, da forma como se intervém na prática educativa e no mundo de uma forma mais ampla, constatando criticamente e analisando os impasses, as falhas, os equívocos e os acertos do próprio ato educativo, que se é ou não capaz de mudar, de transformar.

A Professora Maria da Soledade já nos apontou as suas influências para o ingresso na carreira docente e o trabalho com a Educação Física. Mesmo com poucas experiências em práticas corporais na infância, e pouca aproximação com os esportes, ser professora de Educação Física foi uma opção de área para a atuação docente. Essas possibilidades do uso da memória expostas na oralidade têm relação com a necessidade de conhecer formas de organização, experiência e usufruto das suas lembranças. Logo, tal recurso permite que pessoas

historicamente ausentes das relações sociais possam colocar suas questões e percepções sobre tais elementos. Em relação às suas práticas docentes na escola, a Professora Maria da Soledade trabalhou pouco com esportes em suas aulas. Reafirmando as memórias do Professor Vladimir, a Professora Maria da Soledade conta como os cursos de formação, ofertados pelo Departamento de Educação Física, contribuíram para o seu fazer pedagógico.

Trabalhei como professora de Educação Física somente no Colégio Estadual Luís Viana Filho, em Guanambi – Bahia... Dei aula para todas as séries, desde a quinta série do primeiro grau, até o Magistério, com recreação a partir dos 10 anos de idade... Para os alunos do primeiro grau, de 5 a 8ª séries, eram trabalhados os exercícios de ginástica, digo, conteúdos que foram repassados pelos professores da SEC. Já para os alunos do 2º grau, o Magistério, trabalhava a recreação (músicas), que consiste em promover experiências com forte aspecto lúdico, que estimule as atividades físicas e o desenvolvimento psicomotor. Os alunos vivenciavam os movimentos básicos de ginástica com aparelhos adaptados. Os conteúdos desenvolvidos foram os seguintes: rolar, saltar, embalar, balançar, paradas de mãos, paradas de cabeça, saltitos e voleios, e elementos acrobáticos. (MARIA DA SOLEDADE TEIXEIRA FERNANDES, relato oral concedido em maio de 2021).

Ao relatar a falta de aproximação com as práticas corporais em sua infância e juventude, a Professora Maria da Soledade demonstrou uma capacidade peculiar de superar desafios em sua vida. Uma infância na roça, depois a busca pelos estudos na cidade, e sair da sua cidade natal para estudar na cidade vizinha, foram percursos repletos de desafios que a Professora superou. O trabalho com a docência na Educação Física foi outro desafio para Soledade, desafio este que a formação e o contato com outros professores mais experientes lhe auxiliaram a superar.

Como que não sabia muito sobre Educação Física quando comecei a trabalhar, busquei informação com os colegas mais velhos de profissão e ficava sempre observando para poder fazer um bom trabalho, até que surgiram os cursos de treinamento. A partir daí, ficou mais fácil. Eles me influenciaram bastante. (MARIA DA SOLEDADE TEIXEIRA FERNANDES, relato oral concedido em maio de 2021).

A relação entre o pensar e o fazer pedagógico e a coerência entre o que se faz e o que se pensa somente se tornam possíveis a partir da identificação, análise e compreensão da relação entre teoria e prática, unidades indissociáveis na formação e na atuação de professores.

Todos os cursos promovidos pela Secretaria foram muito bons, uma vez que tiravam as dúvidas e ensinavam como trabalhar, e o que trabalhar com os nossos alunos... Os professores destes cursos eram bastante dinâmicos.

Trabalhavam a teoria e também a prática. Os conteúdos trabalhados eram referentes à área. Por exemplo, o que poderia e o que não poderia ser feito. Lembro de uma dúvida que eu tinha, não sabia da necessidade de fazer o aquecimento do corpo antes de iniciar qualquer exercício físico, dentre outros esclarecimentos. (MARIA DA SOLEDADE TEIXEIRA FERNANDES, relato oral concedido em maio de 2021).

É necessário que a teoria esteja interligada com a prática, e que seja condizente com a realidade vivida na prática educativa cotidiana. A partir do entendimento dessa relação indissociável, tornar-se-á possível a compreensão acerca do caráter do ato educativo. Ao estabelecer e compreender com propriedade a relação teoria e prática, e buscar uma coerência entre o pensar e o fazer pedagógico, o docente poderá estar apto para refletir criticamente sobre o ato educativo, ampliando a percepção dos problemas, das limitações e das possibilidades da docência, conduzindo-se à construção de estratégias e ações que respondam às exigências que a realidade demanda.

Portanto, torna-se mesmo um processo de formação contínua, o entendimento de que o exercício docente exige investigação, pesquisa e reflexão sobre o ensinar e o aprender. Fazer uma reflexão sobre as experiências docentes, concomitante ao período de formação, aproxima esse professor com a área da educação – e nesse caso em especial das formas do fazer pedagógico da Educação Física na escola, de modo que essas vivências farão parte de uma contínua atuação profissional. Ser professor está intimamente relacionado ao ato de refletir sobre a ação, pois desta forma se valorizam o saber, o fazer e o porquê fazer.

Para a Professora Soledade, relatar como foi se apropriar dos conhecimentos necessários para ensinar Educação Física na escola a fez procurar novos conhecimentos na contemporaneidade, pois segundo a docente, ela precisou realizar algumas leituras para conceder a entrevista,

Pois é, Marlon, o que você fala e o que eu posso dizer, chegar a essa idade, e chegar aqui e ser recebido, ser lembrado por um menino que está atuando agora, que eu vi e agora posso chamar de colega, deve... A distância... a distância é tamanha que não é respeito, não é distanciamento pelo tempo vivido. Mas então o seguinte, você não pode imaginar a felicidade que eu tenho de ver isso, de ver seu empenho, de seu desenvolvimento... Eu fui buscar coisas na internet para ler e saber o que responder para você [risos]. (MARIA DA SOLEDADE TEIXEIRA FERNANDES, relato oral concedido em maio de 2021).

Ao pensar a prática da história oral como metodologia de pesquisa, é necessário considerar o desafio de analisar as narrativas dos sujeitos sociais a partir do ponto de vista que

esses relatos têm finalidades, circunstâncias, e formas que assinalam para as práticas de algumas ações humanas. Essas práticas emergem como fragmentos das memórias destes sujeitos, bem como dos seus grupos, recortes de memórias fragmentadas pelo tempo e espaço e influenciadas pelas ações do presente, as quais aparecem dispersas, sem linearidade, contudo demarcadas pela própria finitude de suas ações no tempo.

Assim, a análise do relato oral concedido pela Professora Soledade faz perceber que a relação estabelecida entre o fazer pedagógico e o pensar sobre esse fazer é entendida não sob uma perspectiva imediatista, mas a partir de um olhar mais profundo e amplo acerca do que se realizou na prática docente cotidiana. Conforme a postura que se assume nesta análise, o ato educativo é uma prática social transformadora a partir do momento em que se adota um constante compromisso com o outro, a fim de que este possa ser cada vez mais um sujeito crítico e autor de sua própria história. Isso só é possível, na medida em que cada sujeito em suas ações docentes esteja convicto de suas concepções, pense, reflita, questione e, sobretudo, torne-se coerente com aquilo que acredita. Freire (2011, p. 40) destaca que “o próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática”. Tão ou mais importante que a prática de que discursamos, é a prática que exercemos enquanto educadores.

Em seu relato, a Professora Soledade falou das ações pedagógicas em suas aulas. Na análise da sua narrativa, identifica-se que suas aulas foram dotadas de perspectivas no campo da recreação, com conteúdos que variavam dos jogos à dança.

As minhas aulas eram sempre muito alegres. Havia uma certa cobrança sim, mas sem nenhum exagero. Eu sempre fui muito amiga das minhas alunas. As aulas de Educação Física têm como objetivo proporcionar aos alunos uma qualidade de vida diferenciada, com mais saúde. E ali se deve encontrar sustentação para o seu desenvolvimento social motor e cognitivo... As minhas aulas de Educação Física sempre usei diversos materiais didáticos. Não em todas as aulas. Os materiais didáticos ajudam o professor em todas as aulas, com a Educação Física não é diferente. Exemplo de alguns materiais usados nessas aulas: bolas, cones, cordas, bambolês, elásticos, etc... Em algumas aulas, quando não eram usados materiais didáticos, estas não deixavam de ser dinâmicas. (MARIA DA SOLEDADE TEIXEIRA FERNANDES, relato oral concedido em maio de 2021).

Os relatos analisados neste trabalho, pela perspectiva da história oral, apontam o passado pelo viés do presente, imbricado com as informações enunciadas, constituídas em uma dada dispersão que acarretam as relações mais emotivas que as relações pautadas teoricamente apenas na razão. Contudo, ao analisar as narrativas, cabe ao pesquisador não abrir mão das teorias

históricas estruturantes – e ao lançar mão delas encontrar as variáveis possíveis para alcançar seus objetivos.

A Professora Soledade, como uma das pioneiras da Educação Física em Guanambi, foi contemporânea dos professores Vladimir e José Teixeira Freire. Estes mencionaram em seus relatos sobre a divisão das aulas em gêneros. Já em seu relato, a Professora Soledade não mencionou com clareza sobre essa divisão das aulas por gêneros, porém ao falar “...Eu sempre fui muito amiga das minhas alunas...”, percebeu-se um indício de divisão das aulas. Ao ser instigada a comentar sobre essa questão, a Professora disse não recordar bem como era essa divisão,

Não lembro se havia essa questão de meninos e meninas para os professores, todos se ajudavam, muitas brincadeiras e respeito. Só havia um colega, era meio fechado em si, por consequência se desentendeu com outro. Não conversavam. O ser humano é bastante complexo. Quanto a outros colegas de trabalho de outras disciplinas, era muito bom o relacionamento. (MARIA DA SOLEDADE TEIXEIRA FERNANDES, relato oral concedido em maio de 2021).

Ricoeur (2007) apresenta a memória como sendo pragmática, ou seja, ela deve ser exercida, portanto chama atenção para que o ser humano não apenas lembre o que passou, mas que faça alguma coisa em relação a essa lembrança. Assim, para Ricoeur, lembrar-se é não se esquecer, porém, deve-se levar em consideração que os abusos da memória se tornam abusos de esquecimento, pois muitas vezes camuflamos, ocultamos algo. Assim, ainda em Ricoeur, no marco dos estudos fenomenológicos, desconsideram-se as patologias da memória como disfunções, a exemplo do esquecimento. Acredita-se ser este um ponto que merece aprofundamento e discussão. Seria o esquecimento o avesso da região iluminada da memória. Isso nos faz refletir que não podemos acusar a memória de ser pouco confiável, visto que ela é o único meio de que dispomos para significar o passado, daquilo que declaramos lembrar. Não temos nada melhor do que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, passou antes que declarássemos nos lembrar.

Portanto, as reminiscências das práticas docentes da Professora Soledade trazem à tona momentos singulares das suas vivências, porém a concepção de memória difundida por Halbwachs supera essa concepção de memória individual sem uma influência direta com as relações sociais e culturais estabelecidas pelo sujeito. Desta forma, para Halbwachs (2004), a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, pois as lembranças de cada sujeito são constituídas no interior do seu grupo social.

A atuação docente da Professora Soledade é contemporânea ao período dos governos militares no Brasil. Conduzindo o diálogo para esse assunto, buscamos estimular a Professora a falar sobre as possíveis influências do regime militar nas suas aulas, porém ela, assim como os seus colegas, não quis aprofundar no tema.

Já ouvi falar muito que, a partir do golpe militar de 1964, as aulas de Educação Física era uma forma de propagar o governo... Eu particularmente não percebi dessa forma... como era de costume, após anos, mesmo muito antes do de 1964... os jovens obedecerem aos mais velhos como pais e professores etc., achava aquela maneira de ser e comportar normal, para aquele tempo. Na minha opinião, não houve influência. (MARIA DA SOLEDADE TEIXEIRA FERNANDES, relato oral concedido em maio de 2021).

Apesar de declarar que não percebeu nenhuma influência do regime militar em suas aulas, a Professora Soledade faz um destaque sobre a questão disciplinar dos estudantes nas aulas, a interpretação é que, mesmo se declarando apolítica, a Professora Soledade avalia como positiva as ações indiretas do regime na educação de crianças e jovens contemporâneos ao período. Paul Ricouer (2007) pondera que esse exercício da memória se dá por duas frentes: combater o esquecimento e o perigo da repetição. Desta forma, sobre o perigo da repetição, Ricouer (2007) explana que se trata de ficar reprisando, ou seja, recapitulando as humilhações e ações heroicas como algo enfadonho e doentio, isso também é uma forma de encobrir mazelas escarnecidas do povo. A repetição, portanto, diz respeito ao abuso do esquecimento, pois é uma forma de camuflar o que deveria estar posto.

Desta forma, a atuação profissional docente deve compreender a sua relevância na vida do estudante, bem como as influências que exerce nas convicções e crenças do discente, refletindo sobre si mesmo, sobre como e em que medida a corporatura docente influencia os sujeitos envolvidos. Deve-se, por conseguinte, analisar não somente as ações em si mesmas concretizadas no processo educativo, mas enquanto produtos daquilo que acredita, do contexto social, cultural, histórico e político mais amplo. Por isso, a partir do entendimento de que o ato educativo é um ato político, com intencionalidades, objetivos e visões de mundo, é que se destaca aqui o segundo aspecto do processo de reflexão: o caráter político da prática educativa. A prática educativa é um ato político na medida em que as ações pedagógicas estão vinculadas a determinado projeto de homem, de sociedade e de escola, que decorre, antes de tudo, da vivência do professor numa realidade contrastante e opressora, que influencia fortemente todas as suas ideias e concepções. Assim, todo ato pedagógico é um ato político, que implica a adoção de determinada postura, quer seja conservadora ou transformadora, contestando ou

reproduzindo as estruturas.

A perspectiva de memória, nesta pesquisa, traz a reflexão sobre como os pioneiros e as pioneiras da Educação Física em Guanambi reviveram suas experiências e os fatos que marcaram as suas histórias como professores, e assim se constituíram como influências de formação humana, social e até profissional para seus estudantes. O relato do Professor Vandir Leão retrata bem como a sua participação nas aulas ministradas pelos seus professores de Educação Física implicou para a sua escolha e atuação como professor de Educação Física.

Eu vou dizer a verdade com toda sinceridade, eu agradeço muito os professores de Educação Física que eu tive, eu agradeço muito. Eu inclusive me espelhei muito no Homero. Mas pense num cara rígido esse professor Homero, para o bem do cidadão. E o outro que era ele tinha, ele era, seguia uns patamares mesmo da Educação Física, mas era mais assim, dócil, Delson. Então eu acredito que eu, como eu peguei sempre eles dois como professores meus, então quando eu passei a atuar na profissão deles, eu me espelhei nos dois, meio a meio de cada um, entendeu? Porque eu agradeço muito a eles, muito, muito mesmo, porque eu vejo aqui o seguinte, você se tira por exemplo que tudo bem que vem problema de alimentação, coisa e tal. Mas gente, antigamente jogava futebol até os cinquenta anos, rapaz. Hoje o cara com trinta e cinco anos, ele já está podre, e aí, não é? (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Suas atividades como Professor na Educação Física na educação básica tiveram início no então Colégio Estadual João Durval Carneiro, uma perspectiva de expansão das escolas no município de Guanambi. No entanto, antes do início das suas atividades como professor da escola, Vandir teve uma experiência como docente de Educação Física e desenvolvia atividades esportivas e práticas corporais em uma instituição de menores infratores de Guanambi.

Sim... eu trabalhei sim... você perguntou e eu esqueci, lembrei agora que eu falei do chão batido, eu tive a experiência primeiro, eu esqueci de colocar pra você, eu trabalhei na Associação de Menores aqui de Guanambi, era na época, quem era o presidente era o juiz de direito, o deputado saudoso Dr., como é o nome dele rapaz? É, gente, me falhou a memória aqui, rapaz, eu sei que ele era juiz de direito de Guanambi e de Urandi, ele era até de Urandi, faleceu tem pouco tempo. Dr. Teodolindo. Dr. Teodolindo, ele era o, tinha a Associação de Menores, então tinha aqueles alunos que tinham uma, a gente fala Associação de Menores fica parecendo menores abandonados, mas não, era aquele menor, era tipo um reforço escolar, era um reforço escolar, entendeu? Era apoiado pela FEBEM/FUNABEM, por que a FEBEM hoje, quando fala FEBEM ...Já tem aquele estigma... a criança delinquente. Mas aquela coisa, a FEBEM, essa sigla aí, é uma repartição nacional e federal bem organizado. Eu trabalhava justamente na parte de recreação, recreativa. (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

A partir das memórias do Professor Vandir Leão, podemos identificar como foi sua inserção na docência, bem como as influências que o levaram a ser professor de Educação Física. Sua prática docente foi permeada por uma imersão no contexto esportivo, pois para o cenário da Educação Física escolar no período de início da profissão do Professor Vandir, era necessário legitimar o esporte como saber pedagógico. Contudo, ainda foi preciso estimular a reflexão sobre o olhar reducionista atribuído ao esporte quando visto sobre uma dimensão tecnicista, seletiva e até mesmo excludente.

Trabalhei dois anos, eu trabalhei onde é a ação social hoje. Era ali, tinha campo e tinha uma quadra. A quadra, rapaz, era um passeiozinho, era uma lixa. E pra você ter uma ideia, pai participava, a gente fazia campeonatos, fazia gincanas, joguinhos. Todo mês tinha jogos, e o pai participava, tinha os jogos dos pais, os pais contra os professores monitores, nós éramos monitores, pais contra monitores, era aquela farra, aquela algazarra, coisa mais linda do mundo. Hoje não sei por que, rapaz, as coisas boas tiram. Outra coisa que tinha que eu participei muito, colônias de férias, período de férias o Centro Social Urbano do governo, ele tinha essa colônia de férias. Eu não me recordo assim durante quantos dias. O governo dava assim uma gorjetazinha, sabe? Dava um apiozinho com material, com bolas, com essas coisas. Tinha, tinha sim, isso aí, mas tinha. Era você trabalhar com recreação e jogos, colônia de férias. (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Oliveira (1994) vem esclarecer que o caráter biológico da Educação Física e a esportivização das práticas corporais são reflexo de sua postura, diante dos fatos que se instalavam dentro da sociedade nos períodos de constante transformação, a neutralidade que a esta conduzia os problemas sociais, o não questionamento, a não criticidade da modificação da sociedade, o que vem se tornar o próprio currículo da formação dos cursos superiores em Educação Física, a preocupação de ordem técnico-biológica era dominante.

A Educação Física concorre dessa forma, para a adaptação do homem à ordem oficial, adquirindo um caráter reprodutivista. Ao não questionar a sociedade que lhe dá origem [...]. Para exacerbar a questão da competitividade, por exemplo, produz-se um discurso autojustificativo; ao admitir que a sociedade é competitiva, cabe à Educação Física educar para competição. Não se elabora um contra discurso questionando a ideologia oficial, estimuladora da competição entre desiguais. (OLIVEIRA, 1994, p. 23-24).

Por tempos, foi predominante a preocupação de corpo para o indivíduo no contexto social, no entanto pensadores diferenciados ousaram questionar e compreender a Educação para além da ordem do mercado (OLIVEIRA, 1994). Foi assim, inserindo na formação dos futuros professores áreas como filosofia, conhecimento do ser humano; conhecimento da sociedade, a

possibilidade de compreendê-la para a transformação da realidade.

Após essa experiência com o ensino de práticas corporais, a inserção do Professor Vândir Leão na docência em Educação Física escolar foi após sua participação em cursos de curta duração na área, como relatou o Professor, porém as suas ações didáticas tiveram inspirações em seus ex-professores de Educação Física no ginásio e no segundo grau (equivalentes hoje ao Ensino Fundamental II e Ensino Médio). Isso trouxe influências de sua experiência anterior como professor na Associação de Menores de Guanambi. Suas memórias das vivências das práticas corporais no período escolar, e suas ações como professor antes do ingresso na escola, indicam como o Professor organizava suas aulas e quais os conteúdos eram selecionados para as suas ações didáticas.

Olha, primeiro lugar, uma coisa muito fundamental, é a coletividade, porque, se você não tiver a coletividade, não funciona nada que você colocar para o aluno, não funciona. Outra coisa, naquele tempo, o professor, ele era mais valorizado, pela própria direção da escola, os pais, você tinha um apoio, professor falou, está falado. Não é que professor não errava, errava. Mas ele falou, está falado. O aluno ia para a aula, cidadão, vamos fazer isso, a não ser que ele dava um atestado que não podia participar da aula ou tantos dias ou que estava doente naquele momento, não tinha aquele negócio de aluno ser obrigado, mas a partir do momento que ele estava dentro da aula, ele participava, ele participava, e o que eu pude levar disso aí para... você fala para o tempo...

Foi justamente saber trabalhar com a coletividade, como trabalhar com a coletividade, porque cá era criança misturado, entendeu? Cá era só nos jogos coletivos, era que as vezes, principalmente jogos que utilizava muito corpo a corpo, tipo futebol de salão, um jogo normalmente de futebol de campo. Então naquela época, né, mulher não participava, mas um vôlei já colocava, um basquetezinho já colocava, as vezes um handebol se colocava, e o resto recreação pode participar homem e mulher, né, não tem perigo nenhum, não tinha problema, e mesmo porque, ah, os pais não aceitavam botar a filha dele para fazer um exercício com homem, isso era, “Ave Maria”. Eu trabalhei tanto na sede como trabalhei aqui num local muito perigoso, na época não tinha isso, depois do surgimento de drogas é que tornou um local de alta periculosidade, é aqui o Monte Pascoal muito famoso, e eu trabalhei ali na alfabetização de adultos, aquelas pessoas já de idade, 18, 20, vinte e tantos anos, eram pessoas que não teve oportunidade na escola ou que não queria nada com a escola, assim, era o grupo de alfabetização de adultos. (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Estas reminiscências do Professor Vândir indicam uma intervenção pedagógica diferenciada, pois as implicações do trabalho com as práticas corporais na Associação de Menores de Guanambi lhe trouxeram uma compreensão diferenciada de como é ser professor, e como deve ser a relação interpessoal com seus grupos de estudantes. Relevante frisar que estes modos diferenciados de pensar a prática profissional docente, seja na Educação Física ou

em outros componentes curriculares, não se tratavam de um movimento previamente planejado e articulado, mas de iniciativas pontuais de alguns professores que, impelidos por suas histórias de vida, teriam ousado pensar e agir de outra forma. Dois espaços diferentes para tratos pedagógicos que são adaptados a partir dos anseios e objetivos das instituições e do professor que vem a ministrar o ensino das atividades corporais nestes espaços culturais.

Nesse sentido, as memórias das práticas docentes do Professor Vandir estão diretamente associadas ao histórico da Educação Física na escola, esta, por sua vez, deu-se a esforço da instituição militar, sendo as aulas ministradas pelos instrutores do exército. A disciplina escolar era entendida como atividade exclusivamente prática. Tinha como objetivo desenvolver e fortalecer física e moralmente os indivíduos, o referencial que sustenta seu conteúdo de ensino era oriundo das Ciências Biológicas que reforçava o caráter científico e eugenista da disciplina. No período pós-guerra, surge no Brasil a divulgação e influência do esporte na Educação Física escolar, isto identificou a subordinação da disciplina escolar aos códigos/sentidos da instituição esportiva. O esporte determinou o conteúdo das aulas estabelecendo novas relações entre professor e aluno, perpassando de professor-instrutor e aluno-recruta (militarista) a professor-treinador e aluno-atleta (esportivista) (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O fragmento do relato do Professor Vandir, exibido logo abaixo, expõe um pouco as características das suas memórias sobre as práticas que desenvolveu ao ministrar aulas de Educação Física.

Você verifica, todo esporte, todo esporte o aluno já nasce com aquela vontade, rapaz. O cidadão, ele já nasce com aptidão para alguma coisa, ou pra ser um goleiro, ou para ser um jogador de linha, ou para jogar um vôlei, ou para jogar um basquete, ou para ser um tiro ao alvo, ou pracorrer, um maratonista. Tem cara que você dá tudo, que ele não quer entrar num campo de futebol nem a pau, ele quer correr numa pista, é nato do cara, já está na cabeça. Você não pode fabricar o cara. “Vixe, você tem a perna grande, você vai é correr, moço, qualé jogar bola”. Mas rapaz, [risos] um cidadão tem que fazer aquilo que ele gosta, que é aptidão dele, que ele faz bonito. Como é que você gosta de vôlei, e o cara bota você para jogar basquete? Você não vai desempenhar não é, meu irmão... Entendeu? Antigamente fazia teste pra tudo, rapaz. Quando ia escolher as turmas de esporte, você verificava o aluno. Você explicava o aluno: “olha, é o seguinte, vamos formar turma de basquete”. Como é que nós vamos formar uma turma de basquete, se o pessoal nunca viu uma bola de basquete? O quê que você fazia? Você ia na aula, todas as aulas “essa semana vai ser só basquete”, pegava a bola, explicava os alunos na quadra mesmo. A aula prática e teórica era tudo na quadra, aí você jogava a bola na mão deles, não dava uma opinião, pra ver quem captou e você ia ver agilidade, você via o interesse, aí você já pegava aquele aluno e botava em futebol de salão. Às vezes ele caía em três modalidades, você chegava e perguntava: “olha, você está aqui relacionado, qual dessas você gosta mais?” Aí ele ia, “olha, professor, eu vou

ficar com vôlei”. Pronto! Entendeu como é que é? Hoje o cara é fabricado, rapaz. (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

As lembranças do Professor Vandir demonstram como suas atividades docentes, no âmbito do ensino das práticas corporais na escola, dialogam com o caminhar histórico da Educação Física, bem como com as influências dos seus ex-professores, os quais desenvolviam práticas semelhantes em suas aulas. Segundo Melo (1999), a história da Educação Física encontrou institucionalização no Brasil Imperial em meados de 1822 a 1889, quando a atividade física ganhou espaço em Leis e Decretos que legislam acerca da Educação Física e Desportos, reforçados pelos pareceres de um dos Patronos da Educação Física Brasileira: Rui Barbosa, que naquela época buscava chamar atenção para os valores que a atividade física podia desenvolver. Diante desse significativo apelo e da mobilização social desencadeada, assistiu-se em 1851 à promulgação da Lei nº 630, que incluía a ginástica nos currículos escolares no Brasil.

Ainda de acordo com Melo (1999), foi desse modo que a Educação Física brasileira transpôs os muros da escola, trazendo características da ideologia positivista. Esse caráter militarista perdurou durante as quatro primeiras décadas do século XX, valorizando a educação do físico e da saúde corporal. Percebe-se uma forte influência dos métodos ginásticos trazidos pelos professores de Educação Física europeus, que apresentavam uma rígida formação militar. Adiante, a influência do esporte na Educação Física se dá após a Segunda Guerra Mundial, conforme Assis de Oliveira (2001), fortalecida pela ditadura militar, que em seus objetivos incluía o desenvolvimento das aptidões físicas pela execução mecânica de exercícios de alto rendimento. Dessa forma, o aluno era visto como um atleta em potencial, e as aulas de Educação Física deveriam desenvolver a qualidade e performance dos movimentos. A partir desse momento, o esporte se torna conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física na escola, e o ensino deste componente curricular passou a privilegiar a relação professor-treinador e aluno-atleta.

No esportivismo, os objetivos e a metodologia se assemelhavam mais a um treinamento, centrando-se nas repetições para a aquisição da técnica (forma de executar o movimento), visando atingir um padrão de rendimento máximo. Assim, as informações técnicas eram exaltadas em contrapartida às reflexões teóricas e socio históricas, que ficavam em segundo plano. É importante salientar que essas considerações também eram inerentes às outras áreas (disciplinas), não só à Educação Física. Por conseguinte, o papel da Educação Física Escolar era o de aprimorar a potencialidade dos alunos/atletas, com ênfase na aprendizagem esportiva visando ao rendimento, sem, entretanto, abandonar os modelos anteriores do higienismo e

militarismo. Daí a forte presença da aprendizagem do modelo esportivo no imaginário da Educação Física até os dias de hoje. O papel do professor é semelhante ao do técnico, do treinador, e o do aluno, ao de atleta (COLETIVODE AUTORES, 1992).

O Professor Vandir teve uma especificidade em sua trajetória, primeiro ele participou dos cursos que o Departamento de Educação Física ofertava. De posse dos conhecimentos abordados nos cursos, ele teve uma experiência prévia na Associação dos Menores de Guanambi. Logo após essa experiência, inicia sua trajetória na Educação Física Escolar. Os cursos de formação frequentados pelo Professor Vandir lhe permitiram uma aproximação com algumas concepções de ensino da Educação Física, bem como com estratégias de treinamento em esportes na escola, e outros espaços de práticas corporais.

Os cursos eram cursos teóricos e práticos. Aqui inclusive, esses cursos eram ministrados nos colégios ou nas associações, os últimos que eu participei mesmo foi aqui numa associação, onde é o Gira Rápido hoje. Tinha inclusive, depois no final, eles faziam até uma competição com os participantes, era maratona, jogos, era da atividade que foi proporcionada o curso. Eu tenho uns certificados, coisa invocada mesmo, rapaz. Teve até um cidadão, eu não esqueço, esse cara chama Barbosinha, inclusive foi jogador do Bahia, não sei, ou alguma coisa assim do Bahia, ou foi técnico ou se é, ele é vivo ainda. Eu fui aluno dele, ele ministrou curso pra mim, Barbosinha. Olha, moço, hoje você não vê um curso, tem a faculdade, né? Mas, e as condições para cursar? Tá entendendo? Porque aí, pra vocês verem. Porque, se tivesse curso promovido pela própria Secretaria de Educação do estado para as faculdades, no caso UNEB, poxa! Qual aluno não ia? Tem gente até de outra, como é que fala, de outra, especialização que ia querer participar, não é? É, rapaz, quem está fazendo Psicologia, quem está fazendo Letras, todo mundo ia querer participar, era o que acontecia aqui, professora de português e matemática, quando vinha esses cursos, todo mundo participava, rapaz, era uma coisa incrível. Hoje você não tem nada, muda, é direto mudando os métodos de ensino, mas não te dá nada, nada, nenhum benefício, nada. Você tem que se virar, agora como? O período de invenção passou, rapaz, pra muitos aí se dependessem deles, a roda ainda era quadrada [risos], não é? É difícil, é difícil (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

O Professor Vandir demonstra muito entusiasmo com os cursos oferecidos pelo DEF, e como esses cursos influenciaram positivamente suas ações didáticas na Educação Física escolar. Os estudos sobre as contribuições da formação na intervenção profissional docente buscam compreender as práticas pedagógicas dos(das) professores(as), pois estas são mobilizadoras de saberes profissionais, que no decorrer do exercício do seu trabalho constroem e reconstróem os seus conhecimentos, suas experiências, seus trajetos formativos e profissionais (NUNES, 2001). Segundo Freire (2011), o docente se torna capaz de intervir na realidade e de possivelmente mudá-la. No exercício docente cotidiano, a partir das suas convicções, o

professor irá programar sua ação político-pedagógica, com a qual se compromete, quer seja no sentido de transformar e desestabilizar as estruturas, ou de contribuir para que elas se mantenham.

Os espaços formativos indicam formas de tratar pedagogicamente a Educação Física na escola, isso implica uma mudança no cotidiano do fazer docente do Professor Vândir.

Tinha por intermédio das DIRECs, essa DIREC de Caetité era DIREC delegacia regional, né? A imposição era forte, era uma fiscalização maior que hoje, a fiscalização era maior do que hoje. Hoje se fala muito, mas na verdade mesmo tem muita coisa que é faz de conta. A gente vê, né, o professor faz de conta que está ensinando, o aluno faz de conta que está aprendendo e vai empurrando [risos]. Mesmo nós não sendo formados... nós dávamos aula, não é como hoje... Pra você ter uma ideia, tinha assim, fazia o técnico, né, escola técnica, porque o Colégio João Durval tinha escola técnica naquela época, depois parou, veio negócio de formação geral, né, que até hoje ninguém sabe pra que serve, né [risos], formação geral em quê? São preparativos para vestibular? Ninguém sabe o que é, formação geral. Ôh, fulano, o que é isso mesmo? Então, eu prefiro um técnico, e antigamente o colégio tinha agropecuária, técnico em agropecuária, tinha técnico em contabilidade, tinha administração, magistério, que muitos falavam normal né, magistério. Qual era o outro, rapaz? Era, são esses cursos que tinha. Então, o que acontece? O aluno, muitos, têm alunos hoje que já têm até netos, foram alunos em escolas técnicas, que hoje são donos de escritório de contabilidade, tem muitos aqui que hoje trabalha nessas irrigações aí, Projeto Formoso, Cantinho, é aqui em Livramento de Nossa Senhora, tem os engenheiros agrônomos e tem os técnicos. Não vai botar também um cara totalmente leigo. É como eu dizer para você, você é um médico renomado, tem condições e você vai construir um hospital ou um pequeno hospital, ou uma clínica grande. Você vai precisar de cinco enfermeiros, você não vai poder contratar cinco formados em faculdade, então você vai contratar um para coordenar, e quatro técnicos, precisa do técnico porque a verdade é uma coisa, não existe nenhuma invenção passada que o cara teve que recorrer à teoria para poder inventar. (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Entende-se aqui que essa disponibilidade para a mudança nas ações pedagógicas da Educação Física na escola não significa apenas refletir e analisar as práticas que compõem o ato educativo, mas, além de ser flexível, aberto a mudanças e de assumir uma posição analítica e crítico-reflexiva, é preciso primeiro que o docente

[...] se assuma como objeto da própria análise, ou seja, [...] a prática pedagógica não trata apenas das práticas realizadas, mas também dos envolvidos nessa prática, educador e educandos. A assunção do educador como papel importante deste processo o torna apto ao crescimento, à aceitação da mudança, e quanto mais se torna consciente disto, mais próximo da mudança ele está. (COSTA, 2010, p. 20).

Segundo Beltrão (2013, p. 08), a reflexão é libertadora, “[...] fazendo o professor refletir não apenas sobre sua prática, mas a forma com que pensa em relação a ela, levando em consideração o sentido social e político e os efeitos que sua atuação tem na sociedade em que vive”. Portanto, essa formação relatada pelo Professor Vandir permitem a reflexão, e nessa perspectiva é entendida somente como pensamento diante da ação, que não oferece sustentação a uma proposta de formação de professor reflexivo, limitando essa formação a uma reflexão técnica, preocupada com a eficiência e a eficácia dos meios para atingir determinados fins, em que a teoria aparece como forma de previsão e controle (PRAZERES, 2009).

Uma particularidade no relato das práticas educativas do Professor Vandir: ele foi o responsável pela organização e pelos ensaios da banda de fanfarra do Colégio Estadual João Durval Carneiro. As memórias do período dos ensaios e das apresentações da fanfarra demonstram carinho e estima muito grandes pelo professor por essa atividade, e como isso imbricava nas práticas referentes à Educação Física desenvolvida pelo Professor Vandir.

A fanfarra foi a maior experiência da minha vida, hoje eu tenho meus ex-alunos, hoje são pais, pessoas de 40 anos, 50 anos, falam “Ah, Din, quando eu lembro, eu choro” (expressão de emoção). Olha, eu viajava para tudo quanto é lugar da região levando o nome da escola, Banda de Fanfarra do Centro de Educação João Durval Carneiro... Rapaz, nós íamos em Mortugaba, Igarorã, Caetité, todos 2 de Julho a gente participava (Festa tradicional da cidade de Caetité – Bahia, em comemoração à Independência da Bahia, 2 de Julho), nós íamos para Carinhanha, Candiba, aniversário das cidades dessa região toda, nós íamos, Urandi, Monte Azul. Rapaz, era Para Lapa (Bom Jesus da Lapa), Licínio de Almeida, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Matina, Pinda¹⁰, a região toda... (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Recorremos a Bergson (2009) para buscar compreender a relação afetiva do Professor Vandir com as memórias da fanfarra. Em Bergson, consciência é memória, conservação e acumulação do passado no presente, mas ao mesmo tempo também é a partir desta acumulação, antecipação do futuro. A atenção à vida, essa certa espessura da duração, esta espera, composta de nosso passado imediato e nosso futuro iminente, onde ocorre uma indagação do que fazer, para onde ir, o que dizer, essa necessidade de esperar antes de agir, já é consciência (BERGSON, 2009).

Assim, para Bergson, a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente. É no passado que nos

¹⁰ Cidades próximas do município de Guanambi. Algumas das cidades citadas pelo Professor compõem o território de identidade do Sertão Produtivo.

colocamos de saída. Partimos de um "estado virtual", que conduzimos pouco a pouco, por meio de uma série de planos de consciência diferentes, até o momento em que ele se materializa numa percepção atual. Isto é até o ponto em que ele se torna um estado presente e atuante, ou seja, enfim, até esse plano extremo de nossa consciência em que se desenha nosso corpo (BERGSON, 2009).

As bandas, ou fanfarras escolares, tiveram sua origem no Brasil na primeira metade do Século XX (LORENZET; TOZZO, 2009). Após a queda do Estado Novo, em 1945, a organização das bandas nas escolas ganhou mais força. No decorrer do governo de Getúlio Vargas, o incentivo às atividades musicais nas escolas foi fortalecido.

Durante o Estado Novo (1937-1945), o governo Getúlio Vargas preocupou-se em estimular o sentimento patriótico nas escolas e agremiações civis. O que mais se destacou nessa prática, na área musical, foi o trabalho do maestro Heitor Villa-Lobos – compositor, professor e maior representante da corrente nacionalista na música brasileira – dos Orfeões (coral amador). Esse tipo de canto, cujo repertório era baseado em canções que valorizam a cultura nacional e enalteciam os valores patrióticos, introduziu o ensino obrigatório da música nas escolas. Com o fim do Estado Novo e do movimento orfeônico, houve uma lacuna preenchida, aos poucos, pelas Bandas, Fanfarras e agremiações musicais, existentes desde o Império, que passaram a encabeçar os desfiles cívicos, geralmente no dia da Independência do Brasil, 07 de setembro. (LORENZET; TOZZO, 2009, p. 4895).

Como mais uma atividade extraclasse desenvolvida pelo Professor Vandir, a regência da fanfarra escolar agregou conhecimentos, os quais, segundo ele, não contribuíram diretamente para o seu fazer pedagógico nas aulas de Educação Física. Para o Professor Vandir, os saberes desenvolvidos nas aulas de Educação Física eram que contribuíam para organização e desenvolvimento da regência na fanfarra.

Não... não interferia em nada nas minhas aulas... eu cuidava da banda de fanfarra gratuitamente, é porque é aquilo que eu gostava mesmo... Aí nós íamos modificando, colocado Axé, Afoxé, modificando, mudando o ritmo... Não tinha recurso... Você sabe como nós fazíamos? Nós íamos tocar por exemplo em alguma cidade fora, então o que eu fazia, eu dava uma taxa, era para o material, transporte, eu dava uma taxa, só para nós chegarmos lá, mas não nada lucrativo. Mas para a escola não, para o próprio custeio da banda, para manter a banda, porque é caro, para manter a fanfarra é caro, é muito caro... Antigamente tinha um impasse muito grande para manter a fanfarra na época, a diretora Neilda tinha uma folha disgramada. Então a gente na maneira do possível ia manter... E outra coisa, já que você tocou no assunto, aí eu gostei, antigamente, através da Educação Física, você tinha outra vida, rapaz! Você ia para um desfile cívico, o aluno sabia... o comportamento era outro, o aluno respeitava, o aluno sabia fazer um canto, um alinhamento, hoje

em dia o aluno não sabe nada disso [risos]. Veja uma fila na rua aí, se a polícia chegar, dando cacetadas nos caras [risos]... Antigamente tinha outro nível, era cobrir, cobrir, esquerda a volver, direita a volver, meia volta a volver, hoje em dia ninguém tem cadência, antigamente tinha, a Educação Física de hoje não ensina isso, sabia? (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Tardif (2014) desenvolve uma análise fundamentada na epistemologia da prática profissional, a qual é definida pelo autor como o estudo do conjunto de saberes que realmente são utilizados pelos(as) profissionais em seu ambiente de trabalho para desenvolver as suas tarefas. O autor atribui “[...] à noção de ‘saber’ um sentido amplo que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões), e as atitudes dos docentes, ou seja, aquilo que foi muitas vezes chamado de saber, de saber-fazer e de saber-ser” (TARDIF, 2014, p. 60). Desta forma, as relações estabelecidas pelo Professor Vandir entre as aulas de Educação Física e a organização da fanfarra escolar têm incidência no âmbito da relação teoria/prática.

A relação entre teoria e prática tem sido frequentemente discutida no âmbito da atuação docente, visto que tradicionalmente essas duas dimensões da *práxis* pedagógica dissociam-se principalmente nos currículos da Educação Básica. De acordo com Prazeres (2009), tal relação tem se propagado ora numa visão dicotômica, separando as duas dimensões, com ênfase ou na teoria ou na prática; ora numa visão associativa, em que há uma sobreposição, e a prática, nessa perspectiva, é vista como aplicação da teoria; ou, ainda, numa visão de unidade, em que a teoria aparece como orientadora, constatadora e retratadora da prática social. Essa relação emerge nas atividades desenvolvidas pelo Professor Vandir.

Sim, contribuía sim, principalmente aquele negócio do... de... era aquele negócio, primeiro a coletividade, um instrumento depende do outro, você não pode sair com uma banda de fanfarra toda enrolada, não é, como a parte do futebol, do coletivo não é? Outra coisa, aguentar um instrumento daquele, o cara tem que ter peso, o cara tinha que ter uma Educação Física, um exercício físico... E a gente fazia inclusive, você esqueceu e não tocou aí, as coreografias que têm relação com a Educação Física, tudo a ver com a Educação Física! Moço, qualquer matéria tem a ver com a Educação Física, tudo tem a ver com a Educação Física, até a postura do aluno na sala de aula, né? Mas aquele negócio, só quem valorizava a Educação Física era o aluno, Professor? De outra matéria? Não está nem aí! Mas até hoje é assim, a realidade ainda é essa. Então, você pode olhar, o professor de Educação Física fala, “vamos fazer aquilo ali” sempre falam: “é Educação Física, deixa ele lá...” Quer dizer que professor de Educação Física é a parte mais grosseira... O desfile, você pegava o desfile colocava ali, a professora de Português ficava ali um pouquinho, depois saía... Oh, moço, vou te contar, era obrigado a ficar só o professor de Educação Física... (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Teoria e prática podem ser vistas como dimensões entrelaçadas, que se unem na sala de aula por meio da reflexão permanente sobre a ação. Nessa perspectiva, uma atividade teórica por si só não se concretiza somente como uma atividade prática. Por outro lado, a prática não fala por si mesma, ou, dito de outra forma, teoria e prática são indissociáveis. Desta forma, as atividades extraclasse desenvolvidas pelo Professor Vandir são compreendidas como uma complementação na competência do professor.

Outra dimensão relevante do ato educativo, o planejamento, teve espaço nas atividades docentes do Professor Vandir Leão. Conforme sua narrativa, havia um planejamento anual para as aulas na escola onde ele atuou.

Tinha sim, fazia sim um, quando a gente fazia um planejamento, era anual, tinha esse planejamento. Fazia esse planejamento, agora na verdade mesmo não tem aqui um professor antigo que seja de faculdade ou não seja que já seguiu um planejamento [risos], principalmente na área de Educação Física. Porque eu lhe pergunto aqui, o Português você tem que seguir aquilo, Português você tem que, porque o Português é evolutivo, já a Educação Física, ela não é evolutiva, ela chega em determinado momento que ela para. Primeiro, pela questão da necessidade do cidadão, do estudante, pela condição do estabelecimento e outra coisa, de nós próprios, dos próprios seres humanos, do próprio profissional. Se você hoje como um professor de Educação Física formado, o que que acontece? Você passa a ser um técnico de uma equipe de qualquer esporte. É limitado, a parte sua física e teórica é limitada. A mesma coisa é numa escola hoje, numa faculdade é diferente, porque você avança, você vai além. Você tem um, não sei se tem, uma fisiologia do esporte, anatomia, pega uma parte de anatomia, você vai longe. Agora isso aí você não vai passar para um aluno de Segundo Grau, você vai passar para um aluno de faculdade, você como professor de faculdade. Então eu não sei, eu tenho impressão o seguinte, eu acho ainda que a mudança foi para pior, a evasão hoje nas aulas de Educação Física atinge até 70%, antigamente não existia, existia assim, o aluno que trabalhava (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Apesar de haver o planejamento para as atividades do ano letivo, o professor relatou esse planejamento com descaso, em que as ações planejadas não necessariamente eram desenvolvidas em suas aulas, as quais eram organizadas e pautadas nos conhecimentos sobre o esporte, conhecimento este que o Professor adquiriu em suas participações prévias em cursos de formação. Contudo, a partir da avaliação criteriosa e crítica da prática, Freire (2011) revela a coerência como uma das virtudes do professor “[...] Ensinar exige corporificação das palavras pelo exemplo” (p. 35). Para o autor, no cotidiano da prática educativa, deve haver coerência entre o que se pensa e acredita, e o que se faz, ou seja, entre o fazer pedagógico e o pensar pedagógico. De nada adianta um discurso crítico e questionador, e do olhar crítico para os

marcadores sociais presentes nas aulas, quando o que se nota é uma prática desarticulada da realidade social. “O meu discurso teórico sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação” (FREIRE, 2011, p. 47).

A prática educativa centrada na reflexão crítica envolve um movimento constante, dialético e dinâmico entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Esse processo deve ser tomado não apenas como um discurso ou uma prática que apenas se realiza, mas como “algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força do testemunho” (FREIRE, 2011, p. 38). Para que a reflexão se torne legitimamente uma atividade do exercício docente, é imprescindível que, além dos aspectos da sala de aula, reflita-se acerca dos princípios éticos e políticos, do contexto, e dos fatores que o determinam, para que se conceda poder emancipatório ao professor no seu fazer, e pensar sobre esse fazer.

Entre o conjunto de pioneiros e pioneiras que contribuíram para esta pesquisa, o Professor Vandir foi o único que não atuou no Colégio Estadual Governador Luís Viana Filho. Também ele foi o único professor que trouxe em seu relato a prática do planejamento das aulas. Sobre a organização coletiva das atividades da Educação Física entre os pioneiros entrevistados, os relatos indicam que os momentos de diálogos entres os professores de Educação Física e de outros professores da escola ficavam quase restritos ao planejamento das atividades escolares pelo que o professor ou a professora de Educação Física eram responsáveis. No entanto, os pioneiros e pioneiras relatam um bom relacionamento com os colegas, tanto os da Educação Física como os professores das outras áreas.

Naquela época, as aulas eram separadas por meninos e meninas... e tinha uma professora para as meninas e um para os meninos. Quem dava aulas para as meninas era a professora Celina [Professora Celina Fausta Cotrim, assumiu a vaga para ministrar as aulas de Educação Física no Ginásio de Guanambi em 1954]. Teve também Dizinha [Professora Dulce da Silva Meira, professora de Educação Física no Ginásio de Guanambi, porém não encontramos registros de datas referentes ao seu período de atuação] ela dava aulas para as meninas com Celina... Sempre nos damos (sic) bem... nunca teve problemas com outros professores (JOSÉ TEIXEIRA FREIRE, relato oral concedido em fevereiro de 2021).

Rapaz, é o seguinte: eu tive uma relação excepcional com todos os colegas. Naquela época, o professor mais rigoroso era Zé Raimundo, Zé Raimundo era um militar, mas era um cara altamente duro e todo mundo respeita Zé Raimundo. Meu amigo, para danar, ele fazia muito jogo, os meninos eram encantado os meninos com ele... Eu acredito que ele gostava dele. E ele fazia um número de camisas grande. Todo o campeonato que eu queria fazer, 3 jogos de camisa, ele me emprestava, e eu ia depois, lavava e entregava a ele. Ele é... para te dizer, é o seguinte, a maneira de Zé Raimundo, teve um dia que a dona Yolanda, a diretora. Lourival precisava da quadra para disputar em Conquista.

Ele, todo dia estava numa quadra principal, tomava e não queria sair de jeito nenhum. Lourival pedia, tal! Aí, rapaz, Lourival vê aqui é para uma política contra Lourival do núcleo. O rival contigo, aquele negócio rival por ser formado e o resto aí, eu me perdi, pedi, Louro, você vai ser é quem vai me ajudar. Eu vou ser vou sentir ser professor agora, como aluno seja aquilo que não veio, você veio aqui ser professor dos professores (VLADIMIR BORGES, relato oral concedido em agosto de 2021).

Tinha, tinha! O diálogo era os professores que tinham professores que não participavam de planejamento, nunca participou, então continuou não participando, mas era bom. Lá tinha Lourival, tinha incentivo deles, né, a troca de experiência. Lourival era um professor assim, já muito tempo que tava lá, que lá acho que só tinha Lourival que era formado, e tinha Mariângela, mas ela saiu, acho que só ficou Lourival (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021).

Todo esse emaranhado de discursos permite compreender que as relações sociais humanas estruturadas ao longo da história interferem diretamente no trabalho pedagógico do professor em sala de aula – trabalho pedagógico que forja e é moldado pela memória discursiva. Nas palavras de Linhales *et al.* (2017), a memória permite identificar trajetórias distintas, e questionar a presença dos sujeitos no próprio processo de organização do campo pedagógico e acadêmico da Educação Física.

O discurso está imerso na memória, nos acontecimentos, este é marcado pelo momento histórico, social e econômico de uma sociedade. Para Pêcheux (1999, p.46), “[...] a memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.)”. Desta forma, o caráter político das ações pedagógicas fica exposto, pois estão ligadas a determinada concepção, advinda das memórias entrelaçadas com as vivências pessoais do educador. Isso traduz a prática pedagógica em um determinado sentido, e para que isso se torne realidade, os professores devem estar cientes de suas responsabilidades como educadores.

O Professor Vandir Leão inicia seu trabalho como docente de Educação Física escolar no começo da década de 1980, mais precisamente em 1984, momento de efervescência das discussões sobre as transformações metodológicas e epistemológicas da Educação Física na escola. Porém, ao ser estimulado a falar sobre esse período de mudanças, e como as concepções teóricas emergentes na época poderiam ter interferido em suas aulas, o Professor Vandir relata que as perspectivas de mudanças interferiram mais no aspecto institucional.

Essas mudanças começaram depois das faculdades, e pegou todo mundo de “calça curta”, veio para transformar, e até os próprios alunos.[Questiono: – E

a aceitação dos alunos?] O aluno tá ali na sala porque não tem jeito, “Ah! A aula hoje vai ser na sala”, o aluno esmorece. Nós vamos lá para a quadra, lá para fora, qualquer coisa, mas que seja na área externa, pode fazer qualquer coisa. Veja bem, e outra coisa, o aluno antigamente era reprovado por faltas, ele tinha que ter cinquenta por cento das aulas, se ele tivesse cinquenta por cento de faltas, mais um, ele era reprovado, mesmo com a disciplina. A recuperação por falta, era vinte e cinco por cento, mais um. Hoje o aluno, ele pode ficar, Matemática, matéria que tem duas aulas, vamos colocar aqui, Educação Física, Inglês... O aluno hoje não é reprovado por falta, mesmo não indo para a aula. Duzentos dias letivos, se ele for só vinte e cinco, ele tá aprovado. (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Na década de 1980 se inicia um movimento de ressignificação da Educação Física escolar. Nesse sentido, surge o debate sobre uma Educação Física para todos. Assim, a proposta do novo debate da Educação Física na escola foi a de ampliar de uma área essencialmente biológica, percebendo agora as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas. Portanto, essa nova perspectiva em expansão enxerga o estudante como ser humano integral, já não pode ser “cortado em fatias”, passando a trabalhar com esporte, jogo, dança, lutas, capoeira, enfim, as manifestações da cultura corporal (BRACHT, 1999). Segundo o Coletivo de Autores (1992), em oposição à perspectiva biologicista, militarista e depois tecnicista-esportivizada – que foram responsáveis pela inserção e consolidação da Educação Física enquanto componente curricular, visões estas que fragmentam o homem em corporeamente, sustenta valores eugenistas ou ainda trata os estudantes como atletas em potencial – surgem na década de 1980 os movimentos “renovadores” da Educação Física.

Entretanto, o Professor também relata que as propostas de mudanças para as aulas de Educação Física na escola não afetam suas proposições didáticas, ou seja, não influenciam seu modo de perceber e desenvolver pedagogicamente os elementos da cultura corporal em suas aulas na escola.

Para mim não, nem para mim, nem para outros colegas que não tinha o curso de formação também, curso universitário. Teve aquela ideia que a Educação Física tornou-se coletivo, Educação Física depende da Matemática, das áreas coletivas. Chegou um ponto que eu fui buscar, eu mesmo, os meus conteúdos, entrei na parte de Ciências, na parte do corpo humano, Ciências mesmo, parte de músculos, ossos, parte estrutural, ossos específicos do braço, entendeu... Isso aí, e toda a parte dos aparelhos também, todos os aparelhos do corpo que depende da Educação Física, o pulmão... A fisiologia... Também gosto muito, essa parte do funcionamento do corpo... As regras dos esportes, tudo fazia parte da programação, o esporte entrava em todas as unidades e todos os cursos. Busquei muito conhecimento sobre medicamentos, as anfetaminas, as drogas que as pessoas buscam para ficar mais forte, tudo isso eu busquei! Antigamente tinha os professores de Educação Física, dentro da sua área, sentávamos para buscar. Depois disso aí, nunca buscamos... Se eu sentei

alguma vez, fui eu, Professor Sebastião, tinha outra professora... não lembro o nome... tinha os professores de Educação Física, na verdade a Educação Física sempre foi assim, depois que foi entrando os outros professores de faculdade, aí sim, ninguém tomou a área, mas antes não, faltou sala de aula para a professora de Português, tá sobrando a de Educação Física [risos]. Agora o que eu me lembro, na época era assim, o grupo de Educação Física se reunia para discutir o assunto, agora depois dessa evolução toda, eu não me lembro, a não ser em alguma festividade, para sentar com os professores e organizar algo para as aulas e para a escola. (VANDIR LEÃO FILHO, relato oral concedido em maio de 2021).

Apesar de citar que não houve influência das abordagens pedagógicas da Educação Física em suas aulas, o Professor Vandir reconhece em sua fala a relevância da formação para a melhoria da qualidade das aulas de Educação Física na escola. Há algumas décadas, tanto no cenário nacional, quanto internacional, cresce significativamente o número de pesquisas a respeito dos saberes necessários para o desenvolvimento da docência. Nesse sentido, Almeida e Biajone (2007), Borges (2001), Nunes (2001) e Alves (2006) ressaltam que, entre as décadas de 1980 e 1990, surgem de forma expressiva discussões acerca dos saberes docentes e, a partir daí, a cada ano é publicada uma quantidade expressiva de livros e artigos que versam sobre essa temática. A Educação Física, como parte integrante do currículo escolar, acompanha essa evolução nas produções e proposições metodológicas.

Concretizar na prática docente as concepções teóricas desenvolvidas na história da Educação Física escolar no Brasil não é uma tarefa simples, isso implica reflexões sobre o processo curricular da área, as quais se tornam um desafio para a formação contínua dos professores. A disseminação dos métodos de ensinar e aprender – sob diferentes denominações, como tradicionais, inovadoras, emergentes, revolucionárias, conservadoras – configuram-se no contexto histórico das necessidades humanas, sejam elas de valores de uso, ou de troca e de acumulação (esta última representada por métodos pedagógicos para a formação dos sujeitos, com vistas às necessidades do mercado e do capital). A elaboração desses métodos perpassa por orientações políticas de organismos internacionais e nacionais (NEVES, 2005), de movimentos e grupos sociais organizados, movimentos populares, instituições voltadas a populações com necessidades especiais, entre outros. Essas orientações e reivindicações por parte dos grupos sociais ligados à Educação e dos demais grupos convergem no bojo de suas ações para as suas próprias necessidades, concepções de humanidade e de sociedade que defendem.

A Professora Vânia Selma Fernandes, assim como o Professor Vandir Leão, iniciou suas atividades como docente do componente curricular Educação Física na década de 1980. No

entanto, ela já lecionava outros componentes curriculares antes da Educação Física. Em seu relato, a Professora comenta como migrou da Matemática para a Educação Física e as implicações que essa mudança teve em suas ações pedagógicas.

Aí eu trabalhei com Educação Física e com Matemática. Aí eu deixei a Matemática, oh, a Educação Física, só que eu não me lembro a data. Eu trabalhei dois anos com a Educação Física. Acho que foi 1989 e 1991, trabalhava até pela manhã, dava aula pela manhã. Porque a Educação Física, nesse período, ela não era no mesmo horário da aula, era turno oposto, então colocava, eu trabalhava à tarde, os alunos que trabalhavam à tarde faziam Educação Física pela manhã ou à noite, né. E os da noite também faziam Educação Física pela manhã. Eu trabalhava com a turma da noite, tinha dia que na aula de Educação Física nesse período tinha dois alunos, três alunos, eles não iam pra Educação Física não, não era obrigatório. (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021).

Ao se inserir na docência da Educação Física na escola, a Professora Vânia Selma desenvolve um trato pedagógico da Educação Física com aproximações das concepções históricas da área. Quando estimulada a comentar sobre os conteúdos que desenvolvia em suas aulas, ao iniciar as atividades docentes na Educação Física, relata:

Era só se botar os meninos para correr, eu não sabia nada assim da Educação Física, eu fazia aquela Educação Física que eu aprendi com Homero [Foi professor de Educação Física da Professora Vânia Selma na escola], botar os meninos para correrem na quadra, depois corriam lá uns trinta minutos, por que a nossa Educação Física eram duas horas, corriam lá uns trinta minutos, botava para jogar bola, quem não queria jogar bola ia embora, você não podia prender, né, iam embora, outros ficavam jogando peteca, que a gente também trabalhava com peteca. Então era isso, os jogos, o baleado, o dia que eu trabalhava com eles o baleado, eles ficavam o tempo todo jogando baleado, agora quando era pra jogar o futsal, o vôlei, era mais difícil ficarem, ou então a ginástica, mas não tinham assim conteúdos específicos, era só a Educação Física lá, correr, atividades físicas mesmo. (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021).

Essas propostas desenvolvidas nas aulas da Professora Vânia Selma têm inspirações em seus ex-professores do tempo em que ainda era estudante. Assim, na concepção de Ricoeur (2007), identifica-se um outro tipo de imagem, que não apenas reconhece por hábito uma atividade passada de nossa vida, mas que recria esse passado: as imagens-ação. Das imagens-ação, espera-se sempre ter uma atitude voltada para o presente, que tem a memória como uma forma criadora do passado. De tal modo, a memória para Ricoeur não se reduz ao ser humano e ao cérebro, pois o virtual é um potencial. Ou seja, o cérebro atualiza o virtual, atualiza lembranças, mas o cérebro não é o virtual, pois o virtual puro não é lembrança. Ele propõe

não pensar o passado a partir da vivência, mas pensar a vivência a partir do passado.

Essa associação da memória da Professora Vânia Selma do tempo de estudante e sua materialização em suas aulas já como docente de Educação Física permite associar as discussões sobre memória, história e seus desdobramentos, desenvolvidos e escritos por Ricouer. Portanto, a discussão presente nas concepções de memória e história, inerentes ao pensamento de Ricouer, permite por meio dos conhecimentos históricos, compreender o processo de formação da memória, da sociedade, e até mesmo do fenômeno educacional, a partir de análises da realidade concreta e usando os instrumentos teóricos que a história, a memória e a cultura nos disponibilizam.

Ao decorrer da década de 1980, e início de 1990 do século XX, acirraram-se os debates progressistas na área educacional e surgiram trabalhos que marcaram época. Surgem propostas na luta pela sistematização da Educação Física crítica, buscando a razão de ser e estar na escola, de vê-la como uma prática pedagógica, que no âmbito escolar tematiza formas de práticas corporais e expressivas que saem em busca da resolução da crise paradigmática e epistemológica. De acordo com Daolio (2004), o grande salto qualitativo do movimento foi considerar a dimensão cultural, visto que, até poucos anos antes da década de 1990, o referencial quase exclusivo provinha das Ciências Naturais, mais designadamente da Ciência Biológica. No entanto, esse debate educacional e propostas epistemológicas para as aulas de Educação Física não influenciaram as ações pedagógicas da Professora Vânia Selma.

Não me influenciou em nada. Eu não tinha planejamento não, era uma coisa assim horrível pra mim, viu? Porque eu ficava assim, mais voando do que tudo. Na época que eu trabalhei lá, era Tico e Erlano, Tico trabalhava no Detran, e professor Vladimir e Delson. Aí Tico falava assim: “faz qualquer coisa aí, esses meninos não tá nem aí mesmo, faz qualquer coisa aí” [risos]. Depois eu falei, não sei se foi dona Aparecida, acho que foi Mariquinha, eu falei: “Mariquinha, eu não vou ficar com Educação Física não, não dá pra mim não, eu não consigo fazer uma coisa, um trem solto assim ó”. Você não tinha planejamento, você não sabia o que você ia fazer, os meninos iam um dia o outro não ia, era uma coisa muito ruim. Igual uma arte cênica que me deu uma vez lá, me deu uma arte cênica, eu nem sabia o que era arte cênica, chego lá tá no meu horário Arte Cênica. Aí eu falei com dona Aparecida: “sinto muito, mas eu não fico com isso não” [risos]. (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021).

As contradições historicamente associadas à prática pedagógica da Educação Física comprometem significativamente a organização do seu trabalho pedagógico em uma perspectiva emancipadora. A apresentação das memórias dos pioneiros e pioneiras, neste tópico do trabalho, alerta para um dos pontos destas contradições, a inserção do docente na área da Educação Física

sem a formação em nível superior. Assim, o trato dado à Educação Física como componente curricular não é com a relevância necessária que a área carece. É indispensável uma organização didática que proponha aos estudantes uma aproximação sólida e consistente com as práticas corporais de forma coerente com a proposta pedagógica da escola. Mesmo diante desse cenário, a produção acadêmica em Educação Física busca propor sugestões para uma saída dessa crise, portanto contribuem significativamente como auxílio na formação e atuação de professores. Porém, ainda hoje é necessário avançar na qualificação das produções, para que essas propostas se concretizem no cotidiano escolar, para assim reconfigurar, de forma eficiente, a *práxis* pedagógica dos professores.

A espiral contínua de ação-reflexão-ação contribui para a análise, compreensão e avaliação do processo educativo, pois “a reflexão envolve consciência crítica do professor sobre o próprio trabalho desenvolvido, apontando falhas e acertos no decorrer da caminhada, envolve também aceitação de si mesmo frente aos educandos” (COSTA, 2010, p. 20), fazendo com que o professor repense suas próprias ações.

Todavia, ressalta-se que, no Brasil, os estudos em Educação Física em que predominam uma matriz teórica de vertente biológica ainda continuam ganhando espaço nas pesquisas específicas da área. Já na especificidade da prática pedagógica da Educação Física na escola, estudos sobre ensino e aprendizagem por processos estruturais de desenvolvimento estão presentes nas elaborações didáticas, em grande parte sob a raiz teórica piagetiana. Há evidências claras dessa influência nas produções de Freire (1989) e de Tani *et al.* (1988). O primeiro quando trata do desenvolvimento infantil a partir dos estágios propostos por Piaget; e, o segundo, quando trata do desenvolvimento de habilidades básicas e específicas do domínio motor pautado, também, nesses estágios.

Na contramão da predominância dessas perspectivas educacionais, observa-se nos últimos anos um avanço e uma ampliação no que concerne às investigações do ensinar e aprender, com vistas ao desenvolvimento das necessidades humanas e socio históricas. Investigações nesse prisma apontam para possibilidades criativas e emancipadoras dos sujeitos em processo de educação, como a metodologia de ensino Crítico-Superadora da Educação Física, proposta pelo Coletivo de Autores (1992), cujos fundamentos se aproximam do materialismo histórico de Marx e Engels e na psicologia russa de Vygotsky e colaboradores.

Como já foi mencionado neste estudo, a Professora Vânia Selma iniciou sua formação acadêmica em Educação Física durante sua trajetória profissional, os relatos acima expostos são momentos das suas atividades antes da inserção no Ensino Superior. As narrativas da

Professora perpassam por momentos distintos de sua carreira, pois ao analisar a natureza de um relato oral, não podemos deixar de lado o entendimento de que esse relato também é visto como uma prática discursiva, e como tal, transita uma produção influenciada pelo tempo presente na memória.

Um dos pontos marcantes nos relatos dos pioneiros e pioneiras foram as falas sobre os eventos promovidos pelas escolas. Os jogos escolares foram os eventos mais desenvolvidos. No entanto, a Professora Vânia Selma pouco participava desses eventos.

No período do início, não. Porque eu acho assim, eu não tenho certeza, como eu te disse, eu não participava das reuniões de Educação Física, eu não sei como é que era, mas eu sei que Homero levava os meninos pra Conquista pra jogar. Lourival tinha esses torneios de futebol, de vôlei, de handebol, os meninos participavam. Muitos poucos alunos, porque tinha também a turma do esporte né, tinha a turma do esporte, mas eu mesma não participava da turma do esporte, não. Era só a Educação Física mesmo. (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021).

O fragmento do relato da Professora Vânia Selma reforça o indício de que teve na escola um intenso movimento de esportivização das aulas de Educação Física. Assim, há a busca do resultado positivo nas competições extraescolares como uma das formas de legitimar a prática da Educação Física na escola por intermédio do esporte.

O conjunto de reminiscências dos pioneiros e pioneiras apresentadas até aqui permite a reflexão sobre o movimento de esportivização da Educação Física na escola e na condução das aulas conforme a conjuntura educacional de cada época. Desde sua inserção no ambiente escolar, a Educação Física assumiu diversas visões enquanto prática curricular na escola. O referido componente curricular, por algum tempo, direcionou seus olhares sobre os aspectos biológicos e/ou tecnicistas. Soares (2001) pondera a respeito dessa adequação da Educação Física durante a formação das relações sociais – que assim como outras ciências foi empregada no sentido de ordenar e disciplinar os sujeitos, para que estes pudessem vir a contribuir dentro da nova sociedade que se esperava, a passagem do feudalismo para o capitalismo em alguns países, e do escravismo ao capitalismo como ocorrido no Brasil.

Com base na contextualização de Soares (2001), compreende-se o grande envolvimento e contribuição dentro da dita *civilização* do povo brasileiro, sua estreita e íntima cooptação com as desigualdades entre os gêneros, bem como seu caráter técnico, biológico, não que seja irrelevante o caráter biológico que a Educação Física foi conduzida, mas tentar compreender o ser humano em suas condições básicas de vida, e a indissociabilidade das dimensões do sujeito.

O trato pedagógico da Educação Física na escola, exposto nas memórias dos pioneiros e pioneiras, apresenta-se como um mecanismo de reproduzir e perpassar uma concepção de mundo que corrobora a manutenção do *status quo*. A lógica seria bem simples, os conceitos de civilização, cultura e religião que nos dominam, que nos intimidam em nossas ações e pensamentos, são formulados pelos que nos oprimem. Estes conceitos são, na maioria esmagadora, formulados pelas teorias não críticas, que concebem a escola como responsável em resgatar o marginalizado (pertencente à classe trabalhadora), e transportá-lo para a civilização, desconhecendo assim que, por mais que nos iludam dentro das instituições de ensino, jamais teremos as mesmas oportunidades dos que pensam e formulam nosso ensino.

Nozaki (2004) nos lembra que o ser humano primitivo criou e se apropriou de movimentos que hoje consideramos básicos – como andar, correr, saltar, nadar, equilibrar-se, arremessar e lançar – e que isso se deu conforme sua necessidade, como condição de sua história. Já o ser humano da contemporaneidade, o qual se situa no solo do capital, apesar de se apropriar dos mesmos elementos – agora sob novas elaborações no interior de construções modernas como esporte, dança, ginástica etc. –, obedece a outra ordem de relação de apropriação. Ainda conforme Nozaki (2004), o ser humano contemporâneo se apropria dos elementos básicos e primitivos da cultura corporal, redimensionando-os a partir de apropriações dos conteúdos contemporâneos da cultura corporal; apropriações que nem sempre estão disponíveis aos indivíduos de todas as classes sociais, pois na sociedade regulada pelo capital, os bens culturais produzidos historicamente aparecem institucionalizados da mesma forma que qualquer produção no interior da relação capital/trabalho.

A Educação Física, fundamentando suas ações em uma perspectiva crítica, busca socializar os conteúdos da cultura corporal, além de possibilitar aos educandos constatar, interpretar, compreender e explicar a realidade social complexa e contraditória (COLETIVO DE AUTORES, 1992), realidade social que deve ser superada, caso nosso intuito seja, de fato, socializar os bens culturais. Portanto, destacamos a relevância e a necessidade de um acúmulo teórico que apresente os subsídios para uma prática pedagógica coerente com uma Educação Física voltada para a emancipação humana e a consolidação de uma sociedade comprometida em contemplar as verdadeiras demandas sociais. Esse é o marco temporal para a análises seguintes, as práticas dos pioneiros e pioneiras licenciados em Educação Física que iniciam na década de 1980, período de proposição de renovação das ações pedagógicas da Educação Física na escola. Essas concepções emergentes na época compõem as memórias expostas, mesmo que em determinados momentos não influenciaram diretamente algumas práticas dos depoentes.

4 “NÃO É POR QUE VOCÊ É FORMADA QUE É MELHOR QUE NÓS...” MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS DOCENTES DOS PIONEIROS E PIONEIRAS LICENCIADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Investigar as memórias das ações pedagógicas dos professores e professoras de Educação Física que atuaram em escolas públicas de Guanambi-Bahia na segunda metade do Século XX é necessário para repensar a atuação docente imersa em um contexto histórico, e assim propor uma formação de professores com posturas críticas e reflexivas em relação aos conceitos que se têm do conhecimento em torno das práticas metodológicas da Educação Física. Busca-se construir uma narrativa histórica sobre a Educação Física na escola a partir das memórias dos seus protagonistas.

A história oral explorada nesta pesquisa é reconhecida por vários pesquisadores como metodologia que contribui na compreensão, recriação e no aprendizado crítico do presente, que vai possibilitar os diálogos serem reconstruídos (CALDAS, 1999). Os pesquisadores da História Oral afirmam que a temática trazida por ela adentra a realidade social: os grupos marginais ou em vias de desaparecimento, discriminados, submetidos, analfabetos, etc., visualizando a história por um ângulo pouco visto pelos historiadores (ARÓSTEGUI, 2006). Meihy (2002) nos alerta sobre a confusão existente no uso da memória grupal, coletiva e social, e até a própria história. Para o autor supracitado, a memória é um suporte para as narrativas de história oral, mas não a história em si. Nesse sentido, pensar o movimento histórico da Educação Física na escola remete à reflexão sobre as características da função docente na relação de ensino-aprendizagem. Para isso, é necessária uma reflexão sobre as questões que determinam a formação docente.

Os processos de ensino e aprendizagem, bem como a sistematização do conhecimento na Educação Escolar, são abordados em muitos estudos desenvolvidos no decorrer da história moderna e contemporânea, resultando em elaborações e produções de métodos pedagógicos e fundamentados em diferentes concepções teóricas. Na atualidade, essas produções desdobraram-se em modelos didático-pedagógicos predominantes, os quais se baseiam especialmente nos ideários políticos, econômicos e ideológicos hegemônicos e contribuem para a sua reprodução ao gerar e transmitir valores que o legitimam (SADER, 2008), em busca de uma formação unilateral do sujeito nos mais diversos contextos educativos. Todavia, outros modelos pedagógicos foram elaborados, cuja orientação das ações educativas fundamentam-se em perspectivas teórico-metodológicas que visam contribuir para o processo de análise crítica e transformações sociais.

Para a Educação Física, a formação de professores expressa disputas, entendimentos e a correlações de forças de uma área historicamente dividida e marcada por um caráter prático. Assim, seus currículos guardam embates conceituais frutos de um dualismo entre teoria e prática que dividiram o currículo em, pelo menos, dois tipos: o tradicional esportivo que dá um enfoque nas disciplinas práticas, nas capacidades físicas e no desempenho físico-técnico; e o currículo de orientação técnico-científico, que valoriza as disciplinas teóricas, abrindo espaços para as humanidades e filosofia, criando um conceito de prática diferente, assentada em outros referenciais. Esses novos referenciais permitiram à Educação Física assumir um novo papel social, na medida em que têm inaugurado um novo paradigma baseado numa concepção holística de homem que busca superar a visão da prática pela prática, do treinamento, da performance e da formação de atletas como finalidade única.

Problematizar a formação/construção da identidade do educador é fundamental, uma vez que permite questionar modelos formativos voltados apenas para a reprodução de ideais e valores. Nessa direção, Pimenta (2007, p. 164) considera que a identidade profissional dos docentes se constrói a partir da:

[...] significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. [...] Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos.

Logo, a identidade docente não é construída individualmente, mas tem sua origem no convívio direto do indivíduo com a realidade que o cerca, realidade essa que é objeto de reflexão crítica e criativa, inscrita no propósito de reconstrução da prática docente. Desse modo, o processo de construção da identidade docente dos professores supõe a busca por conhecimento, saberes e competências que dimensionam seu perfil enquanto profissional da educação.

Entretanto, a formação da identidade docente perpassa, também, pelo currículo do curso da graduação, bem como as relações estabelecidas pelos acadêmicos de licenciaturas em processo de formação. Apesar disso, no Brasil, os estudos sobre a história do currículo só surgiram no final dos anos oitenta, fomentando estudos e pesquisa que têm dialogado com os desafios de expandir o horizonte teórico-metodológico por meio de aproximações com as

perspectivas contemporâneas da teoria social.

Nesse emaranhado de sentidos, o currículo tem sido visto como uma forma organizada de as instituições formativas proporem seus caminhos e orientações visando a uma prática construtiva e inovadora. Isso se dá levando em conta o que, como e por que ensinar, além dos métodos e critérios a serem utilizados nas avaliações, dialogando, sempre, com a realidade social que envolve o contexto formativo, mesmo porque “o currículo diz respeito à seleção, sequência e dosagem de conteúdos da cultura a serem desenvolvidos em situações de ensino-aprendizagem” (SAVIANI, 2003, p. 45). Silva (1996, p. 23) amplia esse entendimento ao afirmar que:

O currículo é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais.

A construção de alicerces teóricos para a Educação Física é um empreendimento coletivo e de grande esforço, especialmente quando as dificuldades têm se avolumado sob o peso da responsabilidade que os pesquisadores têm sobre a organização e estruturação da ciência na Educação Física, e conseqüentemente das ações em relação à área (TAFFAREL; ESCOBAR, 2007). Desta forma, a reestruturação do campo teórico estabelece necessidades de ajustes nos campos profissionais que se expressam em uma organização da produção científica, a qual deve propor um diálogo estreito com diversas áreas do conhecimento, entre elas o campo da Memória.

As décadas de 1980 e 1990 foram um período acentuado para a Educação Física escolar no Brasil, foram desenvolvidos debates acadêmicos na área, os quais procederam uma carregada produção científica e proposições metodológicas para fundamentar a formação e intervenção dos professores e professoras de Educação Física.

No cerne desse debate, a Professora Vânia Selma ingressa no curso de Licenciatura em Educação Física, após aproximadamente quatorze anos trabalhando com Educação Física na escola. A Professora Vânia Selma ingressa no curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia no ano de 1999. Estudante da primeira turma do curso ela conclui a graduação em 2003. Ao buscar saber as motivações do ingresso no curso de Educação Física, a Professora Vânia Selma nos relata, “Falta de opção de cursos, porque aqui só tinha Pedagogia e Educação Física, tinha em Caetité Matemática. Mas acontece que era em Caetité, e eu tenho pavor a

ônibus, van. Eu tinha que tomar Dramin¹¹, quando eu chegasse lá, eu ia era dormir [risos]” (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021). Mesmo trabalhando com Educação Física na escola, em uma quantidade de tempo significativo, a Professora Vânia Selma ainda não havia despertado o desejo de ingressar em um curso superior de Educação Física. No entanto, após o ingresso, ela desenvolve um apreço pelo curso.

Eu gostei, achei bom. Jorge Adilson¹² incentivava a gente muito, e eu gostei. A turma também, a turma boa, eu gostei do curso. Teve matérias que eu não participei, porque foi quando eu quebrei o joelho, a patela, aí eu fiquei um período sem fazer as atividades, sem participar das aulas, aí teve disciplinas que eu só participava da teoria. (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021).

Após o ingresso no curso, a professora teve a oportunidade de se aproximar das referências teórico-metodológicas emergentes da época. O processo de formação tem o intuito de aperfeiçoar suas práticas docentes, no entanto, ao ser estimulada a falar sobre as contribuições da formação com suas práticas docentes, a Professora Vânia Selma expõe que a formação em nível superior não teve muita influência em suas ações didáticas na escola.

Não foi tão diferente. Foi diferente lá atrás quando eu trabalhava, né! Mas de 2000 pra cá não foi muita diferença não, porque os meninos não tinham muito interesse. Como eu te disse, tem que ser lá no primário para colocar na cabeça deles que Educação Física não é jogar bola. No primário, lá no Josefina tinha o primário e tinha o Ensino Fundamental, que era o primário que hoje eu não sei, né, como é que chama mais, e o de 5^a a 8^a. O professor falava: “agora vamos pra quadra jogar bola”, e eles não tinham assim uma orientação que não era só jogar bola, né, a Educação Física era aula só de jogar bola. Mudou muito, porque a gente tinha o planejamento, a gente sentava, planejava as aulas, a teoria, a prática, tudo planejado. E fazia na sala com os meninos a teoria e partia para a prática. Não foi muito diferente, muito, mas foi bem proveitoso. (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021).

Nesse sentido, as dificuldades para se desenvolver efetivamente na prática docente os progressos teóricos e metodológicos obtidos no âmbito da Educação Física escolar remetem à reflexão sobre o processo histórico do referido componente curricular, e como este foi estabelecido na escola. Essa reflexão é um desafio para os cursos de formação inicial e continuada dos professores.

¹¹ Medicamento indicado para diminuir sensação de enjoos, tonturas e vômitos.

¹² Professor Jorge Adilson Pereira Gondin, professor do curso de Licenciatura em Educação Física da UNEB Campus XII. Fundador do curso, suas memórias sobre o processo de fundação do curso serão frutos de análise no próximo tópico do trabalho.

Historicamente, ao papel do professor foi construído a partir de vários significados e rituais, esses que se aglutinam desde a sua “predisposição” para o ensino, ou seja, desde os motivadores para a escolha da profissão docente, os aspectos de suas ações frente à formação educacional de outros sujeitos e, principalmente, o trato com o conhecimento científico e a sua responsabilidade política (SOUZA NETO, 2011). Esse conhecimento se apresenta como um dos elementos centrais no processo de escolarização e da própria organização do ser humano, que, por sua vez, apresenta uma relação íntima com os interesses de determinados sujeitos sociais, enquanto outros não têm os seus interesses contemplados na mesma intensidade durante a seleção do conhecimento.

Essa diferenciação social dos sujeitos não é apenas mero aspecto das suas condições, ela é fruto de uma construção histórica, em que a raça se apresenta enquanto elemento diferenciador dos sujeitos a partir dos processos de colonização (QUIJANO, 2005). Assim, a diferença se consolida em consonância à hierarquização e à posterior inferiorização daqueles que possuíam outro lugar social que se diferenciava dos homens brancos. No contexto educacional, a formação de professores – que em um primeiro momento se definia a partir de uma perspectiva ainda que “mínima” associada ao domínio de uma cultura de conhecimento (ler e escrever), sem muito diálogo com a realidade social – apresenta agora outras condições e outros desafios, não apenas no campo da formação dos “que ensinam”, mas de sua localização dentro dos processos formativos possíveis a partir da educação.

O desenvolver pedagógico da Professora Vânia Selma se aproxima do período esportivista da Educação Física na escola, o advento do esporte como conteúdo da Educação Física na escola tem origens após o final da II Guerra Mundial. No Brasil, o esporte consolida-se na segunda metade do século XX, mais precisamente após a ascensão dos militares ao poder (SILVA, 2002). Mesmo após cursar a Licenciatura em Educação Física, as aulas da Professora ainda eram compostas pelo esporte como conteúdo hegemônico.

Eu trabalhava com o futsal. O professor poderia ter até duas turmas de esporte, mas eu tinha uma turma de esporte para trabalhar. Esse aí eu formava a turma de esporte, era quem queria trabalhar, né, era quem queria fazer esporte. Esse aí não era, eles trabalhavam a Educação Física e podia trabalhar na aula de Educação Física e o esporte também. Eu montava a turma, uma turminha de 15 alunos e trabalhava o esporte no turno oposto do estudo deles, o esporte era no turno oposto, não era no mesmo turno da aula de Educação Física. Na faculdade você tem um discurso, o discurso é muito bonito, mas na prática você não se aplica todo. Não é nem porque a gente não queira, né, é pela questão da realidade, têm dificuldades, mas a gente... não foi só eu que não consegui não, foram, acho, que todos os professores que trabalham com a

Educação Física veem a mesma dificuldade, tinha dificuldade de materiais, tem a dificuldade de você trabalhar com os alunos, que os alunos, sei lá, não entendem assim, não entendiam que a Educação Física precisa trabalhar a teoria, prática, não é? Era só, eles queriam só prática. Na prática deles, eles só queriam o jogo, mas eu tentei levar o que eu aprendi, a prática, né, a teoria. (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021).

Para entender a Educação Física para além de um componente curricular, devemos necessariamente nos apropriar do seu contexto histórico, dos seus objetivos sociais e políticos, para assim traçarmos seus reflexos, suas possibilidades e posteriormente, resgatá-la e dar sentido para a sua prática no âmbito escolar. As aulas desenvolvidas pela Professora Vânia Selma acompanham uma perspectiva advinda dos seus professores – e conseqüentemente seus mentores na prática. Em muitos momentos, essas aulas eram utilizadas para o treinamento de equipes esportivas para a participação em campeonatos e torneios em cidades circunvizinhas. Essa perspectiva corrobora a concepção de Educação Física adotada pela Professora Vânia Selma, contudo não dialoga com as concepções de ensino apropriadas no período de formação superior em Educação Física.

Entende-se ser fundamental que os professores em formação se apropriem das bases necessárias para desenvolver suas práticas pedagógicas, amparadas no conceito de educação como processo de apropriação ativa e consciente do conhecimento, historicamente produzido e acumulado pela humanidade, bem como um espaço de diálogo permanente entre a prática pedagógica e as discussões de natureza epistemológica. Essa formação da identidade docente perpassa pelo currículo do curso da graduação em todas as suas dimensões, assim como as relações estabelecidas pelo professor em processo de formação. Porém, mesmo ao relatar que a sua formação foi permeada de debates sobre as concepções pedagógicas da Educação Física, a Professora Vânia Selma externa o quanto foi difícil desenvolver na prática pedagógica os conhecimentos apropriados na formação docente em nível superior.

Porque lá quando eu trabalhei na Escola Josefina e trabalhei com Educação Física lá, antes eu fui pra lá, trabalhei com Matemática, que eu fiz o concurso da prefeitura de Matemática, trabalhei com Matemática foi 2000... entrei na faculdade em 1990, se eu não me engano, aí eu fiz, eu fui pra lá e fiquei com Educação Física. Lá no município você trabalhava até bem, porque os meninos eram meninos de 5ª série, tinha mais um controle, então a gente trabalhava até bem com eles. Eles faziam a teoria e aplicava na prática. Eu fazia uns projetos, né, as brincadeiras que eles faziam antigamente, o quê que eles brincavam, como eles brincavam quando eram crianças. Crianças menores, né, aí eles faziam e aplicava, mostrava. No colégio já era mais difícil com o Ensino Médio, bem mais difícil... (VÂNIA SELMA, relato oral concedido em maio de 2021).

O professor e a professora de Educação Física, há muito tempo, passam por diversas dificuldades, e essa conjuntura ecoa na atualidade, apesar das mudanças no contexto da formação e atuação desses profissionais. A falta de espaço para ministrar as aulas, o desinteresse dos estudantes com o componente curricular e, principalmente, a desvalorização em função de um processo histórico de desinvestimento pedagógico na escola são exemplos das dificuldades encontradas pelos professores em sua prática docente. Desta forma, o profissional deve se preparar para encarar todas essas dificuldades, para isso, é de extrema importância que o professor, no seu processo formativo, seja aproximado dos conteúdos por meio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Assim, o professor em formação, ao pensar sua futura atuação, deve compreender a relação do processo ensino aprendizagem como uma ação mútua, e isso é de relevância primordial na organização e nos planejamentos das ações didático pedagógicas, despertando a cooperação e a participação de todos.

As memórias de formação, neste sentido, contribuem para uma melhor percepção do espaço de atuação docente e organização do trato pedagógico. Para Bergson, a percepção, por mais que seja instantânea, contém uma imensidade de “elementos rememorados”, e conclui que “toda percepção é já memória”, em geral, a percepção apreende o passado. O filósofo reitera que “sobre este passado nos apoiamos, sobre este futuro nos debruçamos; apoiar-se e debruçar-se desta maneira é o que é próprio de um ser consciente. Digamos, pois, que a consciência é o traço de união entre o que foi e o que será, uma ponte entre o passado e o futuro” (BERGSON; *et al.*, 1974, p. 77).

Os processos históricos que envolvem os normativos legais para a formação em Educação Física possibilitaram conceber quais são as intenções e o perfil do profissional a ser formado em cada momento histórico. No caso particular da Educação Física, a constituição histórica das suas diretrizes curriculares ocorreu de forma paralela aos normativos legais da Educação, quando comparadas às demais áreas do conhecimento, pois a Educação Física assumiu um percurso próprio, não necessariamente alinhado ao mesmo tempo e espaço das demais licenciaturas (BENITES, *et al.*, 2008).

A formação profissional em Educação Física no Brasil originou-se na área militar, utilizando-se de distintos métodos ginásticos como o alemão e o francês. Conforme Pereira (2014, p. 31), “inicialmente o método alemão era o mais utilizado nos estabelecimentos militares, até ser substituído pelo método francês em 27 de abril de 1921”. Assim, as escolas de formação têm o seu início nas primeiras décadas do século XX em cursos de curta duração voltados, prioritariamente, para a formação dos militares. Nesse contexto, fugindo à regra, foi

ofertado um Curso Provisório de Educação Física, em 1929, ministrado pelo Exército, em que se aceitou a inscrição de civis. Posteriormente, com a criação da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) no Rio de Janeiro, em 1933, nova exceção foi feita para o ingresso de civis, até que promoveram formação em Educação Física permanente para os civis (BENITES, *et al.*, 2008).

Na Bahia, o primeiro curso de Educação Física foi implementado da década de 1970, na Universidade Católica de Salvador (UCSal) (PIRES, 2006). Portanto, a ideia em falar das origens dos cursos de Educação Física, e em especial do primeiro curso de Educação Física na Bahia, é em função de o Professor Lourival Rodrigues de Oliveira ingressar no curso de Licenciatura em Educação Física em 1975 na UCSal.

Estudante de uma das primeiras turmas do curso, a organização curricular da Licenciatura em Educação Física da UCSal, no período que o Professor Lourival cursou, propõe um discurso hegemônico contemporâneo da Educação Física, qual seja, sobre como a Educação Física vai ao encontro da educação do movimento como método eficaz para desenvolver a educação integral do sujeito. Entretanto, essas modificações ocorreram basicamente no campo das ideias, pois a antiga prática calcada nos pressupostos militaristas, médico-higienistas e especialmente esportivistas conservou-se essencialmente (DARIDO; RANGEL, 2005).

Entrei na Católica [Universidade Católica de Salvador], entrei em 1975, concluí em 1979... Naquela época, os professores, eles ensinavam você para ser professor de Educação Física no colégio de escola pública, de escola, certo? Que que era: você tinha aula de basquete, voleibol, atletismo, ginástica rítmica... Aí você tinha as aulas complementares, ginástica de reabilitação, fisiologia... Você tinha essas matérias também, português, didática, pedagogia... Você tinha essas matérias também, mas o professor direcionava você para a prática como professor de Educação Física na escola pública... de escola... Ginástica, a gente tinha três tipos de ginástica, I, II, III e IV, você tá entendendo? Então, três tipos de ginástica, e era aquela ginástica antiga e tal, ginástica de calistenia, ginástica de militar... (LOURIVAL RODRIGUES DE OLIVEIRA, relato oral concedido em abril de 2021).

Em função da busca desta nova prerrogativa, as atribuições do professor de Educação Física são entendidas como parte da preocupação com os aspectos pautados na saúde individual, resquícios dos pressupostos médicos higienistas, até chegar a organização e desenvolvimento de métodos de ensino técnico-esportivos que, não obstante, buscavam a formação de talentos esportivos para a defesa do país em eventos esportivos profissionais. Desse modo, a atuação do professor passa a ser semelhante à de um técnico esportivo.

Assim, a prática pedagógica da Educação Física contribuiu para o enriquecimento

cultural-esportivo, porém sem contextualizar este novo conhecimento com a realidade sociopolítica da época. Portanto, esse projeto atendeu nitidamente aos interesses do regime militar vigente, que buscava pacificar e reduzir as tensões entre os campos sociais e os espaços culturais, entre eles a universidade, já que, naquela época, as universidades eram instâncias de resistência à violenta repressão do regime militar (PEREIRA, 2014).

Apesar de o período de formação do Professor Lourival ser durante o período da ditadura militar no Brasil, o docente expõe que não teve muita influência em sua formação, mesmo o governo militar incidindo forte influência sobre as práticas esportivas na época.

Tinha um professor, mas não era na parte da Educação Física, era Estudos dos Problemas Brasileiros, eles eram militares, por sinal ele passou um trabalho e tal, eu comecei a discutir, ele achou interessante, ele tava dando aula para uma turma, certo? Aí ele falou: “esse trabalho quem fez foi Lourival”, me chamou, a colega foi lendo e eu fui explicando, mas aí eu segurei muito porque eu sabia que ele era militar, certo? Mas os outros professores não tinham influência nenhuma não... não tinha problemas, não ...agora o local das aulas era terrível, na Fonte Nova, grande parte das aulas você tinha em baixo da Fonte Nova. A Fonte Nova tinha uma parte embaixo, e a gente ficava fazendo as aulas de ginástica, ginástica olímpica, essas coisas, tá entendendo? Tudo em baixo, era terrível. Agora, basquete e voleibol, não! Você tinha no Balbininho [Ginásio Antônio Balbino¹³], hoje não existe mais. Depois da arena, tirou o Balbininho... você pode ir perguntando, que a gente vai falando... (LOURIVAL RODRIGUES DE OLIVEIRA, relato oral concedido em abril de 2021).

Mesmo ao relatar que não houve influência direta do governo militar nas ações do curso, as ações do governo na época compõem um conjunto de referências que permite ao professor citar objetivos, métodos, conteúdos e representações do esporte e Educação Física que eram utilizados para a compreensão da área na formação em questão. Percebe-se no relato do Professor o incômodo em falar sobre o assunto, logo trata de outra questão, nesse caso as más condições para o desenvolvimento das aulas. Ainda que os estudantes da época não percebessem de forma direta as ações de coerção do governo, tais fontes circularam por corredores, bibliotecas, livrarias e salas de aula. Portanto, elas ajudaram a constituir uma ambiência acadêmica opressora.

Destarte, incide neste quesito um ponto em comum entre as ações vivenciadas pelo Professor e relações que cotidianamente se realiza entre a percepção e as lembranças, o que pode ser analisado nas concepções de estudo sobre a memória do filósofo Henri Bergson. É importante ressaltar que, para Bergson (2009), a percepção não é vinculada à produção de um

¹³ Ginásio de esportes situado ao lado do estádio Octávio Mangabeira (Atualmente Arena Itaipava Fonte Nova).

conhecimento puro, ou especulativo, ela diz respeito à ação, isto é, a posicionar nosso corpo a todo momento em relação ao real, sempre considerando a melhor escolha a ser realizada, o cérebro aqui perde a característica de produtor de representações e se apresenta como um computador, em que os movimentos recebidos do exterior por meio dos nossos centros perceptivos escolhem por onde se expressarão em movimento (andar, parar, pegar, falar). Mas, se nosso corpo é chamado a realizar escolhas, a partir dos movimentos exteriores recebidos, e conseqüentemente, executar movimentos não mais automáticos, mas sim escolhidos, parece ser necessário que possamos de alguma maneira ter à nossa disposição todas as nossas experiências passadas que possam em determinado momento e situação nos auxiliar na escolha da melhor decisão a ser executada.

Não por acaso, os governos militares buscaram investir na prática esportiva, e a Educação Física passou a ser o baluarte ideológico, sustentando a busca de talentos que viabilizassem os triunfos, tão almejados, nas competições de alto rendimento. Esse momento histórico da Educação Física é significativo, pois demonstra como o esporte, enquanto conteúdo da Educação Física, colaborou para a área obter destaque no cenário educacional, bem como influenciou categoricamente pensamento e ações dos cursos de formação em Educação Física, e na organização de seus fluxogramas, os quais eram direcionados para este padrão de formação.

As discussões sobre formação docente na conjuntura daquela época destacam que as novas exigências e determinações do mundo do trabalho influenciavam incisivamente os cursos de licenciatura em Educação Física a formar o profissional capaz de atender às novas ocupações de trabalho da área, em especial os postos de trabalho criados em função dos interesses do processo de esportivização e das novas manifestações corporais decorrentes de academias de ginástica, clubes sociais e esportivos, e serviços de atendimentos personalizados (DAVID, 2003).

As novas demandas do mercado de trabalho viabilizam um novo molde na formação docente, para assim atender a estes novos espaços de atuação, como sugere David (2003, p. 39):

Começavam então a surgir elementos novos e/ou alternativos para atender aos alunos ante as novas exigências de trabalho colocadas para a IES. Novos cursos de atualização, cursos técnicos ligados ao esporte, novas disciplinas opcionais voltadas para assuntos do cotidiano, novos campos de estudos dedicados ao treinamento desportivo, administração esportiva, direito esportivo, dentre outros e novas frentes de pesquisas aplicadas, davam provas de que as novas transformações do processo produtivo e a organização do trabalho, tanto em escala internacional quanto locais, apresentavam os

primeiros sinais do esgotamento do modelo de currículo mínimo estabelecido pelo Conselho Federal de Educação. As novas possibilidades de atuação profissional, fora do ambiente escolar, determinaram para as instituições de formação, novas formas de pensar, produzir e agir concretamente, criando novas demandas para o então modelo curricular vigente.

Diante desse cenário, o relato do Professor Lourival evidencia, entre outros aspectos, o descolamento da Educação Física no contexto educacional, já que este modelo de formação limita o raio de ação da Educação Física a apenas performance esportiva em busca de resultados. É neste momento histórico que o esporte de alto rendimento, caracterizado pela seleção dos mais habilidosos, configura as práticas da Educação Física. A metodologia utilizada é extremamente diretiva, o perfil do professor é centralizador, e a vivência é arraigada em repetições mecânicas dos gestos esportivos. Este método esportivista foi muito criticado, principalmente pelo meio acadêmico que o adjetivou como tradicional, mecanicista e tecnicista.

Do modo geral, porque eu tinha muita habilidade para o esporte, eu participava bem, na parte de basquete e tal, jogava bem, não era aquele... eu enganava, certo! O voleibol, minhas notas eram sempre as melhores, saia muito bem, tá entendendo? Na ginástica também eu saia muito bem, eu cheguei a ser até monitor da parte de ginástica, tá entendendo? Agora natação eu não entrava, eu tinha muito medo de água, era aquele famoso nado de lagoa, tá entendendo? [risos] e a piscina era uma piscina olímpica, era funda, e eu tinha medo, mas deu para passar. Mas o que eu gostava mais era os esportes coletivos, certo? Individual era só atletismo, eu saia até bem no atletismo. Por sinal, eu trabalhei aqui em Guanambi com handebol, eu tinha uma turma de handebol muito boa. (LOURIVAL RODRIGUES DE OLIVEIRA, relato oral concedido em abril de 2021).

Suas atividades docentes como professor de Educação Física na escola se iniciam em 1981 no Colégio Estadual Governador Luís Viana Filho, após um período como professor de Educação Física no Centro Social Urbano de Guanambi.

Aqui em Guanambi trabalhei com professor só no Luís Viana, trabalhei no Centro Social Urbano como técnico, 30 anos como professor no Luís Viana, gosto muito do Luís Viana, ninguém pode falar mal do Luís Viana que eu defendo... Assim que me formei, como eu falei, aqui tinha um Centro Social Urbano, um colega que era meu colega de faculdade na época, ele era chefe na SUDESB na época, e aí falou: “Lourival você quer ir para lá?” Aí eu vim e fiquei até agora, tá entendendo? (LOURIVAL RODRIGUES DE OLIVEIRA, relato oral concedido em abril de 2021).

O início da carreira como professor de Educação Física do professor Lourival foi nos últimos anos dos governos militares no Brasil. A inclinação “Apolítica” do Professor Lourival,

em tempos de estudante, desenvolve-se também em seu período inicial de atuação docente. Logo que instigado a comentar sobre uma possível influência do governo nas ações escolares, bem como em suas aulas, o Professor Lourival é bem enfático em seu comentário.

Não tinha influência... tinha influência às vezes, assim, vem um governador, o governador chegou, prepara tudo para receber ele [...], mas não tinha nenhuma influência política, não... sempre tive muita liberdade, o pessoal me respeitava muito e me dava muita liberdade para trabalhar, até com os outros professores mesmo, era mais tranquilo para trabalhar. (LOURIVAL RODRIGUES DE OLIVEIRA, relato oral concedido em abril de 2021).

Portanto, ao analisarmos os aspectos que influenciaram a escolha pela profissão docente, e suas atividades profissionais, é necessário analisarmos as características sociais, econômicas, culturais, dos sujeitos que a escolhem, não no intuito de generalizarmos a escolha pela docência, mas de encontrarmos elementos que possam auxiliar na análise de algumas características que constituem ou possibilitam determinadas experiências e posturas desses sujeitos. A opção do Professor em não comentar as questões políticas da época é reflexo da sua trajetória formativa. Esse reflexo, na atuação docente, é um elemento que em muitas ocasiões é desconsiderado. Aparentemente, nota-se uma “cegueira histórica” nos cursos de formação, nos quais, antes mesmo de conhecer um pouco a história de vida dos estudantes e futuros professores, concentram-se as atenções para o domínio de elementos para o exercício docente. Arroyo (2015) nos chama a atenção para um aspecto pulsante nos cursos de formação, que é a tentativa de estabelecer uma estrutura constante, um perfil, protótipo, universal de professor a formar.

No entanto, mesmo diante de características históricas que ainda se mantêm na profissão docente, e pelas condições materiais da educação brasileira, é necessária a reflexão sobre os aspectos formativos que devem ser contemplados perante uma formação possível e potente para a atuação dos futuros professores. Assim, pensar em formação requer anteriormente problematizarmos três elementos: primeiro, a trajetória formativa dos que adentram os cursos de formação de professores; segundo, as condições objetivas – recursos destinados à educação, políticas públicas de valorização da escola, infraestrutura, etc. – nas quais a educação está inserida; e por fim, o terceiro, os planos de carreiras e os incentivos para o desenvolvimento dos sujeitos enquanto professores – políticas de valorização, planos de carreira, formação continuada, etc.

Pioneiro entre os pioneiros, há um fato relevante mencionado pelo Professor Lourival em seu relato oral. Ele foi o primeiro professor formado em Educação Física que atuou nas escolas de Guanambi.

Peguei meu contrato como professor de Educação Física no Luís Viana, onde trabalhei por 30 anos e me aposentei. Logo quando cheguei aqui, *eu fiquei por 10 anos como o único professor formado de nível superior na cidade. Mas eu não criei problema nenhum com os outros colegas*, eram professores de nível médio, tá entendendo? Mas faziam seu trabalho, e eu não entrei em choque com eles, simplesmente orientava, ajudava, certo? (LOURIVAL RODRIGUES DE OLIVEIRA, relato oral concedido em abril de 2021, grifos nossos).

A recepção dos professores e professoras foi amistosa, segundo o Professor Lourival, não houve empecilhos para o desenvolvimento do seu trabalho, porém no início houve uma pequena resistência, que logo foi contornada com o auxílio de um professor mais experiente e com características conciliadoras, o Professor Vladimir.

Quando cheguei, a relação com os outros professores era tranquila. Primeiro houve obstáculos, eles criaram obstáculos comigo, certo! Mas aí, tinha um professor, o Vladimir, o Professor Vladimir era muito diplomático, e disse para os outros professores: “rapaz, ele é formado, ele vai nos ajudar”. Aí eu fui entrando, até a própria diretora da época achava... porque aqui era grupo político, né! Achava que eu era do grupo político contrário, mas eu não tinha grupo político nenhum, eu era de Caeté, tá entendendo? Aí houve uns problemas, mas depois de um ano, aí pronto... já dominei porque ela viu que eu só fazia trabalhar, certo! Que eu sou aquele cara Caxias, mas aí o relacionamento foi tranquilo, no final eu fiquei como coordenador de Educação Física, que aqui tinha o coordenador da área de Educação Física, fiquei como coordenador durante muito tempo. (LOURIVAL RODRIGUES DE OLIVEIRA, relato oral concedido em abril de 2021).

Logo, percebe-se que o lugar social do professor é um espaço de tencionamentos. E para pensar esse lugar social, é necessário pensar nos posicionamentos tomados pelos sujeitos dessa área, além dos movimentos e das lutas políticas que estão em disputas, e que constituem esse lugar social docente. Decisões confluem para a constituição – tensa e inconstante – da posição docente. No entanto, para essa construção, é preciso considerar a própria docência, em sua diversidade de perspectivas a partir da vocação, do trabalho, do ofício e da condição, assim, têm-se elementos para refletir sobre a posição docente enquanto configurações discursivas, abertas e contingentes das identidades sociais (SOUTHWELL, 2014).

Assim, a problematização sobre a posição docente precisa ser considerada no intuito de possibilitar a análise de elementos importantes para o debate coletivo sobre: o que é ser professor? O que é/ou deveria ser a formação de professores? Ou melhor, o que pretende a formação de professores? Esses são questionamentos necessários, não apenas para a

compreensão do que vem sendo a profissão docente, mas também para apontar outros caminhos formativos. Dessa maneira, essas indagações devem ser feitas constantemente, possibilitando assim as reflexões necessárias para as devidas melhorias conservações e modificações.

Considerando os questionamentos feitos acima, é válido refletir sobre os espaços formativos para a profissão docente. Assim, a percepção reducionista de que a formação de professores se inicia a partir do ingresso na Educação Superior deve ser problematizada, pois, antes mesmo desse acesso, existem situações que influenciam para a formação tanto profissional, quanto pessoal. Portanto, é necessário compreender motivações e experiências que corroboraram a escolha em ser professor, mesmo que essa “suposta alternativa” não tenha sido efetivamente feita pelos sujeitos.

A busca constante por esse perfil universal neutraliza em muitas situações a possibilidade de análise e problematização das trajetórias formativas dos futuros professores. Essas trajetórias, caso sejam consideradas, podem oferecer aspectos – vivências enquanto estudantes da Educação Básica, relação com os professores e com a própria escola, situações do cotidiano escolar, entre outros – importantes para a reflexão dos estudantes das licenciaturas. Assim, o resgate dessas experiências pode ser considerado enquanto pontos disparadores potentes para o desenvolvimento da percepção dos graduandos sobre a trajetória formativa, Educação Básica e em espaços de participação social –, agregando à graduação outros elementos para pensar a formação inicial e a construção do lugar social do professor.

O movimento de ressignificação da Educação Física escolar no Brasil fortalecido na década de 1980 propõe novas percepções de organização do referido componente curricular na escola. O chamado Movimento Renovador da Educação Física busca superar práticas anteriores com fundamentos que dialogam com as concepções críticas de educação. O Professor Lourival teve acesso às concepções teóricas do movimento renovador, porém, ao ingressar na escola, não encontra um cenário favorável para desenvolver na prática as proposições didáticas emergentes com que teve aproximação.

Assim, Marlon, a década de 1980 e década de 1990, nós temos na Educação Física de um movimento de teorizar, vamos dizer assim, mais as práticas da Educação Física. Surge algumas propostas de aulas da Educação Física... Deixa eu falar para você, os professores eram todos de nível médio, certo! Então é o seguinte, eu lia, tá entendendo? Mas os colegas não interessavam porque eles não tinham esse interesse, davam as aulas dele, mas não tinha nenhum interesse, não (LOURIVAL RODRIGUES DE OLIVEIRA, relato oral concedido em abril de 2021).

A partir desta fala do Professor Lourival, entende-se que a concepção de Cultura Corporal compreende as tendências culturais a que a Educação Física está associada; ao traçar as ambivalências existentes no debate acerca da Cultura Corporal e a Educação Física na escola, o Professor relata sua iniciativa em propor ações pedagógicas diferenciadas no contexto escolar, o que afirma não propor receitas pedagógicas acerca da temática desenvolvida nas aulas, mas indica uma reflexão quanto ao conteúdo desenvolvido e as nuances que este conteúdo traz em seu bojo. Desta forma, segundo Bracht (2003), as distintas concepções de objeto de estudo da Educação Física asseveram que estes objetos devem se relacionar com a função social da escola. Portanto, pensar a prática pedagógica da Educação Física na escola remete às práticas corporais entendidas como discurso que desenvolvem a cultura e são influenciadas por ela.

Ao propor esse diálogo, o Movimento Renovador da Educação Física baseia-se na crítica da continuidade dos trabalhos não críticos dentro das instituições escolares, defende-se assim o ensino crítico, o afeto entre o educando e o educador, a relevância da historicidade na vida do ser humano, para que este sinta e seja protagonista e não expectador, a educação libertadora assim denominada. Mesmo diante de um cenário de crítica proposta pelo Movimento Renovador da Educação Física, as práticas do Professor Lourival, ao iniciar suas atividades pedagógicas na escola, seguem o modelo de formação vivenciado na graduação. Ao falar sobre os conteúdos desenvolvidos nas aulas, o Professor Lourival expõe sobre como selecionava os conteúdos.

Eles [o corpo docente de Educação Física da escola] já tinham esse trabalho com esporte, esse trabalho eles já tinham, certo! Por sinal, um trabalho muito bom, até na parte do handebol, tinha um time masculino muito bom, atletismo que o Professor José Raimundo trabalhava muito bem, por sinal, tinha colchão, aquele colchão de espuma para pular, tá entendendo? José Raimundo fazia um trabalho direitinho, certo! Aí eu só fiz ajudar.... Então não mudava não, muito pouco... Porque eu acho o seguinte, o aluno já tem cinco aulas, quatro ou cinco aulas dentro da sala, ele tá doido para sair, certo? E aquela época, como falei para você, não tinha bola, quem tinha bola? Era só o colégio, certo? Eles ficavam doidos para participar e ir para a quadra. Então eu trabalhava mais em cima do esporte, agora, em cima do esporte eu trabalhava valores como: liderança, obediência... essas coisas tudo, certo? Para o aluno era determinado, “Olha, aqui é desse jeito, não tem bagunça”, e eles respeitavam muito, a quadra eles não invadiam, certo? “Quem está dando aula? Professor Lourival”. Então não tinha bagunça, então era assim, tranquilo. Eu dava pouca aula na sala sobre qualquer coisa (LOURIVAL RODRIGUES DE OLIVEIRA, relato oral concedido em abril de 2021).

O caráter esportivista das aulas de Educação Física no Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, anterior à chegada do Professor Lourival, mantém-se após o início das suas

atividades. As aulas eram desenvolvidas como treinos esportivos para os jogos escolares, sejam os jogos internos ou externos, e a dinâmica reflete as concepções históricas de exclusão e segregação. As memórias de formação do Professor Lourival consolidaram-se em sua atuação profissional como docente de Educação Física na escola. As práticas vivenciadas na formação foram os fundamentos para sua atuação docente, mesmo após as diversas propostas pedagógicas implementadas na Educação Física escolar. As memórias expostas no relato concedido pelo Professor Lourival apresentam uma gradual perda de estímulo com a inovação pedagógica das suas aulas na escola, as aulas utilizadas como treinos esportivos foram as características principais das suas atividades docentes.

Eu trabalhei com todas as séries, primeiro eu trabalhei... no início, eles começaram a me dar turmas ruins, certo? E eu peguei também jogos e recreação no magistério, como eu era formado, eles me deram jogos e recreação no magistério, fiquei como professor de jogos e recreação no magistério, durante muito tempo, até minha esposa foi minha aluna, certo? E, depois eu comecei a trabalhar só com turmas de 5ª e 6ª séries, 7ª e 8ª, porque, eu trabalhava com esportes, e essas turmas eram mais dedicadas, aí eu trabalhei com essas turmas durante mais tempos.

Sim, eu tinha duas faixas etárias, tinha a faixa etária até 15 anos, tinha uma faixa etária mais alta, até 18 que era a parte de competição. A faixa de 15 anos, 14 – 15 anos, eu fui até Salvador, certo? Em Salvador eu cheguei a ganhar até duas partidas, mas você sabe, você morar no interior para competir com a capital, mas eu não fiz feio não, eu tinha um time muito bom... Tinha competições. Fazíamos competições, eram competições “interséries”, tá entendendo? E aí, a gente estipulava o seguinte, vamos supor, por idade, a quinta séries tinha uma idade, 10 anos, jogava com 10 anos, fazíamos por idade, tá entendendo? Então essas competições eram praticamente uma semana, jogos internos, então era um período de festa na escola. (LOURIVAL RODRIGUES DE OLIVEIRA, relato oral concedido em abril de 2021).

Percebe-se no fragmento do relato que o Professor Lourival trabalhou com turmas do magistério, curso de formação de professores em nível de Ensino Médio, porém o Professor Lourival não volta a falar sobre suas práticas nesse segmento de ensino. Ricoeur (2007) apresenta a memória como sendo pragmática, ou seja, ela deve ser exercida, portanto chama atenção para que o ser humano não apenas lembre o que passou, mas que faça alguma coisa em relação a essa lembrança. Assim, para Ricoeur, lembrar-se é não se esquecer, porém, deve-se levar em consideração que os abusos da memória tornam-se abusos de esquecimento, pois, muitas vezes, camuflamos, ocultamos algo.

Assim, ainda em Ricoeur (2007), no marco dos estudos fenomenológicos, desconsideram-se as patologias da memória como disfunções, a exemplo do esquecimento. Acredita-se ser este um ponto que merece aprofundamento e discussão. Seria o esquecimento

o avesso da região iluminada da memória. Isso nos faz refletir que não podemos acusar a memória de ser pouco confiável, visto que ela é o único meio de que dispomos para significar o passado, daquilo que declaramos lembrar. Não temos nada melhor do que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, passou antes que declarássemos nos lembrar.

A identidade docente do Professor Lourival se configurou conforme sua participação nos espaços formativos durante a graduação, estabelecer a identidade do educador é necessário para que transforme o modelo de educação voltado para a reprodução de ideais e valores, estando assim apto a exercer sua função de maneira democrática, considerando a realidade social, econômica e cultural dos seus alunos.

Diante da prática relatada nas memórias do professor, o caminho a seguir é uma Educação Física humanizada, é uma árdua tarefa, como coloca Medina (1996). Ainda em Medina (1996), o autor instiga em acreditar que os professores devem compreender a acuidade que temos nesta sociedade desumana, que negligencia a miséria do próximo, e que assim o objetivo do educador é buscar meios que contribuem efetivamente para a transformação da sociedade, buscando a unidade e o trabalho em conjunto para formação de consciência política dos sujeitos envolvidos no processo educacional. Para isso, a proposta é que a sistematização, socialização e produção do conhecimento em Educação Física estejam balizadas na defesa incondicional do acesso a todos os bens materiais e imateriais produzidos pela humanidade, sob a base de um projeto de sociedade que possibilite a sua emancipação. Por fim, pensar na educação em um contexto que se pretende estabelecer enquanto democrático é propor um espaço acessível e livre. A liberdade é o principal elemento para a construção de uma educação crítica, democrática e participativa, os sujeitos devem se sentir parte da escola e do processo educacional, desde que considere a sua singularidade, a diferença e a diversidade que habitam em cada um. Para isso, é preciso analisar e problematizar elementos que marcam a constituição da sociedade brasileira, a própria condição colonial deve ser um ponto de partida para o resgate e a construção de uma proposição para a consolidação da justiça social.

Na década de 1990, as discussões sobre a prática pedagógica da Educação Física na escola partem para uma proposta em que a relação entre a escola, a Educação Física e o projeto de cultura deve ser de complementaridade, apontando para a formação *omnilateral*, vislumbrando a superação qualitativa da sociedade atual, uma sociedade para além das relações voltadas para o lucro. Contrapondo-se à formação de ideias e valores intrínsecos à ideologia capitalista e que são, também, inerentes à prática pedagógica da escola atual, há por isso a necessidade da análise da Concepção de Cultura Corporal e o seu desenvolvimento nas aulas

de Educação Física escolar.

Nesse contexto do início da década de 1990, mais precisamente em 1992, temos um marco para a Educação Física escolar no município de Guanambi. Nesse ano, o município recebe a primeira Mulher licenciada em Educação Física em uma de suas escolas, trata-se da Professora Mariângela Ribeiro dos Santos.

Os debates sobre a prática pedagógica da Educação Física na escola na década de 1990 ganham novos rumos, pois em 1992 temos um importante marco para a área, com a publicação do livro **Metodologia do Ensino de Educação Física**, escrito por um coletivo de seis autores e autoras, a obra é popularmente conhecida como Coletivo de Autores, reeditada e republicada por Castelalini Filho em 2009. Nessa obra, foi apresentada a perspectiva antagônica ao paradigma da aptidão física: trata-se do paradigma da cultura corporal. Portanto, para o Coletivo de Autores (1992), o modelo da Educação Física passa a ser compreendido como a prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais que configuram uma área de conhecimento denominada de cultura corporal.

A referida obra converge com a história de formação e atuação profissional da Professora Mariângela, pois o seu processo formativo acontece no período de reordenação das práticas da Educação Física, e sua atuação docente inicia em consonância com a publicação da obra. Assim, as memórias da Professora Mariângela apresentam como as discussões sobre a Educação Física escolar e a pedagogização dos elementos da Cultura Corporal não apresentam sentidos literais, pré-estabelecidos (em outra concepção), e sim, apresentam-se possibilidades distintas de entendimento, mesmo com um referencial crítico.

A Professora Mariângela ingressou no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Católica de Salvador em 1987, concluiu seu curso em 1990. A sua formação é composta por uma organização curricular imersa na prática esportiva, ou seja, o currículo de formação cursado pela Professora Mariângela perpassa por um momento histórico da Educação Física. Como resultado, esse período se mostra significativo, pois o esporte, como conteúdo da Educação Física, contribuiu para o destaque da área no cenário educacional, além de influenciar categoricamente o pensamento e as ações dos cursos de formação em Educação Física e a organização dos currículos desses cursos, contudo houve uma nova proposta de diretriz curricular para ressignificar esse perfil de formação.

Eh, Marlon... é assim... eu participava do movimento estudantil, mas estudava numa faculdade particular, que era a Católica. E aí, o que que acontece? Movimento estudantil dentro da Católica, né? Ele, ela é muito restrito. Algumas reuniões começaram a falar... e havia movimento para....

Modificação do que estava em processo de transformação do currículo da Católica, estava num momento de transição curricular, não é? Momento de transição curricular, foi o que eu peguei lá, foi quando eu peguei a diretriz de 87. Foi bem naquele período, que é uma diretriz, a da licenciatura plena de 87. Eu peguei um momento da transição curricular, então era muita incerteza, muita indefinição, um pouca clareza. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

Na década de 1980, surge um novo cenário político, econômico, cultural e social. O período de reorganização curricular, implementado pela Resolução nº 03 de 1987, que instituiu a nova diretriz curricular para a formação em Educação Física, coincidiu com tempos de grande efervescência política no Brasil – que, não obstante, dava os primeiros passos após a redemocratização. Nessa conjuntura, a Educação Física, inserida no contexto educacional, passa a questionar as bases que orientaram seu fazer profissional nas escolas (PEREIRA, 2014). A partir dos anos 1980, a formação docente em Educação Física se torna um tema determinante para a área em todo o Brasil, vários autores abordam o tema em distintas produções, no intuito de aprofundar o debate e reorientar suas diretrizes.

A partir dessa discussão de um novo currículo para a formação em Educação Física, a Professora Mariângela desenvolve seu percurso formativo ainda com bases calcadas nas práticas esportivas. Mesmo com a nova diretriz elucidando os conflitos emergentes na área da Educação Física, a discussão evidencia que a proposta de formação docente sob os pressupostos médico e militar e, posteriormente, esportivo não eram coerentes com o perfil de professor que se pretendia formar. Esse novo momento passa a ser um período de situar um novo paradigma para a área e romper com o viés que permeou o histórico da formação na área, pois, a partir de produções científicas, identificou-se que os cursos de formação ainda voltavam suas ações para a formação tecnicista, em detrimento da formação humanista, sociopolítica e pedagógica, como era o caso do curso da Professora Mariângela na Universidade Católica de Salvador.

Eu formei, eu fiz a formação no final dos anos 80. Foi início dos anos 90, e era uma formação esportivista, não é? Todinha! A minha formação... se você olhar a minha matriz curricular, era só aula de modalidades esportivas. Pra não dizer que não tinha nada mais, tinham duas didáticas. É! Se eu não me engano, só duas disciplinas de didática, e o resto era modalidades esportivas, e a prática na escola também era esportivizada. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

Os aspectos que compõem a elaboração da Resolução 03/1987 são essencialmente voltados para alguns assuntos relevantes, como a defesa da licenciatura plena e o questionamento ao currículo mínimo, até então, o que vigorava na formação docente, bem como

a constante reivindicação das universidades por autonomia, principalmente, para elaborar seus currículos. Desta forma, sobre a Resolução 03/1987, identificam-se alguns aspectos positivos, como a autonomia das instituições de ensino em organizar seus currículos de formação, aproximando assim a formação das especificidades de cada região, porém apontando algumas fragilidades que permitiram a cada curso organizar e direcionar o perfil do profissional a ser formado. Isso permitiu que o desenvolvimento curricular adotasse os mesmos moldes das normatizações anteriores, com periféricas e aparentes mudanças, mas com o mesmo paradigma no que diz respeito às concepções de formação, escola e sociedade. Esse foi o perfil adotado pela UCSal, mesmo após a reformulação do currículo.

Marlon, é como que eu te falei, como era esportivizado, eu também...Eu tinha basquete 1 e 2, vôlei 1 e 2, natação 1 e 2, atletismo 1 e 2, handebol 1 e 2, ginástica rítmica 1 e 2, ginástica estética 1 e 2. Eu tinha um leque de... (pequena pausa) ...Estou falando que eu só tive 2 didáticas. É, você não sabe, mas eu tive OSPB. Mas, por incrível que pareça... por incrível que pareça, era não OSPB, onde discutia a transformação do país, onde discutir as questões políticas, Organização social e política do Brasil, e o professor era bom, não era ruim, não. Então era aí um único espaço para discutir. Era OSPB, eu não, não lembro mais o nome. É a assim, jogos e recreação. Acho que tinha 1 e 2, é tudo em 1 e 2. Tinha uns que tinha até 4. Eu não lembro muito... ia longe assim 2 e a 4... E! musculação 1 e 2. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

As memórias de formação da Professora Mariângela apresentam-se em diálogo com os demais pioneiros e pioneiras que colaboraram com a pesquisa. Mesmo os professores e professoras que não cursaram o Ensino Superior em Educação Física relataram práticas esportivistas nos cursos de formação proporcionados pelo poder público. Neste panorama, Taffarel (1998) pondera que o tema formação docente em Educação Física é discutido desde a implementação da primeira escola de formação de professores de Educação Física, datada em 1939. No entanto, na década de 1980 é que as reflexões dos estudiosos recebem uma atenção mais relevante. Especificamente tratando da formação profissional, as propostas de mudanças são desencadeadas a partir da Resolução 03/87 com a implementação do bacharelado.

Os estudos que exploram o campo dos saberes docentes demonstram que existem várias fontes de aprendizagem dessa profissão: a formação escolar e as experiências educativas, a história e trajetória de vida, a formação universitária, a prática pedagógica e outras. Dentre essas fontes, atribuem-se maior importância à experiência adquirida ao longo do exercício docente, pois se acredita que é por meio dessa experiência “que outros saberes adquiridos no decorrer da vida, da formação e da carreira são mobilizados, usados, avaliados, rejeitados e/ou conservados,

mas transformados e adaptados” (BORGES; DESBIENS, 2005, p. 184).

É por meio do currículo que os saberes apresentados se expressam na formação docente. Borges e Desbiens (2005) argumentam que as experiências práticas de ensino adquiridas pelos(as) futuros(as) professores(a) ao longo da sua formação inicial deixam-nos mais seguros (as) para enfrentar os desafios da docência. Porém, ressalta-se que ainda existe certo distanciamento entre os conhecimentos apropriados no contexto da universidade, e a realidade de trabalho do(a) docente na escola.

Dessa maneira, o ofício é um conjunto de ações que se estabelecem a partir de rituais, que são dependentes de um conjunto de conhecimentos, experiências e saberes. Tardif (2005) apresenta em sua obra importantes reflexões sobre os saberes recrutados durante a atuação do professor. Esses saberes são construídos antes mesmo do ingresso na formação em nível superior, apontando assim para aspectos formativos da própria vida dos sujeitos, participações em diversos espaços, para além do espaço escolar. No caso do professor, esses rituais são vivenciados com base na relação constante com o saber, não apenas em seu entendimento essencial – conhecer algo – mas o saber essencial para as práticas docentes.

As análises das memórias nesta pesquisa implicam a discussão de um fator relevante na trajetória do exercício docente, a imersão na docência. Obviamente, após o término da formação inicial na graduação, um mar de incertezas se abre, o início de carreira é algo instável, assim como em toda profissão, a procura de espaço para a atuação é um momento tenso, pois, além da busca da primeira experiência enquanto professor regente, o fator experiência, no sentido vivência, é insuficiente. Cavaco (1995) aponta em suas investigações que, nos primeiros momentos de envolvimento com a profissão, há dois aspectos que se destacam, a insegurança e a sobrevivência. A insegurança se apresenta enquanto um sentimento diretamente relacionado com a ruptura entre o estudante, que se “transforma” em professor, além do desafio que é posto naturalmente, que é a atuação enquanto professor regente na sala de aula e no ambiente escolar. A sobrevivência é um aspecto da vida ligado às necessidades materiais objetivas e aos desejos subjetivos, sendo um elemento fundamental para o desenvolvimento desse professor – que a partir de sua ação profissional possa ser gratificado financeiramente de maneira digna. Nesse sentido, o início da carreira docente da Professora Mariângela foi em 1992, após ser aprovada em um concurso público para professores da rede estadual na Bahia.

Assim, eu terminei o curso de Educação Física em 90, em 1990, passei num curso de... no concurso do estado em 91 lá para Barreiras, mas não, nunca fui chamada. Meu primeiro concurso foi para lá. Nunca fui chamada. Aí 92 teve outro concurso. Eu fiz para aqui, já para Guanambi. E passei... em noventa,

assim, tinha uma dinâmica do estado. Eles não tinham essa preocupação... É! me nomearam em novembro de 92. Eu só fui em novembro. É período de final de ano, entrando em férias, não é? Eu só fui trabalhar em março de 93. Eu fui nomeada em 92, mas só fui trabalhar, trabalhar efetivamente em 93. Eu fui nomeada para o Luiz Viana.... Coincidiu... Há! Só tinha Lourival, que tinha formação superior, no Luiz Viana, na época de tinham 11 professores. [Marlon: onze professores de Educação Física?] Sim! E só Lourival tinha formação em Educação Física. E nesse concurso entrou eu e João Arruda, os 2 com formação no Luiz Viana. E aí, quando você chega aqui num lugar, não é! Com.... Já com, digamos, uma escola tradicional, com os professores lá já ensinando há muito tempo. E é.... assim! É um outro ritmo, a perspectiva de como e tudo que os professores trabalhavam e da minha formação não foi diferente. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

As memórias dos professores e professoras expostas até agora neste trabalho demonstram que esse momento de primeiro contato, e posterior desenvolvimento na carreira docente, é instável e de várias mudanças, escolas, turmas, segmentos da educação, propostas educativas das escolas, as relações de trabalho envolvidas nos contratos e concursos públicos, dentre outros. Nesse contexto, o espaço profissional age enquanto espaço deformador, no sentido de contrapor algumas expectativas construídas durante a formação inicial, assim como na perspectiva do desgaste, forçando o professor a se tornar um mero reproduzidor de práticas escolares, tão criticadas no espaço da Universidade. Arroyo (2005) evidencia isso em suas investigações ao apontar que é necessário analisar e refletir sobre os aspectos do exercício profissional e do espaço de atuação, enquanto lugar de constante formação e deformação dos professores.

Mesmo perante os ataques constantes, pensar a condição docente é algo fundamental para o desenvolvimento da profissão. Pensar no lugar da docência, e o papel da educação, requer refletir aspectos que possibilitem a sistematização de ações que viabilizem a conquista de direitos fundamentais, seja para o desenvolvimento da própria profissão e/ou para o aperfeiçoamento e o aflorar do sentimento de pertencimento dos professores, em suas ações pedagógicas e educacionais.

Ao propormos outro olhar para as trajetórias de atuação dos professores, é cabível também refletirmos sobre outros elementos que compõem a profissionalização docente. Considerando a atuação profissional, algo que deve ser considerado em primeira instância é a dimensão do trabalho. Nesse sentido, o movimento docente se constitui enquanto espaço importante para a qualificação de debates e reflexões. Esse movimento também apresenta uma condição fundamental para pensar a profissionalização que é a possibilidade de proporcionar o encontro entre seus pares, ou melhor, a potência da luta coletiva, através do compartilhamento

de experiências e vivências do cotidiano da profissão perante o campo de disputas políticas. Neste cenário, o relato da Professora Mariângela expõe um início de carreira docente composto por crises na recepção por alguns professores que já atuavam na escola.

Ah! nós chegamos... como a gente chega na escola, os novos, né? Assim, sem muito, sem muita voz. Ou, sem muita não, sem nenhuma voz! Primeiro critério, a seleção das turmas, as turmas são escolhidas pelo critério de quem tem mais tempo de casa. Vai do mais velho para o mais novo, então os mais velhos de casa na escola escolhiam suas turmas. E aí, o que restava, ficava para mim e João. E aí a gente entrava num acordo, né? Não só por isso... Não restava muita coisa assim... Bom, o que que eu fiquei com Educação Física no noturno. Logo que eu cheguei na escola com a Educação Física no noturno e com a Educação Física no magistério, que não era Educação Física, era Jogos e Recreação. Assim... como não tinha diálogo, não tinha debate, não tinha abertura, não é? Era a lei do mais forte. Já escutei nos corredores da escola: “Não é porque você é formada, que é melhor que nós”. Você não definia, num determinava nada. Assim, como nós da Educação Física, não participávamos de conselho de classe. É, nós só éramos convocados para as reuniões se fosse umas reuniões para a direção dar chamada, assim, brigar colocar algum problema, fora outras questões não éramos convocados. A gente não participava dos, das reuniões de professores só em caso de B.O. ao contrário, não tinha a nossa participação. Conselho de classe, nem pensar. (MARIÂNGELARIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

Arroyo (2005) aponta que é preciso ter como ponto de partida, para a reflexão da profissionalização e da formação, as experiências dos professores a partir de sua condição e do trabalho. Assim, pensar essa profissionalização é remeter as condições impostas, mas nem sempre aceitas de maneira passiva, compreendendo também as táticas e outros movimentos realizados pelos professores ao trabalho, que por sua vez, através das vivências e experiências, possibilitam diversas leituras e a construção do lugar profissional dos professores. Assim, considerar que o próprio exercício profissional é um elemento constituinte da profissionalidade é compreender que os sujeitos interagem em seus espaços de trabalho, formando-os e sendo formados e/ou deformados por eles. As condições para o exercício docente são algo que fundamenta a atuação do professor, essa condição entre o conhecimento e os que querem aprender historicamente se consolidaram hierarquicamente, mas a partir do diálogo, da interação e ressignificação com os estudantes e seus pares, a condição docente é constantemente influenciada e levada ao contato real com as diversas realidades sociais que compõem uma sala de aula – e de maneira geral a sociedade.

Segundo Halbwachs (2013), existem duas formas de memórias: a individual e a coletiva. A primeira representa os pontos de vista de uma pessoa sobre suas lembranças, enquanto a

coletiva pode ser considerada como a organização das lembranças dentro de uma sociedade ou grupo. Mas a memória coletiva contém as memórias individuais de cada participante do grupo. Essa concepção de memória apresenta a manifestação da subjetividade e a percepção de que o sujeito que narra é também aquele que se coloca na história, aquele que na história estabelece juízo de valores, faz conexões, representações, essas concepções transparecem no relato da Professora Mariângela, ao falar sobre suas memórias de imagens e lembranças. Portelli (2016) pondera que a memória não é um simples repositório de elementos passados, pois é dinâmica. A composição da memória possibilita aos sujeitos constituir, reconstruir, elaborar significados a partir de diversos elementos, sequenciados ou não, com informações próximas ou distantes a cada momento que a memória é ativada.

No início das práticas docentes da Professora Mariângela, essas memórias apresentadas exibem o conhecimento como uma construção social, uma seleção do que se julga ser o melhor em um determinado período histórico. Não diferente dessa lógica, a profissão, guiada pela atuação docente, também se pauta pelas demandas sociais, assim como do próprio fazer docente, o ser professor, no âmbito das práticas tradicionalmente atribuídas àqueles que são professores. Nesse contexto, a colonização do ser se estende a sua proposta para as profissões, traçando assim um padrão ou atitudes supostamente esperadas para as funções laborais. No caso dos professores, essa ação profissional estabelece relações com o conhecimento, com os estudantes, com a sociedade, assim, a construção de sua função social é estabelecida.

Dessa maneira, problematizar aqui a atuação docente da Professora Mariângela requer um olhar para diversos elementos. Destacamos aqui a relação com o conhecimento e a relação inicial com seus colegas de profissão. Primeiro, a relação com o conhecimento é algo complexo, pois não envolve apenas o trato com ele, no intuito de desenvolver a aprendizagem e as práticas pedagógicas docentes. É necessário problematizar os processos de escolarização e formação que os professores passaram enquanto estudantes, o seu alcance e sua reverberação na atuação enquanto professores. Assim, o conhecimento, nos processos de escolarização e formação, deve ser problematizado e contextualizado constantemente, não apenas em momentos de supostas reformulações curriculares, mas que o conhecimento possa ser pensado em conjunto, discutido democraticamente pelos sujeitos ativos do processo de escolarização: professores, alunos, direção escolar, comunidade escolar. Isso vai refletir diretamente no desenvolvimento das suas ações didáticas em sala de aula, bem como em suas ações docentes nos diversos espaços escolares (para além da sala de aula).

O outro elemento que merece destaque são as relações estabelecidas entre a Professora

e seus colegas que a receberam na escola. Ao abordarmos esse ponto, é necessário um movimento além do esperado, ou seja, a evidência das relações interpessoais comuns aos contatos sociais. Assim, pensar a relação entre esses professores é avançarmos no sentido da problematização do diálogo que é construído em torno da experiência humana, que envolve a aprendizagem, o conhecimento cotidiano e científico (nesse caso temos um agravante, o fato de a Professora Mariângela ser formada em nível superior e a grande maioria dos outros professores, não). Dessa maneira, acreditamos que, por meio desse reposicionamento do diálogo, enquanto espaço público basilar das democracias, será possível a construção de uma base para o desenvolvimento de outras perspectivas, podendo ser decoloniais, não se restringindo apenas ao saber, mas também do ser e do poder (QUIJANO, 2005).

As ações didáticas relatadas pela Professora Mariângela são permeadas de concepções pedagógicas emergentes no período do início da sua carreira docente. O início da década de 1990 constitui-se, para a Educação Física escolar no Brasil, um período de revolução em suas práticas. Esse momento de busca em consolidar as mudanças na área influenciou as práticas da Professora recém formada.

Marlon, é o seguinte, sim, tinha acabado de ver o Movimento Renovador, não é? Tinha chegado assim, a gente chega cheia de expectativa, para mudar o mundo, não é pra mudar ainda mais que eu fui aluna da escola. Outra questão é... é assim, eu fui aluna da escola. Aqueles professores que estavam ali, meus colegas, eram... tinham sido meus professores, foram meus professores. Eles tinham sido meus professores, não é? Era... Eles tinham sido a minha referência. E eu volto, mas com a vontade, justamente... oh! Passei, tinha acabado de vir de uma formação. Não é que tinha anunciado o Movimento Renovador, foi o máximo conhecer o livro “Educação Física, cuida do corpo e... mente¹⁴” Que falou, nada! vai ficar no lançamento do livro, do “Educação Física Cuida do corpo... mente”, assim, era o que havia de mais moderno na formação. E aí você chega, cheia de ideias, mas aí você se depara, a primeira barreira que você se prepara, assim, que a escola continuava aquela mesma de quando você saiu de lá, não tinha mudado absolutamente nada, nada. E aí uma outra barreira que eu encontro, que meu parceiro¹⁵ que ele chega comigo na escola, ele fez Educação Física, mas na escola de Educação Física do exército, se eu não me engano, que fez a formação em Pernambuco. João veio de Pernambuco, mas é aquela escola de Educação Física do exército. Então ele não tinha passado pelo Movimento Renovador. O meu parceiro, então, endossava as práticas do sul... As práticas dos nossos demais colegas. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

¹⁴ Livro de João Paulo Subirá Medina, sua primeira edição foi publicada em 1983. A obra foi a primeira a propor um debate na Educação Física no Brasil sob as bases de um pensamento crítico.

¹⁵ O parceiro que a Professora Mariângela cita em seu relato, o qual chega junto com ela na escola, é o Professor João Genésio Queiroz de Arruda. Seu relato oral já foi inicialmente exposto nesse trabalho, e suas memórias de formação e atuação profissional serão analisadas mais adiante.

A reflexão da Professora Mariângela, exposta no fragmento acima, aproxima-se do pensamento de Arroyo (2015), o qual nos chama a atenção para um elemento constante nos cursos de formação inicial que é a máxima de um perfil, um protótipo ideal de docente-educador. Esse elemento é potente, podendo oferecer elementos importantes para pensar a formação e a própria profissão no âmbito de suas possíveis atuações, ou seja, a sua relação com a dimensão do trabalho. Assim, a formação deve superar esse ou esses perfis esperados e analisar as profissões a partir de sua relação com o trabalho, a natureza das intervenções profissionais e a própria função social de cada profissão. Os conhecimentos que foram disponibilizados na formação da Professora não foram suficientes para desenvolver, em seu início de atividades docentes, as aulas consideradas coerentes com uma proposta pedagógica na escola. Assim, a discussão é sobre possibilidades e desafios do desenvolvimento de aulas de Educação Física que apresentam os elementos da Cultura Corporal como indicador de conteúdos para o currículo escolar.

Nesse sentido, as relações de profissionalização devem ser problematizadas, a dos professores, os trabalhadores da educação, que são agentes basilares para o desenvolvimento da educação e dos processos de ensino. Se no começo da profissão docente tinha-se uma visão missionária baseada em um dom, hoje percebemos uma grande influência da ideologia neoliberal sobre a educação – e não diferente sobre os professores, o ranqueamento de países e escolas, o individualismo, o competitivismo, o atarefamento exacerbado dos professores para além das atividades cotidianas da escola. Além disso, percebe-se o emprego da responsabilização direta dos professores pelo suposto mal desempenho dos estudantes em exames de ranqueamento nacional e internacional.

Em um contexto como esse, é necessário problematizar os elementos que compõem a profissionalização dos docentes. Assim, ao considerarmos/compararmos os movimentos de profissionalização das demais atividades laborais com a profissão docente, é necessário considerar a relação com o mercado, as necessidades materiais-logísticas para o desenvolvimento da profissão e, não menos importante, a formação. Esse elemento é fundamental para a fundação da base de conhecimentos necessários, para a vivência em uma egregora¹⁶ própria e particular de cada profissão.

O percurso profissional da Professora Mariângela não ficou restrito apenas ao Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho. Além da rede pública estadual, ela trabalhou em redes

¹⁶ A egregora trata-se da soma de elementos que compõem um determinado ambiente. No caso da profissão docente, essa egregora é composta por elementos da formação, a própria vivência na profissão e o constante viver cotidiano da educação e da escola.

de ensino municipal e federal.

Olha só, eu comecei no Luiz Viana, depois tive ampliação de carga horária no Luiz Viana, não tinha carga horária total para mim. Eu fui pro Francisco Fernandes... Depois do Francisco Fernandes, eu consegui a complementação total no Luiz Viana. Eu voltei para Luiz Viana. É e aí... no Luiz Viana, eu pedi redução de carga horária para ir fazer um contrato, trabalhar no IFbaiano¹⁷. Eu fiquei 20 horas no Luiz Viana, para ir para o IF, né? Porque esse tempo que eu trabalhava no IF, o salário compensava as 20 horas que eu fiquei longe do Luiz Viana. Quando acabou o contrato no IF, que eu voltei pedir novamente ampliação de carga horária no estado não saiu para o IF, não... não voltei para o Luiz Viana, saiu as 20 horas para o Colégio Modelo, aí eu fui pro Modelo, fiquei 20 horas no Modelo e 20 horas no Luiz Viana.

Na rede municipal eu tenho uma saga, Marlon. No município, eu fiz o concurso 4 vezes. 4 vezes no município. Assim, as condições de trabalho do município eram terríveis, não é? Você não tinha material, Educação Física era no turno oposto da escola, o menino morava na zona rural. Os horários das aulas de Educação Física eram às 6 da manhã, eu não tinha transporte, as escolas, longe. Então eu andava de bicicleta. E aí, assim, as condições eram muito ruins, então eu fiz o primeiro concurso para o município, eu fui trabalhar no Josefina, foi quando fundou o Josefina. Aí o Josefina¹⁸ era algo inovador na educação do município, só tinha professores concursados e com formação superior...mais ou menos 90, 92 mesmo, 92. Foi no ano que eu ingressei no estado. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

A Professora Mariângela tem outras experiências na rede municipal de ensino de Guanambi. Sempre em busca de melhores condições de trabalho, melhores condições salariais, ela transitou em algumas escolas da rede ao passar em outros concursos nos anos posteriores.

Eu deixei o Josefina. Depois eu não me lembro mais em que ano, lá na frente, teve outro concurso do município, e aí, Lourival ficou enchendo o saco “Mariângela, só saiu uma vaga no município. Lá na frente vai ficar difícil entrar no município, não sei o quê... mas fica sem vaga no município. Você deixou lá...” eu fiz o concurso para o município de novo, volta eu... volto para o município de novo, volto pro Josefina. Outra vez, não dura um ano, não aguentei e pedi demissão. Vamos... não aguentei ficar lá, pedi demissão e aí veio lá na frente de novo outro concurso, o pessoal: “nossa, vai demorar, ter concurso agora e não sei o quê...” Tuca¹⁹ já tinha formado... Tuca já tinha terminado o curso dela, e aí entrei na pilha de Tuca, “bora fazer concurso do município de novo”. Tuca e João Arruda, que João Arruda, ele vem me

¹⁷ IFBaiano, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - Campus Guanambi, na época que a professora Mariângela atuou, chamava-se Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira.

¹⁸ Escola Municipal Professora Josefina Azevedo, localizada no Bairro Brasília em Guanambi. Sua história é marcada por inovações educacionais no município. Atualmente o Josefina é a única escola da rede municipal de Guanambi que adota a filosofia militar, o corpo docente e administrativo da escola atua em parceria com a Polícia Militar da Bahia.

¹⁹ Tuca é o apelido da Professora Marilúcia Ribeiro dos Santos, professora de Educação Física das redes estadual e municipal em Guanambi, irmã da Professora Mariângela.

acompanhando nesse processo. Ele entra no estado comigo, entra no município comigo, vem sendo meu colega, nesse período todo, meu parceiro... era o parceiro, João Arruda. Caí na pilha de João também, e vamos fazer concurso de novo e de novo. Passei de novo, aí fui pro José Neves, eu, Tuca e João Arruda, que foram os primeiros lugares do concurso. Fiquei muitos anos, 5 ou 6 anos lá no José Neves. E aí fui embora de novo. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

As memórias da Professora Mariângela nos permitem propor uma discussão fundamental para a consolidação da ação de ensino e da profissionalização dos professores, qual seja a potencialidade de reconhecimento enquanto profissionais, esse reconhecimento também se dá através de uma remuneração digna e condições efetivas para o desenvolvimento do trabalho. Os professores necessitam de uma formação continuada e comprometida, que os considere enquanto agentes ativos no cenário educacional, construtores de elementos formativos a partir das suas práticas cotidianas da docência, mas que o entendimento seja problematizado, não mais sendo possível considerá-los como meros receptores das políticas de formação docente. Assim, é necessária uma compreensão de que a formação inicial e continuada seja percebida enquanto direito fundamental e trabalhista (ARROYO, 2015), para o desenvolvimento não apenas dos profissionais diretamente afetados por esses momentos formativos, mas que, em si, as formações possam ter como ponto central e horizonte um propósito para os sujeitos, homens e mulheres, jovens e crianças, um projeto de nação e desenvolvimento da soberania nacional.

Arroyo (2015) assevera que, a partir da organização do movimento docente, o trabalho assume a centralidade, partindo da análise de suas contradições e seus reflexos para as políticas de formação. Uma dessas contradições que atinge não apenas o trabalho dos professores, mas, também, todas as demais profissões, são os processos de precarização. A precarização do trabalho se materializa em diversas formas, no âmbito docente, a segmentação, a sub-remuneração e a instabilidade são elementos que ameaçam o exercício dos professores. No atual momento, no Brasil, além da manifestação desses aspectos no cenário da profissionalização docente, presenciamos o ataque ao exercício docente através do discurso da doutrinação, argumento frágil e inconstitucional, pois a Lei de Diretrizes e Bases (1996) garante ao professor a pluralidade de ideias e a diversidade de abordagens pedagógicas.

Os aspectos mencionados no relato da Professora Mariângela influenciam diretamente a sua prática pedagógica na escola, suas ações didáticas em sala de aula são amparadas em um modelo tecnicista de Educação Física, com bases em práticas associadas ao treinamento de esportes, principalmente para competições dentro e fora da escola. O compromisso da

Professora Mariângela com uma Educação Física que se distancie das práticas de desinvestimento pedagógico fica evidente nas aulas que ela desenvolve no curso de Magistério, porém o currículo do curso, voltado para a formação de professores em nível médio, não considera o componente curricular Educação Física, e sim Jogos e Recreação.

Eu não me lembro, eu não sei precisar, Marlon, mas eu não sei também a partir de quando que a gente começou a participar do planejamento escolar, porque já era definido assim, O conteúdo já era definido, que eram as modalidades esportivas. Definir as primeiras turmas de esporte, depois as demais turmas, abria inscrição para a turma do esporte. Os alunos iam lá, se inscrevia, quem não queria ficar nas turmas de esporte ia juntando, formando outras turmas para quem não quisesse participar da turma de esporte. Como era no turno oposto, não era no horário normal de aula, e agora não é mais fácil fazer isso... Sim, assim era o planejamento. Era o que tive como algo consolidado, era bem no início do ano, no início do ano havia uma reunião para definir quais são as modalidades que vão ser ofertadas. Quais são as modalidades, o período de inscrição e quando é que as aulas iam começar, as aulas de esportes. Pronto, fechou! As outras aulas, bem, sobraram aí, digamos que 30 alunos, aí vai formar 3 turmas normais, regulares de Educação Física. E aí, de acordo os dias que você trabalha, e aí marcava as aulas para os demais alunos, mas não havia... assim... era o único planejamento no início do ano e o segundo encontro, no segundo semestre, era para organizar os jogos da escola... o diálogo era para definir os horários das quadras para não chocar horário de aula. Lembrando que a prioridade era sempre as turmas de esportes, e a divisão do material. Como, e qual é o material disponível na escola, quem ia ficar com o que, e cada um tinha o seu em separado. O material não é coletivo da escola, o material é seu, você recebe o seu kit, você vai cuidar do seu kit até o final do ano e zelar por ele pra que ele sobreviva, né? Ele tem uma vida útil. Até o final do ano todo é assim, sem diálogo. O diálogo é só em caso de necessidade[...] Eu tinha que reunir com os professores do curso. Pra definir como é quei a ser, agora sempre na mesma lógica, quem ditava as regras era sempre os professores que já estavam há mais tempo na casa, que vinha ministrando jogos e recreação a mais tempo, mesmo que eles não tinham formação, entendeu? Mas se eram eles os pioneiros, então você seguiria as regras ditadas por eles. Mesmo você não tinha nem voz para falar: “Não! Podemos fazer diferente”. Você podia até falar, não é? Agora, se era acolhida, aí é outra história. Acatado, nós não era muito, muito difícil. Então é isso, assim... o que que acontece? O que é que muda? Não é? [...] Aí, que que acontece, é quando, no ensino noturno, é que eu tinha mais autonomia porque era sozinha, assim como não restava. As minhas aulas ficaram para o noturno, e aí no noturno, sim, eu tinha autonomia. De discutir, e aqui a fluência (sic) era melhor também, porque os alunos já são trabalhadores. Mesmo que são jovens, mas são os jovens trabalhadores, já vem com outras vivências. Então discutia, discutir o conteúdo, o que que a gente quer, como é que ia ser mais... A minha relação com os alunos, e com esse planejamento era minha, não é? Digo, eu não posso dizer que era da escola, e não era da escola. O que eu apresentasse na escola era acolhido e tudo bem. Assim, as aulas de Jogos e Recreação no magistério, há! Jogos e Recreação no magistério, curso de magistério no Ensino Médio era o carro chefe, aí sim, aí para o curso de magistério, para a disciplina de jogos e a interação, se eu não me engano, aí sim, tinha um planejamento. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

Apesar de extenso, o fragmento do relato exposto acima é de grande relevância para a discussão da organização didática da Professora Mariângela. Suas ações docentes no Ensino Médio regular eram comprometidas pela relação com os outros professores da escola, os quais já indicavam uma prática esportivista, que não permitia aos professores recém-chegados promoverem ações pedagógicas diferentes das que eram utilizadas na escola. Portanto, entende-se que os problemas da educação como um todo, e na Educação Física mais especificamente, não podem ser superados apenas com as singelas vontades particulares de professores, sendo necessário um empenho coletivo. Esses aspectos que deformam e formam a identidade do componente curricular na escola devem ser considerados durante organização e planejamento das ações pelos professores, não apenas a presença de profissionais formados no espaço escolar, mas que essa presença seja potencializada enquanto espaço formativo. Nesse movimento, não podemos e nem pretendemos desconsiderar todas as atividades já atribuídas ao professor, mas, a partir dessa perspectiva formativa para o aprimoramento profissional da categoria, deve-se pensar em uma participação efetiva dos professores da Educação Básica, perante a formação humana dos seus estudantes.

Ao propor esse debate, sugerimos uma ação docente que tenha como base a concepção de Cultura Corporal como objeto de estudo e de seleção de conteúdos na Educação Física escolar, essa ideia aparece articulada com os estudos que se apropriam da Cultura Corporal como objeto de ensino da Educação Física, ou seja, os conceitos dialogam com as concepções imbricadas em estudos da área. O debate acerca da cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física não é consenso na área, isto remete a uma defesa de classe e de projeto de educação e sociedade. As tendências teórico-metodológicas da Educação Física continuaram em constantes embates porque travam disputas de classes distintas, os interesses tanto imediatos quanto históricos são antagonísticos e nunca chegaram a uma posição homogênea.

Ordonhes *Et al.* (2016) destacam que a construção de uma memória para as ações didáticas em Educação Física contribui para uma edificação de uma memória pedagógica do referido componente curricular na escola. Diante disso, entende-se que a principal função da escola é a socialização do conhecimento, produzido historicamente e consolidado nos diversos conteúdos escolares, o que implica ao professor ter domínio destes conteúdos, bem como dos meios para torná-los acessíveis aos estudantes. Partimos da concepção de que as relações sociais humanas, estruturadas ao longo da história, interferem diretamente no trabalho pedagógico do professor em sala de aula, trabalho pedagógico este que deve objetivar a emancipação humana dos sujeitos envolvidos no processo.

Segundo Péres (2005), a atuação de professores perpassa por considerações sobre as exigências contemporâneas da educação, incididas das necessidades de manifestações de novos conhecimentos, bem como a amplitude de como o desenvolvimento tecnológico ocorre sobre o ato de educar. No mesmo sentido, Imbernón (2009) apresenta que a complexidade e a diversidade do trabalho docente são em função das incertezas e divergências que o mundo do trabalho nos impõe. Esses aspectos são determinantes para o desenvolvimento de uma determinada prática pedagógica. Ao analisar esse contexto, encontram-se importantes elementos que influenciam na formação docente e conseqüentemente na educação, entre outros elementos podemos citar “uma crescente desregulação do estado com uma lógica de mercado e um neoliberalismo ideológico complementado com um neoconservadorismo que vai impregnando o pensamento educativo e muitas políticas governamentais” (IMBERNÓN, 2009 p 20).

Nessa conjuntura, a formação contínua de professores se insere na lógica da reestruturação produtiva do capital, juntamente com o processo de transformação da educação em mercadoria. Assim, os problemas da atuação docente trazem elementos estruturais próprios ao desenvolvimento da educação no Brasil, aliados com as novas características das relações sociais de produção. Tal quadro se agrava com as diretrizes neoliberais que têm na mercantilização da educação um dos eixos centrais, influenciando diretamente a política de formação docente. Ao propor um diálogo com as práticas da Educação Física na escola expostas nas memórias da Professora Mariângela, a ideia de transformação na realidade da Educação Física como componente curricular perpassa pela composição de marcos referenciais para o ensino das práticas corporais na escola.

A grande mudança de que também a forma da Educação Física se organizar foi com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Aí, para mim... foi um divisor de águas da Educação Física na escola, foi a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, embora a gente tem sérias críticas, né? Mas que ele contribuiu, que os Parâmetros contribuíram para uma melhor organização da Educação Física na escola, isso sem dúvidas, porque passou a ter planejamento coletivo, discutir a Educação Física para além da esportivização. Mesmo com o contragosto daqueles professores que estavam na escola há muito tempo, e com as suas práticas já consolidadas, mas eles tinham que... digamos, que se adequar a esse novo modelo. Participar do planejamento das discussões. É aí que a gente começa a ter voz, né? A ter vozes, participar e planejar. E haver uma proposta para Educação Física, mesmo na escola aqui, que não havia, não havia de forma alguma. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

Esse momento histórico, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como um marco na reorganização de estrutura e desenvolvimento das práticas na Educação Física, potencializou uma crise no relacionamento com os outros colegas, pois houve a necessidade emergente de planejamento e reordenação das aulas, o que motivou alguns professores a buscar conhecimentos para tal ação. No entanto outros professores não se sentiram estimulados e tencionaram para uma manutenção de práticas já realizadas.

Ôh, Marlon, assim, primeiro que houve uma resistência muito grande desses outros professores, a resistência muito grande e, de certa forma, eles perdem espaço nesse momento. Assim, eles não estavam preparados para discutir, para planejar, para organizar. Eles foram obrigados a, digamos, a se render, né? E aí, naquele momento, quem tinha condição de fazer isso éramos nós, não é? Eles, mesmo assim, eles aprenderam a fazer aula prática a dar aula de técnica, não aprenderam a discutir. Na verdade, eles aprenderam fazendo também, e aí eles tiveram que se render assim há alguns conflitos e tinha que... Você vê algumas questões assim, que eram conquistas, eles continuaram escolhendo as suas turmas, turno, os horários das turmas, além das turmas, os horários. É por isso que eu fui parar no Noturno. Quem chega depois não tem escolha, não é? Eles continuaram com esse poder aí de decisão, de prioridades, mesmo de turmas de horário, o que que eles iam ensinar, e outra coisa também, não executava o planejamento que a gente fazia. Continuava a seguir lá na teoria, é uma coisa e na prática é outra, prática é outra. Assim, fazia o planejamento. Ela era tudo ali, organizadinho, lindo, mas na prática, eles continuavam fazendo da forma que eles sempre fizeram, e vou te falar que, com o aval da escola, com aval da direção, porque a direção entendia que aquele modelo deles era o melhor, com aval da direção da escola. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

Os conflitos emergem na escola, pois se evidencia que a proposta de atuação dos professores perdurou sob os pressupostos médico e militar e, posteriormente, esportivo, não era coerente com o perfil de aulas que o documento referencial indicava. A partir desse momento, as aulas na escola serão um período de estabelecimento de um novo modelo para a área e de ruptura com a mentalidade que permeia a história de atuação da Educação Física na escola, pois os professores mais experientes ainda dedicariam seus esforços à formação técnica dos estudantes em detrimento da formação que dialoga com as concepções emergentes para o ensino da Educação Física na escola. Como citado pela Professora Mariângela, “com aval da direção da escola”, portanto, de acordo com Freire, Verenguer e Reis (2002), a sociedade não compreende com lucidez quais são os objetivos que devem ser contemplados pelo professor de Educação Física, pois este ainda não dispõe de uma identidade formada. Quando se interroga sobre a relevância da Educação Física para a escola, no imaginário da comunidade escolar,

ainda permeia que os objetivos do componente curricular giram em torno da promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida por intermédio dos exercícios físicos, bem como o treinamento de equipes esportivas. Esta falta de clareza em determinar quais as possibilidades de atuação e relevância do professor de Educação Física é reflexo da inexpressiva especificidade do componente curricular na escola.

A necessidade de mudança desse imaginário implica que a propagação desse novo perfil de atuação, humanista, com formação sociopolítica, vem a ter origens em alguns cursos de licenciatura em Educação Física, nos quais os professores formadores – contrários à visão tecnicista e médico militarista – preconizaram um desenvolvimento de ações pedagógicas que viabilizassem uma maior liberdade em suas aulas, porém resguardados o empenho e a preocupação com os aspectos didáticos metodológicos e a coerência com as abordagens pedagógicas e epistemológicas da área.

Como já foi mencionado, a trajetória docente da Professora Mariângela não ficou restrita ao Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, ela desenvolveu suas ações em outras escolas das redes municipal e federal de ensino. No entanto, o relato da Professora indica que a realidade das ações pedagógicas não mudava conforme a escola e a rede de ensino. O relato da Professora Mariângela teve um foco nas suas ações como professora no Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, isso se deve ao tempo de atuação que ela teve nessa escola. Quando estimulada a comentar sobre suas ações nas outras escolas, a Professora comenta:

Não... eu não vi muita diferença porque eu trabalhei, digamos que nas escolas de referência do município. O Josefina que é onde trabalhavam com os meninos do bairro, do bairro Brasília. Moradores do bairro Brasília e adjacentes, não é? E o, e o José Neves, que é a escola de referência no município... Então, eram os alunos que vinham... que tiveram a educação infantil nas escolas particulares, ou mesmo que foi do município, mas que onde as vagas eram muito disputadas. Então era uma escola... sempre foi uma escola diferenciada. Ela não foi uma escola comum, dessas que assim o turno vespertino era de meninos que vinham da zona rural. Mais um menino que vem da zona rural estudar na cidade, à tarde, é porque ele quer realmente estudar. Ele tem um envolvimento maior, aquele que não tem, na primeira unidade, ele não volta mais na escola, não é? Então mesmo à tarde, se os alunos da zona rural, mas eram alunos que vinham mesmo porque queriam estudar. Então, o público do município para o estado não via muita diferença. E vou te falar um fato assim, a minha trajetória profissional é cheia de fatos curiosos. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

Ao discutir a Memória enquanto área do conhecimento e objeto multifocal do saber, é possível encontrar diversas abordagens teóricas reveladas em cada momento histórico da

sociedade, as quais são desenvolvidas por vários estudiosos. Segundo Cordeiro (2015), os estudos sobre memória constituem-se, desde seu surgimento na Grécia Antiga, como um problema filosófico, o que permanece até os dias de hoje dentro das discussões de diversas áreas do conhecimento como a psicologia, as neurociências cognitivas, a filosofia, a história e a sociologia, tornando-a um campo interdisciplinar de estudo com suas variadas dimensões. Podemos tomar como exemplo as dimensões da Memória nos estudos de Halbwachs (2013). Segundo ele, a memória é um processo de reconstrução e deve ser analisada considerando dois aspectos. O primeiro é o fato de não se tratar de uma repetição linear dos acontecimentos no contexto atual; e o segundo é se diferenciar dos acontecimentos que podem ser localizados em um tempo ou espaço que se envolve num conjunto de relações sociais. Para o autor, a lembrança advém das relações sociais desenvolvidas no cotidiano – sendo assim, a memória individual só pode ser estabelecida a partir de memórias coletivas (HALBWACHS, 2013).

Os professores e professoras, em suas trajetórias, desenvolvem seus saberes em distintos momentos de sua atuação profissional, desde a formação inicial até os momentos finais da carreira docente. Desta forma, pensar as lembranças da Professora Mariângela implica conjecturar que a formação inicial deve propor uma aproximação mais sólida com a realidade do ambiente de atuação do professor, a escola – assim, estes professores e professoras, depois de inseridos no campo de atuação, têm a oportunidade de repensar sua atuação e reconstruir suas ações com uma possibilidade maior de aproximar estas ações dos objetivos da escola. Essa reflexão sobre o repensar do seu fazer pedagógico a Professora Mariângela teve ao iniciar outro desafio em sua carreira docente, agora como professora de um curso de Licenciatura em Educação Física em uma universidade pública.

Necessário frisar que as ações pedagógicas que foram desenvolvidas pela Professora Mariângela no Ensino Superior não são fruto de análise para este trabalho, pois não aproximam do objetivo da pesquisa. No entanto, foi relevante obter essa informação porque suas experiências como docente de Educação Física, na educação básica, foram ressignificadas depois do seu ingresso no campo acadêmico universitário.

Marlon, eu acho, para mim, aí eu fiquei só no Modelo e na UNEB. O Modelo também já com outra proposta, que era Fundação Luís Eduardo Magalhães, de fazer um ensino diferenciado, aí, que que acontece? Pra mim, particularmente, foi algo muito cansativo. Assim que eu não pude manter. Eu acho que eu trabalhei bem na escola, mas no Modelo eu já me levava exausta, que eu tinha que me dedicar a nova experiência do Ensino Superior. E era exaustiva, que exige uma dedicação grande. E aí, o que que acontece, as forças que restavam eram para o Modelo. Assim, e fazendo análise, eu não acho que

eu fiz um trabalho ruim no Modelo, fiz um trabalho bom... porque assim, mesmo todas as minhas energias eu canalizava para a UNEB. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

O ingresso da docente Mariângela como professora substituta²⁰ no curso de Educação Física na Universidade do Estado da Bahia (Campus XII – Guanambi) foi no mês novembro de 2003. Nesse período, a Professora Mariângela estava como professora em outra escola estadual, o Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães. Essa experiência exige dela uma nova rotina de estudos e acúmulos teóricos, os quais foram gradativamente deixados de lado em sua trajetória na Educação Básica, e esse “retorno aos estudos” influencia diretamente suas ações como professora na Educação Básica.

Sim, você não tem como. É inevitável você repensar a sua prática pedagógica, não é? É... Eu digo assim, que eu não dei o meu melhor em termos de lidar direto com o aluno, não é? Não foi dizendo de trabalhar o conteúdo, essas coisas não. Você tem que cumprir mesmo, mas de lidar direto com o aluno, assim de um trabalho mais próximo... que eu já estava esgotada e não queria gastar essa energia, né? Mas não queria gastar isso aí... Essa energia toda. Bem, se você chega na aula e você encontra dificuldades. Bem, eu deixava passar para não para não entrar no embate, para não desgastar, para não cansar mesmo. Para economizar força. Quando as coisas fluíam bem tranquilo, assim como de momentos que eu poderia ter, outras posturas dado mais atenção a certas situações, eu não dava. Não dava para me culpar, não é isso que eu digo. Assim, não foi uma dedicação, não é, mas, por outro lado, a estrutura da escola, a organização, o apoio, o suporte assim e me levava a fazer um trabalho razoável. Não digo que era bom de excelência, não! É um trabalho razoável, pela própria circunstância. (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTOS, relato oral concedido em abril de 2021).

A aproximação da Professora Mariângela com o Ensino Superior lhe permite desenvolver estudos na universidade em parceria com a escola. Suas turmas na Educação Básica foram espaços para estágios dos estudantes da licenciatura em Educação Física, bem como espaços para pesquisas de Trabalhos de Conclusão de Curso. Mesmo a Professora sentir-se cansada com o duplo vínculo de trabalho, sua avaliação sobre suas ações pedagógicas na Educação Básica é positiva, e esse avanço na organização didática das suas aulas é creditado ao acúmulo teórico em que a Professora é estimulada a fazer em função do seu ingresso na universidade. Esse novo processo de formação contínua traz a compreensão de que é necessário criar outros meios e modos de construir o conhecimento, assim como viver e participar

²⁰ Regime de trabalho no qual o servidor público é contratado em Regime Especial de Direito Administrativo, contrato temporário que durava no máximo quatro anos.

criticamente das relações sociais.

Assim, ao tratarmos da profissionalização docente a partir de algumas aproximações do fundamento da formação contínua e continuada, busca-se a problematização das questões que envolvem a sistematização do conhecimento e da educação que contribuem diretamente para a organização social. Afinal, os processos de colonização ainda são ativos e operam no cotidiano e na ciência, operando sobre o ser, o saber e o poder (QUIJANO, 2005). Dessa maneira, pensar na profissionalização docente e na decolonização da educação é operar com perguntas simples e profundas, observar os processos que passou a educação que temos hoje, e com os devidos questionamentos pensar para onde queremos ir, outros caminhos possíveis.

Diante da reflexão sobre a formação contínua, das trajetórias e do lugar social do professor, referente à trajetória da Professora Mariângela, compreende-se que são fundamentais a troca de experiências e a união dos sujeitos enquanto uma classe de trabalhadores que atuam em uma dimensão da vida social, a educação. Assim, a formação, seja inicial, contínua ou continuada, deve ser um eixo centralizador, devendo contemplar os demais itens com a perspectiva de análise e problematização constante. Essa constância deve ser um núcleo sempre presente, permitindo a contextualização e atualidade dos temas, de acordo com as demandas sociais, históricas, culturais e econômicas de um determinado período histórico.

Portanto, a *práxis* reflexiva pressupõe consciência, atenção e criticidade da atividade que se está desenvolvendo, já que nem sempre a prática reflete as teorias nas quais se acredita. Nela, a capacidade analítica e crítica permeia todo o processo de transformação, é uma autoconsciência que se transforma junto com a realidade.

Assim sendo, entende-se que a reflexão sobre a prática não pode e nem deve se dar num vazio. Essa reflexão institui por si mesma a necessidade de resgatar da prática a teoria que a fundamenta, que a direciona, buscando constantemente uma coerência entre os princípios políticos que orientam as ações e o fazer pedagógico. Ao pensar nas suas ações e estudá-las, o docente avançará sobre a própria prática e a ressignificará. A reflexão sobre a atuação docente, sua possibilidade de mudança e inovação, é apropriada para o atual momento sociopolítico do Brasil. É oportuno tecer considerações sobre a atual conjuntura social e seus reflexos na atuação dos professores em sala de aula. O avanço do neoliberalismo nas políticas econômicas do país culmina com a negação de direitos historicamente conquistados no campo social. A educação é um destes direitos, e isto reflete diretamente na atuação do professor, pois esta sofre ataques em seu fazer e pensar metodológico e didático.

O parceiro de trajetória da Professora Mariângela, o Professor João Genésio Queiroz de

Arruda, inicia sua jornada como docente em 1992, ao ser aprovado no concurso público para professor da rede estadual de ensino na Bahia. Pouco tempo depois, consegue aprovação no concurso da rede municipal de ensino, também no município de Guanambi. Licenciado em Educação Física pela Universidade de Pernambuco, as influências das práticas corporais vivenciadas na juventude pelo Professor João Arruda formaram um imaginário sobre o curso de Educação Física, o qual não foi traduzido na realidade.

Sou formado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade de Pernambuco, uma universidade estadual do estado de Pernambuco, tenho especialização em Treinamento Desportivo pela Faculdade Cidade de Guanhães. Iniciei meu curso em 1986, parei o curso em 1987, achei que o curso era só praticar esporte, não adaptava com as aulas teóricas, iniciei o curso de Biologia no mesmo ano, mas depois voltei para a Educação Física, sabe, gostava de praticar esportes. (JOÃO ARRUDA, relato oral concedido em Junho de 2021).

Segundo David (2003), verifica-se no percurso histórico da formação docente em Educação Física que, a partir da Resolução 03/87, o projeto curricular passa por mudanças expressivas e diferenciadas de toda a trajetória da Educação Física.

Embora se confirme que houve continuidade quanto à instituição de duas habilitações/titulações para a graduação em Educação Física, de um lado, ficou reconhecido que a Educação Física desempenha um papel importante no sistema educacional como instrumento de formação de hábitos e de comportamentos moral, cívico, cultural e político em todos os níveis de escolaridade da criança e do jovem brasileiro; de outro, expressa-se o entendimento de que as ações da Educação Física não se limitam ao espaço escolar, mas em diversas práticas, envolvendo tempo e espaços sociais, com expressões notoriamente reconhecidas no campo da saúde, do esporte, do lazer e das diversas práticas corporais existentes, sob a forma de linguagens. (DAVID, 2003 p. 43).

Nesse sentido, o professor em formação precisa desenvolver sua prática a partir da reflexão e problematização da sua futura atuação na docência. Essa formação deve ter a aproximação consistente com a escola, o *lócus* de atuação do professor, como algo cotidiano no intuito de desenvolver o conhecimento e a criticidade do sujeito. Assim, Pimenta e Anastasiou (2002) argumentam que a formação em nível superior deve constituir um processo de construção científica e crítica ao conhecimento produzido. Portanto, as vivências do Professor João Arruda no início da sua graduação não o introduziram no universo de conhecimentos que compõem a formação docente, daí sua frustração e sua rápida desistência.

Já durante sua atuação profissional, o Professor João Arruda participou de cursos de

formação ofertados pelas redes de ensino com as quais o Professor tinha vínculos. Essa formação tinha a proposta de aproximar o professor ao campo de estudo, para assim valorizar sua atuação.

Durante a minha prática como professor, fiz alguns cursos oferecidos pelo estado e pelo município, também fiz cursos por conta própria, como o curso de Gestão Municipal de Esportes de Lazer pela Unimontes (Universidade Estadual de Montes Claros). Pelo estado fiz o curso do FNDE promovido pelo Ministério da Educação, fiz também o curso de capacitação profissional em prática pedagógica para a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem pela Universidade de Brasília. Fiz também o curso de Formação continuada em Educação Física Adaptada pelo Instituto Anísio Teixeira. (JOÃO ARRUDA, relato oral concedido em junho de 2021).

O processo de formação, contínua e continuada, desenvolvido pelo Professor João Arruda teve como objetivo o incremento de novas possibilidades em suas ações didáticas na escola, isso pode ser percebido em sua fala.

Destes cursos, qual o que mais contribuiu para a minha atuação foi o curso de Formação Continuada em Educação Física Adaptada pelo Instituto Anísio Teixeira. Chamou mais atenção porque os professores eram doutores e trabalharam os fundamentos da educação na Educação Física adaptada e apresentou a deficiência como modo de vida, como uma forma de expressão da diversidade humana e desenvolveu os conteúdos sobre a prática de atividades físicas para pessoas deficientes e suas implicações (JOÃO ARRUDA, relato oral concedido em junho de 2021).

A profissão docente, ou melhor, o ser professor, é um processo contínuo de reconstrução pessoal e profissional. O professor, e a professora, modifica-se pelas diversas demandas, sejam elas educacionais, sociais, culturais ou econômicas. A função do ensinar, sejam as letras, os números ou as práticas corporais, em contato com o mundo material, reinventa-se. Assim, o ler, o escrever e o movimentar transpõem a decodificação e a resolução de letras, números e movimento, respectivamente, associando-se diretamente com as relações sociais e os contextos históricos, constituindo assim o diálogo da própria vida. Isso é potencializado no processo formativo do professor durante sua jornada.

O relato do Professor João Arruda confirma que suas ações pedagógicas sofreram grandes influências dos cursos que participou, os quais prepararam seu exercício profissional para encarar as dificuldades das aulas na escola. Portanto, é relevante que o professor em formação entenda a relação do processo ensino-aprendizagem como uma ação mútua, isto é, de relevância primordial na organização e nos planejamentos das ações didático-pedagógicas,

despertando a cooperação e a participação de todos.

As minhas aulas são duas vezes por semana... Os cursos que participei me capacitou para sempre trabalhar os conteúdos de forma efetiva, os conteúdos bem trabalhados e bem organizados, sempre respeitando os limites dos alunos e sempre tem como objetivo principal oportunizar a vivência e a participação de todos. Sempre uso como material bolas, cones, cordas, apitos, a sala de aula, aparelhos de TV e DVD, todos os materiais que a escola tem para oferecer. (JOÃO ARRUDA, relato oral concedido em junho de 2021).

Segundo Delgado (2006, p. 15), história oral é “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações”. Lançar mão da história oral em um trabalho científico requer lidar com alguns desafios, um desses é a timidez nas respostas dos entrevistados. O relato oral concedido pelo Professor João Arruda é composto por esse desafio, as poucas palavras do Professor dificultam, em determinados momentos, a análise das suas ações conforme os objetivos deste trabalho. Assim sendo, a prática da história oral como metodologia de pesquisa compõe o desafio e a tarefa de analisar os relatos dos atores que contribuem com a pesquisa, partindo da perspectiva de que esses relatos estão imbricados em meios, circunstâncias e finalidades que direcionam para determinadas ações.

Imerso em um contexto de mudanças significativas na área da Educação Física, o Professor João Arruda relata que não sofre influências por abordagens pedagógicas, bem como não modifica sua concepção de trabalho nas aulas, pois é pautada na inclusão de todos e todas nas práticas corporais desenvolvidas.

Os conteúdos que trabalho são basicamente o que aprendi na faculdade, Primeiros socorros, higiene pessoal, ginástica, basquete, voleibol, futebol, handebol, dança, ginástica... A influência maior agora está na inclusão social do aluno, seja ele portador de deficiência ou não, é muito importante a prática dos alunos em uma aula de Educação Física... Não, não trabalho com essas questões das abordagens. Prefiro fazer as aulas pensando na inclusão social dos alunos, fazer com que todos eles participem independente do conteúdo a ser trabalhado. (JOÃO ARRUDA, relato oral concedido em junho de 2021).

Mesmo ao relatar que a organização didática das suas aulas não sofre influências, o relato do Professor expõe como os cursos, em especial o curso de Educação Física Adaptada, contribuem para suas atividades, daí o caráter formativo e emancipatório dessa postura analítica e crítico-reflexiva, pois o sujeito toma consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo. Ainda pautada em uma prática esportivista, fruto da sua formação, o

Professor João Arruda busca implementar em suas aulas conceitos aprendidos em sua formação continuada, para assim tentar superar as contradições apresentadas na prática pedagógica da Educação Física, as quais comprometem significativamente a organização do trabalho pedagógico numa perspectiva emancipadora. Desta forma, acredita-se que o professor de Educação Física deve pautar seu trabalho em uma perspectiva crítica, pois “...a nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora” (MÉZÁROS, 2008 p. 76).

Essa perspectiva mencionada no parágrafo acima dialoga com a influência do movimento renovador da Educação Física, período em que as práticas foram repensadas, e uma das perspectivas de ensino indica a Cultura Corporal como objeto de estudo e base para a seleção dos conteúdos das aulas de Educação Física na escola. O discurso sobre Cultura Corporal está envolto em um conceito estabelecido e anexado às memórias discursivas, demonstrando um conflito entre o dito e o não-dito que, ao longo do tempo, é abarcado pela lógica educacional, que é dinâmica e contraditória simultaneamente.

Portanto, além dos sentidos construídos ao longo do decorrer da carreira dos professores, é necessário destacarmos algumas condições objetivas, que também compõem e influenciam as escolhas que interferem nas concepções de ensino de cada professor e professora. Dessa maneira, pensar a efetiva atuação docente, suas ações práticas no *chão da escola*, é pensar em um espaço além de seus limites físicos, é pensar em sua infraestrutura, equipamentos básicos para seu funcionamento, as condições trabalhistas básicas do profissional que atuará nesse espaço, e assim, pensar na função social do profissional da educação.

No caso das aulas de Educação Física, desenvolvidas pelos pioneiros e pioneiras que foram analisadas neste trabalho, é necessário refletir sobre as condições básicas para o desenvolvimento da prática pedagógica destes professores. Sendo assim, não podemos tecer juízo de valor sobre as opções metodológicas dos professores, mesmo reconhecendo a sua função social formativa, ou seja, a responsabilidade e a criação conjunta de sentidos e significados destes professores, e perante a sua atuação profissional, através do contato com os sujeitos diretamente envolvidos em sua ação.

As análises das práticas pedagógicas dos pioneiros e pioneiras da Educação Física escolar em Guanambi permitiram identificar que o movimento renovador da Educação Física não influenciou as ações didáticas dos professores e professoras. Essa assertiva fundamenta-se também nas palavras da Professora Mariângela.

É isso, Marlon, então eu acho que o movimento Renovador. Ele demora muito para chegar na escola. Ele só chega, o impacto dele só vem com a ampliação dos cursos de formação, e com a mudança no quadro. Quando chega professores já com formação e com conhecimento, não é? Sobre a estrutura, sobre as mudanças da Educação Física, no país. Isso é, impacta direta, a Educação Física na prática... Realmente, Marlon, não tem esse impacto, não... E a Educação Física aqui na cidade. Eu acho que ela só. Ela só... só transforma depois da ampliação do movimento de ampliação dos cursos de Educação Física não só na cidade, mas na Bahia... não é? Na Bahia e no norte de Minas. Para aqui especificamente, né? (MARIÂNGELA RIBEIRO DOS SANTO, relato oral concedido em abril de 2021).

Esse aspecto em especial será tratado no próximo item da pesquisa. A implementação do curso de Educação Física no Campus XII da Universidade do Estado da Bahia. Os processos políticos e históricos da criação do curso e suas interferências na organização da Educação Física escolar no município de Guanambi.

Portanto, as proposições destacadas nos relatos concedidos desdobraram em análise sobre memória e oralidade na presente pesquisa. Em sequência, as memórias analisadas, categorizadas conforme as características metodológicas implementadas de acordo com os gêneros da história oral – a saber, história oral temática e história oral de vida. Para identificar, nas narrativas do fundador do curso, as características dos gêneros da história oral, observou-se nos dados apresentados a apresentação dos conceitos de memória e a forma de tratamento das narrativas apresentadas para sobressair o diálogo com a Educação Física, formação de professores e atuação docente.

5 CONTEXTO HISTÓRICO, IMPLICAÇÕES E DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB – CAMPUS XII

Formação e atuação de professores são temas recorrentes em pesquisas educacionais, não só pela expansão da investigação dos temas, mas também pelas mudanças de paradigmas em torno da educação, que vêm se constituindo ao longo do tempo na sociedade atual. Essas mudanças interferem diretamente nas constituições de políticas educacionais. Os estudos sobre formação docente e formação profissional em Educação Física fundamentam a formulação de programas e regulamentações legais que amparam as referidas áreas. Isso é necessário para elevar a qualidade da formação de professores e, como consequência, aprimorar a atuação docente na Educação Básica.

Dessa forma, para entender com mais propriedade a resposta ao objetivo desta pesquisa, qual seja: Investigar as memórias das ações pedagógicas dos professores e professoras de Educação Física que atuaram em escolas públicas de Guanambi-Bahia, na segunda metade do Século XX, é necessário contextualizar o percurso de implantação do curso. Contextualizar a implementação do referido curso se faz necessário neste trabalho para compreender como a Educação Física se estruturou no município de Guanambi como área do conhecimento e de intervenção profissional – e também como esse novo curso contribui para dar um novo sentido para as práticas corporais na cidade. Assim, essa sessão implica em uma expectativa de contribuições para investigações futuras.

Portanto, para esta sessão, a ideia é analisar o processo de implementação do curso de Licenciatura em Educação Física da UNEB – Campus XII, a partir da narrativa oral do fundador do curso, Professor Jorge Adilson Gondim Pereira, e assim relatar e analisar as tensões e disputas geradas no período de implementação do curso. O Professor, mais um colaborador desta pesquisa, foi protagonista nas ações de implementação do curso, a entrevista foi concedida em uma sala localizada em uma das bibliotecas do Colégio Leonardo Da Vinci (empreendimento privado que tem como um dos sócios o Professor Jorge Adilson), localizado no município de Caetité – Bahia.

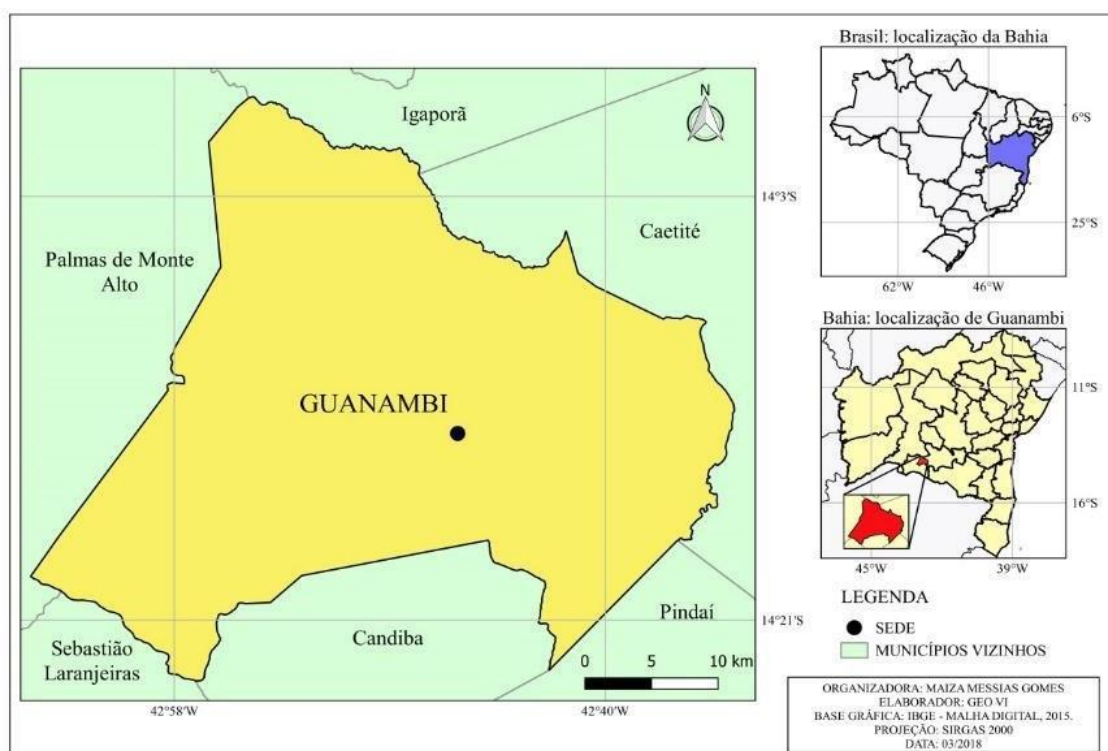
A narrativa do pioneiro foi coletada e analisada a partir dos apontamentos teóricos já desenvolvidos neste estudo, os fundamentos da história oral, pois se entende que o referido método favorece o registro da memória individual, e consequentemente contribui para a preservação da memória institucional. A História Oral, desenvolvida neste estudo, busca como parte da perspectiva dialógica o diálogo com as fontes orais e o eixo para a constituição de

questões vinculadas às memórias do Professor Jorge Adilson sobre o processo de criação e implementação do curso.

A narrativa expõe a trajetória, os conflitos, e os diálogos estabelecidos para viabilizar a implantação do curso. Desta forma, foi possível analisar a existência de tensões políticas institucionais, ocasionadas pelos conflitos internos na universidade, durante o processo de implantação do curso. Portanto, a fundação do curso decorre de demandas internas da instituição, bem como da necessidade de formação de professores de Educação Física na microrregião de Guanambi, no estado da Bahia.

O município de Guanambi, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), faz parte do Mesorregião Centro-Sul Baiana, formada por 118 municípios divididos em oito microrregiões. Essas microrregiões estão centradas nos municípios de Boquira, Brumado, Guanambi, Itapetinga, Jequié, Brumado, Livramento, Seabra e Vitória da Conquista.

Figura 7: Localização geográfica do município de Guanambi.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/guanambi/panorama>. 17 de abril de 2022)

Em um contexto de uma política de governo do atual grupo político que administra o estado da Bahia, a microrregião geográfica de Guanambi está situada no Território de

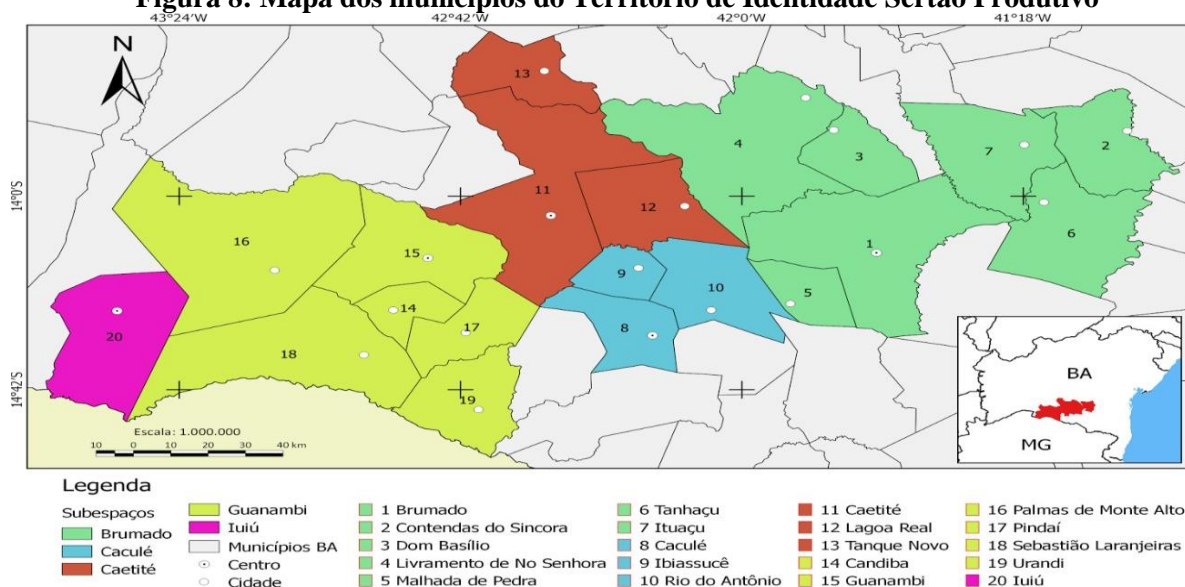
Identidade do Sertão Produtivo, formado por vinte municípios, sendo eles: Brumado, Caculé, Caetité, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiú, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Tanhaçu, Tanque Novo e Urandi (BAHIA PTDSS, 2016).

Em sua concepção histórica, a atual região que compõe o Território de Identidade do Sertão Produtivo tem origem entre os séculos XVII e XVIII, período em que iniciou seu processo de concepção social, política e cultural. Nessa época, iniciava-se a atividade econômica de seus municípios, assim como de todo o Alto Sertão da Bahia. Com isso, sua ocupação se deu pela distribuição e posse de terras sob o Sistema das Sesmarias, na mesma lógica das Capitânicas Hereditárias do século XVI (BAHIA PTDSS, 2016).

Com o passar dos anos, remanescentes de povos botocudos, pataxós, mongóis, imborés, camacãs, maracás e ferradas foram aldeados na região durante a segunda metade do século XIX. Mais tarde, estes se deslocaram para o litoral ou foram assimilados e aculturados. No entanto, não havia indígenas aldeados no Alto Sertão da Serra Geral (BAHIA PTDSS, 2016). Com isso, as fazendas de gado no Vale do Rio São Francisco e a exploração de ouro e diamantes nas terras do Sertão Produtivo inundaram o Alto Sertão Baiano. Essas duas atividades aceleraram o processo de colonização ao permitir a criação de novos espaços e a exploração de novos recursos.

Quanto aos primeiros povoados, destacam-se Jacobina no norte da Bahia em 1720 e Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio de Contas em 1724. Novos povoados surgiram na segunda metade do século XIX como resultado do crescimento populacional. Santo Antônio do Urubu de Cima (atual Paratinga) foi desmembrada por Jacobina em 1746, e Macaúbas foi emancipada dela em 1832. Palmas de Monte Alto foi emancipada por este município em 1840, e desmembrada de Guanambi no ano 1919 (BAHIA PTDSS, 2016).

Figura 8: Mapa dos municípios do Território de Identidade Sertão Produtivo



Fonte: Plano de Desenvolvimento Territorial Rural Sustentável e Solidário do Território Sertão Produtivo/ Guanambi - BA, 2016

Segundo o memorialista Dário Cotrim Teixeira, Guanambi tornou-se vila em 1870 e recebeu vários nomes, incluindo Arraial do Quebra, Vila Beija-Flor e Beija-Flor. O arraial foi elevado à categoria de vila em 14 de agosto de 1919, de acordo com a Lei Estadual nº 1.364, e posteriormente transformado no Município de Guanambi (TEIXEIRA, 1991).

O município foi desenvolvido em função da devoção a Santo Antônio e no encontro de tropeiros e mascates que, a caminho de outras cidades com mercadorias para serem vendidas nas vilas vizinhas ou embarcadas para outras partes do país, paravam no Arraial para descansar e comer. Além de cumprirem seus papéis de mercadores, caçadores e mascates em suas jornadas, estes também desempenharam um papel importante como disseminadores de informações. Em uma análise mais aprofundada, é possível perceber que esses agentes eram responsáveis por mais do que apenas vendas e transportes de mercadorias e produtos, mas também, transmissão de informações (TEIXEIRA, 1991).

Os viajantes e memorialistas que se enveredaram pelos caminhos dos sertões e das memórias da Bahia, e do Brasil, durante suas longas viagens, depararam-se com vastas expansões de terras, muitas vezes pertencentes a famílias ou grupos, como é o caso dos Garcia d'Ávila, proprietários da Casa da Torre, e dos Guedes de Brito, donos da Casa da Ponte, ambas na Bahia. Em relação aos Guedes de Brito e aos Garcia d'Avila, é oportuno notar que, em 1549, o governador Tomé de Souza chegou a Salvador e, com sua comitiva, trouxe Garcia d'Avila, que foi recompensado com uma sesmaria. Outro português que chegou ao território brasileiro em 1663 foi Antônio Guedes de Brito, fundador da Casa da Ponte, que também recebeu uma

sesmaria (PIRES, 2003).

Com isso, o governador dividiu as terras da Bahia em dois grandes morgados: de um lado, uma sesmaria da família Garcia d'Ávila, da Casa da Torre, tendo como limite natural a Chapada Diamantina, e estendendo suas terras até Sergipe, Piau, Ceará e Maranhão; por outro lado, uma sesmaria na margem direita do Rio São Francisco que ia de Morro do Chapéu a cabeceiras do Rio das Velhas, Minas Gerais, servindo de divisa natural entre as Capitânicas Hereditárias da Bahia e Pernambuco (NEVES, 2008).

Com base nas informações acima, é possível inferir que a antiga fazenda Carnaíba de Dentro, onde se localiza o atual município de Guanambi, pertenceu aos Guedes de Brito. Grandes extensões de terras pertencentes aos Guedes de Brito foram apropriadas e conquistadas em confrontos bárbaros com os povos indígenas, nos quais os colonizadores reivindicaram direitos reconhecidos pelo Ordenamento Jurídico das Sesmarias. Essas ocupações foram incorporadas às sesmarias e herdadas (NEVES, 2008).

As terras pertencentes a Antônio Guedes de Brito passaram para sua herdeira e arrendadora solitária, Isabel Maria Guedes de Brito, que tinha entre seus representantes o italiano Pedro Leolino Mariz. Mariz trabalhou no Sertão de Guanambi e arredores em meados do século XIX, fixando-se na fazenda Brejos das Carnaíbas (NEVES, 2008).

A fazenda Brejos das Carnaíbas foi se estruturando em vila e posteriormente se transformou no município de Guanambi, contudo há registros de distintos memorialistas apontando outras histórias da fundação da cidade de Guanambi. Hoje com uma população de aproximadamente 85.000 habitantes, o município se tornou o polo comercial e educacional da sua microrregião. O comércio e a agricultura são suas principais fontes econômicas, além da instalação de instituições de Ensino Superior e Técnico, públicas e privadas, as quais atraem moradores e renda para a cidade.

Em um contexto histórico de ampliação de oferta de cursos de formação superior em Educação Física na Bahia, ocorre a implantação do curso de Licenciatura Plena em Educação Física na UNEB de Guanambi. A abertura do curso foi reflexo de uma demanda por profissionais com nível superior e a qualificação necessária para atuar nos diversos campos no município de Guanambi e região. O curso busca legitimar suas ações na formação de professores para atuar em âmbito regional, suprimindo uma demanda social. Para sua implementação, foi aplicada em 1996 uma pesquisa de opinião pública na região que atestou o desejo da comunidade pela área da Educação Física. Para além disto, foi sinalizada a carência de profissionais graduados em Educação Física atuando nas escolas da região pelas Diretorias

Regionais da Educação – DIREC’s de Guanambi e de Caetité (município vizinho de Guanambi), além das manifestações de apoio de diversas instituições e entidades pela implantação do curso de Educação Física na própria cidade de Guanambi (UNEB, 2015).

5.1 “... eu arriscaria dizer que o curso de Educação Física saiu em função desta disputa política...” Circunstâncias políticas e institucionais que viabilizaram a implementação do curso

O Professor Jorge Adilson Godim Pereira, ou Jorge Adilson como é chamado pelos colegas de trabalho, nascido em Caetité – Bahia, é licenciado em Educação Física pela Universidade Católica de Salvador, Mestre em Educação Física pela Universidade de Brasília e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Como consta no Currículo *Lattes* do Professor que este ingressou na graduação em 1987 e concluiu o curso em 1990; iniciou seu trabalho como docente do Ensino Superior em 1992, na Faculdade de Educação de Guanambi (FAEG).

Primeiro eu vou falar, assim, da minha formação. Eu me formei lá na Católica, eu fiz a minha Educação Básica, eu fiz toda em escola pública aqui em Caetité, tenho a formação em nível médio como técnico em Agropecuária, embora tenha exercido por questão de um ano e tal, eu atuei com algumas atividades relacionadas com essa área. E assim, como eu tinha um envolvimento muito forte com relação ao esporte e tal, sempre gostei muito de praticar esporte, um envolvimento com isso, entendi que a minha vocação fosse essa. E aí busquei, eu queria muito essa área realmente, sabe? Embora o ambiente familiar e a própria sociedade me colocasse outras opções, sabe? Que, claro, naquele momento devido à minha formação básica, não me oferecia condições tentar cursos mais prestigiados e etc. e tal, aí eu fui para Salvador, fiz cursinho, seis meses de cursinho, e fiz o vestibular para Educação Física na Católica, naquela época era o único na Bahia, eu não tenho certeza, mas creio que já deveria existir aquele curso lá da Montenegro²¹. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em fevereiro de 2020).

Da mesma forma como consta nos relatos de alguns dos pioneiros e pioneiras da Educação Física escolar de Guanambi, as influências do Professor Jorge Adilson para cursar Educação Física vêm das suas vivências com as práticas corporais na época de estudante na Educação Básica. Sua inserção como estudante no Ensino Superior coincide com o período de redemocratização política do Brasil, ou seja, ingressou na universidade poucos anos depois do final da ditadura civil militar instaurada no Brasil em 1964. Em relação à Educação Física, esse

²¹ O Professor se refere ao curso de Educação Física da Faculdade Montenegro, sediada no município de Ibicarai (região sul da Bahia) foi o primeiro curso de Educação Física do interior da Bahia.

período é de renovação de concepções didáticas e epistemológicas da área, fruto do Movimento Renovador da Educação Física.

Sua formação teve como base um currículo predominantemente tecnicista e conservador, isso implicou para o Professor buscar experiências formativas fora da universidade, com atividades extracurriculares. A conjuntura da época apresentava uma área de campo de atuação do professor de Educação Física ampla e diversificada, com várias possibilidades de intervenção, seja na escola ou no chamado campo não formal (não escolar), o qual abarca mais possibilidades de vínculos de trabalhos e experiências ligadas diretamente às academias de ginástica, clubes, *spas* etc. Possibilita-se assim, aos profissionais, a atuação como *personal trainer*, técnicos em modalidades esportivas, atividades de recreação, ginástica laboral entre outras.

Meu curso foi um curso de três anos, ainda naquela resolução, eu não me lembro muito, é de 69, então eu fiz três anos e aí vim para cá. Marlon, voltei para Caetitê, fiquei um tempo em Salvador, embora tenha feito muita coisa lá assim, sabe? Ficava muito preocupado com essa questão do trabalho, né? Eu queria provar para minha família que sair alguma coisa aqui, e fato de eu ter feito o curso não ia ser uma coisa tão ruim assim, do ponto de vista da minha sobrevivência e tal, eu falei: “tem que mexer com mil coisas para pelo menos aparecer uma”. E aí em Salvador eu fazia muita coisa, me envolvi com recreação, tinha um grupo de recreação, trabalhava em academia, sabe? Escola, eu fiquei um ano com Bahia²² ali no Sartre, um estágio voluntário, sabe? Porque na Católica o estágio, assim, faz lá um estágio e traz uma declaração que fez, entendeu? Não tinha estágio supervisionado, era uma disciplina chamada Prática de Ensino, era um professor chamado Jorge Alcoama²³, e que falava algumas coisas sobre prática de ensino, mas a gente é que tinha que procurar o estágio, né? E hoje não sei se ainda é vivo, mas ele era professor de Educação Física, era filósofo também, tinha duas formações, era um intelectual lá da Católica. Aí também trabalhei, fiz um tempo com Gurgel²⁴, na época esta parte de psicomotricidade. Enfim, eu busquei uma base na verdade fora da Católica, porque a Católica, mesmo ela não, preparava muito bem, sabe? Ela tinha uma visão muito conservadora, tecnicista, e a base era ainda muito analítica, sabe? Aquela ginástica calistênica com Professor Miranda e tal, então, assim, nós não tínhamos um currículo, uma trama curricular que levasse uma formação crítica, não. E dentro dessa trama, havia subversões, né? Ou seja, um curso que era de uma formação conservadora, mas tinha algumas exceções, professores ali que têm uma visão crítica que,

²² Professor Antônio Luiz Ferreira Bahia, professor da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Católica de Salvador. Referência na área de Recreação e Lazer. Informações coletadas do currículo lattes. <http://lattes.cnpq.br/9723015032504454>.

²³ George Ocoama de Almeida Arcanjo, um dos professores fundadores do curso de Educação Física da Universidade Católica de Salvador.

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158331/001022391.pdf?sequence=1>

²⁴ Professor Lauro Gurgel de Oliveira Júnior. Atual coordenador do curso de Educação Física da Universidade Católica de Salvador, um dos primeiros conselheiros do CREF 13 2004/2007. Informações coletadas do currículo lattes. <http://lattes.cnpq.br/1285598206603577>.

muito pouco sabe, mas que nos ajudava de alguma forma. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em fevereiro de 2020).

Imerso em um contexto de amplas oportunidades de experiências em Salvador, o Professor Jorge Adilson busca aproveitar as oportunidades para fortalecer sua formação. Após a conclusão do curso, em 1990, o Professor retorna à sua cidade natal para trabalhar com as práticas corporais com que teve aproximação durante seu processo de formação. Distante da realidade de oportunidades em Salvador, Jorge Adilson dedica boa parte do seu tempo novamente aos estudos em busca de uma vaga na rede pública de ensino.

Quando eu retornei para cá, eu me via assim sem emprego, comecei a dar aulas de ginástica a meia dúzia de pessoas, sabe? E assim o quadro foi muito difícil para mim, muito difícil mesmo, e eu falei assim: “estudar para concurso”, e comecei a estudar para concurso, eu me impunha uma jornada de 8 horas diárias, eu falei: “não estou trabalhando, meu trabalho vai ser estudar”. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em fevereiro de 2020).

As buscas por vagas no ensino público deram êxito. No segundo semestre de 1992, o Professor Jorge Adilson ingressou no Ensino Superior; iniciou seu trabalho como professor substituto²⁵ na antiga FAEG – Faculdade de Educação de Guanambi –, instituição de ensino superior que anos depois foi vinculada à UNEB – Universidade do Estado da Bahia.

Em 92 eu fiz uma primeira seleção para professor da UNEB, nós tínhamos já, desde a década de 80, início da década de 80, o campus aqui de Caetité, na verdade não era campus ainda, chamava a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras FFLC, Faculdade de Filosofia, FFCL, Ciências e Letras de Caetité. Na época, a UNEB, ela tinha essa formatação, eram várias faculdades, tinha Caetité, tinha Jacobina, tinha Juazeiro, Alagoinhas, eram poucas cidades, oito ou dez cidades, se eu não me engano, que tinham essas faculdades, ou seja, a UNEB, ela não era tão orgânica, sabe? Alguma, alguns, por exemplo, como era Juazeiro, era uma faculdade independente que depois foi agregada à UNEB, entendeu? Aí em 93, eu fiz concurso para o estado, ingressei no estado e fiquei no estado e na UNEB, em 94. Final de 94, eu fui aprovado na escola agrotécnica federal²⁶. E aí tive inclusive que pedir uma licença, e tal, no estado dessa época fiquei, mas em 97 eu saí da agrotécnica, ficando só, e até hoje, na UNEB e no estado. Pois bem, na UNEB de Guanambi, ou melhor dizendo, a FAEG, que tinha aquela unidade, ela foi criada antes da lei, me parece a 7176, que reformou e organizou, reconfigurou, na verdade, a UNEB, transformando a UNEB em departamentos, entendeu? E em Campus. Então, em 91, se eu não me engano 92, foi criado por decreto a Faculdade de Educação de Guanambi FAEG, isso foi um decreto na época do Governador Nilo Coelho, que era filho

²⁵ Professor com contrato temporário de serviço, sem vínculo efetivo com a Universidade. O professor substituto atua sob o Regime Especial de Direito Administrativos (REDA).

²⁶ Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira, atualmente IFBaiano, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - Campus Guanambi.

da terra, na verdade esse decreto contrariou na época uma diretriz da própria UNEB que, por ser uma Universidade multicampi e por ter um estado tão amplo, exigia uma certa distância para você criar uma faculdade da outra, justamente para atender às regionalidades e tal. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em Fevereiro de 2020).

A Lei citada pelo Professor Jorge é a 7176, datada de 10 de setembro de 1997, que reestrutura as universidades estaduais baianas. No âmbito da UNEB, esta agrega as faculdades independentes e cria os *Campi* a partir da integração de 7 faculdades tanto na capital quanto no interior do Estado. A UNEB foi criada em 1983, tem sua sede administrativa na cidade de Salvador, vinculada à Secretaria de Educação e Cultura do estado da Bahia. Sua principal característica é o sistema multicampi, sua criação se deu a partir da integração de faculdades existentes no interior, e na capital do estado. Atualmente, a UNEB conta com 24 *Campi* e 29 Departamentos, presentes em todo o território do Estado da Bahia, reafirmando sua característica de democratização de acesso e permanência ao Ensino Superior.

A Universidade do Estado da Bahia tem como missão a produção e socialização do conhecimento – com desenvolvimento das práticas nas diversas áreas do saber, em dimensões estratégicas, com vistas à formação do sujeito e ao desenvolvimento das potencialidades políticas, econômicas e sociais da comunidade baiana, sob a égide dos princípios da ética, da democracia, da justiça social e da pluralidade étnica e cultural (UNEB, 2013). Por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, articuladas de modo a garantir a produção do conhecimento, a UNEB contribui para o desenvolvimento do Estado da Bahia, do Nordeste e do País, ao promover a formação de profissionais qualificados, a produção e disseminação do saber, em busca de uma sociedade fundamentada na equidade social. Desta forma, a Universidade do Estado da Bahia consolida-se como universidade pública comprometida com a transformação social, dentro do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Reafirma-se seu caráter popular, pois inserida e ativa na comunidade, intervém na realidade e contribui para a formação de profissionais qualificados para atuarem no mundo do trabalho.

A oferta de Cursos de graduação, pós-graduação e atividades de pesquisa e extensão materializa essa missão, tornando-a uma Universidade contextualizada e socialmente comprometida com a comunidade onde se insere. As atividades inerentes à área de graduação são desenvolvidas, coordenadas, acompanhadas e avaliadas pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROGRAD (UNEB, 2013).

Os cursos de graduação oferecidos abrangem as modalidades de formação de professores – licenciatura –, e de bacharelado e pertencem às diferentes áreas do conhecimento

como: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes e Ciências Sociais Aplicadas, e estão distribuídos nos diversos *Campi* e Departamentos. Os cursos de formação de professores preparam profissionais para o exercício da docência e/ou pesquisa, enquanto os cursos de bacharelado conferem aos concluintes o direito de exercerem atividades técnicas profissionais, ou desenvolverem pesquisas. A estruturação dos seus currículos contempla componentes curriculares que envolvem a universalidade do conhecimento, tendo a integralização assegurada através do regime semestral de matrícula, nos diversos turnos, de modo a atender às peculiaridades de cada região (UNEB, 2013).

A Faculdade de Educação de Guanambi (FAEG) foi incorporada à Universidade do Estado da Bahia, por meio da lei nº 7176/1997, que dispõe sobre a reestruturação das universidades estaduais baianas, a UNEB adotou a estrutura em Departamentos. Assim, a FAEG é denominada Departamento de Educação (DEDC) – Campus XII. O DEDC XII da UNEB está localizado no município de Guanambi, na região denominada de Território de Identidade Sertão Produtivo. Este território é formado por dezenove municípios baianos, sendo eles: Caetitê, Guanambi, Palmas de Monte Alto, Iuiú, Candiba, Pindaí, Urandi, Sebastião Laranjeiras, Ibiassucê, Caculé, Rio do Antônio, Malhada de Pedras, Brumado, Tanhaçu, Ituaçu, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Livramento de Nossa Senhora e Lagoa Real (UNEB, 2015).

No início da sua jornada como professor da UNEB, Jorge Adilson lecionou três disciplinas no curso de Pedagogia, a saber: Educação Física I, Educação Física II e Jogos e Recreação. Respectivamente, as duas primeiras disciplinas acima mencionadas tinham como objetivo os aspectos mais relacionados com a Educação Física em geral, enquanto Jogos e Recreação constava no currículo como uma disciplina metodológica do curso. O curso de Pedagogia, em grande medida, era mais procurado por professoras da rede pública de ensino que possuíam apenas o magistério em nível médio, além de funcionários públicos interessados em adquirir o nível superior com vistas a uma maior progressão salarial. Diante disto, e consoante à legislação em vigor na época, a maioria dos estudantes tinham o direito de solicitar dispensa nas disciplinas Educação Física I e II, razão pela qual a quantidade de estudantes era mínima para desenvolver a docência da disciplina.

Eu fiz a primeira seleção para lecionar no curso de Pedagogia as disciplinas Educação Física I educação física II e jogos e recreação, eram as três disciplinas que tinham na faculdade, no curso de Pedagogia, eram duas turmas, uma no turno matutino e uma no turno noturno. No início foi uma

seleção pública, ou seja, eu entrei como professor substituto. Inclusive Mariângela²⁷ participou dessa seleção também, eu não sei assim ao certo qual foi a colocação dela, mas eu, ela participou dessa seleção. Eu fui aprovado, e aí um semestre eu lecionava Educação Física I e no outro semestre eu lecionava Educação Física II e Jogos e Recreação. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em Fevereiro de 2020).

O trato pedagógico com as disciplinas Educação Física I e II era pautado nas práticas esportivas, pois era o que mais interessava aos poucos estudantes que cursavam, em função das dispensas solicitadas. Nas imediações da instalação da Faculdade, há o ginásio poliesportivo municipal, e era exatamente nesse espaço que o Professor desenvolvia as aulas. O trato com o esporte era de forma lúdica, com brincadeiras esportivas. O esporte mais praticado nas aulas era o basquetebol. Em algumas turmas, desenvolvia-se também a ginástica. Devido ao número reduzido de estudantes nas aulas, o basquetebol era adaptado para ser jogado em meia quadra. Uma outra curiosidade é que a disciplina era desenvolvida em turno oposto, o que também dificultava a participação.

A disciplina Jogos e Recreação, ao contrário da Educação Física I e II, tinha participação integral dos estudantes, não havia possibilidade de solicitar dispensa. O seu objetivo era dar base teórica e metodológica para os futuros pedagogos e pedagogas trabalharem com o jogo e a ludicidade na Educação Infantil, e nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Desse modo, a disciplina era organizada em duas etapas, a primeira era de embasamento teórico, versando sobre o desenvolvimento infantil e o jogo, e a segunda etapa eram as vivências das práticas corporais, em que os estudantes praticavam os jogos correspondentes às variadas faixas etárias e, por último, construindo jogos para desenvolver na futura atuação profissional. Conforme o Professor Jorge Adilson, a receptividade da turma era muito boa, pois, além de aprender a lidar com os jogos, participavam de atividades lúdicas que descontraíam bastante.

O Professor Jorge Adilson ingressou como professor substituto em regime de 20 horas semanais, e somente as disciplinas que lecionava não contemplavam a carga horária semanal instituída no regime de trabalho. Assim, além da prática docente relacionada com as disciplinas, ele desenvolvia cursos de extensão para complementar a carga horária.

Em um semestre eu tinha carga-horária, minha carga-horária era 20 horas, em um semestre eu tinha carga-horária, para você ter uma ideia, Educação Física I era 30 horas, ou seja 2 aulas semanais, Educação Física II também 30 horas, 2 horas semanais e Jogos Recreação, 60 horas, em duas turmas. Então, era para

²⁷ Professora Mariângela dos Santos Ribeiro, uma das pioneiras da Educação Física escolar em Guanambi, contribuiu com nossa pesquisa, e seu relato oral já foi fruto de análise nesse trabalho.

4 horas, então no semestre eu tinha 12 aulas fechava, só que no outro eu só tinha quatro aulas, aí eu tinha que me virar, tinha que fazer projeto, eu dei aula em tudo quanto é lugar que você pensar em Guanambi, na APAE e tudo quanto é instituição do menor da casa de não sei o quê, além de todas as semanas que tinha também as semanas de educação, eu tinha também que apresentar um projeto de curso, um curso de extensão, que também contava, complementava minha carga-horária, então eu ficava nesse exercício, não só para dar aula, mas como também para preencher minha carga-horária, e assim naquela época a gente tinha as condições no departamento ou na faculdade era diferente da que existe hoje, entendeu? A gente era muito pressionado, sabe? E ameaçado de certa forma, de não ter a carga-horária, de perder o emprego, disso daquilo, então a gente trabalhava sob tensão mesmo. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em fevereiro de 2020).

A organização curricular do curso de Pedagogia colocava no primeiro semestre duas disciplinas, Educação Física I e Jogos e Recreação e, no segundo semestre, apenas Educação Física II. Para um professor com regime de trabalho de 20 horas semanais contemplar sua carga horária, é necessário ter no mínimo 8 horas aulas e no máximo 10 horas aulas de componentes curriculares. Desta forma, Educação Física I e II tinham apenas 2 horas semanais cada e Jogos e Recreação, 4 horas. Com isso, era necessário o Professor fazer um curso, ou projeto de extensão de 2 horas semanais no primeiro semestre, e de 6 horas semanais no segundo semestre para complementar a carga horária semanal. No segundo semestre letivo, havia um projeto tradicional que se chamava Semana de Educação da FAEG, esse evento era realizado anualmente. A partir de 2011, passou a se chamar Semana Acadêmica de Ensino Pesquisa e Extensão, pois o Campus XII implementou em 2006 dois cursos de bacharelado, Administração e Enfermagem. A partir de 2012, o evento passou a ser bi anual. Neste evento, Jorge Adilson ministrava o curso de Jogos e Recreação para professores das redes municipais de ensino da região de Guanambi. Entretanto, ministrar os cursos não era suficiente para complementar a carga horária de 8 horas, razão pela qual ainda desenvolvia alguns projetos em instituições de Guanambi como a APAE, Casa de acolhida dos idosos e entidades de assistência a menores.

Nesse coletivo que trabalhava na Pedagogia e diante, por exemplo, dessas insatisfações porque era uma faculdade mas não tinha uma vida de faculdade porque, primeiro era uma faculdade que se relacionava muito pouco com a comunidade, e também não tinha uma configuração de Universidade, pesquisas e tal, a gente tinha a extensão por meio dessa Semana de Educação que fazia parceria com as prefeituras do entorno de Guanambi, que vinham, que participavam, era uma coisa boa para eles, mas terminada a Semana de Educação não tinham grupos assim permanentes que pudessem pensar, produzir. Àquela época também, a formação da gente era uma formação incipiente, né? Para trabalhar com pesquisa, a maioria dos professores, eu entrei só com a minha graduação depois fui fazer uma especialização. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em fevereiro de 2020).

Para suprir essa lacuna na formação dos estudantes, bem como a falta de aproximação da faculdade com a comunidade, esses cursos de extensão eram essenciais, pois era a oportunidade de interagir diretamente com a comunidade. Os cursos variavam desde à recreação, passando pelo esporte e a ginástica. O vínculo como professor substituto durou até 1994, quando Jorge Adilson submeteu-se ao concurso público para professor efetivo.

Em 94 teve o concurso, e aí eu submeti ao concurso e passei em primeiro lugar, foi mais disputado, foi em Salvador, foram mais de 20 pessoas e tal, foi uma coisa mais concorrida, não ficou só no âmbito local, tiveram pessoas até de fora, me lembro que tinha um rapaz do Rio de Janeiro, tinha mestrado e tudo, enfim. Já concursado, mas a gente ainda em estágio probatório, né? Estágio probatório, mais uma ameaça, se você não fizer a coisa do lá do jeito que tem que ser, você pode... então, a gente era contratado, depois passou a ser concursado, mas em estágio probatório, assim não só eu como os outros professores, a gente não respirava muito ares de liberdade naquela faculdade, sabe? Quando veio essa lei, que se eu não me engano é a 7176, depois você pode pesquisar que foi a que reformulou, configurou, reorganizou a universidade em departamentos, também veio a prerrogativa da democrática né... Porque antes os diretores eram indicados pelo Reitor...então lá você tinha uma diretora e tinha uma coordenadora de colegiado que era 'ad eterno', entendeu? A primeira diretora de Guanambi ficou por 10 anos no cargo, somando os pró-tempore, depois ela se candidatou e foi eleita, por dois mandatos, um concorreu comigo e o outro ela, eu não concorri, ela concorreu sozinha. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em Fevereiro de 2020).

Após lograr aprovação no concurso público, o vínculo como professor efetivo faz surgir um novo perfil de docente em Jorge Adilson.

Mas, assim, porque eu estou falando isso, porque é essa situação, tem muito a ver com a criação do curso de Educação Física, eu arriscaria dizer que o curso de Educação Física saiu em função desta disputa política, né? Assim, no sentido da disputa de poder dentro do departamento, a gente por exemplo, que era um grupo opositor, vamos dizer assim, com essa possibilidade da eleição, o grupo se oxigenou e partiu para a disputa, né? Para disputa da hegemonia naquele departamento. Embora a lei tivesse sido aprovada, os diretores ainda permaneceram pró-tempore até a convocação da primeira eleição que foi, se eu não me engano, em 97. Em 1997, teve a primeira eleição da UNEB, né? Pelo menos nos departamentos, então a gente se animou. E aí, tínhamos um grupo que era inclusive a maioria dos professores que ensinavam contrariamente à gestão, porque a gestão era muito centralizadora antidemocrático e tal, e a gente queria pensar numa universidade diferente, né? Uma Universidade, a gente vivia todo aquele momento, né, de reabertura política do nosso país, uma produção cada vez maior na área de educação e também na área de Educação Física, clamando por democracia, pela revisão paradigmática, né, dos métodos educacionais, da pedagogia. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em Fevereiro de 2020).

Em um contexto mais amplo, a proposta de criar um novo curso vem por sugestão de professores do Campus XII. A princípio, a ideia era bastante inusitada e audaciosa, pois o ambiente acadêmico e político na instituição não estava propício para um novo curso, esse foi um dos motivos pelo qual a ideia gerou desconfiança e descrença entre alguns professores da faculdade. No período de início das discussões sobre o novo curso, o ambiente acadêmico comportava discussões relevantes no campo da formação e da educação de um modo geral.

Após a reestruturação das universidades públicas da Bahia, por meio do decreto 7176/97, o agora Departamento de Educação – Campus XII, atento às demandas da região busca ampliar a oferta de seus cursos e, além do curso de Pedagogia reconhecido pelo Decreto Estadual nº 12.953 publicado no D.O.E. de 18 e 19.06.2011, implantou o curso de Educação Física – Licenciatura em 1999, o qual foi reconhecido em 15.06.2006, por meio do Decreto Estadual nº 10.031, o curso de Enfermagem – Bacharelado implantado em 2005 e reconhecido em 02.10.2013 pelo decreto Estadual nº 14.759, e o curso de Administração – Bacharelado implantado também em 2005 e reconhecido por meio do decreto estadual nº. 14.781 publicado no D.O.E de 31.10.2013 (UNEB, 2015).

O Campus XII também diversificou a quantidade de seus cursos por meio da implantação de cursos de oferta temporária na modalidade de programas especiais como: a Rede UNEB 2000 em convênio com prefeituras municipais, o Programa de Formação de Professores em Exercício na Rede Estadual de Ensino (PROESP) e o PARFOR/Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, que graduam professores em exercício na rede pública, com isso a Universidade se faz presente em diversas cidades da região (UNEB, 2015).

Nesse ínterim, uma das reivindicações da comunidade era a ampliação da oferta de cursos de graduação, pois, até então, só existia o curso de Pedagogia. Nesse contexto, a ideia do curso de Educação Física ganha força. Como citado pelo Professor Jorge Adilson, após uma pesquisa feita na comunidade, o curso ficou nas primeiras colocações, sendo indicado, então, para ter a elaboração do seu projeto de autorização. Após a apreciação nas instâncias superiores da Universidade, houve a sua aprovação no final de 1998 e implantação em 1999 (UNEB, 2015).

Diante das circunstâncias da época, o curso de Licenciatura em Educação Física da UNEB – Campus XII começa a ganhar forma. Nesse contexto, o Professor Jorge Adilson, em diálogo com o grupo de professores e professoras, disponibiliza seu nome para ser candidato a diretor do departamento, o novo curso é uma das plataformas de campanha, e assim a candidatura surge em meio a conflitos internos no departamento.

Só tinha eu, só tinha um professor de Educação Física no Departamento, não existia outro professor. Então, impulsionado por essa, por esse desejo, né, e por essa ânsia por democracia e também por potencializar a universidade, dentro do contexto que a gente vivia, por exemplo, só tinha um curso. Então, qual era o clamor naquela época? E era uma das nossas bandeiras, que era a ampliação da oferta de cursos de graduação, melhorar a pesquisa, fortalecer e criar grupos de pesquisa, enfim, a própria revista que hoje nós temos lá, essa revista, enfim, tudo isso foi na época, plataforma de campanha, ampliar as relações com a comunidade, democratizar aquele espaço, né, e fortalecer a ação enquanto universidade. E aí, quem foi escolhido para representar o grupo? Eu, eu era uma pessoa assim, que tinha trânsito junto a todos, nós tínhamos também outras companheiras inclusive, Professora Heldina,²⁸ que na época dessa eleição, ela era uma pessoa combativa, tinha Débora Feitosa,²⁹ que inclusive a gente meio que disputou, na verdade eu lançado nisso, né, porque não era assim um desejo meu, sabe? Mas eu penso que na época era um desejo de Débora, inclusive a gente teve que puxá-la. Mas assim, o fato é que nós fomos para essa eleição, Marlon. Assim, eu nunca sofri tanto em minha vida, sabe, em um negócio daquele, porque eu era de Caetité, né, que era uma outra coisa, barreira, Guanambi x Caetité, essa rivalidade, e isso é um ponto desfavorável para mim, né, porque o pessoal de Guanambi rivalizava com Caetité. Eleição assim de fazer essas paródias, essas coisas todas, foi um reboiço nesse departamento, no final das contas, eu perdi a eleição, mas, por exemplo, tive a felicidade na época de vencer entre os estudantes com a margem assim altíssima, os estudantes da Pedagogia, eu tava concorrendo com uma pedagoga, que era a Professora Maria Elvira³⁰ e ganhei no segmento de professor, mas perdi nos técnicos, na verdade não tive nenhum voto. O que definiu na verdade eleição foi o segmento dos técnicos, que era 33,3%, então a Professora teve todos os votos dos funcionários que, eram três funcionários, geralmente os funcionários têm uma tendência de votar, até por questão de segurança, tal naquela época mais ainda que era o primeiro pleito. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em fevereiro de 2020).

Após a derrota na eleição, o professor manteve a ideia de criar o curso. Desta forma, a alusão de criação de um novo curso no Departamento gerou um paradoxo conflitante, pois à medida que o contexto educacional proporcionava um debate educacional com viés progressista e democrático, a ainda Faculdade de Educação de Guanambi tinha um modelo de gestão centralizador e antidemocrático. Conforme a fala do Professor Jorge Adilson, essa situação despertou a resistência de professores mais alinhados a uma formação crítica e democrática e que, na época, exigiam relações mais humanas dentro do corpo docente. Além

²⁸ Professora Heldina Pereira Pinto Fagundes é professora titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), foi docente do Departamento de Educação, Campus XII da UNEB. Uma das primeiras professoras do departamento, hoje Heldina está lotada no Departamento de Educação do Campus I, em Salvador.

²⁹ Professora Débora Alves Feitosa atualmente é professora associada II da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Foi docente do Campus XII da UNEB de 1995 até 2010.

³⁰ Professora Maria Elvira Nogueira Laranjeira Sclaro atualmente é professora aposentada da Universidade do Estado da Bahia. Professora fundadora da Faculdade de Educação de Guanambi e ocupou o cargo de diretora entre os anos de 1992 até 2002.

disso, reafirmou-se a luta por um novo modelo de universidade baseado nas necessidades da comunidade regional.

Historicamente, com a inserção da Educação Física nas escolas como atividade curricular, surge a necessidade de formação dos profissionais que irão desenvolver pedagogicamente as práticas corporais nas escolas. Assim, as atribuições do professor de Educação Física demonstram com clareza a relevância das suas funções no meio educacional. A implementação do curso de Licenciatura em Educação Física da UNEB surge em um contexto de ampliação dos cursos de Educação Física no estado da Bahia. Em uma perspectiva mais ampla, a implantação de um curso superior de Educação Física na Bahia aconteceu no início da década de 1970. Segundo Pires (2007), o primeiro curso de Educação Física do estado foi implementado em 1973 na Universidade Católica de Salvador, que surge sob forte influência dos professores que foram cursar Educação Física na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD).

É importante ainda ressaltar que os idealizadores e articuladores para a criação do primeiro curso de Educação Física na Bahia eram hegemonicamente profissionais com formação oriunda da ENEFD. Destaca-se neste elenco, os professores Alcyr Ferraro, Neuton Miranda, Fernando Chagas e George Ochoama, este último estudou na Escola de Educação Física do Exército, e que desde que retornaram à Bahia teve como principal meta à criação de uma Escola Superior de Educação Física na Bahia, a fim de qualificar, cerca de 95% de profissionais leigos que haviam no Estado. Tal escola seria a da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). (PIRES, 2007, p. 68).

A fundação do curso da UCSal acontece após algumas tentativas frustradas de implementação de cursos de Educação Física no estado da Bahia. Com o Decreto Lei nº 12.362, de 1º de julho de 1942, e posteriormente publicado no Diário Oficial do Estado em 2 de julho de 1942, o governo do estado da Bahia publicou as ações necessárias para implantação e funcionamento de uma Escola Superior de Educação Física. Segundo Ferraro (1991), essa foi uma das primeiras iniciativas em favor da implantação de uma Escola Superior de Educação Física na Bahia. Essa ação foi na administração de Landolfo Alves de Almeida, Interventor do Estado da Bahia (1938-1942), que teve como secretário de Educação e Saúde seu irmão e educador Isaias Alves de Almeida, um dos mais influentes incentivadores da época.

Ainda segundo Pires (2007), o decreto mencionado no parágrafo anterior tinha as informações necessárias para que a escola de Educação Física da Bahia iniciasse suas atividades. Criavam-se, ainda, pelo mesmo decreto, os cursos Superior e Normal de Educação Física, bem como os cursos de Técnica Desportiva e de Medicina da Educação Física e dos

Desportos. No entanto, as medidas estabelecidas no decreto não foram executadas, e a implementação de um curso de formação em Educação Física na Bahia foi adiada para outro período.

Uma das ações efetivas para implantação do primeiro curso de Educação Física da Bahia foi a criação do Departamento de Educação Física, Recreação e Esportes (DEFEBEA). Instituído em 1962, por força da Lei Estadual nº 1.838, tratava-se da organização que se encarregaria das atividades recreativas e esportivas do estado. No entanto, a referida organização ainda não tinha condições de planejar, monitorar e difundir a Educação Física na Bahia. Pires (2007) nos apresenta que o DEFEBEA representou a possibilidade de se estabelecer um Curso Superior de Educação Física na Bahia, esta foi a primeira iniciativa concreta para a concretização de tal objetivo.

A formação de um departamento subordinado à Secretaria de Educação e Cultura, incorporando órgãos que antes pertenciam a outros da estrutura governamental, como a Superintendência de Educação Física e as Praças de Esportes (Estádio Otávio Mangabeira – Fonte Nova, Ginásio Antônio Balbino), demonstrava-se favorável para a criação de um curso de Educação Física na Bahia (FERRARO, 1991). Contudo, mesmo com essas condições favoráveis, sua abertura não aconteceu nesse período em função de uma reforma constitucional no estado da Bahia. A reforma afetou diretamente a Secretaria de Educação e Cultura, no período responsável pela construção e implantação da Escola de Educação Física da Bahia. Na ocasião, o governo estadual revisou o decreto bem como as demais ações administrativas que previam a criação da escola. Desta forma, apesar de ter um profundo conhecimento da necessidade de formação profissional e acadêmica na área, o objetivo de estabelecer uma Escola Superior de Educação Física estatal permaneceu por se cumprir (FERRARO, 1991).

Após um hiato de inércia nas iniciativas de estabelecer o curso de Educação Física, o estado da Bahia funda o primeiro curso na Universidade Católica de Salvador, em 1973.

Em alguns estados os cursos surgiram logo após o da ENEFD. Em outros, como a Bahia, os cursos demoraram mais para serem fundados. Nesta localidade foi só em 1973 que se instalou um curso de Educação Física, o da Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Assim, até esta data, qualquer pessoa interessada em cursar a área era obrigada a ir para outro lugar. [...] Durante muito tempo o curso da UCSAL foi o único do estado, já que o da Universidade Federal da Bahia só surgiu em 1988. Até 1973, os baianos que buscavam cursar Educação Física eram obrigados a sair de suas terras, indo na maioria das vezes para o Rio de Janeiro, para a ENEFD, a “escola padrão” (PIRES, *et al.* 2013, p.5).

O currículo foi orientado pela resolução do Conselho Federal de Educação n. 69/69. De acordo com essa resolução, foi estabelecido o currículo mínimo para a formação de professores. Como resultado, na Bahia, a formação no primeiro curso tinha a duração de três anos. Necessário frisar que a Universidade Católica de Salvador teve desafios com a implantação e continuidade do curso, uma vez que sua estrutura física era inadequada para o exercício profissional necessário ao seu desenvolvimento. Com isso, foi imprescindível estabelecer parcerias e convênios com outras instituições para que se pudesse iniciar e continuar o curso (FERRARO 1991).

As matérias pedagógicas eram dadas na faculdade de Educação e no Convento da Lapa, as médicas na Escola de Medicina e Saúde Pública, e as matérias profissionalizantes da Educação Física eram ministradas pelo Departamento de Educação Física da Universidade Católica do Salvador, na Vila Olímpica da Bahia, graças ao convênio entre o governo do estado e a UCSAL. (FERRARO, 1991, p. 79).

A grade curricular do curso da UCSal, em sua implementação, foi dividida em 36 disciplinas – que abrangem uma ampla gama de temas. Como resultado, podemos ver que as disciplinas Filosofia, Estudos dos Problemas Brasileiros, Teologia, Português e Língua Instrumental fazem parte das humanidades. Podemos verificar as disciplinas da prática docente, Metodologia, Organização da Educação Física e Esportes, Didática, Estrutura e Função da Primeira e Segunda Séries, e Psicologia da Educação, Aprendizagem ou Desenvolvimento a partir do acervo de conhecimentos pedagógicos (FERRARO, 1991).

O curso de Educação Física da UCSal mantém-se como o único curso da Bahia pelo período de quase 15 anos. Em 1987, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) implementa o curso de licenciatura em Educação Física. Segundo Pires (2006), o projeto aprovado para a implantação do curso pela Universidade Federal da Bahia apresentava uma lacuna entre a fundamentação teórica que o orientava e as disciplinas escolhidas para a formação docente. O curso foi implantado e iniciou suas atividades sob os auspícios da Resolução 69/69 do Conselho Federal de Educação. Em razão de uma nova proposta curricular lançada em 1987, Resolução 03/87, que deu às instituições de ensino maior autonomia e flexibilidade na estruturação dos cursos de Educação Física, o primeiro curso público da Bahia para formação de professores de Educação Física teve seu currículo ajustado em seu segundo ano de funcionamento.

A partir de então, os saberes anteriormente divididos entre as matérias básicas e profissionalizantes – biológica, gímnico – desportiva e pedagógica, mudam

a sua configuração, apresentando outros fundamentos da distribuição dos saberes na estrutura curricular, qual seja: formação geral – humanística e técnica e aprofundamento de conhecimentos. Dentro da perspectiva humanística estavam contemplados os seguintes conhecimentos: filosófico, do ser humano e da sociedade. (PIRES, 2007, p. 90).

Pires (2007) registra a relevância que os primeiros cursos de Educação Física da Bahia tiveram para a expansão dos cursos de formação em nível superior no interior do estado. Desse modo, em 1989, a Faculdade Montenegro, localizada no município de Ibicaraí, instituição privada de Ensino Superior, buscou nas referências curriculares da UCSal e da UFBA as bases para a implantação do primeiro curso de Educação Física no interior do estado da Bahia.

Diante deste cenário de expansão, a década de 1990 foi um marco importante na proposta de interiorização dos cursos de Educação Física na Bahia. Após a criação do curso na Faculdade Montenegro em Ibicaraí, a expansão para o interior fica a cargo das universidades públicas estaduais. Em 1997, o interior do estado viu o surgimento da Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no município de Jequié, que foi o primeiro curso superior público do interior do estado para formação de professores de Educação Física. Segundo Pires (2007), era um curso que tomava como modelos a UFBA e a Universidade Católica de Salvador, pois, como instituição de Ensino Superior, tinha autonomia para estruturar o curso de acordo com a flexibilidade prevista no currículo de 1987, proposto pelo Conselho Federal de Educação. Ampliando a proposta de interiorização dos cursos, ainda em 1997 a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) inaugura a Licenciatura em Educação Física em sua instituição.

É neste panorama de discussão e ampliação de cursos na Bahia que a proposta de formação do curso de Licenciatura em Educação Física da UNEB – Camus XII se insere, a relevância acadêmico-científica se constitui na construção de bases teóricas comprometidas com a resposta à demanda social apresentada na pesquisa realizada na comunidade guanambiense e cidades circunvizinhas.

Desta forma, o curso de Educação Física da UNEB – Campus XII traz desde a sua implantação uma proposta comprometida com as demandas sociais inerentes ao contexto local e regional e tem como base para a sua atuação o processo da docência como forma de possibilitar ganhos significativos nos aspectos sociais, políticos, culturais e biológicos, age diretamente na população atendida, facilitando o processo de desenvolvimento social da região, que contempla inúmeras diferenças socioeconômicas (UNEB, 2015).

Ao propor essa discussão sobre os conflitos provocados pelas disputas e tensões durante

o processo de implementação do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia – Campus XII, busca-se a possibilidade de compreender esse processo de implantação entre as memórias apresentadas pelo seu fundador e o processo político da instituição na época.

Em 97, depois da eleição, terminou a eleição, eu dei graças a Deus não ter vencido, porque não saberia como ser gestor e conduzir aquilo, mas foi uma experiência importante, e essa experiência também foi mais importante ainda, porque foi nesse contexto que nós lançamos a ideia do curso de Educação Física, nós tínhamos essa plataforma de ampliação da oferta de cursos de graduação que depois foi reproduzida também pela diretora. Ela na época pleiteava um curso de Enfermagem e nós pleiteávamos um curso de Educação Física, mas nós tínhamos que fazer uma consulta aberta à comunidade, para a comunidade sinalizar quais eram os cursos. E aí a gente tem que fazer campanha mesmo, eu era professor da escola agrotécnica na época, e eu fiz uma campanha na escola agrotécnica com meus alunos de Educação Física, inclusive muitos deles vieram a ser alunos de Educação Física, tipo Marcão³¹, me ajudou muito, votação maciça. Na hora que saiu o resultado, o pessoal: "Ué! Educação Física?", nós ganhamos por conta dessa militância toda, nós ganhamos a pesquisa, perdemos a eleição, mas tínhamos assegurado o curso, entendeu? E também a ideia de um curso novo era também para romper um pouco com essa hegemonia, não da Pedagogia, mas dá ideia sim de ser um pedagogo sempre a ser um diretor, ou seja, os alunos têm uma tendência de votar corporativamente com o profissional que eles se identificam mais, né? Então, nós primeiramente, né, vencidas primeiro processo, que foi essa consulta pública, e aprovado em reunião de departamento, aquela época não tinha plenária departamental, era reunião de departamento mesmo, foi aprovado essa proposta do curso Educação Física, e aí o próximo passo era a contratação de um consultor para elaborar o currículo. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em Fevereiro de 2020).

Após a pesquisa na comunidade, e aprovação no âmbito departamental, foi elaborado o projeto de implementação do curso.

A elaboração do projeto do curso na verdade... e na época o Professor Fernando Reis, ele tinha de acabado de concluir o mestrado na PUC, São Paulo, Professora Heldina, que era colega nossa, também fazia na PUC, mas na verdade a relação que eu tinha com o Professor Fernando³² eu já tinha há muito tempo, que Fernando foi professor de Educação Física aqui de Caetitê da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ele foi o primeiro professor aqui, e eu conheci Fernando na época que eu ainda fazia Educação Física, sabe? Encontrei ele muitas vezes aqui em Caetitê, e a gente conversava,

³¹ Estudante da primeira turma do curso de Educação Física da UNEB – Campus XII.

³² Professor Fernando Reis do Espírito Santo, ou Fernando Boca (seu apelido), foi Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação-CORPO/CnPq/UFBA e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer-NEPEEL/CnPq/UESB. Ele tem experiência na área de Educação, com ênfase em Políticas Públicas de Reformas Educacionais e Curriculares, Educação Física, Educação, Formação Profissional. Informações coletadas do Currículo Lattes do professor <http://lattes.cnpq.br/7790891787310902>.

ou seja, até hoje eu tenho uma amizade muito forte com ele em virtude desses vínculos, pessoas que ele conhece e que também são amigos meus, enfim... E não só por isso, pela questão da Amizade, mas também, pela capacidade dele porque na época ele era uma referência, né, em currículo, porque o Mestrado dele foi nessa área, na PUC você tinha assim, professores especialistas nessa área de currículo... e ele já havia feito o currículo da UESB, que foi o primeiro curso público do interior da Bahia, ele tinha feito da UESC, só que o da UESC ficou parado, e aí eu... nós contratamos ele para fazer o da UNEB, inclusive a contragosto, porque foi uma outra batalha que nós enfrentamos, porque por exemplo, os departamentos, eles tinham autonomia para criar seus próprios cursos, mas dentro da própria UNEB, tinha uma outra articulação que foi criada por Cesar Leiro³³ que era um grupo da Educação Física, uma articulação que eu acho que ainda tem até hoje, não sei como anda isso, mas assim, César não queria que o curso de Educação Física de Guanambi fosse criado, e ele articulou até o final para que isso não acontecesse junto à Pró-reitora da época. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em Fevereiro de 2020).

A Universidade do Estado da Bahia, instituição multicampi, tem a sua administração central em Salvador (capital do estado), assim o próximo fórum de discussão e embates em torno da implantação do curso aconteceu no âmbito do Campus sede da administração central. Após vencidas as batalhas em Guanambi, a próxima correlação de forças para a criação do curso passa a ser no âmbito da UNEB no Campus I. Todavia, não necessariamente, a resistência partiu da administração central, mas de um grupo de professores que criou barreiras para a implementação do curso. Porém, essa articulação não obteve êxito, a administração central da universidade aprovou a criação do curso – após a apreciação nas instâncias superiores da Universidade, teve a sua aprovação no final de 1998 e implantação em 1999.

Mas eu me lembro de eu ter, assim, ido até a UNEB³⁴, conversar com a Pró-reitora, porque eles criaram uma situação que tinha que consultar esse grupo da Educação Física para saber onde que seria o curso, ou seja, tava falando do primeiro curso de Educação Física da UNEB, esse grupo era centralizado no Campus I, embora ele fosse professor de Alagoinhas. Mas ele fez força contrária, ele tinha uma certa influência com a Pró-reitora, sabe, mas aí nós batemos firme e lançamos mão da Autonomia Departamental, não queríamos nem saber o que esse grupo ia pensar ou deixar de pensar, aí nós fechamos, na época também existia assim alguma resistência em César e Fernando, tinha assim, muito reservadamente, vaidade no meio e tal, né, então nós enfrentamos essa batalha também lá junto à própria UNEB para criar uma resistência, né, latente, meio que mascarada ali por dentro, mas que eu saquei, que eu percebi. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em fevereiro de 2020).

³³ Professor Pleno da Universidade do Estado da Bahia e Professor Titular da Universidade Federal da Bahia. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídia/memória, Educação e Lazer (MEL) da UFBA e na UNEB, é líder do Grupo de Estudos em Formação do Educador, Comunicação e Memória (FECOM). Informações coletadas do Currículo Lattes do professor <http://lattes.cnpq.br/5271359090827105>.

³⁴ Aqui o Professor Jorge Adilson faz referência ao Campus I, em Salvador, sede da administração central da universidade.

Diante dessa realidade de correlação de forças, a proposta de implementação do curso é aprovada, o currículo é elaborado com base nas diretrizes curriculares para a formação em Educação Física vigente na época, a Resolução 03/87. O curso de Licenciatura em Educação Física teve como objetivo, no seu projeto inicial, formar o profissional capaz de contribuir, efetivamente, para a melhoria das condições em que se desenvolvem a Educação e a Educação Física e, conseqüentemente, comprometido com um projeto de transformação social (UNEB, 2015). Assim, o curso de Licenciatura em Educação Física da UNEB – Campus XII teve sua origem propícia numa conjuntura histórico-política favorável para cumprir seu objetivo supracitado. Porém, para manter sua proposta inicial, é necessário que suas demandas de formação estejam alinhadas às teorias críticas da área de Educação, desta forma pode-se interferir efetivamente no processo.

A Universidade, em especial a Universidade Pública, instituição social comprometida com o avanço da sociedade, tem o objetivo de produzir e difundir o conhecimento, pois a produção e difusão destes conhecimentos são formas de estruturar um determinado modelo de sociedade. A Educação Superior, responsável direta pela formação de professores, integra um projeto de sociedade, e como tal, reflete o conjunto de contradições que envolvem o contexto social. Desta forma, a Universidade Pública busca encontrar o seu papel na definição de uma sociedade igualitária em tempos de redefinição de perspectivas. Assim, a formação em Educação Física, acompanhando esse ritmo acelerado de mudanças sociais, insere-se em um aspecto próprio. Sua especificidade contempla duas grandes áreas do conhecimento, as Ciências Humanas e Ciências da Saúde. Na eminência de contemplar a formação na totalidade, aproximando o licenciando das duas grandes áreas, o curso de Licenciatura em Educação Física da UNEB – Campus XII trata das diferentes perspectivas de atuação em Educação Física.

Nós aprovamos o curso em 98, o primeiro ano do curso em 1999, nesse primeiro ano 1999, o curso fica atrelado ao Colegiado de Pedagogia, porque, embora o curso tivesse sido criado, mas o trâmite dentro da UNEB não era dessa forma, né? Criou o curso já, você tem a estrutura, cargos, etc. então nós não tínhamos coordenador, e aí é uma situação pior para mim, né, porque eu era o idealizador, a pessoa que correu atrás e tal e implantamos, mas em uma gestão que era contrária a gente. Então eu me lembro, você deve lembrar de Aílton Cotrin³⁵, hoje é professor da UFAL em Arapiraca, Aílton uma vez me chamou: “Jorge, olha, tem que resolver a situação do curso e tal”. Procuramos a diretora, mas a diretora falou que esse curso não é dela, que esse curso é de Jorge, que pudesse me procurar para resolver as coisas. O curso foi criado,

³⁵ Professor Ailton Cotrim Prates, egresso da primeira turma do curso de Educação Física da UNEB, é professor Assistente da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Curso Licenciatura em Educação Física. <http://lattes.cnpq.br/4265826018333960>.

mas não havia assim esforço, ao contrário, era um curso que havia uma rejeição, né, porque ele simbolizava, soava como se fosse assim, um crescimento político da gente, da oposição, então a gente era rechaçado mesmo, sabe? Todas as dificuldades para o curso Educação Física, para você ter uma ideia, na época eu não era coordenador de colegiado, eu tentando tencionar a diretora assim com muito cuidado porque, sabe, era difícil aquela época para gente, no sentido dela buscar melhorias para o curso. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em fevereiro de 2020).

Mesmo após a criação e implementação, a correlação de forças em função das concepções políticas ainda determinava algumas ações no curso. A diretora do departamento na época era a Professora Maria Elvira Scolaro Laranjeira. A primeira turma do curso de Educação Física, do agora Campus XII da UNEB, iniciou suas atividades letivas no primeiro semestre de 1999. Como idealizador e responsável pela organização inicial para a elaboração do projeto, o Professor Jorge Adilson acumula algumas funções no curso. Como, naquele período, só tinha Jorge com formação em Educação Física no departamento, sobretudo nos dois primeiros anos, o Professor lecionava um grande número de disciplinas, entre elas: História da Educação Física e do Desporto, Metodologia do Ensino dos Esportes, Estudos do Lazer, Metodologia do Ensino das Atividades Aquáticas, Ginástica de Academia etc. O fato de ter acumulado experiências em diversas áreas de atuação profissional da área facilitou a atuação do Professor em distintos componentes curriculares.

Aí, assim, o primeiro ano só foi eu, eu era pau para toda obra, tinha que dar aulas de várias disciplinas, eu acho que atuei, não em todas, mas em muitas disciplinas do departamento. Em 2000, no segundo ano, já como coordenador, houve um concurso, e aí foram aprovados o Professor Osaná e o Professor Cláudio Lira, foram os dois que foram aprovados nesse concurso. E aí depois houve seleção pública, mais à frente, talvez no terceiro ano, houve seleção que vem Marcius, veio Tião, Sales. Sales na verdade a gente conseguiu uma vaga, mas eram só dois professores, aí eu consegui lá uma vaga para professor visitante, que é uma coisa que nem se enquadrava, mas a gente conseguiu contratar, aí ficou nesse caso ficou eu, Osaná, Lira, Marcius, Tião e Sales. E depois foram vindo os outros professores, e esses professores também se efetivaram depois, e foram vindo outros professores. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em fevereiro de 2020).

Ao passar do tempo, o curso foi se estruturando e busca oferecer uma sólida formação teórica e prática que favorecesse a reflexão contextualizada sobre os principais problemas da Educação Física, e desperte possibilidades para a atuação de cada profissional em seu campo de trabalho, favorecendo a compreensão das interfaces da profissão com as demais áreas do conhecimento humano e a atuação de forma contextualizada e interdisciplinar. O curso, em

suas primeiras turmas, apresenta propriedades de formação com caráter generalista, possibilita aprofundar conhecimentos no campo da educação, saúde, esporte e lazer, em que se objetiva formar o profissional apto para fazer a mediação entre as teorias educacionais e as questões ligadas à formulação de políticas públicas na área, à direção e à coordenação do trabalho nos múltiplos espaços de atuação, dispondo também das habilidades de investigador (UNEB, 2015).

Sobre a formação ampliada, de caráter generalista, Lacerda (2014) pondera que a formação de professores de Educação Física na perspectiva da formação ampliada deve estar assentada na concepção crítica de educação, alinhada a uma determinada teoria do conhecimento; na psicologia histórico cultural como teoria do desenvolvimento humano, na pedagogia histórico-crítica como teoria educacional, e na metodologia crítico-superadora. Portanto, a formação profissional em Educação Física, amparada nos pressupostos da formação ampliada, apresenta-se como um fenômeno histórico, resultante das relações sociais, políticas e pedagógicas que culminam na organização e no desenvolvimento dos saberes vinculados à formação integral do ser humano (TAFFAREL; SANTOS JÚNIOR, 2010).

Contudo, no ano de 2003, por força das diretrizes curriculares emanadas pelo Conselho Nacional de Educação, sobretudo referentes aos cursos de formação de professores, a UNEB iniciou um processo de reconceptualização curricular, no qual todos os cursos de Licenciatura da universidade foram reformulados, originando novas matrizes curriculares. Assim, no curso de Educação Física, o currículo anterior entrou em um processo gradativo de extinção, e um novo currículo passou a vigorar a partir do semestre letivo 2004.1. Nesse contexto, o Curso de Licenciatura em Educação Física assumiu uma nova configuração na sua organização curricular, aprovada por meio da Resolução do CONSU (Conselho Superior Universitário – UNEB) nº 268/2004, com uma carga horária total de 3.365 horas (UNEB, 2015).

Desta forma, entende-se que a educação, como processo formativo, não pode estar dissociada de um objetivo fundamental, que priorize a capacidade de integrar os saberes para a construção de uma educação cidadã e que tenha compromisso social. Segundo Nóvoa (1992), a formação do professor, entre eles o de Educação Física, não se desenvolve por meio do acúmulo de conhecimentos em momentos pontuais, desenvolve em um processo contínuo por meio da atuação e aplicação reflexiva dos saberes absorvidos na formação inicial. O professor em formação, todavia, estabelece-se como um profissional da educação a partir do momento em que conhece efetivamente o seu futuro local de atuação, assim, passa a ser o protagonista do seu trabalho pedagógico.

O Curso de Licenciatura em Educação Física da UNEB – Campus XII foi reconhecido

pelo Conselho Estadual de Educação (CEE), por meio do Decreto Estadual nº 10.031 publicado no D.O.E. de 15 de junho de 2006 (UNEB, 2015).

Uma coisa que eu deixei de contar também é que para criar o curso e para também fortalecer essa ideia, na Pedagogia eu fiz três encontros, que eram os ENPEFES, eram encontros regionais de professor de Educação Física, eu fazia dentro da Semana de Educação, aí eu trazia todos os professores leigos e formados para participar desse encontro, eu queria criar um ambiente de discussão sobre a Educação Física. O cara falava assim: “Criar um curso de Educação Física em Guanambi? Que cargas d'água é essa?”, porque naquela época o povo só enxergava Salvador, aí eu queria criar assim uma mobilização dentro do departamento, uma discussão sobre a Educação Física, para dar o suporte para a ideia. Foram três ENPEFES que nós fizemos, que tiveram a participação dos professores de Educação Física. Aí sim, na época que nós fomos fazer o projeto, nós precisamos fazer essa pesquisa, e eram muito pouco, sabe? Na época, por exemplo, em Guanambi, nós tínhamos Lourival, para você ter uma ideia, eu fiz a pesquisa em 3 DIREC's, a de Brumado, Caetitê e Guanambi. Nessas 3 DIREC's, reunia uma média de quase que 200 mil alunos, envolvendo todas as cidades pertencentes a essas DIREC's, nós tínhamos cerca de 8 professores de Educação Física, aqui em Caetitê tinha eu e uma professora aqui da faculdade, Conceição, que era professora aqui da faculdade, uma professora antiga lá. Tínhamos professor Genival lá em Brumado, tínhamos três professores em Guanambi, que era Mariângela, Lourival e Diana Boa Sorte, ela até trabalhava na Direc, me ajudou em alguns desses encontros do ENPEF, ela é uma pessoa que pode dar referência sobre esses encontros. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em fevereiro de 2020).

Após o reconhecimento, a abrangência do curso contempla os municípios da microrregião de Guanambi. Um estudo preliminar, realizado pelo colegiado do curso de Educação Física no ano de 2015, identificou a presença de egressos em todas as 18 cidades do Sertão Produtivo. O espaço de atuação é, majoritariamente, o não escolar. Há cidades inclusive que não têm egressos atuando nas escolas. Nessa articulação entre universidade e comunidade, teoria e prática, o perfil do egresso do curso, em seu período de implementação, contempla a inserção dos egressos em espaços escolares e não escolares. O Curso de Licenciatura em Educação Física aqui debatido configura-se com uma larga abrangência de possibilidades de atuação profissional. A formação sólida e generalista proporcionada, fundamentada no rigor científico e filosófico e nos saberes multidisciplinares, associada às demandas na área de Saúde, Esporte, Lazer e Educação, possibilita a atuação do profissional em diversos locais, como: escolas, clubes, associações, clínicas e demais instituições que permitam o desenvolvimento de atividades relacionadas à Educação, Saúde, Lazer e Esporte (UNEB, 2015).

No quarto ano de desenvolvimento do curso, o Professor Jorge Adilson foi eleito Diretor do Departamento de Educação do Campus XII e se afastou por cerca de quatro anos das

atividades de sala de aula (2002 a 2006). Ele deu continuidade a esse afastamento por mais quatro anos, quando atuou como diretor da DIREC – Diretoria Regional de Educação de Caetité (2007 a 2011). Portanto, o relato oral que expôs as memórias sobre o processo de criação do curso ajuda a compreender os procedimentos que permeiam a vida das pessoas, das comunidades, das coletividades, permitindo desvelar a complexidade que marca a vida cotidiana e as contradições inerentes às relações de poder incorporadas aos processos sociais vigentes.

Do ponto de vista pedagógico, da influência, assim como eu falei, né, da formação na Católica, que era uma formação conservadora, mas que você tinha a inserção de professores ali que davam uma base crítica ali para a gente mesmo tendo uma estrutura curricular conservadora, a nossa era uma estrutura curricular mais crítica, progressista, porque aproveitou todo esse movimento. Mas, mesmo assim, eu falo um pouco disso no mestrado, né, que não é, não dá para você garantir, o currículo prescrito e o currículo vivido é diferente. Você que estudou sabe que não é assim, mas eu acho que no geral a gente pode olhar essa qualificação que você tá falando, né, no seu projeto, primeiro a qualificação no sentido estrutural. E se a gente pensar, eu acho que você pode levantar esses dados mais uma vez, né, eu penso que os limites de sua pesquisa talvez seja Guanambi. Mas quando se pensa na qualificação não é só Guanambi, eu acho que você, uma sugestão, que você pelo menos apure dados quantitativos, não qualitativos, mas dados quantitativos que te mostrem, por exemplo, a origem da formação, o lugar de formação de cada um desses professores que estão atuando na região, ou então onde esses egressos estão, que pode ser feito também, para a gente ter uma noção da quantidade de professores que existiam na época, né, para a quantidade de professores que existem hoje. Guanambi acho que deve ter dez vezes mais professores, entendeu? É o lugar que eu acho que deve ter a maior concentração de professores egressos lá do lado do campus, né? Caetité eu acho também que também tem muita gente, tem de um modo geral todas estas cidades do entorno, têm professores formados e egressos do curso de Educação Física. (JORGE ADILSON, relato oral concedido em fevereiro de 2020).

Dentre o leque de competências e habilidades, para o egresso do curso, que o currículo do curso de licenciatura em Educação Física da UNEB – Campus XII apresentou, cabe o destaque para a compreensão, análise, transmissão e aplicação dos conhecimentos da Atividade Física/Motricidade Humana/Movimento Humano e o exercício profissional em Educação Física, com competências decorrentes das relações com a pesquisa e a prática social local e regional. Isto é, o pleno domínio da natureza do conhecimento da Educação Física, das práticas essenciais de sua produção e socialização, e de competências técnico-instrumentais a partir de uma atitude crítico-reflexiva, preocupada com o modo de aquisição e controle do movimento, trabalhando fatores fisiológicos, psicológicos e socio culturais (UNEB, 2015). Portanto, o ensino na formação deve ser pensado como um processo de construção e aquisição de novos

conhecimentos. A pesquisa deve ser algo cotidiano que provoque indagações e respostas com o mesmo fim, qual seja, colaborar na construção de novos conhecimentos e no desenvolvimento da qualidade da intervenção pedagógica do futuro professor. Vale ressaltar: é necessário o professor em formação construir sua identidade pessoal para que seja refletida positivamente no âmbito profissional.

Diante do cenário social, político e econômico da época de criação do curso, observa-se que a formação profissional em Educação Física demandava medidas emergenciais no caminho que pudessem guiar o seu conhecimento sob bases biológicas, anunciando a prática profissional nas escolas e nos espaços não escolares, sob o prisma da atividade física para a promoção da saúde. Ao abordar estas questões, em que se buscava uma base científica no período em questão, Soares (2001) menciona que a Educação Física se apresentou também como atividade científica, pois as práticas sociais que se denominassem como tal ganhavam um determinado status e eram entendidas como superiores. Ainda segundo Soares (2001), a Educação Física consentiu, nas suas especificidades, aos critérios de cientificidade indicados pela abordagem de ciência hegemônica no período, o positivismo, e foi reverenciada por se apresentar desta forma. Atualmente o curso desenvolve suas ações com base nas novas diretrizes curriculares da Educação Física, o novo currículo foi implementado em 2020 e está sob a égide da Resolução 06/2018 do Conselho Nacional de Educação.

O fato de o autor da pesquisa ser egresso e professor do curso (“fui coordenador por 4 anos e 8 meses”) proporcionou a vivência de inúmeros conflitos e avanços do ponto de vista da consolidação do curso no âmbito regional. Isso ofereceu a condição de se avaliar, à luz da prática, algumas premissas teóricas defendidas por determinados pesquisadores. Outro aspecto é que foi possível ampliar o leque de possibilidades pedagógicas do curso, visando ao enriquecimento dos estudantes, ao perceber os lugares que esses egressos ocupam hoje. O diálogo que esse objetivo traça com a pesquisa está em pensar a Educação Física escolar na cidade de Guanambi como um espaço de intervenção pedagógica capaz de legitimar esse componente curricular, ou seja, analisar as práticas pretéritas nas memórias dos seus pioneiros e pioneiras e trazê-las à luz da ciência como campo de estudo para uma proposta de formação crítica e consciente do seu objetivo.

Esse é o processo que a Educação Física deve seguir, pois existem condições concretas para isso. A consciência de classe é o motor da história, e devemos internalizar esta concepção para assim externar e, enfim, moldar novas ciências, novos conceitos, direcionados para a

superação do modelo de sociedade vigente a um projeto histórico que sustente uma educação popular. No entanto, a tarefa fica no processo de construção desta utopia, e como professor de Educação Física, pautar um ensino público que seja – de fato – pensado para a classe trabalhadora.

6 CONCLUSÃO

A proposta de pesquisa visou identificar os perfis pedagógicos dos professores e professoras de Educação Física que atuaram nas escolas de Guanambi da década de 1950 até 2000, igualmente a fim de mapear as manifestações esportivas, artísticas, culturais, intelectuais e corporais que permeiam a prática pedagógica desses professores e professoras. Assim também se objetivou analisar os processos de apropriação e ressignificação dos conhecimentos que foram aproximados destes professores e professoras na sua formação, seja universitária ou não, bem como suas influências em suas ações pedagógicas.

Desta forma, o caminho da atuação docente é envolvido pela *práxis* pedagógica, influenciada pela autonomia em eleger e selecionar os conhecimentos que são alvos de sua intervenção pedagógica. Essa autonomia é compreendida como uma dimensão complexa e ampla, que ultrapassa os limites da atuação pragmática e unidimensional, supera o aspecto imediatista e amplia a perspectiva para distintos aspectos que abrangem a formação. Assim, estes aspectos precisam ser analisados sob uma ótica crítica. A análise das ações docentes foi sob a perspectiva da *práxis*, pois a teoria e a prática podem ser compreendidas como dimensões que, entrecruzadas, completam-se no exercício docente por meio da constante reflexão *na* ação e *sobre* a ação. Porém, a análise nas ações docentes compreende o contexto e a conjuntura da época, sem tecer juízo de valor sobre as propostas pedagógicas dos professores e professoras, pois o contexto histórico da Educação Física nos permite compreender as influências sociais sobre as práticas pedagógicas.

Neste estudo apreendemos as contribuições advindas das concepções teóricas da memória, formação docente e atuação em Educação Física, tomando como representação as teorizações críticas, contestando a visão de atuação profissional que enfatiza as competências e desenvolve a racionalidade técnica e utilitária da educação. Esse modelo da racionalidade técnica, o professor é entendido como um técnico que vai aplicar, a rigor no seu cotidiano, os instrumentos pedagógicos que lhe foram apresentados em seu período de formação, no entanto aplicam-se estes conhecimentos na realidade educacional, sob uma ótica reducionista e idealista, no qual o pressuposto da racionalidade técnica é procedente de uma abordagem epistemológica derivada do positivismo.

Destacam-se nos achados da pesquisa a percepção de Educação Física exposta pelos colaboradores, pois estas concepções, em alguns momentos, apresentam contradições pontuais. Destacamos então a primeira delas, a relação teórica e prática nas ações formativas.

Compreendemos que a efetivação da práxis se faz na ação docente e discente, bem como no exercício da pesquisa e do questionamento reconstrutivo preconizado em Demo (2000). Não há uma relação entre o que se faz e a reflexão da construção histórica daquilo que se faz, de acordo Vasconcelos (2003) “Não dá para pensar a construção do conhecimento fora da relação com o concreto social. Pedagógico, para ser eficaz, pede esta articulação com a concretude do sujeito e do real”, assim sabe-se que a função pedagógica da universidade cria mecanismos para o desenvolvimento desses processos sociais e políticos, o conhecimento sistematizado, organizado e elaborado está fundamentado na construção social, estabelecendo, desta forma, um processo interativo e dialógico, emergindo no espaço público como formadora de opinião e de vontade de sujeitos.

O processo de desenvolvimento da atuação docente formula-se não só como objeto de investigação em pesquisas diversas, mas também como amplo campo de elaboração de propostas, programas e projetos que a impulsionam como uma prática ativa e consciente, no intuito de aprimorar a qualidade da atuação de professores e conseqüentemente elevar os níveis reguladores da qualidade da Educação Básica. Nesse sentido, a atuação dos professores é analisada sob diversas perspectivas e exposta em propostas e modelos amparados em distintos referenciais que fundamentam ações diversas nas escolas.

A atuação docente envolve a aquisição de competências em múltiplas dimensões e exige a interação com o contexto e as novas demandas da sociedade. As reflexões a respeito da atuação profissional em Educação Física abrangem um vasto leque de possibilidades, o qual necessariamente deve ser exposto em um universo específico, facilitando assim a sua compreensão. Para entender com mais clareza a atuação profissional em Educação Física, é necessário contextualizar o seu percurso histórico, bem como apresentar fatos que se tornaram determinantes para a compreensão da atual conjuntura da referida área.

Os objetivos e as propostas educacionais da Educação Física foram se modificando ao longo dos anos, e todas essas tendências ainda hoje influenciam, de algum modo, a formação do profissional e a prática pedagógica do professor. Na Educação Física, como em qualquer outro componente curricular, não existe uma única maneira de pensar e implementar a disciplina na escola. Enquanto a Educação Física não respeitar o momento histórico-evolutivo por que passam os sujeitos e a sociedade, estará cometendo alguns equívocos (MEDINA, 1996).

Atualmente, entende-se a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas

e das ginásticas, em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (DARIDO; RANGEL 2005). Trata-se de localizar em cada uma dessas práticas corporais produzidas pela cultura os benefícios humanos e suas possibilidades na organização da disciplina no contexto escolar (DARIDO; RANGEL, 2005).

A Educação Física sofreu várias mudanças no seu contexto, no entanto, assim como em outras épocas, ainda continua, mesmo que de forma camuflada, voltada para atender aos interesses das classes dominantes e do próprio sistema capitalista de produção, com um mercado de trabalho cada vez mais exigente, competitivo e excludente. Com isso, apesar de todas as inovações pedagógicas em prol do pleno desenvolvimento do educando, a Educação Física ainda se destina à formação de mão de obra qualificada para atender à demanda do crescimento econômico do país, formando profissionais cada vez mais subordinados e alienados ao sistema capitalista de produção, que visa ao acúmulo de lucros e capitais, concentrados nas mãos de poucos.

Nessa perspectiva, ao se levar em consideração o processo de transmissão-apropriação da cultura corporal na Educação Física escolar, não basta apenas inserir o estudante na brincadeira, no jogo, na luta, na dança, no esporte e/ou na ginástica. Assim, compreende-se, com base nos autores estudados, que o ensinar e aprender a cultura corporal, como pressuposto para o desenvolvimento das capacidades e do psiquismo humano na especificidade da Educação Física, têm como objetivo principal propiciar que o estudante adquira as aptidões motoras e intelectuais que o possibilitem se apropriar, de fato, das contribuições efetivas que as práticas corporais lhe podem propiciar. O professor, por meio de suas mediações, tem um papel fundamental nesse processo de transmissão-apropriação do conhecimento. Portanto, ao abordar as memórias dos pioneiros e pioneiras, o intuito é refletir sobre o estudo das teorias da memória e estabelecer um diálogo com a Educação Física, levando em consideração as determinações históricas, socioeconômicas e políticas em que a Educação Física se estabeleceu enquanto área de conhecimento e intervenção profissional em Guanambi. Assim, busca-se a compreensão no debate sobre a necessidade de qualificação profissional da área, no sentido da emancipação humana, algo que ainda evolui timidamente nas produções científicas, bem como na prática pedagógica de Educação Física atualmente.

Portanto, destacamos a relevância, e a necessidade, de um acúmulo teórico que apresente os subsídios para uma prática pedagógica coerente com uma Educação Física voltada para a emancipação humana e a consolidação de uma sociedade comprometida em contemplar as verdadeiras demandas sociais. Neste sentido, as concepções das teorias da memória

colaboram para a consolidação das finalidades educacionais da Educação Física, pois a reflexão que os aspectos conceituais da memória trazem implica em favor da historicidade, em determinada concepção de homem e sociedade que as intervenções pedagógicas podem formar. Essa possibilidade do uso da memória, como campo teórico, tem relação com a necessidade de conhecer formas de organização, experiências e desenvolvimento pedagógico de professores. Ao se pensar na Memória como campo de pesquisa, é importante analisar as instâncias do seu uso ideológico e das suas experiências relacionadas aos tempos e lugares na sociedade, além do entendimento do passado e do presente vinculado a realidades contraditórias, sem visibilizar memórias coletivas exigidas em dados momentos, e que são apropriadas por determinados grupos sociais (MAGALHÃES, 2016).

Para entender a Educação Física para além de um componente curricular, devemos necessariamente nos apropriar do seu contexto histórico, dos seus objetivos sociais e políticos, para assim traçarmos seus reflexos, suas possibilidades e posteriormente resgatá-la e dar sentido para a sua prática no âmbito escolar. As aulas desenvolvidas pelos pioneiros e pioneiras apresentaram-se em suas memórias como momentos de apresentação, reprodução e, poucas vezes, ressignificação das práticas corporais. Essas aulas eram utilizadas, na maioria das vezes, para o treinamento de equipes esportivas para a participação em campeonatos e torneios em cidades circunvizinhas. Esse foi o caminho utilizado para a busca da legitimação do componente curricular na escola.

Os depoimentos dos professores e professoras possibilitaram compreender as conexões entre educação, Educação Física, cultura corporal e política, e como estas se entrelaçavam com suas histórias pessoais e suas jornadas como docentes na Educação Básica. Esses pioneiros e pioneiras discutiram seu envolvimento com esportes, jogos, brincadeiras e as demais práticas corporais, como esse envolvimento contribuiu efetivamente na escolha da profissão e em suas práticas docentes. Portanto, as aproximações com atividades corporais surgiram de diversas formas durante a infância e adolescência dos entrevistados, sugerindo que pode ter havido algo parecido com o que Norbert Elias chamou de esportização dos deslocamentos.

Ainda que o esporte fosse uma prática social da época, vale ressaltar que isso não impedia esses sujeitos de praticarem outras práticas corporais, e que mesmo sendo adeptos a elas, resultava em uma diversidade de olhares sobre a vida de cada um. Essa diversidade teve relação direta com a formação familiar e profissional, demonstrada pelo reconhecimento de diversas motivações para o engajamento na prática esportiva, incluindo influências, sociabilidade familiar, desenvolvimento de valores, prazer pessoal, entre outras. Talvez este

tenha sido um exemplo de tempo social sendo esportivo para incluir entretenimento e, ao fluxo da vida, inferência direta na concepção pessoal de cada sujeito. O esporte e as práticas corporais eram praticados nas ruas, nos rios e nas praças públicas, como também em clubes e, em escala menor, mas crescente, escolas tanto na capital quanto nas cidades do interior. Logo, como disse um professor “o esporte me levou a ser professor”, isso traduz a reflexão diante das memórias dos pioneiros e pioneiras e aproximará a um conceito de memória como construção feita no presente, a partir de vivências e experiências passadas.

O processo de formação docente se inicia pela tomada de decisão em ser professor, e posteriormente na inserção em um curso de licenciatura, embora não se pode desconsiderar que essa formação também se constitui na interação do sujeito com o ambiente em que se está inserido, bem como em suas relações sociais. Formar para ensinar, mediar, construir, expor, tendo o cuidado para não reproduzir ideias, valores, conhecimento e preconceitos – esta formação, já institucionalizada e respaldada por uma legislação, tem de ser entendida como essencial para a qualidade da educação. Os cursos têm de oferecer, além de teorias e epistemologias, incentivos à pesquisa e à contínua formação deste professor, mesmo depois da graduação.

Então, a construção de uma memória pedagógica incitará a necessidade de se visitar esse passado e confrontá-lo com o presente. É a partir do convívio social que construímos nossas lembranças, de maneira que, para construir uma memória coletiva, os seres humanos necessitam de convivência com seus pares, aqui neste caso, salientamos a construção de uma memória coletiva observando a expressão do convívio social. Os relatos orais também foram o suporte para investigar quais as motivações que os professores e professoras tiveram para atuar no espaço escolar, pois os relatos orais permitiram analisar e avaliar as propostas de desenvolvimento e apreensão da cultura pelos sujeitos e quais as relações são estabelecidas com a Educação Física, a escola e a sociedade.

Para Mota e Lezan (2018), as aulas de Educação Física são entendidas como uma forma de intervir nos corpos de estudantes, que trazem consigo uma síntese da cultura, pois a prática pedagógica constituiu-se como uma prática educativa que auxilia na transformação da sociedade a partir da busca da humanização das relações sociais. Essa relação compreende-se na organização e seleção de conteúdos, para as aulas de Educação Física, no universo da cultura corporal. Conforme Escobar (1997), a denominação Cultura Corporal surge na Educação Física para designar o amplo e riquíssimo campo da cultura que abrange a produção de práticas expressivo-comunicativas, essencialmente subjetivas, que, como tal, externalizam-se pela

expressão corporal e se constituem em objetos de estudo da Educação Física.

Segundo Daólio (2004), a utilização de um conceito mais simbólico de cultura corporal propiciará à Educação Física a capacidade de convivência com a diversidade de manifestações corporais humanas e o reconhecimento das diferenças a elas inerentes. Isso implicaria assumir como principal característica da área o princípio de alteridade, que pressupõe a consideração do outro a partir de suas diferenças, e também levando em conta a intersubjetividade intrínseca às mediações que acontecem na área da Educação Física (DAÓLIO, 2004).

No entanto, para a compreensão mais profícua dos relatos dos professores e professoras, a concepção de análise é que a Educação Física como área do conhecimento apresenta diferentes concepções de objeto de estudo, a sua especificidade deve se relacionar de forma direta com a sua função social, ou seja, a variedade de objetos é determinada pelas bases epistemológicas que fundamentam suas ações. Assim, Cultura Corporal, Cultura Corporal de Movimento, Cultura do Movimento Humano, Cultura Física, etc. não se trata de terminologias diferentes para os mesmos conceitos, são concepções diferenciadas de mundo, homem e sociedade, arraigadas em teorias do conhecimento muitas vezes antagônicas, que implicam em projetos de formação diferentes, de defender interesses e classes antagônicas. Portanto, os processos de aprendizagens desenvolvidos nas distintas concepções de Educação Física são derivados das práticas e concepções dos seus interlocutores e serão desenvolvidos no subjetivo dos receptores pertencentes à mesma esfera da sociedade.

Podemos perceber, pela singularidade das narrativas expostas pelos professores e professoras, que o tornar-se professor se desenvolve ao longo da vida do sujeito nas formas como o futuro educador vivencia o mundo, praticando diversas normas sociais, em constante aprendizado com os demais sujeitos históricos com quem o mundo é compartilhado, e se apropriando de um aspecto desse mundo para criar uma história que é, ao mesmo tempo, profundamente única, na medida em que não tem igual. Os pioneiros e pioneiras criaram práticas instrucionais nesse conjunto de relações e processos que compõem um sistema de significação, que expressa quem eu sou, quem é o mundo e quem são os outros (CHARLOT, 2000). Estas, particularmente no caso das educadoras e educadores colaboradores do estudo, surgiram durante o processo gradual da vida, muitas vezes antes mesmo da escolha pela profissão, e assim continuaram no processo formativo, estenderam-se com o ingresso no mercado de trabalho e continuaram como um processo formativo contínuo nas práticas instrucionais dentro e fora de escolas.

No contexto deste estudo, constatou-se a atuação das professoras e professores sem a

formação profissional para ministrar as aulas de Educação Física. Citados por uma das professoras como marco referencial para a mudança de paradigmas das aulas, os PCNs salientam sobre a importância de a Educação Física ser uma aula apropriada com planejamento e organização para oferecer aos estudantes oportunidades de aquisição dos benefícios físicos, emocionais, cognitivos e sociais. Portanto, a Escola, enquanto meio educacional, deve oferecer a oportunidade ao estudante de uma boa prática motora, também deve realizar uma reflexão crítica sobre todas as suas práticas, realizando uma (re)construção permanente, para assim quem sabe caminhar rumo à tão sonhada Escola de qualidade.

Neste processo de aprendizagem, muito importante para a formação acadêmica e profissional, notaram-se alguns pontos passíveis de reflexões no intuito de melhorar o campo de atuação e a própria etapa da formação acadêmica. Acredita-se que estas professoras e estes professores poucas vezes haviam dedicado algum tempo para pensar e refletir sobre a Educação Física, porém a participação no presente estudo fez com que lhes manifestasse certo interesse pelo assunto. Talvez os poucos minutos destinados a essas reflexões durante a pesquisa tenham resultados em pequenas rupturas na perspectiva de que esses profissionais têm sobre a Educação Física escolar.

Quando examinamos os espaços educacionais que os professores e professoras criaram ao longo de suas jornadas educacionais, descobrimos que as experiências sociais que as pessoas vivenciam ao longo de suas vidas pessoais têm impacto em seu desenvolvimento profissional. Isso foi demonstrado em diversos contextos, como a autorreflexão do professor sobre seu compromisso pedagógico. Além disso, os trechos em que os professores descrevem suas experiências em determinadas práticas corporais, antes mesmo de ingressarem na atividade docente, e na graduação, também se revelaram um importante espaço de aprendizagem a partir das experiências sociais.

Com isso, esses professores e professoras decidiram que lidar com os conteúdos específicos da Educação Física, cuja aplicação foi historicamente baseada em suas experiências pessoais, teria mais segurança ao planejar suas ações pedagógicas com base nas experiências corporais vivenciadas anteriormente. Ao contrário, aquelas bases pedagógicas de conhecimento de áreas pouco vivenciadas foram abordadas com receio e, por isso, desenvolvidas com pouca influência no trabalho educativo nas escolas. Observamos que muitas das experiências com as práticas corporais desenvolvidas nas aulas de Educação Física foram vivenciadas inicialmente e/ou ampliadas ao longo da graduação, ou outros processos de formação corporal, conforme descrito pelos depoentes. No entanto, essa ação criou espaços iniciais para o desenvolvimento

docente com foco na formação do futuro professor.

Nesse sentido, as reminiscências dos professores e professoras mostram que a abordagem pedagógica das aulas de Educação Física desenvolvidas pelos pioneiros e pioneiras foram se desenvolvendo à medida que os professores iam sendo integrados aos seus respectivos *locus* de atuação, ainda nos anos iniciais de formação (ou da atuação), por meio da utilização de etapas ou por meio de sua antecipação do ingresso na profissão – dita aqui como a sua inserção na docência antes da formação.

O conhecimento compartilhado, seja em conversas informais com os estudantes (seja em momentos extra aulas com outros colegas professores) o envolvimento em projetos universitários extracurriculares e a busca de suporte teórico em referências da área foram exemplos de ambientes ativos de aprendizagem descritos pelos depoentes, os quais chamamos de instituições auto formadoras. Estas permitem educadores desenvolver respostas às demandas decorrentes de seu envolvimento com a escola (CERTEAU, 1994). Esse cenário foi descrito nas narrativas dos pioneiros e pioneiras como exemplo de tática e surgiu como resposta às possíveis lacunas que o conhecimento adquirido na formação – seja ela inicial, contínua ou continuada – revelou na discussão da relação entre prática pedagógica e Educação Física escolar.

Destarte, espera-se nos relatos dos professores e professoras que as aulas de Educação Física estejam vinculadas a normas e diretrizes direcionadas para ações inclusivas, pois as memórias dos pioneiros e pioneiras da Educação Física em Guanambi demonstraram que cada vez menos foram criadas condições verdadeiras para garantir o acesso ao conhecimento qualificado e socialmente referenciado. Particularmente na Educação Física, as aulas de modo geral não corresponderam às expectativas de formação esperadas para os estudantes em todos os níveis escolares – e especialmente no que diz respeito à sua relação com a cultura, estes pioneiros e pioneiras ainda estiveram vinculados à moda imposta pela cultura hegemônica, mesmo sendo pertencentes à classe trabalhadora, que é mais desprovida dos bens básicos de sobrevivência. É necessário transformar a escola, e nela a Educação Física, assumindo uma outra perspectiva. A proposta de formação expressa nos currículos do curso de Educação Física do Campus XII dialoga com essa perspectiva de transformação da Educação Física na escola.

REFERÊNCIAS

ABHO. Associação Brasileira de História Oral. **Subsídios sobre ética e história oral**. 2022. Disponível em: https://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=542. Acesso em 13/12/2022.

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de; BIAJONE, Jefferson. Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.33, n.2, p. 281-295, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v33n2/a07v33n2.pdf>. Acesso em: 20/01/2022.

ALVES, Wanderson Ferreira. Sobre a formação profissional dos professores de Educação Física e as teorias do saber docente. **Pensar a Prática**, 9/2: 313-330, jul./dez. 2006.

ANTUNES, Henrique Fernandes. O estudo da memória através de uma abordagem interpretativa. **Revista de Iniciação Científica da FFC – (Cessada)**, v. 8, n. 3, 2008.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Bauru: EDUSC, 2006.

ARROYO, Miguel Gonzáles. Tensões nas condições e no trabalho docente: tensões na formação. **Movimento – Revista de Educação**. Ano 2, n. 2, 2015. p. 1-34.

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados; CBCE, 2001.

AZEVEDO, Fernando. **Da Educação Física, o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser**. São Paulo: Melhoramentos, 1928.

BAHIA. Plano de Desenvolvimento Territorial Rural Sustentável e Solidário do Território Sertão Produtivo – PTDSS. Guanambi - BA, 2016.

BELTRÃO, Maria Emília. A prática reflexiva e a crítico-reflexiva no atual contexto socioeducativo. **Anais... V EDIPE - Didática e Formação de Professores: a qualidade da educação em debate**, Goiânia – GO, 2013. Disponível em: <http://vedipe.blessdesign.com.br/pdf/gt02/co%20grafica/Marcio%20Evaristo%20Beltra%20o.pdf>. Acesso em 27 out. 2021.

BENITES, L. C.; SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de Educação Física. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 2, 2008. p. 343-360.

BERGSON, Henri. **A energia espiritual**. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BERGSON, Henri; *et al.* **Cartas, conferências e outros escritos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BERGSON, Henri. **Duração e simultaneidade**: a propósito da teoria de Einstein. São

Paulo: Martins Fontes, 2006.

BORGES, Cecília. **O professor de educação física e a construção do saber**. Campinas: Papyrus, 2001.

BORGES, Cecília; DESBIENS, Jean-François (Org.). **Saber, formar, e intervir para uma Educação Física em mudança**. Campinas: Autores associados, 2005.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno Cedes** ano XIX, Nº 48, Capinas – SP, agosto, 1999.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. São Paulo: Loyola, 1999.

CASTELANI FILHO, Lino; *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física Escolar: temos o que ensinar? **Política Educacional e Educação Física**. Campinas: Autores Associados, 1998.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: História que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1988.

CAVACO, Maria Helena. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. *In.*: NÓVOA, António (Org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto, 1995.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CORDEIRO, Veridiana Domingos. **Por uma sociologia da memória: análise e interpretação da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs**. Orientador: Marcos César Alvarez. 2015. 178f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

COSTA, Edinara Scheffer. **A importância da reflexão na formação de professores**. Orientador: Nilton Mullet Pereira. 2010. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Modalidade a distância. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. 2010.

CRUZ, Marlon Messias Santana; BARBOSA NETO, João Narciso. A formação profissional em educação física: contribuições para um debate crítico sobre as Diretrizes Curriculares. **Movimento e Percepção**. Espírito Santo dos Pinhais. nº 16, V 1 p 64 – 76, 2010.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. Conteúdos da Educação Física Escolar. *In.*: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (Org.). **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DAVID, Nivaldo Augusto Nogueira. **Novos Ordenamentos Legais e a Formação de Professores de Educação Física**: pressupostos de uma nova Pedagogia de Resultados. Orientador: Lino Castellani Filho. 2003. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas: 2003.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, v. 6, 2003.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral-memória, tempo, identidades**. Autentica, 2006.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. SCHRÖTER, Michael; RIBEIRO, Vera; RIBEIRO, Renato Janine. (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ESCOBAR, Micheli Ortega. **Transformação da didática**: construção da teoriapedagógica como categoria da prática pedagógica. 1997. 195f. Orientador: Luiz Carlos de Freitas. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 1997.

FERRARO, Alcyr. **A Educação Física na Bahia**: memórias de um professor. Bahia: CEDUFBA, 1991.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3>. Acesso em: 18 jan. 2020.

FREIRE, Elisabete dos Santos; VERENGUER, Rita de Cássia Garcia; REIS, Marise Cisneiros da Costa. Educação Física: pensando a profissão e a preparação profissional. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2002.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GHIRALDELLI Jr. Paulo. **Educação Física progressista**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira. São Paulo: Loyola, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia, diversidade e história oral: questões

metodológicas. *In.*: LAVERDI, Robson; *et al.* (Org.). **História oral, desigualdades e diferenças**. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memória**. Barcelona: Antropos, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. [IBGE]. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LACERDA, Cristiane Guimarães de. **Formação de professores de Educação Física para a Educação Infantil na perspectiva da formação ampliada: contribuições da Pedagogia Histórico Crítica**. Orientadora: Elza Margarida de Mendonça Peixoto. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. *In.*: MEHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). **(Re)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

LINHALES, Meily Assbú; *et al.* Arquivos pessoais de professores de educação física: organização arquivística e pesquisa histórica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 39, n. 3, p. 276 – 283, julho – setembro 2017. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/pt-arquivos-pessoais-professores-educacao-fsica-articulo-resumen-S0101328916301822>. Acesso em 10/02/2022.

LORENZET, Simone; TOZZO, Astrit Maria Savaris. Bandas escolares. **Anais... IX Encontro Nacional de Educação; III Encontro Brasileiro de Psicopedagogia**. Curitiba –PR, 2019. Disponível em: http://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/3388_1743.pdf. Acesso em 18/02/2022.

MAGALHÃES, L. D. R. História, memória e a educação: relações consensuais e contraditórias. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 67, p. 165-174, mar 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa**. 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MATOS, Henrique Cristiano. **Aprenda a estudar: orientações metodológicas para o estudo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**: bases para a renovação e transformação da educação física. 14. ed. Campinas-SP: Papirus, 1996.

MEIHY, João Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MELLO, Ricardo Andrade. **A necessidade histórica da Educação Física na escola: os impasses atuais.** São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História, metodologia, memória. *In.*: LAVERDI, Robson; FROTSCHER, Méri; DUARTE, Geni; MONTYSUMA, Marcos; TORRES, Antonio (Org.). **História oral, desigualdades e diferenças.** Recife: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

MOTA, Wesley da; LEZAN, João Pedro. Questionando a masculinidade hegemônica a partir do “caçadrez”: uma boa prática educativa no ensino médio? **Caderno de Formação RBCE.** Brasília, v. 09 n. 2, p. 22 - 33, 2018.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio.** 2. ed. verificada e ampliada - EDUEFS; Feira de Santana: UEFS, 2008.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso.** São Paulo: Xamã, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História,** São Paulo, n.10, p.7 28, dez.1993.

NÓVOA, Antônio. A formação de professores e profissão docente. *In.*: NÓVOA, Antônio. **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NOZAKI, Hajime Tackeuchi. **Educação Física e o reordenamento do mundo do trabalho: mediações da regulamentação da profissão.** Orientador: Gaudêncio Frigotto. 2004. 283f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2004.

NUNES, Célia Maria Fernandes. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade,** ano XXII, nº 74, abril/2001.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **Consenso e conflito da educação física brasileira.** – Campinas, SP: Papirus, 1994.

ORDONHES, Mayara Torres; *et al.* A construção da memória em vida: a participação do professor Germano Bayer na história da educação física paranaense. **Motrivivência,** Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 376-385, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/21758042.2016v28n48p376>. Acesso em: 21/02/2021.

PÊCHEUX, Michel. Sobre a (des)construção das teorias linguísticas. **Línguas e Instrumentos Linguísticos.** Campinas: Pontes, 1999.

PEREIRA, Jorge Adilson Gondim. **Formação em Educação Física: discursos e a prática curricular**. Orientador: Lino Castellani Filho. 2014. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014.

PERES, Isilda Lozano. Formando professores: o diálogo teoria prática na educação básica. *In.:* PERES, Isilda Lozano (Org.). **Formando professores**. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. *In.:* PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PIRES, Maria de Fátima Novais. **O crime na cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830-1888)**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2003.

PIRES, Roberto Gondim. **História da Educação Física na Bahia: o percurso da formação Profissional**. Orientador: Edivaldo Machado Boaventura. 2007. 153f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

PIRES, Roberto Gondim. História da Educação Física na Bahia: o percurso da Formação Profissional. **Anais...VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. Uberlândia, EDUFU 2006. Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação. Uberlândia: EDUFU, 2006.

PIRES, Roberto Gondim; *et al.* Memórias de pioneiros da Educação Física: baianos na enefd. **Recorde: Revista de História do Esporte**. Vol. 6, nº2, Julho-dezembro de 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/656>. Acesso em: 07/01/2022.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. São Paulo: Projeto História, 1997.

PRAZERES, Valdenice de Araújo. **A sempre problemática relação entre teoria e prática na formação de professores (as)**. 2009. Disponível em: http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/34_Valdenice%20de%20Ara%C3%BAjo%20Prakeres.pdf. Acesso em: 18/02/2022.

PRIMI, Ricardo; MUNHOZ, Alícia Maria Hernandez; BIGHETTI, Cássia Aparecida; QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *In.:*

LANDER, Edgardo; *et al.* (Org.). **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SACRISTÁN, Gimeno. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. *In.*: NÓVOA, António (Org.). **Profissão Professor**. Lisboa: Porto, 1999.

SADER, Emir. Prefácio. *In.*: MESZÁROS, István. **Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SAVIANI, Dermeval. Filosofia da Educação: crise da modernidade e o futuro da filosofia da práxis. *In.*: FREITAS, Marcos C. Cezar de (Org.). **A reinvenção do futuro**. São Paulo, Cortez, Bragança Paulista, São Paulo, USF-IFAN, 1996.

SAVIANI, Nereide. Currículo: um grande desafio para o professor. **Revista de Educação**, v. 16, p. 35-48, 2003.

SILVA, Paulo da Trindade Nerys. **A formação do professor de educação física no Brasil: avanços e retrocessos**. Orientador: Luiz Carlos de Freitas. 2002. 301f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: Raízes europeias e Brasil**. 2.ed. SP: Autores associados, 2001. (Coleção educação contemporânea).

SOARES, Cecília Conceição Moreira; CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro Crusoé. O uso da memória como metodologia de pesquisa em educação. *In.*: AMADO, João; CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro Crusoé (Org.). **Referenciais teóricos e metodológicos de investigação em educação e ciências sociais**. Vitória da Conquista: EdESB, 2017.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. **Cadernos Cedes**, v. 25, n. 66, p. 249-259, 2005.

SOUTHWELL, Myrian. Em torno da construção de hegemonia educativa: contribuições do pensamento de Ernesto Laclau ao problema da transmissão cultural. *In.*: MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto (Org.). **Pós-estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2014.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. ESCOBAR, Micheli Ortega. Mas, afinal, o que é Educação Física: reafirmando o marxismo contra o simplismo intelectual. **Rascunho Digital**, 2007. Disponível em: http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital. Acesso em: 15 out. 2020.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. A formação profissional e as diretrizes curriculares do programa nacional de graduação: o assalto “as consciências e o amoldamento subjetivo”. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 9, n.1, p.13-23, 1998.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; *et al.* Cultura corporal e território: uma contribuição ao debate sobre reconceptualização curricular. **Motrivivência**. Florianópolis, Ano XVII, Nº 25 p 17-35, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/4693>. Acesso em 29 dez. 2020.

TAFFAREL, Celi Zulke; SANTOS JÚNIOR, Cláudio Lira de. Formação humana e formação de professores de educação física: para além da falsa dicotomia licenciatura e bacharelado. *In.*: TERRA, Dinah Vasconcellos; JÚNIOR, Marcílio Souza (Org.). **Formação em Educação Física & Ciências do Esporte**: Goiânia, GO: CBCE, 2010.

TANI, Go; *et al.* **Educação Física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EDUSP, 1988.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Tradução de Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, Domingos Antônio. **Respingos históricos**. Salvador: Arembepe, 1991.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Projeto de Renovação do Redimensionamento do Curso de Educação Física do Campus XII. Guanambi, 2015.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Regimento Geral da Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2013.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE BAIANO. Regulamento do Programa de Pós – Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Vitória da Conquista, 2018.

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Memórias de formação e atuação docente: as contribuições da UNEB – Campus XII para a qualificação da Educação Física Escolar no município de Guanambi- Bahia**”. Neste estudo pretendemos analisar como os espaços de formação acadêmica, desenvolvidos no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão, contribuem para a atuação docente em Educação Física dos professores egressos da UNEB – Campus XII.

O que nos leva a estudar esse assunto é debater sobre as relações que os professores, egressos do curso de Educação Física, estabelecem entre os conhecimentos apropriados no período de formação inicial e a sua atuação profissional no âmbito escolar.

A pesquisa será realizada com os professores egressos do curso de Educação Física da UNEB – Campus XII, máximo 30 e no mínimo 10 Professores que se dispuserem a participar e que atendam aos critérios de inclusão.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Será realizada individualmente entrevistas, registradas por um gravador de voz no intuito de captar todos os detalhes dos depoimentos prestados. A entrevista proporcionará a coleta de opiniões e relatos de experiência sobre as experiências advindas na formação de professores de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação, Campus XII, Guanambi-Bahia, e os reflexos desta formação na atuação docente.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Mesmo não sendo previsto, caso tenha gastos decorrentes da pesquisa, será ressarcido(a), assim como, caso sofra qualquer dano decorrente da sua participação nessa pesquisa será indenizado.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais e éticos. Por se tratar de um trabalho que utiliza memória, sua identificação é necessária para posteriores publicações, visto que, para esta pesquisa optaremos pelos relatos orais, e para que eles tenham sustentabilidade faz-se necessário identificar de quem

se trata. Este estudo apresentará riscos mínimos, o que poderá ocorrer serão desconfortos ou constrangimentos no momento da entrevista. Porém, o pesquisador se compromete a prestar auxílio em tal situação, sendo cauteloso para evitar esse tipo de acontecimento. Os benefícios deste estudo será a socialização dos resultados da pesquisa junto as participantes.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma das vias será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, ___ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Guanambi – BA ___ de ___ de ___.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Impressão digital

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisador(a) Responsável: Marlon Messias Santana Cruz

Endereço: Estrada do Bem Querido, km 4, Caixa postal 95 Fone: (77) 9.99728717 / E-mail:

marlonmessias@hotmail.com

CEP/UESB- Comitê de Ética em Pesquisa

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento
Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-
091.

Fone: (73) 3528-9600 (ramal 9727) / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bemcomo de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador **Marlon Messias Santana Cruz** do projeto de pesquisa intitulado “**Memórias de formação e atuação docente: as contribuições da UNEB – Campus XII para a qualificação da Educação Física Escolar no município de Guanambi-Bahia**” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Guanambi – BA, ____ de ____ de ____.

Participante da pesquisa

Pesquisador responsável pelo projeto